

APÊNDICE

01. 1 Samuel 13.1 e preservação do texto hebraico.....	3
02. Abiatar não é Aimeleque.....	4
03. 'Admin e Arni' – Lucas 3.33.....	5
04. A figueira maldita.....	5
05. A Genealogia de Maria – Lucas 3.23.....	6
06. A Legião – onde foi?.....	7
07. Algumas Anomalias Relacionadas na Genealogia do Cristo segundo Mateus.....	8
08. A menor das sementes?.....	10
09. Antes, ou depois?.....	10
10. Aonde colocar uma vírgula.....	11
11. Aonde fica o monte Sinai?.....	14
12. A sogra de Pedro – Mateus 8.14-15 X Marcos 1.29-31, Lucas 4.38-39.....	15
13. A 'teoria da evolução' e cientificamente impossível.....	15
14. 'Bastão', ou 'cama'?.....	16
15. Batismos na Bíblia.....	17
16. Betsaida, ou Tiberíades?.....	22
17. Cainã #2 – Lucas 3.36 X Gênesis 11.12.....	24
18. Como foi nos dias de Noé.....	25
19. Como foi que Judas morreu?.....	42
20. Como 'ouvir' o Espírito Santo.....	43
21. Como salvar a vida.....	45
22. Comprar passagem para o Céu?.....	48
23. Comprar purificação?.....	48
24. Contentamento.....	48
25. "Dai-lhes vós de comer!".....	52
26. Demonização.....	53
27. Deus odeia.....	54
28. Deuteronômio 32.8.....	57
29. 'Direito' X opção.....	59
30. Divórcio e novo casamento.....	60
31. Entrando, ou saindo, de Jericó?.....	64
32. "Este é" ou "Tu és"? – Mateus 3.17 X Marcos 1.11, Lucas 3.22.....	64
33. 'Fel', ou 'mirra'?.....	65
34. Fogo adora palha – 1 Coríntios 3.13.....	65
35. Foi a cruz que matou Jesus?.....	66
36. Fome e sede de retidão moral – Mateus 5.6.....	67
37. 'Hades' não é o Inferno.....	67
38. Havemos de manusear serpentes? – Marcos 16.18.....	71
39. Hebreus 2.13.....	72
40. Herodes e João.....	72
41. 'Incensário', ou 'altar de incenso'?.....	73
42. Jeremias? Mateus 27.9-10.....	74
43. Jesus se escondeu?.....	74
44. 'Jesus', ou 'Josué'?.....	75
45. João não é Elias.....	75

46. Jorão – Lucas 3.33.....	77
47. Lamentar, não chorar – Mateus 5.4.....	77
48. Lucas 24.46-47.....	79
49. Luz para cegos?.....	80
50. Manso não é fraco – Mateus 5.5.....	83
51. Marcos 16.9-20 e a doutrina da Inspiração.....	86
52. Misericordioso recebe misericórdia – Mateus 5.7.....	97
53. Nós mandamos em Deus?.....	97
54. O centurião saiu de casa? – Mateus 8.5-13 X Lucas 7.1-10.....	98
55. O casamento em Caná – João 2.1-11.....	98
56. O Evangelho de João: tempo judeu, ou tempo romano?.....	99
57. O julgamento começa pela casa de Deus.....	101
58. O Natsoreano.....	116
59. O Propiciatório.....	116
60. O ‘tamanho’ da fé?.....	118
61. Ouviram eles a voz, ou não?.....	119
62. Pobre Pilatos – lugar errado, momento errado.....	119
63. Por que Deus mataria Moisés?.....	122
64. ‘Profetas’ em Mateus 2.23.....	123
65. ‘Projeção’ – Romanos 6.5.....	124
66. Puros de coração – Mateus 5.8.....	125
67. Quando deixou Jesus a casa de Anas?.....	126
68. Quando é alguém um apóstolo?.....	127
69. Quantas pessoas?.....	134
70. Quantas vezes disse Jesus que Pedro O negaria?.....	135
71. Quantos animais?.....	143
72. Quantos mil?.....	144
73. Quanto tempo esteve o corpo de Jesus na sepultura?.....	144
74. Quatrocentos anos.....	145
75. Quem comprou o que de quem?.....	146
76. Quem disse o que?.....	147
77. Quirino – Lucas 2.2.....	147
78. Salvar-se dando à luz?.....	148
79. Ser ‘pobre em espírito’ = ter espírito humilde – Mateus 5.3.....	148
80. Uma harmonização dos relatos das aparições pós-ressurreição.....	149
81. Uma harmonização dos relatos da crucificação.....	150
82. Uma harmonização dos relatos da Ressurreição.....	155
83. Uma harmonização dos relatos do sepultamento.....	158
84. Uma harmonização dos relatos da ‘tentação’.....	159
85. Uma harmonização dos relatos da traição e prisão.....	160
86. Uma ‘migalha’ para um ‘cachorrinho’.....	161
87. Uma mulher desesperada.....	163
88. ‘Vale’, ou ‘ravina’? – Lucas 3.5.....	165

1) 1 Samuel 13.1 e a preservação do texto hebraico

Quando eu era um aluno novo em meu programa de ThM, um dos principais atuantes no vinhedo do Texto Majoritário estava no último ano, e trabalhamos juntos na cozinha do Seminário. Nossas línguas balançavam tão rápido quanto nossas mãos se moviam; conversamos muito, principalmente sobre assuntos de crítica textual e teológicos. Naqueles anos imaculados, ele acreditava firmemente na preservação divina tanto do Testamento hebraico quanto do grego, ao pé da letra. No devido tempo, vim para o Brasil como missionário, e ele continuou sua carreira docente. A cada licença (na época, os períodos de campo eram geralmente de cinco anos), eu entrava em contato com ele para me atualizar. Numa dessas ocasiões (esqueço qual), quando surgiu o assunto da preservação divina, ele abriu uma Bíblia em 1 Samuel 13.1 e afirmou que o texto original desse versículo havia sido irremediavelmente perdido – adeus, preservação.

Ora, ora, o que ele fez comigo, outra pessoa tinha feito com ele, e assim por diante noite adentro. Chego a imaginar que este versículo já passou a representar uma dificuldade no pensamento de não poucas pessoas que gostariam de acreditar na preservação divina do Texto, mas... Como eu ainda cria na preservação naquela época (e continuo a fazê-lo), o gesto dele me fez parar e pensar – será que ele poderia estar correto? Então sentei-me e estudei a situação (incluindo uma visita à sinagoga local). Aqui está minha conclusão.

A ARF traduz 1 Samuel 13:1-2 assim: “Saul reinou um ano; e no segundo ano do seu reinado sobre Israel, Saul escolheu para si três mil homens de Israel; e estavam com Saul dois mil em Micmás e na montanha de Betel, e mil estavam com Jônatas em Gibeá de Benjamim; e o resto do povo despediu, cada um para sua casa.” Na NVI, o primeiro versículo é bem diferente: “Saulo tinha trinta anos de idade quando começou a reinar, e reinou sobre Israel quarenta e dois anos”. Um leigo não iniciado que compare as duas poderia facilmente concluir que estão traduzindo textos completamente diferentes, mas não é o caso. O texto hebraico é único, sem variantes – o problema está na interpretação.

Uma tradução interlinear, morfema por morfema, do primeiro versículo se parece com isto: “Filho-de-um-ano Saul em-seu-reinar e-dois anos ele-reinou sobre-Israel” (exceto, é claro, que o hebraico é lido da direita para a esquerda). A confusão surge porque esta expressão se tornou uma fórmula usada na declaração sumária sobre o reinado de um rei: um filho de X anos era Y em seu reinar (= quando começou a reinar), e reinou Z anos... A fórmula geralmente ocorre no final da história de um rei, mas às vezes no início. É claro que qualquer tentativa de aplicar a fórmula em 1 Samuel 13.1 é ridícula. Obviamente Saul não poderia ter um ano de idade quando começou a reinar, e igualmente obviamente reinou por mais de dois anos. Infelizmente, a NVI e outros têm insistido em impor a fórmula neste versículo, inventando o “trinta” e o “quarenta-” para não ter um disparate completo. (Isso também tem o infeliz efeito de contradizer Atos 13.21, que afirma que Saul reinou 40 anos, não 42.) Suponho que eles se convenceram de que os números originais desapareceram do Texto, tendo sido irremediavelmente perdidos durante o processo de transmissão.

Mas vamos olhar cuidadosamente para o contexto de 13.1. Para começar, sendo Saul o primeiro rei de Israel, tal fórmula ainda não estaria em uso – não houve ocasião para escrever sobre o início e a duração dos reinados. Depois, no contexto, este não é o lugar para uma declaração sumária; não é nem o começo nem o fim da história do reinado de Saul. Em 1 Samuel 10.24 ele foi publicamente empossado como rei – como ele foi o primeiro, não havia precedente, nenhum procedimento estabelecido. No capítulo 11, Saul derrota os amonitas e é confirmado no reinado (versículo 15). No capítulo 12 Samuel defende seu ministério e dá uma lição de história. O capítulo 13 retoma a história de Saul e começa contando quando ele estabeleceu um exército permanente – no segundo ano de seu reinado.

Convido atenção especial à declaração final do versículo dois: “O restante do povo ele despediu, cada um para a sua casa”. Para serem ‘despedidos’, eles tinham que estar lá. Estar aonde? Em Gilgal (11.15), onde também ocorreu o discurso de Samuel (capítulo 12), como parte da ocasião. De acordo com 11.9, Saul mobilizou 330 mil homens contra os amonitas, e imagino que a maioria deles acompanhou Samuel e Saul até Gilgal. Portanto, 13.1-2 é uma

continuação do que aconteceu em Gilgal, e o versículo um NÃO PODE ser uma declaração resumida sobre o reinado total de Saul. Dos 330 mil mobilizados contra Amon, Saul escolheu 3 mil para formar um exército permanente e mandou o restante para casa. Talvez a falta de um exército permanente tenha encorajado os amonitas a serem atrevidos; a notícia de que Israel agora tinha um serviria como elemento dissuasor.

Entendo que o sentido de 13.1 é que Saulo tinha um ano inteiro atrás dele, e então esses eventos em Gilgal ocorreram durante seu segundo ano. Hebraico não é meu forte, mas eu parafrasearia nosso versículo mais ou menos assim: “Saul tinha reinado por um ano inteiro sobre Israel, e foi durante seu segundo ano que ele escolheu para si três mil homens...”

Rejeito como infundada a alegação de que parte do texto original de 1 Samuel 13.1 foi perdida. A NVI presta um desserviço considerável ao Reino de Deus aqui.

2) Abiatar não é Aimeleque

Marcos 2.26

“Como ele entrou na casa de Deus (tornando Abiatar sumo sacerdote) e comeu os pães consagrados, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os compartilhou com os que estavam com ele?”

Minha tradução é um tanto diferente das costumeiras ‘nos dias de Abiatar o sumo sacerdote’ ou ‘no tempo do sumo sacerdote Abiatar’. É que estamos traduzindo apenas três palavras gregas, que de forma bem literal seria ‘sobre Abiatar sumo-sacerdote’, mas a preposição aqui, *epi*, é a mais versátil das preposições gregas, e um de seus múltiplos usos é ‘em direção a’. (O léxico padrão [em inglês], *BDAG*, alista dezoito áreas de sentido, sem contar subdivisões.) Recorrendo ao relato no AT, descobrimos que foi com Aimeleque, pai de Abiatar, que Davi conversou, por ser ele o sumo sacerdote naquele momento (1 Samuel 21.1-9). Dentro de poucos dias o rei Saul massacró Aimeleque e mais 84 sacerdotes (1 Samuel 22.16-18), mas o seu filho Abiatar escapou e foi até Davi, levando com ele o éfode (1 Samuel 22.20-23; 23.6). O fato de Davi poder fazer uso dele para consultar o SENHOR nos leva a entender que teria de ser o éfode privativo do sumo sacerdote, pois unicamente aquele tinha o Urim e Tumim (1 Samuel 23.9-12; cf. Números 27.21, Esdras 2.63).

Aquele éfode era para o sumo sacerdote como a coroa era para um rei; como então poderia estar na mão de Abiatar? O Texto diz que a visita de Davi encheu Aimeleque de medo, presumivelmente porque ele também viu Doegue o edomeu e pressentiu o que iria acontecer. Sim, mas porque Abiatar não foi levado com os outros? Sugiro o seguinte: adivinhando o que iria acontecer (provavelmente Doegue se mandou em seguida, e Aimeleque calculou que teria pouco tempo), Aimeleque deliberadamente consagrou Abiatar sumo sacerdote, deu a ele o éfode, e mandou ele se esconder – é provável que o fez naquele mesmo dia, pois com a chegada dos soldados para prender Aimeleque e os outros 84 seria tarde. Abiatar escapou, mas levou a notícia do massacre junto; só que agora ele era o sumo sacerdote.

Resumindo, foi a visita de Davi que teve o resultado de elevar Abiatar à condição de sumo sacerdote prematuramente, como o próprio Davi reconheceu, e a que Jesus faz alusão de passagem (razão pela qual coloquei entre parênteses). Mas porque faria Jesus alusão a isso? Suponho porque a Bíblia é clara sobre as conseqüências do pecado, e Davi mentiu a Aimeleque. Embora Jesus estivesse utilizando o comer de pão como exemplo, Ele não queria passar por cima do pecado, e suas conseqüências.

Havemos de lembrar que Jesus estava se dirigindo a fariseus, muito conhecedores das Escrituras do A.T. Um caso notório como o massacre de 85 sacerdotes, ordenado por Saul, seria muito bem conhecido. Claro que nada do N.T. ainda havia sido escrito, de sorte que qual-quer interpretação do dizer de Jesus teria de se basear em 1 Samuel (“Vós nunca lestes...?”). Se nós hoje queremos entender esta passagem, havemos de nos colocar no contexto descrito em Marcos 2.23-28. Os fariseus entenderiam que se Abiatar estava de posse do éfode que continha o Urim e Tumim, então ele era o sumo sacerdote. E como foi que ele chegou a

esse ofício? Chegou por causa da visita de Davi; foi uma consequência direta e imediata daquela visita.

3) ‘Admin’ e ‘Arni’

Lucas 3.33

Em vez de “de Arão”, uma variedade de versões modernas trazem ‘filho de Admin, filho de Arni’ [LH, ARA, Cont], e assim fazem por seguir o texto eclético que tem estado em voga fazendo já várias gerações (N-A/SBU). Como foi o seu costume, os redatores daquele texto seguiram testemunhas alexandrinas, assim chamadas, mas neste caso essas testemunhas estão numa confusão geral – quase não têm sequer duas que concordam. Alguém poderia imaginar que semelhante quadro iria deter os redatores da SBU, mas nada disso. O intuito de danificar a genealogia de Cristo foi tão forte que chegaram ao ponto de criar uma ‘colcha de retalhos’ para introduzir os fictícios Admin e Arni nessa genealogia. O aparato crítico da SBU (N-A também) desfila as evidências de maneira a ocultar o fato de que a exata redação que publicaram no seu texto não se encontra como tal em nenhum manuscrito grego conhecido. Ao explicar o raciocínio do comitê neste caso, Metzger escreveu, “O comitê adotou a forma de texto que parecia ser a menos insatisfatória”. ‘Lindo’, você não acha? Os redatores da SBU bolaram sua própria variante e a proclamaram ser ‘a menos insatisfatória’! Mas exatamente o que poderia se dizer ‘insatisfatório’ a respeito da leitura de 95% dos manuscritos gregos, a não ser que não apresenta nenhuma dificuldade?

Há confusão total no arraial egípcio. Essa confusão talvez tenha começado já no segundo século, a partir de erros simples de transcrição, feitos por copistas. Tamanha confusão no Egito não deve surpreender ninguém, mas como entender o texto e aparato de SBU/N-A neste caso? E como poderiam os responsáveis por LH, ARA, Cont dar prosseguimento a uma estupidez tão patente?

4) A figueira maldita

Mateus 21.18-20, Marcos 11.12-14, 20-21

Primeiro, transcrevo os textos:

Mateus 21: – ¹⁸De manhã cedo, retornando à cidade, Ele teve fome. ¹⁹E vendo uma figueira solitária perto do caminho, Ele dirigiu-se a ela e nada achou, a não ser só folhas. E Ele diz a ela, “Que nunca jamais produzas fruto!” E em seguida a figueira começou a murchar. ²⁰Ao verem isso os discípulos ficaram maravilhados dizendo, “Quão rapidamente secou-se a figueira!”

Marcos 11: – ¹²No dia seguinte, saindo eles de Betânia, Ele teve fome. ¹³E vendo de longe uma figueira com folhas, Ele foi para ver se porventura poderia achar alguma coisa nela. Mas quando chegou, Ele nada encontrou, a não ser só folhas, porque não era tempo de figos. ¹⁴Aí Jesus reagiu dizendo a ela, “Que ninguém coma fruto de ti jamais!” E Seus discípulos estavam escutando..... ¹⁹Quando chegou a tardinha, Ele saiu da cidade. ²⁰E na manhã [seguinte], passando eles, viram a figueira, seca desde as raízes. ²¹E Pedro, lembrando-se, disse a Ele: “Mestre, vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”

Marcos 11.13 nos informa que não era tempo de figos, mas uma figueira com folhas poderia ainda ter alguns figos secos. Já que figo seco é gostoso, quaisquer figos visíveis teriam sido comidos há muito tempo (a árvore estava perto do caminho). Aliás, certamente Jesus não foi a primeira pessoa a ter essa ideia, de sorte que tinha pouca possibilidade de encontrar algum figo. Antes de comentar a reação de Jesus, vamos esclarecer o que houve com a figueira.

Se tivéssemos unicamente o relato de Mateus, poderíamos entender que tudo aconteceu em seguida, ali mesmo. Isto é, que a árvore secou imediatamente diante dos olhos deles, provocando a reação dos discípulos. Mas Marcos 11.20 deixa claro que a reação dos discípulos aconteceu só na manhã seguinte, 24 horas depois. Mateus 21.19 diz que após a palavra de

Jesus a figueira começou a murchar. A rigor, o Texto diz que a seiva foi cortada/sustada; o resultado não seria visível de imediato. Mas como a seiva vem das raízes, a árvore secou a partir das raízes, exatamente como Marcos 11.20 diz! Se Pedro foi o primeiro a falar, os outros certamente falaram também.

Mateus e Marcos registram o dizer de Jesus de forma diferente, mas entendo que de fato Jesus disse ambas as coisas, uma após a outra. Mas como entender a atitude de Jesus? Não era tempo de figos, e portanto a figueira não tinha culpa alguma! Jesus foi injusto por amaldiçoá-la? Bem, para começar, sendo Ele o Criador, Jesus tinha o direito de fazer como bem entendia com a Sua criação. Mas me parece mais provável que foi um ato profético, a figueira representando Israel – aliás, a parábola da figueira em Lucas 13.6-9 parece-me tender nessa direção; o dono procurou fruto durante três anos, sem encontrar, e como a árvore continuou sem dar, foi cortada. Terceiro, Jesus aproveitou para dar aos discípulos uma lição sobre fé.

5) A Genealogia de Maria

Lucas 3.23

Και αυτος η̑ν ο̑ Ιησους, ω̑σει ετων τριακοντα αρχομενος, ων ω̑ς ενομιζετο υ̑ιος Ιωσηφ, του Ηλει, του Μαθθατ, του Λευι, του Μελχι,...

Quatro palavras aqui causam surpresa, e pedem explicação, a saber: *και*, *αυτος*, *η̑ν* e *ω̑ς*. Como o verso 22 termina com o dizer do Pai, quando do batismo de Jesus, fica claro que verso 23 começa outro assunto. A conjunção que fornece a transição é *και*, e não *δε*, como poderíamos esperar – vale dizer que “Jesus” continua sendo o tópico. Mas assim sendo, para quê o pronome pessoal *αυτος*, e ainda por cima numa posição bastante enfática? Se o intuito do autor fosse meramente registrar Jesus como filho de José, como muitos supõem, bastaria escrever *και ο̑ Ιησους η̑ν υ̑ιος Ιωσηφ*, etc.

Mas então, porque colocar *ω̑ς ενομιζετο*? Parece-me que o sentido normal da tradução “como se cuidava” é afirmar que Jesus era de fato filho de José; só que seria exatamente o que Jesus **não** era. Lucas já deixou mais do que claro que o Pai de Jesus era o Espírito Santo – 1.34-35, 43, 45; 2.49. Portanto entendo que Lucas está dizendo que embora o povo imaginasse ser Jesus filho de José, de fato Ele era de outra procedência – devemos traduzir “assim se supunha”. (Lembrar que uma tradução leal e fiel procura transmitir corretamente o sentido pretendido pelo autor.)

O verbo *η̑ν* é o único verbo independente no parágrafo inteiro, versos 23-38. Estaria trabalhando com o particípio *αρχομενος* numa construção perifrástica? Parece ser a tendência do texto eclético (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos) que coloca o particípio logo após “Jesus”, mas nesse caso Jesus acaba sendo filho mesmo de José. Parece-me muito mais natural levar as frases participiais como sendo circunstanciais, a saber: “começando com cerca de trinta anos” e “sendo (assim se supunha) filho de José”. Deixando essas duas frases de lado temos *η̑ν ο̑ Ιησους του Ηλει*, “Jesus era de Heli”.

O particípio “começando” pede um objeto, que o Texto deixa implícito; no contexto parece certo que devemos entender “Seu ministério”, ou coisa parecida, razão pela qual as principais versões costumam acrescentar a frase.

Eu traduziria assim: “Ora Jesus, começando *seu ministério* com cerca de trinta anos, sendo (assim se supunha) filho de José, era mesmo de Heli, de Matã, de Levi,...” Então, o pronome enfático *αυτος* realça o contraste entre o que o povo imaginava e o que era de fato. Jesus era neto de Heli, o pai de Maria – Lucas dá a genealogia de Jesus através da mãe, ao passo que Mateus a dá através do pai adotivo.

O texto eclético dá uma redação diferente ao verso: *και αυτος η̑ν Ιησους αρχομενος ω̑σει ετων τριακοντα, ων υ̑ιος, ω̑ς ενομιζετο, Ιωσηφ του Ηλι του Μαθθατ του Λευι του Μελχι,...* (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos). A NVI traduz assim: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era, como se pensava, filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi,...” Ora, o sentido normal dessa redação é que Jesus era de fato filho de José; será que não? Mas o problema não é só da NVI; cada versão que já vi

diz que José era filho de Heli, o que contradiz Mateus: “Jacó gerou José”. Atenção para a precisão de Lucas – o vocábulo ‘filho’ (sem artigo) ocorre unicamente com ‘José’, embora as versões costumem acrescentá-lo pela genealogia toda. O vocábulo não se aplica ao primeiro nome na lista, nem ao último: Heli não gerou Jesus (e nem José), e Deus não gerou Adão (criou). Lucas deliberadamente não colocou o vocábulo.

Conclusão: quando entendemos Lucas corretamente, ele não contradiz Mateus (no que diz respeito ao pai de José), e não afirma um erro de fato (no que diz respeito ao pai de Jesus).

6) A Legião – onde foi?

Primeiro devemos colocar a evidência dos manuscritos gregos. Encontramos o relato em três dos Evangelhos.

Mateus 8.28: γεργεσηνων 98% (guerguessenos) Fiel
γαδαρηνων 2% (gadarenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gergesenos*, outros dizem *gerasenos*”. [Por “alguns” a NVI quer dizer uns 1.700, por “outros” ela quer dizer zero! Já a leitura escolhida por ela tem o apoio de uns 30, talvez.]

Marcos 5.1: γαδαρηνων 95,5% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 4,1% (guerguessenos)
γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros dizem *gergesenos*”.

Lucas 8.26: γαδαρηνων 97% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 2% (guerguessenos)
γερασσηνω 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros manuscritos dizem *gergesenos*, também no versículo 37”.

Lucas 8.37: γαδαρηνων 96% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 3,5% (guerguessenos)
γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Vou começar com Marcos. Jesus chega à região/área (não 'província') dos gadarenos. Gadara era a cidade capital da província romana de Perara, e distava uns 10 km da orla do lago. Como Marcos escreveu para um público romano, sua descrição é perfeitamente lógica. Lamentavelmente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo três manuscritos gregos de qualidade objetivamente inferior, coloca ‘guerassenos’, em vez de ‘gadarenos’, e é seguido por NVI, etc. A nota da NVI é desonesta: utilizar o vocábulo ‘alguns’ para descrever 1.700 manuscritos contra três é um uso desonesto do idioma nacional. Utilizar ‘outros’ para descrever uns 60 é aceitável.

Lucas também diz que Jesus chegou à terra/região dos gadarenos; como ele escreveu para um público grego, segue o exemplo de Marcos. Novamente a NVI tem uma nota desonesta, como em Marcos. É mais provável que ‘Guerassa’ seja uma ficção, um suposto lugar inexistente. Por outro lado, ‘Guerguessa’ certamente existiu, embora não saibamos mais a exata localização dela. Como vou explicar ao considerar Mateus, parece-me certo que era um povoado perto do lugar onde Jesus desembarcou.

É Mateus que muda de ‘gadarenos’ para ‘guerguessenos’, pois ele escreveu para um público judeu – os moradores da Galiléia teriam conhecimento de Guerguessa. O texto grego eclético ora em voga perversamente coloca ‘gadarenos’, seguindo talvez 30 manuscritos gregos contra 1,700. Novamente a nota da NVI é desonesta. O vocábulo grego comumente traduzido como ‘cidade’ também pode dizer respeito a vila ou povoado. Pensando um pouco, deve ser óbvio que os porquinhos não correram 10 km até Gadara; simplesmente não havia tempo suficiente para isso; mesmo porque o povão não iria correr 10 km para ver o acontecido.

Certamente Guerguessa era um povoado mais ou menos perto, talvez dentro de um km. Aí daria para os porquinhos correr, contar, e trazer o povão de volta.

Mudando de assunto, é notório que Mateus diz que eram dois homens demonizados, ao passo que Marcos e Lucas mencionam um. Mateus, contador, primava por exatidão numérica; já os outros se limitaram a comentar o indivíduo que se destacou, inclusive pedindo para acompanhar Jesus. Nem Marcos e nem Lucas diz que era somente um demonizado; aliás, eles não utilizam o número 'um'. Então devemos entender que de fato havia dois demonizados no lugar.

7) Algumas Anomalias Relacionadas na Genealogia do Cristo segundo Mateus

O propósito de Mateus é demonstrar que Jesus, o Messias, tem o direito, segundo a lei, de sentar no trono de Davi (talvez respondendo a pergunta do próprio Jesus em Mateus 22.42). Embora a genealogia contenha muitos reis, Davi é o único a ser descrito como 'o rei', e duas vezes. Sendo que o trono de Davi tem a ver com o povo da aliança, e aquela aliança começou com Abraão, a genealogia também. E termina com José, o 'pai' de Jesus por adoção, já que Jesus não tinha qualquer gene de José.¹ Para o propósito de Mateus, era suficiente mostrar que José foi descendente linear, e legal, de Davi; o número de gerações no meio não vinha ao caso. O Evangelho de Mateus foi dirigido primariamente a uma plateia judia, a quem o direito legal era importante.

Mateus divide a sua genealogia do Cristo em três grupos de catorze 'gerações'. Uma comparação de sua genealogia com o registro no A.T. nos ensina que a genealogia não é 'normal', direta — existem anomalias.² Numa tentativa de entender o propósito que jaz por detrás das anomalias, vou começar com o segundo grupo, que é composto de reis soberanos de Judá (com a possível exceção do último). Recorrendo ao A.T. descobrimos que houve dezessete reis tais, não catorze (Jeoacaz era mero 'boneco' do Faraó Neco durante três meses, e não vale). **Mas**, Mateus diz 'gerações', não reinados, e como Acazias reinou somente um ano, Amom só dois, e Abias só três, eles podem ser assimilados dentro das catorze gerações. Isso posto, no entanto, observamos em seguida que Abias e Amom são incluídos na lista, mesmo assim, ao passo que Acazias não o é, seguido por Joás e Amazias. Os três nomes excluídos formam um grupo entre Jorão e Uzias.

O verso oito diz que "Jorão gerou Uzias", o verbo 'gerou' sendo o mesmo usado na genealogia inteira, mas na realidade Uzias era tataraneto de Jorão. Daí somos obrigados a entender que 'gerou' diz respeito a descendente linear, não necessariamente a um filho. Também percebemos que o número 'catorze' não está sendo utilizado num sentido estritamente literal (fosse qual fosse o propósito do autor). Também transparece que 'geração' não está sendo usado num sentido estritamente literal. Segue-se que estamos diante de uma genealogia editada, editada de acordo com o propósito do autor.

No intuito de entender porque o grupo de três teria sido excluído, pergunto: O que têm eles em comum? Eles tinham em comum genes de Acabe e Jezabel, bem como uma influência espiritual e moral direta. A mãe de Acazias foi Atalia, filha de Acabe e Jezabel, de sorte que 50% de seus genes vieram de Acabe. 2 Reis 8.27 diz que Acazias era genro da casa de Acabe, referindo-se à mãe de Joás, de sorte que 75% dos genes dele vieram de Acabe. Sendo que Joás casou com Joadã de Jerusalém, a contaminação em Amazias caiu para 37%, e depois em Uzias abaixo de 20%.³ É esta a minha melhor explicação para a exclusão daquele grupo;

¹ De fato, não podia, devido às profecias em Jeremias 22.30 e 36.30, onde tanto Jeconias como Jeoiaquim são amaldiçoados. Contudo, Jesus recebeu genes de Davi através de Maria (ver o quinto item neste apêndice).

² Creio que Mateus compôs seu Evangelho debaixo de direção divina, que me leva à conclusão que as anomalias são propositadas, da parte de Deus. Por tanto, minha tentativa de desvendar as anomalias procura entender o propósito do Espírito Santo ao introduzi-las no registro.

³ Foi Dr. Floyd N. Jones que me levou a desenvolver esta abordagem (*Chronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, KingsWord Press, 1999, pp. 38-42).

uma repreensão após o fato. (Mateus está dando uma genealogia editada do Cristo, e os genes de Acabe eram indesejáveis, decididamente.)

Vamos agora a outra anomalia: $14 \times 3 = 42$, mas encontramos somente 41 nomes. Que fazer? Começamos por observar que tanto Davi como Jeconias recebem menção em ambos os lados de uma 'divisa'. Analisarei a segunda divisa primeiro. O verso onze diz que "Josias gerou Jeconias e seus irmãos", passando por cima de Jeoiaquim, o pai de Jeconias. Mas segundo o Registro, foi Jeoiaquim que teve 'irmãos', e não Jeconias. Sendo que precisamos do Jeconias verdadeiro no terceiro grupo para completar catorze nomes, coloco Jeconias no terceiro grupo – contando tanto Jeconias como Cristo temos catorze nomes.¹

Mas por que teria Jeoiaquim sido omitido? Até onde sei, ele é o único rei que teve a perversidade de cortar em pedaços um rolo contendo Palavra de Deus, e ainda jogar no fogo, Jeremias 36.23; e a maldição que segue no verso 30 é declarada como conseqüência daquele ato. Se colocamos Davi no segundo grupo, Jeoiaquim faria quinze. Mas sem Jeoiaquim precisamos de Davi no segundo grupo para perfazer catorze. Mas aí surge outra dificuldade: precisamos de Davi também no primeiro grupo, para ter catorze nomes. Por causa dos "irmãos", entendo que o 'Jeconias' antes do cativo em verdade representa Jeoiaquim, cujo nome foi omitido devido a seu crime hediondo de destruir o Rolo. Assim sendo, temos catorze nomes sem Davi, e ele pode ser contabilizado no primeiro grupo.

Se o segundo grupo é composto de reis soberanos,² o primeiro é de patriarcas. Atos 2.29 chama Davi de 'patriarca', e portanto ele não pode ser desqualificado por isso, mas naturalmente é muito mais conhecido como rei — aliás, ele é expressamente chamado de rei na genealogia (o único assim). Embora Davi possa ser tanto patriarca como rei, ele não pode ser duas pessoas, e nem duas gerações. Daí, não gosto da proposta que ele deve ser colocado como pessoa em ambos os grupos — não devemos nem dividi-lo ao meio, nem duplicá-lo. Ao meu ver, ele ficaria melhor no segundo grupo, mas com isso só restariam treze para o primeiro. Portanto, provisoriamente, vou colocar Davi no primeiro grupo, perfazendo catorze. Como Davi é utilizado como a primeira 'divisa', e como o propósito da genealogia é estabelecer o direito de Jesus ao trono de Davi, o nome de Davi é repetido, mas não o contabilizo no segundo grupo.

Que entrem em cena Raabe e Rute (e se quatro pessoas foram omitidas no segundo grupo, por que não poderiam algumas serem omitidas também do primeiro?). Passaram 340 anos entre a morte de Josué e o nascimento de Davi, e Salmom casou com Raabe enquanto Josué ainda vivia, presumivelmente. Mas com isso Boaz, Obede e Jessé, todos os três, seriam obrigados a procriar aos 100 anos de idade, mais ou menos (talvez não impossível, mas certamente improvável). Mas, e se 'gerou' está sendo usado para neto, como já vimos? (Josias gerou 'Jeconias', sem menção de Jeoiaquim.) Se os genes de Atalia foram o suficiente para desqualificar Acazias, que dizer dos genes de Raabe? Ela nem era israelita, e pior, era prostituta. Ora, a Lei diz coisas um tanto severas a respeito de prostituta.³ "Não trará o salário de prostituta nem o preço de catamita à casa do SENHOR teu Deus... porque ambos são abominação ao SENHOR teu Deus" (Deuteronômio 23.18). Se um sacerdote fosse casar com uma prostituta iria profanar sua descendência (Levítico 21.13-15), e que dizer então de um ancestral do Messias? Claro que uma prostituta pode ser salva, mas porque foi ela sequer mencionada? E porque foram mencionadas Tamar, Rute, e a mulher de Urias? Normalmente mulheres não foram mencionadas nas genealogias.⁴

Agora pensemos em Rute. Ela era moabita, e segundo Deuteronômio 23.3 moabita não podia entrar na congregação do SENHOR até a décima geração. [Tenho como exemplo estarrecido da graça de Deus que ela tenha sido incluída na linha do Messias.] Ela abraçou o

¹ Depois, se quatro pessoas foram omitidas do segundo grupo, outros possivelmente foram omitidos do terceiro, mas não temos como saber, e de qualquer maneira, não faria diferença para o propósito da genealogia.

² Embora Jeoiaquim começasse como vassalo de Neco, depois da derrota do Egito por Babilônia ele ficou sem 'dono' por algum tempo, até ser conquistado por Nabucodonosor.

³ Contudo, "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1.17). Sendo esta uma genealogia editada do Messias, pode ser que Raabe, e as outras mulheres, foram incluídas para enfatizar a graça do Messias.

⁴ Nenhuma das mães decentes, honestas, honradas, responsáveis recebe menção, só 'exceções'.

Deus de Noemi, mas e os genes dela? ‘Dez gerações’ tem a ver com genes, não conversão espiritual. Moabe foi filho de Ló, e o primeiro ‘moabita’ seria seu filho; provavelmente um contemporâneo de Jacó. De Jacó a Salmom temos sete gerações, certamente menos que dez, de sorte que Rute não podia entrar. Poderia ser possível que Raabe e Rute representam uma geração omitida, cada uma? Poderia ser por isso que recebem menção?¹ Se dividirmos 300 anos por cinco (em vez de três), então em média a idade de procriação seria 60 anos, bem dentro do razoável (e se mais que duas gerações foram omitidas, a média seria reduzida ainda mais). Repito que esta não é uma genealogia ‘normal’. Para que queria Mateus três grupos ‘iguais’, e porque ‘catorze’? Talvez por razões estilísticas (simetria, equilíbrio) e mnemônicas. Contudo, a minha preocupação foi tratar possíveis erros de fato, assim percebidos, que um Texto inspirado não deve ter.

Concluindo: Mateus nos dá uma genealogia editada do Messias. Se por um lado ela enfatiza a graça do Messias, por outro lado reflete a santidade dEle — Ele não pode passar por cima de pecado e suas conseqüências (essa santidade é responsável pela exclusão dos quatro nomes no segundo grupo). Se as quatro mulheres foram incluídas para mostrar a graça do Messias, é também verdade que as conseqüências do pecado não são escondidas — a quarta é simplesmente ‘a mulher de Urias’ (não ‘viúva’, embora Salomão fosse concebido após o assassinato de Urias — Davi não casou com viúva, roubou a mulher do outro).

8) A menor das sementes?

Marcos 4.31-32, Mateus 13.32

Na versão ‘Fiel’, Marcos 4.31-32 se lê assim: “É como um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce; e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra.”

A tradução, ‘a menor de todas as sementes que há na terra’, é lamentável e enganadora. O Texto diz, ‘das na terra’, repetindo a frase acima, mas sem o verbo. O Senhor não estava fazendo uma declaração botânica de âmbito global, como o verso seguinte deixa claro. Ele estava se referindo a hortaliças que se plantavam em hortas no tempo e na área dEle, e de tais plantas a semente de mostarda era a menor. Alguém querer objetar que tabaco e orquídea têm sementes menores seria errar o alvo. Eu traduziria assim: “É semelhante a um grão de mostarda, que quando é semeado no solo é a menor de tais sementes, mas uma vez semeada, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, e cria ramos grandes, de sorte que os pássaros do ar podem descansar debaixo de sua sombra.”

O verbo que traduzi como ‘descansar’ é uma forma composta. O substantivo que fornece a base diz respeito a um abrigo temporário, como uma tenda ou um papiri. A forma verbal significa fazer uso de tal abrigo. Mas aqui a preposição *kata* é prefixada ao verbo, enfatizando o fator temporário, ou assim imagino. O Texto diz que os pássaros podem usar a sombra, não os ramos. Mas a sombra se move, por causa do sol e do vento — como seria possível construir um ninho numa coisa que sempre se move?

Estas observações valem também para Mateus 13.32, exceto que ali os pássaros descansam nos ‘ramos’, em vez de a sombra. O verbo é o mesmo, e o trato da mesma maneira, ‘descansar’, em vez de ‘aninhar-se’, embora ‘aninhar-se’ seja uma tradução possível.

9) Antes ou depois?

2 Tessalonicenses 2.2 X 2.7-8

Em Mateus 24.44 o Senhor Jesus disse: “Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis”. Parece-me que para que haja o fator

¹ Tamar sofreu uma injustiça severa, e o pecado de Davi com Bate-Seba foi de uma perversidade incomum (assassinato covarde), mas Raabe provavelmente foi vítima das circunstâncias, e Rute certamente não tinha culpa de ter nascido moabita.

‘surpresa’ o arrebatamento da Igreja terá de acontecer antes da ‘abominação da desolação’ (Mateus 24.15). Quando o anticristo tomar seu lugar no Santo dos Santos e se autodeclarar como deus, então haverá precisamente 1.260 dias até o retorno de Cristo à terra. “À hora em que não penseis” presumivelmente exige um arrebatamento ‘pré-abominação’ – se for ‘pré-ira’ mas ‘pós-abominação’, só um tolo pode ser tomado de surpresa, a não ser que o arrebatamento ocorra imediatamente após a ‘abominação’ (2 Tessalonicenses 2.3-4).

Vamos começar com 2 Tessalonicenses 2.2. Uns 15% dos manuscritos gregos trazem ‘dia do Senhor’ (como em NVI, LH, ARA, etc.); os 85% que trazem ‘dia de Cristo’, que inclui a melhor linha de transmissão, certamente estão corretos (como em Fiel e Cont). A diferença entre as leituras tem reflexo escatológico. O ‘dia de Cristo’ é geralmente associado com o arrebatamento e bênção para os santos, ao passo que o ‘dia do Senhor’ é geralmente associado com juízo pesado sobre o mundo e Israel não-arrepentido; o que inclui o derramar de ira logo antes e depois da segunda vinda de Cristo, quando retorna em glória para estabelecer o Seu Reino Messiânico Milenar.

A dificuldade aparente aqui é que ao passo que os versos 1, 6 e 7 dizem respeito ao arrebatamento, tudo indica, os versos 3-4 e 8-10 dizem respeito à Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Que fazer? Atentar para o Texto. No verso 2, porque estariam os crentes da Tessalônica ‘perturbados’? É que alguém estava ensinando que o arrebatamento já tinha acontecido e que eles ficaram para trás – eu também estaria perturbado! Pois então, ‘dia de Cristo’ é precisamente correto no que diz respeito ao conteúdo dos versos 1 e 2. É o verso 3 que traz problema, pois uma cláusula foi elidida; é por isso que as traduções, para ajudar o leitor, comumente acrescentam uma cláusula, de preferência em letra itálica, para indicar que é um acréscimo, como na Fiel – “*não será assim*”. Só que isso colocaria o arrebatamento depois da revelação do homem do pecado e a ‘abominação da desolação’ – certamente não compatível com certos esquemas escatológicos. Uma ‘solução’ fácil seria alterar ‘Cristo’ para ‘Senhor’ no verso 2, só que isso colocaria o arrebatamento dentro do ‘dia do Senhor’ – também não compatível. Eu gostaria de propor que dar uns pequenos retoques a nossa posição escatológica é preferível a mexer no Texto.

Se ‘o que detém’ nos versos 6-8 é o Espírito Santo (o que me parece ser a única identificação adequada) então o arrebatamento acontece antes da ‘abominação’, e pode até ser visto como ‘gatilho’. Mas, se o ‘dia de Cristo’ inclui o arrebatamento, então verso 3 pareceria colocar o arrebatamento depois da ‘abominação’. E agora, como fica? Embora minha própria formação tenha sido fortemente ‘pré-tribulacionista’, já migrei para uma posição ‘meso-tribulacionista’. Se o arrebatamento seguir imediatamente à ‘abominação’, então o fator ‘surpresa’ permanece em pé. Se a ‘abominação’ e o arrebatamento acontecerem, ambos, dentro de poucos minutos, então do ponto de vista de Deus formariam um só ‘pacote’, e a exata seqüência deixa de ser importante – para todo efeito prático acontecem ao mesmo tempo.

10) Aonde colocar uma ‘vírgula’

Atos 12.25

Como Atos foi escrito pelo menos dois anos depois que Paulo chegou acorrentado a Roma, ele não teria sido “publicado” até a década de 60. Quando Jerusalém foi destruída em 70, desapareceu do mapa cristão durante séculos – o centro de gravidade da Igreja era agora a Ásia Menor. Embora o próprio Lucas fosse sem dúvida muito fluente em grego, para a maioria dos cristãos na Ásia Menor seria uma segunda língua. Se isso também fosse verdade para a maioria das pessoas que fizeram cópias dos livros do N.T. (especialmente nas primeiras décadas), e uma vez que esses livros foram escritos sem pontuação (ou mesmo espaços entre as palavras), era previsível que de vez em quando alguém colocaria uma ‘vírgula’ no lugar errado. Imagino que teria sido exatamente esse evento que deu origem ao conjunto peculiar de variantes que encontramos em Atos 12.25.

Ao longo do NT há numerosos lugares onde há uma divisão mais ou menos séria dentro da Família 35, com duas leituras concorrentes (geralmente envolvendo apenas uma letra).

Mas este é o único lugar (sim, o único) em todo o NT onde a família se estilhaça – há nada menos que sete variantes, cinco delas tendo alguma consequência.

Em vez de “Barnabé e Saulo retornaram para Antioquia, tendo cumprido sua missão”, alguém (ou vários alguéms) colocou a vírgula depois de ‘retornar’, resultando em “Barnabé e Saulo retornaram, tendo cumprido sua missão em Antioquia” – mas com essa pontuação ‘Antioquia’ tem que ser alterada para ‘Jerusalém’. (Tendo feito isso, temos duas maneiras de dizer essencialmente a mesma coisa – se você acertar a ‘vírgula!’) Seguindo essa hipótese, essa mudança deve ter ocorrido bem cedo, e em circunstâncias que resultaram naquela mudança dominando a transmissão de Atos ao longo dos anos. Para entender o que quero dizer, precisamos ter a evidência diante de nós:

1) <i>υπεστρεψαν εις αντιοχειαν</i>	(f ³⁵ =27.8%) (5.1%)
2) <i>υπεστρεψαν απο ιερουσαλημ</i>	(f ³⁵ =8.9%) D (10.9%)
3) <i>υπεστρεψαν απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i>	(f ³⁵ =12.7%) (7.3%)
4) <i>υπεστρεψαν εξ ιερουσαλημ</i>	(f ³⁵ =1.3%) ⚡ A (3.6%) OC,TR
5) <i>υπεστρεψαν εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i>	(f ³⁵ =11.4%) (12.2%) CP
6) <i>υπεστρεψαν εις ιερουσαλημ</i>	(f ³⁵ =36.7%) B (60%) RP, HF, NU
7) <i>υπεστρεψαν εις ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i>	(f ³⁵ =1.3%) (0.6%) [não é uma confluência, sendo um contra senso; o copista estava ciente de ambas as leituras e não sabia como escolher]

Essa demonstração diz respeito à totalidade dos manuscritos conhecidos. Depois verifiquei o lugar em todos os representantes da Família 35 disponíveis. Os MSS entre { } ainda não foram cotejados por completo. Eis o resultado:

- 1) *εις αντιοχειαν* 141,204,328,394,801,928,986,1140,1247,1249,1482,1723,1725,1732,1749,1761,1855,1856,1876,1897,2080,2255,2261,2378,2431,2441
- 2) *απο ιερουσαλημ* 18,386,1100,2554 {634,1101,1733,2303}
- 3) *απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν* 444,1058,1548,2587 {664,1400,1752,1763,2221,2704}
- 4) *εξ ιερουσαλημ* 1865
- 5) *εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν* 604,1865^c {432,1767,1768}
- 6) *εις ιερουσαλημ* 35^c,149,201,757,824,1040,1072,1075,1248,1503,1508,1617,1619,1628,1636,1637,1656,1723^c,1740,1746,1864,1892,2352,2431^c,2466,2723 {1618,1737,1748,2653,2691}
- 7) *εις ιερουσαλημ εις αντιοχειαν* 35 (não é uma confluência, porque é um absurdo; o copista conhecia as duas leituras e registrou ambas)
- Faltando: 1652,2218 {206^{s,fr},1745^{fr},1754^{s,fr},1766^{fr},1858^{fr},2175^{fr},2289^{fr},2626^{fr},2777^{fr},2778^{fr},2926^{s,fr}}

Totais: *εις αντιοχειαν* = 26
απο ιερουσαλημ = 8
απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 10
εξ ιερουσαλημ = 1
εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 4
εις ιερουσαλημ = 28
Faltando = 13

Comentário: As cinco primeiras leituras são votos contra a sexta, portanto a votação é 49:28. No entanto, 15 dos 28 são do mosteiro M. Lavras (Monte Athos), o que provavelmente indica uma influência comum. A votação para a sexta leitura provavelmente deveria ser reduzida, tornando a vantagem da primeira leitura ainda mais forte (se os 15 representassem 5 exemplares, a votação seria 49:18). A leitura do arquétipo é a primeira, *εις αντιοχειαν*. Dentro do contexto, “para Jerusalém” não faz sentido.

Agora volto à primeira demonstração. É evidente que as variantes 2) - 5) foram criadas deliberadamente; os copistas estavam reagindo ao significado de toda a frase dentro do contexto (nesta situação não se deve considerar o nome de cada cidade isoladamente; a preposição que a acompanha também deve ser levada em conta). Mas eles estavam reagindo à

variante 6), não à variante 1). Porém, uma vez criadas, e à medida que se tornassem exemplares, quem fizesse cópias não veria problema e simplesmente reproduziria o que estava à sua frente [portanto não podemos somar as porcentagens para 2) - 6) e dizer que Jerusalém tem mais de 90% dos votos]. Tendo eu mesmo cotejado pelo menos um livro em 130 MSS (e mais de 30 MSS inteiros), tenho observado repetidas vezes que o copista reproduziu fielmente uma leitura sem sentido: ou não estava prestando atenção, ou o seu respeito pelo Texto era tal que não se aventurou a alterá-lo (ou, em anos posteriores, os monges podem ter sido instruídos a não fazer alterações, justamente para preservar a variedade de leituras que lhes chegaram [seus superiores podem não ter sentido que tinham a competência para escolher uma forma para a exclusão de outras]) — portanto, os 60% não significam que todos aqueles copistas concordaram com o que copiaram, ou mesmo que o compreenderam.

Como o significado normal da sintaxe aqui é o primeiro (eles retornaram a Antioquia), e como tanto o Espírito Santo quanto Lucas sabiam escrever bem o grego (koiné), meus pressupostos me levaram a escolhê-lo. Mas não são apenas os meus pressupostos; considerar:

a) Atos 11.30, ο και εποιησαν αποστειλαντες, “o que eles também fizeram, tendo enviado... por B. & S.” Um particípio aoristo é anterior no tempo ao seu verbo principal, neste caso também aoristo – afirma-se que seu propósito foi realizado. O autor implica claramente que a oferta chegou, ou tinha chegado, à Judéia/Jerusalém. [Em Atos, o autor parece quase usar “Jerusalém” e “Judéia” alternadamente, talvez para evitar repetições. Ex.: 11.1 Judéia, 11.2 Jerusalém (os apóstolos não estavam em Jerusalém ou arredores imediatos?); 11.27 Jerusalém, 11.29 Judéia, 11.30 os anciãos (os anciãos governantes não estariam em Jerusalém?); 12.1-19 aconteceu em Jerusalém, mas o versículo 19 diz que Herodes desceu da Judéia para Cesaréia; 15.1 Judéia, 15.2 Jerusalém; 28.21 letras de “Ju-déia” provavelmente significa Jerusalém.] Observe que o próximo versículo (12.1) nos coloca em Jerusalém.

b) Atos 12.25 (12.1-24 não está relacionado, exceto que os versículos 1-19 acontecem em Jerusalém), βαρναβας και σαυλος – a ação inclui ambos.

c) Atos 12.25, υπεστρεψαν... πληρωσαντες την διακονιαν, “eles retornaram... tendo cumprido a missão”. Novamente, tanto o particípio quanto o verbo principal são aoristo e ambos estão no plural. “Tendo cumprido a missão” define o verbo principal. Como a missão era para a Judéia, que necessariamente inclui Jerusalém como sua capital, o “retorno” deve ser ao local onde a missão se originou.

d) Atos 12.25, “levando também consigo João, aquele chamado Marcos” – não temos registro de que João Marcos já tivesse estado em Antioquia antes disso; então, como poderia ele retornar a Jerusalém se já estivesse lá? Atos 13.13 levanta a mesma questão.

Barnabé poderia ser visto como retornando a Jerusalém, tendo completado sua missão em Antioquia, mas o mesmo não poderia ser dito de Saulo. Concluo que “para Jerusalém” não pode estar correto aqui, embora seja atestado por 60% da totalidade dos MSS. Observamos que os outros 40% dos MSS, incluindo a Família 35, mais as três versões antigas, concordam que a moção foi partindo de Jerusalém, e não em direção a ela. Parece-me que só há uma maneira de ‘salvar’ aqui a variante maioritária: colocar uma vírgula entre υπεστρεψαν e εις, fazendo assim com que ‘para Jerusalém’ modifique ‘o ministério’. (Esta foi minha hipótese inicial.) Mas tal construção não é natural a ponto de ser inaceitável: se esse fosse o propósito do autor, deveríamos esperar την εις ιερουσαλημ διακονιαν ου την διακονιαν εις ιερουσαλημ (presumindo que tanto o Espírito Santo como Lucas eram bons em grego). Nas outras dezesseis vezes que Lucas usa υποστρεφω εις, encontramos o significado normal e esperado, “retornar para”. Como linguista (PhD), eu diria que as normas da linguagem exigem que usemos o mesmo significado em Atos 12.25. O que, em minha opinião, deixa εις αντιοχειαν como o único candidato viável para a leitura original neste local. (O que, no entanto, não impediria que copistas que não eram falantes nativos de grego colocassem a ‘vírgula’ no lugar errado.)

Todo o contorno da evidência é perturbador, estranho e, como já observei, é absolutamente o único lugar em todo o NT onde a Família 35 se estilhaça. As variantes 1) a 5) são todas votos contra 6), mas devemos escolher uma delas para se opor a 6) – a escolha clara é 1). “Para Jerusalém” tem ‘Número’, ‘Antiguidade’ e ‘Continuidade’. “Para Antioquia” tem ‘Antiguidade’, ‘Variedade’, ‘Continuidade’ e ‘Razoabilidade’. Como diria Burgon, este é um

daqueles lugares onde a “razoabilidade” simplesmente não pode ser ignorada. Acredito que ele concordaria que suas “notas de verdade” acenam para Antioquia.

11) Aonde fica o monte Sinai?

Em Gálatas 4.25 Paulo diz que o monte Sinai fica na Arábia. Embora não saibamos a exata definição que Paulo daria a 'Arábia', o que consta em praticamente todos os mapas como sendo o monte Sinai, na península do mesmo nome, não deve ser o verdadeiro. Senão, vejamos: Quando Moisés fugiu de Faraó ele parou em Midiã (Êxodo 2.15). Midiã fica do lado leste do golfo de Aqaba, a 'orelha de coelho' leste do mar Vermelho, na Arábia Saudita dos nossos dias. Midiã nunca fez parte da península entre os dois golfos. Foi em "Horebe, o monte de Deus" que Moisés viu a 'sarça ardente' (Êxodo 3.1), e no verso 12 Deus disse a ele: "Quando houveres tirado este povo do Egito, servireis a Deus neste monte". O monte Horebe sempre se situou em Midiã. Prosseguindo com a comissão que está dando a Moisés, Deus especifica "caminho de três dias para o deserto" (verso 18). Segundo Êxodo 4.27 Arão encontrou Moisés "no monte de Deus" (Horebe, em Midiã), e foram juntos ao Egito.

Quando o povo deixou o Egito, Deus o conduziu numa marcha forçada; observar o "para que caminhassem de dia e de noite" (Êxodo 13.21). Com três dias de marcha forçada (Êxodo 3.18) estariam perto de Ezion-Geber (o Eilat de hoje), e com mais dois dias estariam bem dentro de Midiã. Mas aí Deus mandou que "voltassem" e "acampassem à beira-mar, defronte de Baal-Zefom" (Êxodo 14.2). Para fazerem isso tinham de deixar a rota estabelecida entre Egito e Arábia e caminhar ao sul, deserto adentro; e foi exatamente esse procedimento que levou Faraó a concluir que estavam confusos e perdidos (obviamente ele teria espiões seguindo a multidão, muito bem montados, para o manterem informado). Teria sido simplesmente impossível que eles se perdessem entre Gósen e o golfo de Suez (o braço oeste do mar Vermelho), mas é o que são obrigados a alegar os que colocam o monte Sinai na península que ora leva seu nome – uma estupidez patente. No decorrer das décadas e dos séculos os israelitas teriam explorado e caçado por toda aquela área, e seria bem conhecida por eles. (E para que os carros de guerra? Faraó poderia tê-los cercado com soldados a pé.)

Deus os levou por uma ravina chamada 'Wadi Watir' que sai numa praia surpreendentemente grande chamada 'Nuweiba' (é a única praia no golfo de Aqaba com tamanho adequado para comportar aquela multidão de pessoas e animais, de longe). A maior parte daquele golfo tem muitos metros de profundidade, e é beirado por precipícios, mas precisamente em Nuweiba há uma ponte de terra pertinho da superfície que vai de lado a lado, a largura do golfo ali sendo de uns 15 km. A largura da 'ponte' é de várias centenas de metros, de sorte que houve uma 'estrada' ampla para a travessia. A ravina que desemboca em Nuweiba é estreita, com lados íngremes, de sorte que quando Deus moveu o pilar de nuvem para a 'boca' da ravina, Faraó e seus carros ficaram bloqueados. Não podiam passar pelo pilar, e não podiam subir os lados com carros, e com mais de 600 carros numa ravina estreita, imaginem só o engarrafamento (e os cavalos inconformados!) – certamente foi uma confusão como poucas. Entendo que Deus deve ter removido o pilar de nuvem enquanto uma parte da multidão ainda estava atravessando, para encorajar Faraó a seguir atrás. O resto da história conhecemos.

Obviamente Deus fez tudo isso de propósito, e esse propósito deve ter sido destruir o exército egípcio para não representar uma ameaça a Israel nos primeiros anos na terra prometida.

Em nossos dias artefatos dos carros foram descobertos naquela ponte de terra. O nome dado ao possível Horebe verdadeiro pelo governo saudita é 'el Lowz'. De qualquer maneira, o monte Sinai verdadeiro fica em Midiã, e não na península entre os dois golfos. A localização na península torna o relato bíblico do êxodo insustentável, ridículo.

12) A sogra de Pedro

Mateus 8.14-15 X Marcos 1.29-31, Lucas 4.38-39

Durante a maior parte de minha vida adulta, eu imaginava que Jesus curou a sogra de Pedro apenas uma vez, até que um dia percebi que alguns dos detalhes não batem. Senão, vejamos. Embora os detalhes da cura em si, nos três relatos, sejam um pouco diferentes, é possível bolar uma harmonização tal que ficamos com apenas um episódio. A diferença maior está nos contextos. Marcos e Lucas trazem o mesmo contexto; a cura que eles registram ocorreu pouco depois do ministério de Jesus na Samaria (ver o capítulo 4 de João), mas certamente antes de ‘o Sermão no Monte’ registrado por Mateus. Já o contexto da cura em Mateus é um tanto diferente, e ocorreu depois daquele ‘Sermão’. Atentando para os três relatos, eu diria que os acontecimentos entre as duas curas ocupam os trechos de Texto seguintes: Mateus 4.23 – 8.13, Marcos 1.32-45 e Lucas 4.40 – 5.15. Vejo uma aplicação prática de tudo isso: o fato de Deus te curar uma vez não significa que você nunca vai adoecer de novo (e até com o mesmo problema).

13) A ‘teoria da evolução’ é cientificamente impossível

Todo experimento científico, e conhecimento humano verdadeiro se baseia no princípio de causa e efeito – observamos um efeito e procuramos isolar a causa. Como corolário lógico, a causa tem de ser igual a, ou maior que o efeito, caso contrário não seria capaz de produzi-lo. Qualquer ser humano, que seja tanto honesto como inteligente, confrontado pelo universo observável, com sua organização e complexidade incríveis, é obrigado a concluir que deve existir uma CAUSA, de inteligência e poder além de incríveis – negar-se a fazê-lo é ser perverso. Já que nós temos personalidade, Ele também deve tê-la.

A única alternativa a uma CAUSA seria o acaso trabalhando cegamente com nada. Mas o acaso trabalhando cegamente com nada nunca seria capaz de produzir qualquer coisa. $10 \times 0 = 0$; $1.000 \times 0 = 0$; $1.000.000 \times 0 = 0$, e assim por diante. Não importa quantas vezes você multiplicar zero, o resultado será sempre zero. Se multiplicar zero por alguma coisa cada dia durante cinco bilhões (ou trilhões, ou quadrilhões) de anos, o resultado sempre será exatamente zero! Que o acaso mais o nada tenham produzido o universo é cientificamente impossível: é absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível! Mesmo se alguém começar com a superstição de um ‘big bang’ de material inorgânico (sem vida), de onde veio a vida? (Isso deixando de lado a questão da origem de todo esse material inorgânico.)

A ciência da física nos informa que o universo inteiro conhecido, levando em conta unicamente a parte inorgânica (que não faz parte de um sistema vivo), pode ser descrito com até 350 ‘bits’ de informação. Para descrever a menor partícula de proteína (tão pequena que não pode viver sozinha, mas que faz parte de um organismo vivo), é necessário em torno de 1.500 ‘bits’ de informação (a bactéria ‘e-coli’ uns 7 milhões, e uma célula humana uns 20 bilhões!). Aonde, pois, poderia o nada mais o acaso encontrar 1.150 ‘bits’ de informação nova (para produzir a proteína mais simples), se no universo inteiro só tinha 350? A teoria da evolução, para explicar a origem da vida, é estupidamente, ridiculamente impossível!

A ciência da genética, com seus projetos de genoma, já descobriu que uma mudança aleatória de apenas 3 nucleotídeos é fatal para o organismo. A diferença genética entre um ser humano e um chimpanzé (que seria seu ‘parente’ mais próximo) gira em torno de 1,6% – pode não parecer muito, mas representa uma diferença de uns 48 milhões de nucleotídeos. Já que uma mudança ao acaso de apenas 3 nucleotídeos mata o animal, e um animal morto não pode reproduzir, é simplesmente impossível um chimpanzé evoluir até se tornar homem (uns 15 milhões de chimpanzés morreriam na tentativa! – mas nunca progredindo além dos primeiros três nucleotídeos). Cada tipo diferente de animal tinha de ser criado separadamente, assim como Gênesis afirma. A teoria da evolução, para explicar os tipos diferentes de animal (para nem se comentar pássaros, insetos, peixes, plantas, etc.), é estupidamente, ridiculamente impossível!

A ‘coluna geológica’ é uma ficção. Na Austrália existem troncos de árvores fossilizados, em pé, atravessando várias camadas de pedra sedimentária, que segundo a ‘coluna geológica’

representariam muitos milhões de anos) – estupidamente, ridiculamente impossível! Nos EUA existe chapada (cerro) com camada de pedra mais antiga em cima de camada mais nova (segundo a ‘coluna’), mas de uma área tão grande que não existe força conhecida capaz de vencer a fricção causada pela tentativa de fazer uma camada deslizar por cima da outra (o argumento que se usa) – outra coisa impossível para a ‘coluna’.

A uns 100 km ao sudoeste de Dallas, Texas, existe uma pequena cidade chamada Glen Rose, que fica perto das margens do riacho Paluxy. Lá tem o parque estadual do dinossauro, porque no leito do riacho têm pegadas de dois tipos de dinossauro: de três dedos e de quatro dedos. Riacho acima do parque, um paleontólogo chamado Carl Baugh comprou bastante terreno pelas margens do riacho, para poder fazer suas próprias escavações. Lá ele tem um museu que eu já visitei. Na **mesma camada** de pedra sedimentária, ele encontrou os fósseis de dois trilobites, que os evolucionistas dizem ter existido a 550 milhões de anos; um musgo fossilizado chamado ‘lapidodendron’, que os evolucionistas dizem ter existido a 250 milhões de anos; o fóssil inteiro de um dinossauro chamado ‘acrocantasauro’ (com dez metros de comprimento), que os evolucionistas dizem ter existido a 100 milhões de anos; sete pegadas de um ‘gato’ enorme, que os evolucionistas dizem ter existido a 6 milhões de anos; 57 pegadas de ser humano (algumas dentro de pegada de dinossauro); o quarto dedo da mão esquerda de uma mulher, fossilizado; e ainda um martelo de ferro pré-diluviano (cujo ferro não enferruja, sendo 96,6% ferro e 2,7% cloro) – **tudo na mesmíssima camada de pedra sedimentária!** Segue-se que a ‘coluna geológica’ não existe; foi uma invenção perversa bolada por pessoas desonestas e perversas.¹ Todos esses fósseis foram criados pelo Dilúvio de Noé, há uns 4.365 anos; caso contrário, como explicar que todas essas coisas estão na mesma camada?

Depois, a terra é jovem. No observatório real na Inglaterra, eles vêm medindo a força do campo magnético que envolve a terra cada ano, desde 1839. Constataram que essa força vem diminuindo num ritmo constante e previsível – locando os valores, ano por ano, num gráfico, eles caem numa linha reta em declive. Com isso é possível projetar a linha para cima e para baixo. Projetando para trás, há 10.000 anos a força iria esmagar a vida na terra. Segue-se que uma teoria que exige milhões, ou bilhões de anos é estupidamente, ridiculamente impossível.

O rio Mississippi nos EUA despeja 80.000 toneladas de sedimento no golfo do México cada hora! É só medir a delta para saber que a terra é jovem. Os evolucionistas querem que o granito tenha levado 300 milhões de anos para cristalizar, mas dentro do granito existem auréolas de polônio com meias-vidas de minutos e até segundos. O granito foi criado instantaneamente. As plantas e insetos **simbiontes** são impossíveis para a evolução – tiveram de ser criados ao mesmo tempo. E assim por diante.

Conclusão: a evolução é cientificamente impossível; é estupidamente, ridiculamente impossível. Há várias décadas o erudito Sir Frederick Hoyle foi contratado para avaliar a probabilidade científica de a vida ter aparecido no planeta por acaso (com dinheiro a contento e acesso às bibliotecas). A conclusão dele foi esta: seria mais fácil um ciclone passar por um campo de sucata e sair um Boeing 747 perfeito voando do outro lado do que a vida aparecer no planeta por acaso. Ora, ora, ora, a origem da vida por evolução é obviamente, estupidamente, ridiculamente impossível!!²

14) `Bordão` ou `cama`?

Hebreus 11.21 X Gênesis 47.31

Na FIEL, Hebreus 11.21 diz assim: “Pela fé Jacó, próximo da morte, abençoou cada um dos filhos de José, e adorou encostado à ponta do seu bordão”. Já foi alegado que esta afirmação discorda de Gênesis 47.31, que tem Jacó apoiado na cabeceira da cama (segundo o Texto Massorético), em vez da ponta de seu cajado. Contudo, atenção cuidadosa aos contextos

¹ É muito comum os defensores da ‘coluna’ argumentar em círculo: a idade de uma camada é determinada pelos fósseis que ela contém, ao passo que a idade de um fóssil é determinada pela camada em que se encontra!

² Questionamentos quanto à bondade do Criador não são de cunho científico.

indica que Hebreus 11.21 e Gênesis 47.31 referem-se a ocasiões diferentes, e portanto não há necessidade de imaginar uma discrepância. Dito isto, pode ser interessante observar o seguinte. As palavras hebraicas para ‘cama’ e ‘bordão’ são escritas com as mesmas três consoantes, a diferença está nas vogais, que não foram escritas. Assim, o Texto Original Hebraico era ambíguo aqui. Quando os massoretas acrescentaram sinais vocálicos ao texto hebraico, muitos séculos depois de Cristo, eles escolheram ‘cama’. Muito antes, a Septuaginta havia escolhido ‘bordão’.

15) Batismos na Bíblia

O nosso vocábulo ‘batismo’, e seu verbo ‘batizar’, são transliterações dos termos correspondentes no Novo Testamento grego. Vocábulos exatamente correspondentes em hebraico parecem não existir, de sorte que somos obrigados a basear este estudo no Novo Testamento, mesmo para batismos no Antigo Testamento. Agora, por que será que os tradutores, quer para português, quer para inglês, escolheram transliterar, em vez de traduzir? Porque, a exemplo do hebraico, não temos termos exatamente correspondentes que sirvam para uma tradução; se bem que, a esta altura, já fazem parte do nosso vocabulário. Este estudo dos batismos será organizado em três divisões: 1) na antiga aliança, 2) na transição, 3) na nova aliança.

Batismos na antiga aliança

1) Em 1 Coríntios 10.2 nossas versões dizem que o povo que saiu do Egito foi ‘batizado em Moisés, na nuvem e no mar’. A rigor, uma tradução mais acurada seria, “e todos foram batizados para dentro de Moisés, pela nuvem e pelo mar”. Mas, como assim? O povo estava identificado com Moisés, e essa identificação se traduziu em dependência e obediência. Sem Moisés, eles não teriam atravessado o mar, e tiveram que obedecer cegamente. Eles foram guiados e protegidos pela nuvem, mas debaixo da autoridade de Moisés. Uma identificação que se expressava em dependência e obediência poderia servir para uma definição do batismo cristão, pelo menos em parte.

2) Marcos escreveu para um público romano, e em 7.3-4 ele explica certos costumes dos judeus.

“Porque os fariseus, aliás todos os judeus, não comem sem lavar as mãos de forma cerimonial, seguindo a tradição dos anciãos. ⁴Quando voltam do mercado, eles não comem sem se batizar. E têm muitas outras coisas que eles receberam e seguem – batismos de copos, jarros, utensílios de cobre e leitos.”

‘A tradição dos anciãos’ se baseava nas instruções escritas por Moisés que tinham a ver com purificação. Essa purificação se fazia com água. A ideia de purificação não é alheia ao batismo cristão.

3) A partir de informação extra bíblica (não está na Bíblia), sabemos que um gentio que se convertia ao judaísmo era batizado – era uma das exigências que tinha de cumprir. Esse batismo se fazia com água, mas existe dúvida quanto à exata maneira em que se fazia. Contudo, parece que representava uma declaração formal no sentido de que a pessoa estava mudando de religião, ou maneira de viver. Era um procedimento que acarretava consequências significativas nos âmbitos social e espiritual. Podemos entender que esse batismo serviu de pano de fundo para o batismo de João – o povo estava acostumado com a ideia.

Batismos na transição

1) Todos os quatro Evangelhos falam do ministério de João o Batizador. João começou seu ministério proclamando e oferecendo um batismo de arrependimento para perdão de pecados¹ (Marcos 1.4). Mateus e Marcos registram que os candidatos confessavam os seus pecados; claro, era dos pecados que estavam se arrependendo. Todos os quatro Evangelhos

¹ Existem pessoas que se contorcem perante o sentido claro do Texto: João estava oferecendo perdão de pecados. Pois então, durante o Antigo Testamento, quem trouxesse um animal como sacrifício estava confessando ser pecador, e esperando ser perdoado. Na condição de arauto do Cordeiro de Deus, que iria providenciar o pagamento final e definitivo por pecado, João representava uma transição, do velho para o novo. Caso alguém pergunte, “Como poderia uma pessoa pagar pelos pecados do mundo inteiro?”, ofereço a possibilidade que segue: pagar uma dívida infinita requereria uma pessoa infinita, e Jesus era, e é, uma pessoa infinita.

registram que João estava preparando o caminho do SENHOR. O próprio João afirmou que batizava com água, mas o Texto não diz a maneira que ele utilizou.

2) João batizou Jesus. Este foi um caso único que foge da natureza declarada do batismo oferecido por João. Jesus não tinha pecado; não tinha de que se arrepender; não precisava de perdão. João não gostou: “Eu é que preciso ser batizado por Ti, e vens Tu a mim?” (Mateus 3.14). Como resposta Jesus disse a ele, “Deixa por agora, pois assim nos é apropriado cumprir toda retidão moral”. Essa resposta tem dado margem a uma variedade de interpretações, mas a verdade é que não precisamos interpretá-la, pois não é uma norma a ser seguida; foi um acontecimento *sui generis*.

3) João 3.22, 26; 4.1 e 2 mencionam que os discípulos de Jesus estavam batizando – João 4.2 deixa claro que o próprio Jesus não batizava. O Texto não nos oferece detalhes quanto à natureza desse batismo. Podemos imaginar que eles estivessem seguindo o exemplo de João, ajudando a preparar o caminho do SENHOR. A absoluta falta de detalhe deixa claro que esse batismo não se transformou em norma a ser seguida. Contudo, se é que estavam mesmo usando o batismo de João, esse batismo seguiu sendo usado, cá e lá, durante algum tempo, como fica claro a partir de Atos 18.25 e 19.3.

4) Em Lucas 12.50 Jesus disse, “Tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que venha a cumprir-se!” Quando Jesus respondeu ao pedido ambicioso de Tiago e João, Ele se referiu ao mesmo batismo (Mateus 20.22-23, Marcos 10.38-39). Parece dizer respeito a sofrimento dentro do Plano de Deus Pai. Respondendo a Tiago e João, Ele falou também do ‘cálice’, o mesmo que Ele mencionou em Getsêmani. Quanto a Jesus, o dito batismo se cumpriu na cruz em Gólgota, que foi antes da nova aliança. Quanto a Tiago e João, eles passaram por esse batismo mais tarde. Se a minha descrição desse batismo for correta, então ele existe até hoje (1 Pedro 4.19).

Batismos na nova aliança

1) João o Batizador disse que Jesus batizaria “com Espírito Santo e com fogo” (Lucas 3.16). Não têm faltado interpretações para esse dizer, mas parece-me a mim que o verso seguinte esclarece a questão. “Ele tem a pá de joeirar na Sua mão; e ele limpará completamente Sua eira, e ajuntará o trigo no Seu celeiro, mas queimará a palha com fogo inextinguível.” Ver também Mateus 3.11-12. Ora, o fogo inextinguível só pode ser o Lago de fogo e enxofre, a segunda morte, e nesse caso a ‘palha’ diz respeito às pessoas perdidas – são os perdidos que serão batizados com fogo.¹ Então o ‘trigo’ diz respeito às pessoas salvas – são os genuinamente salvos que serão batizados com o Espírito Santo. Mas como e quando Jesus nos batiza com o Espírito Santo? Ele o faz a partir da Sua posição à direita do Pai (1 Pedro 3.21-22), quando cremos para dentro dEle. A partir dali o Espírito Santo passa a habitar dentro de nós, e tem muito a ver com o nosso ‘novo homem’. Entendo que Atos 1.5 se refere a este batismo, e Atos 11.16 também, o que começou no dia de Pentecostes. Atenção: em João 1.33 o próprio Deus declara que é Jesus que batiza com o Espírito santo.

O caso de Cornélio merece seu próprio parágrafo. Cornélio queria **muito** conhecer a Deus e agradá-lo – ele era mais do que sério! Portanto, quando Pedro começou sua exposição, Cornélio prestou o máximo de atenção. Quando Pedro chegou ao “todo aquele que crê para dentro dEle² receberá perdão dos pecados”, Cornélio creu! Com isso Jesus o batizou com o Espírito Santo. Coitado do Pedro, Jesus o deixou para trás, e como Pedro disse mais tarde na sua defesa, “quem era eu para poder impedir Deus?” (Atos 11.17). Aí Pedro mandou trazer a água (Atos 10.47) – favor de notar a sequência: primeiro Espírito Santo, depois água!

¹ Segundo 1 Coríntios 3.11-15, as obras dos salvos serão provadas por fogo. Embora João certamente disse, “e fogo”, tanto Mateus (segundo 80% dos manuscritos gregos) como Marcos omitem a frase. Por que? Imagino porque eles estavam enfatizando o presente e o futuro próximo, ao passo que o ‘fogo’ faz parte do Juízo final.

² O Texto sempre diz ‘crer para dentro de’, nunca ‘crer em’ – é uma mudança de lugar que está em jogo, mudar do lado de fora para o lado de dentro, o que requer compromisso, e mudança de cosmovisão.

Entendo que Marcos 16.16 se refere a este batismo. “Aquele que creu e foi batizado será salvo; mas aquele que não creu será condenado.”¹ Batismo com água não salva; não vai faltar pessoas batizadas com água no Inferno. O Texto diz que a pessoa que não creu será condenada, sem mencionar batismo; deve ser óbvio que Jesus não batizará quem não creu. Vamos repetir: deve ser óbvio que Jesus não batizará quem não creu! É a pessoa que crê de fato que recebe o Espírito Santo. Convém também lembrar que a comissão que Jesus proferiu aqui em Marcos foi dada na noite da Ressurreição, ao passo que a comissão que Jesus proferiu em Mateus, que inaugurou o batismo cristão, foi dada semanas depois na Galileia. Aqui em Marcos o batismo cristão não existia ainda.

Declarei que batismo com água não salva; mas como, então, posso explicar Atos 2.38? “Arrependam-se e sejam batizados, cada um de vocês, sobre o nome de Jesus Cristo, para perdão de pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” Para começar, isto aconteceu no próprio dia de Pentecostes, e poderia ter sido algo como uma transição. Depois, o contexto é o rei da interpretação, e o contexto aqui é bastante específico, de modo que o dizer de Pedro não deve ser levado como sendo padrão genérico. Os versos 36 e 40 são determinantes para entender Pedro. “Portanto, que toda a casa de Israel fique sabendo, com absoluta certeza, que este Jesus a quem **vocês** crucificaram,² Deus O fez tanto Senhor como Cristo!” (verso 36). Então eles perguntaram o que deveriam fazer. Pedro concluiu com, “salvem-se desta geração perversa!” (verso 40). A ‘geração’ referida era a que havia crucificado o Messias. Por serem batizados sobre o nome de Jesus Cristo, eles estariam se desassociando daquela geração, bem como o juízo que estava vindo sobre ela. Este é o primeiro uso do título, Jesus Cristo, depois dos Evangelhos; o próprio Jesus havia inaugurado o título cinquenta dias antes (João 17.3) – o título afirma que Jesus é o Messias. Qualquer um sendo batizado sobre esse nome estaria declarando publicamente que estava aderindo a Jesus na condição de Messias. Pedro prometeu perdão de pecado e o dom do Espírito Santo a qualquer um que assumisse aquele **compromisso**. Qualquer um que fizesse isso estaria crendo para dentro de Jesus, e com isso Ele o batizaria com Espírito Santo. Não foi a água que os salvou.

Entendo que 1 Pedro 3.21 também se refere a este batismo – o coitado do verso tem sofrido bastante às mãos de comentaristas. Como para a Arca de Noé não faltou água, os interpretes costumam levar a água para o batismo que segue, o que não procede; senão, vejamos. Os versos 19 e 20 mencionam certos anjos rebeldes nos dias de Noé, “enquanto se preparava a Arca; na qual poucas (isto é, oito) almas foram preservadas através d’água”. O verso 21 segue, que eu traduziria assim: “Agora é o antítipo disso³ que salva a nós também, um batismo através da ressurreição de Jesus Cristo; 22 o qual está à direita de Deus, tendo subido ao Céu, havendo sido sujeitados a Ele anjos e autoridades e poderes.” Mas, que batismo é esse? É Jesus nos batizando com o Espírito Santo. Assim como a Arca preservou as oito da água, o batismo com o Espírito Santo nos preserva de Satanás e seus subalternos. O leitor atento terá percebido que o verso 21 não está completo; deixei de incluir o aparte parentético explicativo: “(não a remoção de sujeira física, mas o apelo para dentro de Deus a partir de uma boa consciência)”. A rigor, o aparte deve ser inserido entre os vocábulos ‘batismo’ e ‘através’. Pedro deixa claro que não está falando de batismo com água.

No batismo de João, ele é o agente; no batismo de Cristo, Ele é o agente; um batismo onde o Espírito Santo é o agente é diferente. No batismo de João, o veículo usado foi água; no batismo de Cristo, o veículo é o Espírito Santo. No batismo de João, a pessoa ficou molhada, mas depois secou, de sorte que o sentido verdadeiro do procedimento era uma transação espiritual; quanto mais, então, no batismo de Cristo. Creio que podemos vincular o batismo onde Cristo é o agente a João 4.13-14 e 7.38-39. Primeiro, 4.13-14:

Jesus respondeu e disse a ela: “Quem quer que beba desta água tornará a ter sede, mas quem quer que beba da água que **eu** o darei jamais terá sede; antes, a água que eu o

¹ No Texto, os verbos ‘crer’ e ‘batizar’ são participios no tempo passado – seria possível traduzir, ‘aquele tendo crido e tendo sido batizado’. Infelizmente, todas as versões que eu já vi colocam esses verbos no tempo presente, o que facilita pensar em termos de água.

² Nada como fazer tudo para que seu ouvinte entenda o recado! Mas por que “tanto Senhor como Cristo”? Talvez existissem uma variedade de ideias a respeito do Cristo, mas Pedro enfatiza que Ele é o Senhor.

³ O antecedente de ‘isso’ é a Arca.

darei se tornará dentro dele numa nascente artesiana transbordando para dentro de vida eterna”.¹

Segundo, 7.37-39:

Jesus se levantou e bradou, dizendo: “Se alguém está com sede, que venha a mim e beba. A pessoa crendo para dentro de mim, assim como a Escritura já disse, do seu ser interior fluirão rios de água viva.”² (Ora, Ele disse isso a respeito do Espírito, que os crendo para dentro dEle iriam receber,³ sendo que o Espírito Santo ainda não havia sido dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado.)

Em outras palavras, quando Jesus te batiza, você é regenerado, você recebe uma nova natureza, você recebe o Espírito Santo.

Efésios 4.5 fala de “um Senhor, uma fé, um batismo”. Mas como todos sabem, existem vários batismos na Bíblia, e mais que um na era da Igreja. O único candidato adequado para esse “um batismo” é aquele em que Jesus Cristo, o único Senhor, é o agente. Quem não foi batizado por Jesus não faz parte da Igreja.

2) O texto principal para o batismo cristão, assim chamado, é a Grande Comissão em Mateus 28.18-20:

E aproximando-se, Jesus declarou-lhes dizendo: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e sobre a terra. Ao irem,⁴ façam discípulos em todas as nações étnicas: batizando-os para dentro do nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;⁵ ensinando-os a obedecer todas as coisas que eu ordenei a vocês;⁶ e atenção, eu permaneço com vocês todos os dias, até o fim da era!”⁷ Amem.

A ordem é fazer discípulos, não meramente ganhar almas. E como se faz discípulo? Os dois gerúndios explicam: ‘batizando-os’ e ‘ensinando-os’, o que deve ser feito por pessoas que já são discípulos de verdade. O que nos interessa aqui é o batizar. O veículo é água, como no batismo de João, mas os agentes são discípulos de Jesus. E este batismo é para ser ministrado para dentro do nome da Trindade, o que representa uma revelação nova a respeito da natureza de Deus. Representa também uma nova ‘religião’, bem diferente das que se conheciam até ali. No A.T. temos referências veladas, que olhando para trás podemos associar à Trindade, mas aqui temos a primeira declaração clara a respeito (ver a nota). Mas que significa ser batizado para dentro do nome da Trindade?

O nome de uma pessoa representa essa pessoa. Fazer uma coisa ‘em nome do rei’ significa que é ordem desse rei; quem falou está representando o rei (ou alegando fazê-lo). Pois então, que significa ser batizado para dentro da Trindade? Bem, se você está dentro da Trindade, você fica protegido por Ela, pois qualquer coisa que queira te atingir tem de passar por

¹ É isso que o Texto diz, “para dentro de vida eterna”. Vida eterna é uma qualidade de vida; para ser mais preciso, é uma vida em comunhão com o Pai. O quadro não seria de um gêiser, necessariamente, jogando água para o ar, mas deve existir um flux constante. Ao passo que a nossa capacidade aumenta, o volume do fluxo deve aumentar também. É claro que a água deve ser compartilhada com outros, caso contrário, estagnamos.

² Mas, exatamente aonde a Escritura diz isso, e por que ‘rios’ (plural); um não seria suficiente? Bíblias com referências darão uma variedade de sugestões, nenhuma das quais ‘bate’. Pessoalmente, entendo que a referência é a Ezequiel 47.1-12, e especialmente ao verso 9, onde o Texto hebraico diz ‘dois rios’ (ou torrentes) – quando aquele rio chegou ao Mar Morto, parece que se dividiu, para poder correr por ambas as margens ao mesmo tempo. Água viva leva vida e saúde por onde passar. Então, quanta água viva está fluindo a partir de mim, ou de você? O segredo daquela água é dado no verso 12: “a sua água [das árvores] flui a partir do santuário”. Comparar com 1 Coríntios 6.19.

³ Quando você crê para dentro de Jesus, você recebe o Espírito Santo.

⁴ O ‘portanto’ que se encontra em todas as versões, se baseia em talvez 5% dos manuscritos gregos, mas é uma inferência lógica.

⁵ O nosso Senhor define a Trindade aqui. Segundo a gramática grega, o uso de ‘e’ mais o artigo definido com itens em série deixa claro que os itens são entidades distintas. Com isso, “o Pai” é diferente de “o Filho” que é diferente de “o Espírito Santo”. Portanto, temos três pessoas. Mas Jesus também disse, “do nome”, singular, não ‘nomes’. Portanto, temos somente um nome. Deus é um ‘nome’, ou uma essência, subsistindo em três pessoas.

⁶ O “vocês” aqui diz respeito aos Onze (verso 16), de sorte que eles receberam a incumbência de repassar todas as ordens que Jesus havia dado a eles. Para sermos discípulos de Jesus, devemos fazer tudo que Jesus mandou os Onze fazerem – isto inclui curar enfermos e expulsar demônios, além de pregar o Evangelho.

⁷ Como “a era” ainda não terminou, Jesus permanece conosco. Muito obrigado, Senhor!

Ela. Isto é tremendo! Contudo, isto também exige uma mudança radical no comportamento – ficar pecando dentro da Trindade não deve ser uma boa ideia! Então, o sentido verdadeiro deste batismo deve ser o seguinte: é uma declaração pública, uma tomada de posição pública, pela qual o candidato rompe formalmente com Satanás, e o mundo controlado por ele, e se coloca debaixo da proteção do Deus Triúno. É mudar de lado, de time, de reino, o que acarreta uma mudança apropriada no estilo de vida.¹

Confesso não entender porque, a julgar pelos registros inspirados, o pessoal nem sempre foi rigoroso no obedecer da Comissão. Pelo menos, segundo Atos 10.48 Pedro mandou batizar Cornélio e companhia “no nome do Senhor Jesus”.² E segundo Atos 19.5 Paulo batizou aqueles discípulos de João “para dentro do nome do Senhor Jesus”. Refletindo um pouco, parece que o resultado prático seria o mesmo – estar debaixo da proteção do Soberano Jesus valeria estar debaixo da proteção da Trindade.

De fato, Jesus foi a revelação máxima da natureza de Deus ao homem. Como ele mesmo disse a Filipe, “quem me vê, vê o Pai” (João 14.9). “Em Ele toda a Plenitude achou por bem habitar” (Colossenses 1.19), e “toda a Plenitude da Divindade habita nEle corporalmente” (Colossenses 2.9). Enfim, enquanto Jesus andou nesta terra, Ele representava a Trindade.

A exemplo do batismo de João, o Texto não fala da maneira usada para fazer o batismo. Com isso, através dos séculos, tem havido discussão e discórdia a respeito, quanto à quantidade d’água a ser utilizada. Não vejo como fechar a questão, e provavelmente não faça diferença no mundo espiritual. O que importa é a natureza da transação no âmbito espiritual, não o veículo material utilizado. Pensemos no batismo de Saulo de Tarso (Atos 9.18). Naquele tempo não existia água encanada; qualquer água tinha de ser carregada para dentro das casas. Na casa onde Saulo se encontrava, em Damasco, certamente não tinha piscina, e nem tanque de tamanho suficiente para caber o corpo de Saulo (e mesmo que tivesse, o dono não iria querer que sua água fosse contaminada). Certamente Ananias usou pouca água.³ Tudo isso valeria para a casa de Cornélio também (Atos 10.48) – tinha pouca água para muita gente. Também valeria para a casa do carcereiro em Filipos (Atos 16.33) – pouca água para muita gente. Enfim, o importante é a transação espiritual, não o veículo ou a maneira.

3) Em 1 Coríntios 12.12 Paulo utiliza a figura dos membros do corpo para falar da Igreja, e prossegue com o verso 13: “Porque todos nós fomos batizados para dentro de um corpo por um Espírito – quer judeu ou grego, quer escravo ou livre – e todos recebemos beber para dentro de um Espírito.” Entendo que Gálatas 3.26-28 versa sobre o mesmo batismo: “Assim, todos vocês são filhos de Deus através da fé em Cristo Jesus. Pois todos quantos, entre vocês, foram batizados para dentro de Cristo, se revestiram de Cristo – não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há ‘macho e fêmea’;⁴ pois todos vocês são um em Cristo Jesus.”⁵ Parece que Paulo está dizendo que o Espírito Santo nos batiza para dentro de Cristo. Mas como assim? Quando e como seria isso? Deve ser simultâneo ao momento em que Jesus batiza a pessoa com o Espírito Santo.

Devido a limitação humana, a linguagem é linear – é impossível dizer tudo ao mesmo tempo; a informação relevante tem que ser dada uma peça de cada vez. Um acontecimento complexo, como a transformação espiritual de uma pessoa, pode, e deve, ser descrito a partir de ângulos, ou perspectivas, diferentes. Quando cremos para dentro do Soberano Jesus, recebemos o Espírito Santo; mas ao mesmo tempo ingressamos no ‘corpo’ de Jesus ainda na

¹ Caro leitor, será que existe sequer uma igreja local, no Brasil inteiro, que ensina este valor para este batismo? Que tristeza!

² Os manuscritos gregos estão divididos quanto ao nome: 35%, incluindo a melhor linha de transmissão, têm ‘o Senhor Jesus’; 57% têm ‘o Senhor’; 8% têm ‘Jesus Cristo’. De qualquer maneira, nenhuma das variantes traz a Trindade.

³ Em Atos 22.16 o próprio Paulo (Saulo) relata aquela experiência; ele cita Ananias dizendo, “e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor”. Invocando o Senhor, ele creu para dentro dEle, e foi isso que lavou os pecados. (Em vez de “o Senhor”, 6% dos manuscritos gregos trazem ‘ele’ [como em NVI, ARA, Cont, etc.])

⁴ O Texto não diz ‘não há macho nem fêmea’; a expressão muda, como indiquei. Imagino que a referência seja a Gênesis 1.27, e à razão pela criação da fêmea em Gênesis 2.18. Todos são salvos na mesma base.

⁵ A referência é ao âmbito espiritual, não o físico – um judeu que crê para dentro de Jesus não deixa de ser um judeu físico; um escravo que crê para dentro de Jesus não muda de condição social automaticamente; um macho que crê para dentro de Jesus não deixa de ser um macho físico. Claro.

terra, que é a Igreja. E a presença do Espírito Santo na gente é a prova de que somos de Jesus e fazemos parte desse ‘corpo’ – essa prova Paulo descreve como um batismo. Um ‘batismo no Espírito’ como sendo uma segunda, ou terceira, ‘obra de graça’, simplesmente não está no Texto. O que têm, sim, são enchementos repetidos – quanto mais, melhor.

4) Devido à limitação da linguagem ser linear, parece-me que em Romanos 6.2-4 Paulo versa sobre outro aspecto da transformação espiritual que recebemos em Cristo. Ele insiste na necessidade de santidade de vida, utilizando o argumento que estivemos em Jesus quando Ele morreu, e com isso nós morremos também, e morto não deve pecar. Mas como o corpo físico de Jesus foi sepultado e depois ressurreto, nós também, disfrutando agora do poder de Deus para levar uma vida nova, diferente. Para cobrir tudo isso, Paulo utiliza a frase, “batizados para dentro de Cristo Jesus”, que provavelmente diga respeito à ação do Espírito Santo descrito no item anterior. Parece-me que Colossenses 2.11-12 é paralelo a Romanos 6.2-4.

5) 1 Coríntios 15.29 tem dado muito ‘pano para manga’, inclusive na tradução. Seria batizados ‘pelos mortos’ (NVI), ou ‘em favor dos mortos’ (LH), ou ‘por causa dos mortos’ (ARA), ou ‘no lugar dos mortos’? O contexto é o rei da interpretação, e o contexto aqui é a realidade da ressurreição. Se não existe ressurreição, então a nossa fé é vã, estamos sofrendo à toa. Entendo que a tradução correta é ‘no lugar dos mortos’; isto é, novos convertidos ocupando o espaço deixado pelos que morreram – naquele tempo, muitos foram martirizados. Não havendo ressurreição, não existiria vantagem em se tornar cristão, só para alimentar os leões. O ‘batismo’ aqui talvez reúna tanto o com o Espírito Santo como o com água.

6) Resta comentar Hebreus 6.2 e 1 Coríntios 1.17. Em Hebreus 6.2 “instrução a respeito de batismos” faz parte dos “ensinos elementares” (verso 1) que devem ser deixados para trás, para podermos prosseguir rumo à perfeição. Como essa instrução está na companhia de arrependimento, fé, ressurreição e juízo eterno, que fazem parte essencial da nossa Fé, então não se trata de menosprezo. Essas coisas perfazem o fundamento para o crescimento espiritual, mas esse crescimento depende de fatores além das verdades básicas.

Mas como pode Paulo dizer em 1 Coríntios 1.17 que “Cristo não me enviou para batizar”, se na Grande Comissão Jesus mandou fazê-lo? Outra vez, havemos de atentar para o contexto. A partir do verso 10, Paulo está combatendo as divisões em torno de pessoas; existiam ‘partidos’, um deles sendo do próprio Paulo. No afã de combater esse ‘partido’, ele argumenta que ninguém foi batizado para dentro do nome de Paulo (verso 13); e segue agradecendo a Deus que ele tinha batizado poucas pessoas, exatamente para ninguém dizer que ele usou o próprio nome. Então vem o verso 17: “Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho”. Estaria Paulo negando que batismo com água faça parte do Evangelho? Quase parece que sim. Ou estava ele fazendo distinção entre essencial e não-essencial? Se definimos ‘essencial’ como sendo os elementos que são necessários para que alguém se salve, então batismo com água não é essencial – faz companhia com outros elementos que são relevantes para crescimento espiritual, para viver a vida cristã, e tais elementos são importantes, certamente.

Conclusão

Para nós hoje, o único batismo de suma importância é aquele em que Jesus é o agente e a substância utilizada é o Espírito Santo. A chave é crer para dentro de Jesus. Quando cremos para dentro de Jesus, Ele nos batiza com Espírito Santo. Uma pessoa que nunca foi batizada por Jesus não faz parte da Igreja.

16) Betsaida, ou Tiberíades?

A questão em pauta é: qual foi mesmo o lugar onde a multiplicação dos cinco pães aconteceu? Mateus 14.13 e Marcos 6.32 meramente dizem que foi num lugar deserto, sem identificação. Mas Lucas 9.10 diz que foi num “lugar deserto pertencente a uma vila chamada Betsaida”,¹ ao passo que João 6.23 nos informa que o lugar ficava perto da vila Tiberíades.

¹ Calamitosamente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo meramente 0,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, diz que eles foram “a uma vila chamada Betsaida”. Isto é uma perversidade óbvia, porque dois versos depois o mesmo texto diz que eles estavam num lugar deserto. Dessa forma, os

Bem, Tiberíades se localizava no lado oeste do Mar, talvez três quilômetros acima do lugar onde o Rio Jordão sai. Mas Betsaida ficava ao norte do Mar, um pouco para o leste do lugar onde o Rio Jordão entra. E agora?

Podemos deduzir a partir de Marcos 6.31 e João 6.17 e 24 que Jesus e Seus discípulos partiram de Capernaum, onde Jesus tinha Sua base de operações. Acontece que Capernaum, assim como Betsaida, ficava ao norte do Mar, mas um pouco para o oeste do lugar onde o Rio Jordão entra. Para ir de barco entre Capernaum e Betsaida, o barco estaria sempre perto da orla. Mas João 6.1 diz que Jesus “atravessou o Mar da Galileia”, o que combina melhor com Tiberíades, já que existe uma baía grande entre Capernaum e Tiberíades, embora ambos ficavam no lado oeste do Mar – quer dizer, eles atravessaram uns quinze quilômetros de água. Mas, após o ‘banquete’, Mateus 14.22 diz que foram de barco “para o outro lado”, e o verso 24 os coloca “no meio do Mar”; ao passo que Marcos 6.45 diz que foram de barco “para o outro lado, a Betsaida”, e o verso 47 também os coloca “no meio do Mar”; já João 6.17 diz que “começaram a atravessar o Mar em direção a Capernaum”, e o verso 19 diz que “tinham remado entre cinco e sete quilômetros”.

Ora, ficar perto da orla é uma coisa, atravessar o Mar é outra. Além disso, se já estavam perto de Betsaida, ou mesmo lá, como poderiam atravessar o Mar para lá chegar (Mateus 6.45)? Fica claro que o milagre aconteceu de fato perto de Tiberíades, como João afirma. Mas isso levanta outra dificuldade: como poderia uma propriedade perto de Tiberíades ‘pertencer’ a Betsaida (Lucas 9.10)? Ou tinha sido transferida por escritura à vila, de alguma forma, ou, o que me parece mais provável, pertencia a uma família radicada em Betsaida. Minha observação se baseia no Texto.

João 6.17 diz que eles “começaram em direção a Capernaum”, ao passo que Marcos 6.45 diz que eles foram “a Betsaida”. Já que as duas vilas se separam por uma distância pequena, no começo da travessia a direção seria praticamente a mesma. Entendo que eles foram de fato a Betsaida, mas ficaram muito pouco tempo ali, prosseguindo diretamente a Genesaré. Aliás, no dia depois do milagre Jesus já estava de volta em Capernaum (João 6.24-25). Mas por que será que eles fizeram aquele desvio a Betsaida (Genesaré fica um pouco para o sul de Capernaum)? Eu imagino o seguinte: uma propriedade perto de Tiberíades, mas pertencendo a alguém em Betsaida, provavelmente seria deserta, um ótimo lugar para um piquenique. Suponho que Jesus tinha autorização para fazer uso do lugar, quando queria fugir da multidão, mas ninguém podia antever uma multidão de talvez 15.000 pessoas (5.000 homens, além de mulheres e crianças). Favor de desculpar a observação desagradável, mas que efeito teria uma tamanha multidão na higiene e na aparência do lugar? Deduzo que Jesus se sentiu na obrigação de dar uma explicação ao dono, em Betsaida.

Já que estamos aqui, permitam-me convidar atenção para outro milagre que Jesus fez, que não se encontra nas listas costumeiras. Como já notamos, Mateus 14.24 e Marcos 6.46 dizem que os discípulos estavam no meio do Mar, mas João 6.19 é mais preciso, dizendo que eles tinham percorrido talvez sete quilômetros. Ora, acontece que uma travessia entre Tiberíades e Betsaida representa em torno de treze quilômetros. Agora, atenção para João 6.21, “Então eles queriam recebê-lo no barco, e imediatamente o barco estava na terra para a qual estavam indo”. Se a distância total foi de treze quilômetros, e só tinham percorrido a metade, então Jesus transportou o barco 6 a 7 quilômetros instantaneamente. Ora vejam, isso não deixa de ser um milagre de tamanho respeitável: transportar um barco seis quilômetros num instante! Provavelmente você não achará este milagre em qualquer lista de milagres por aí, porque poucas pessoas se dão ao trabalho de examinar o Texto Sagrado minuciosamente.

redatores desse texto fazem Lucas se contradizer, ao mesmo tempo contradizendo os outros três Evangelhos, já que todos concordam em que o lugar era deserto. Lamentavelmente, esta perversidade é reproduzida em NVI, LH e ARA, entre outras.

17) Cainã #2

Lucas 3.36 X Gênesis 11.12.

“De Serugue, de Ragaú, de Faleque, de Eber, de Salá, ³⁶de Cainã, de Arfaxade, de Sem, de Noé, de Lameque.”

Existem algumas variações de grafia que juntas são atestadas por quase 1% dos manuscritos gregos; 99% têm *Kainav*. Até onde sabemos, somente dois omitem o nome, P^{75v} e D, mas nenhum texto impresso segue esses dois. De sorte que não existe dúvida razoável de que Lucas de fato escreveu que Selá foi gerado por Cainã, e não por Arfaxade. Este Cainã tem sido largamente usado para justificar tratar as genealogias em Gênesis como sendo ‘acordeões’ – se um nome foi demonstradamente omitido do registro em Gênesis, então ninguém sabe quantos outros também podem ter sido omitidos. Este Cainã é também usado para negar a validade de construir uma cronologia exata baseada nas idades dadas nas genealogias.

Mas aonde encontrou Lucas esta informação? A LXX que conhecemos contém Cainã em Gênesis 11.12, mas difere tanto do Texto massorético que parece ficção. Lembrar que a Septuaginta que conhecemos é baseada nos códices *Vaticanus*, *Sinaítico* e *Alexandrinus*, produzidos séculos após Lucas. É mais provável que a nossa LXX seja baseada em Lucas do que o contrário. Pois então, aonde Lucas o encontrou? Entendo que Lucas obteve a informação sobre este Cainã a partir de documentos que existiam no tempo dele, e sendo informação correta o Espírito Santo o levou a inclui-la no seu Evangelho. Assim como Judas, que citou Enoque – a profecia de Enoque certamente existiu no tempo de Judas, mas atualmente não dispomos de cópia em hebraico (consta que a comunidade judaica tinha uma no século 13 d.C.); da mesma forma não dispomos de cópia da fonte usada por Lucas.

Esta nota foi inspirada pela discussão do assunto dada pelo Dr. Floyd N. Jones no seu livro, *Chronology of the Old Testament*.¹ (Este livro chega perto de solucionar todas as discrepâncias numéricas, assim alegadas, no A.T., pelo menos ao meu ver.) Contudo, a explicação que segue originou comigo. Então, vamos rever a exata redação de Gênesis 11.12-13. “Viveu Arfaxade trinta e cinco anos e gerou a Selá. E viveu Arfaxade depois que gerou a Selá, quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.”

O verbo ‘gerou’ requer que Selá seja descendente sanguíneo de Arfaxade, não adotado. Ele poderia ser um neto, o filho do filho de Arfaxade, ou até um bisneto, exceto que neste caso o intervalo de tempo só tem espaço para uma geração no meio. O sentido claro da fórmula no Texto, ‘W viveu X anos e gerou Y; depois de W gerar Y ele viveu Z anos’, é que W tinha X anos quando Y nasceu; será que não?² Entendo que o sentido claro do Texto hebraico é que Arfaxade tinha 35 anos quando Selá nasceu, seja qual for a solução que dermos a ‘Cainã’.

Vamos ver se conseguimos imaginar a situação nos anos imediatamente após o Dilúvio. Após o Dilúvio a prioridade máxima era encher a terra. Aliás, a ordem divina foi exatamente essa: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gênesis 9.1). Pois então, com quem poderiam os netos de Noé casar? Obviamente com suas primas, as netas de Noé. Haveria urgência para reproduzir – assim, as meninas seriam dadas em casamento assim que alcançassem a puberdade, e os meninos semelhantemente. As mulheres estariam dando à luz com a frequência possível. Certamente, a prioridade máxima seria a de aumentar o número de pessoas, em absoluto.

Arfaxade nasceu dois anos após o Dilúvio, mas a sua mulher poderia ter nascido um pouco antes do que ele. (O Texto Sagrado é claro no sentido de que somente oito almas entraram na arca, mas durante o ano lá dentro algumas das mulheres poderiam ter ficado grávidas.) Assim, seria possível que Arfaxade gerasse Cainã #2 quando tinha 17/18 anos. Assim também, seria possível que Cainã #2 gerasse Selá quando tinha 17/18 anos. Desta maneira seria possível dizer que Arfaxade ‘gerou’ Selá quando tinha 35 anos. Cainã #2

¹ *Chronology of the Old Testament: a Return to the Basics* (Floyd Nolan Jones, the Woodlands, TX: KingsWord Press, 1999, pp. 29-36. (Esta é a décima-quarta edição, revisada e ampliada – a primeira saiu em 1993.)

² Segue-se que esta fórmula acaba com a jogada ‘acordeão’. Houve precisamente 130 anos entre Adão e Sete, 105 entre Sete e Enos, 90 entre Enos e Cainã #1, e assim por diante.

poderia ter morrido cedo, ou poderia ter sido ‘pulado’ em Gênesis porque o intervalo de tempo não condizia com uma ‘geração’, ou ambos. Por outro lado, depois que as coisas voltaram ao normal, em termos culturais, a pressa com que Arfaxade e Cainã #2 procriaram talvez tenha sido avaliada como inapropriada. O expediente de omitir Cainã #2 tornaria o registro mais ‘normal’, enquanto preservando exatidão quanto ao intervalo de anos.

Mas Lucas estaria certo ao escrever que Selá era “de” Cainã, que era “de” Arfaxade. Selá era neto de Arfaxade. Em todo caso, a linha messiânica passou por Selá. Sem o registro de Lucas eu, pelo menos, nunca teria parado para considerar como foi a situação logo após o Dilúvio – a prioridade máxima tinha de ser aumentar o número de seres humanos.

18) Como foi nos dias de Noé¹

Mateus 24.37 – “Como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.” Palavra do Senhor Jesus Cristo.

Conforme Ezequiel 33.6-7, atalaia que vê perigo se aproximando tem obrigação absoluta de avisar o povo. Entendo que Deus está me colocando como atalaia nesta questão. Portanto, vejo-me na obrigação de trazer a público um assunto que é bastante desagradável e terrivelmente sério; infelizmente tenho ensinado coisa equivocada a respeito pelo Brasil a fora.

O fato

1. O Senhor Jesus afirma que no tempo de Sua segunda vinda a situação no mundo será parecida com a do tempo de Noé (Mateus 24.37-44, Lucas 17.26-35). Muitos de nós cremos que a Segunda Vinda está próxima; então vamos pensar na realidade de nosso dia.

2. Os homens eram totalmente iníquos e perversos: “Viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis 6.5). Se a pessoa é como imagina no coração (Provérbios 23.7), então no tempo de Noé a maioria (aparentemente) das pessoas praticava unicamente o mal, era incapaz de fazer o bem. E em nossos dias? 2 Timóteo 3.1-5 – “Saiba, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, profanos, sem amor pela família, implacáveis, caluniadores [literalmente, ‘diabos’], sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados [de forma irresponsável], soberbos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus; vestindo uma forma de piedade ao passo que já negaram-lhe poder. Destes afasta-te.”² Não é esse um perfeito retrato da nossa sociedade maior? (Ver também Romanos 1.28-32.)

3. O Senhor Jesus disse que o casamento seria semelhante. E como foi esse casamento? “Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram” (Gênesis 6.2). A frase, ‘os filhos de Deus’, traduz a frase em hebraico, *bene-haelohim*, que nos outros lugares que ocorre – Jó 1.6, 2.1 e 38.7 – claramente diz respeito a seres angelicais, e aparentemente de alta patente. O comentário inspirado no Novo Testamento, Judas 6-7 e 2 Pedro 2.4-7, deixa claro que de fato eram seres

¹ Todas as interpretações são da responsabilidade do autor, que não tem compromisso com qualquer ‘pacote’ denominacional. (Colocar qualquer pacote doutrinário acima do Texto Sagrado é um tipo de idolatria.) Faço por onde tratar o Texto Sagrado com respeito total, por entender que ele é a nossa autoridade máxima. De passagem podemos observar que a Verdade não é democrática, não depende de opinião ou voto; a Verdade é! (Deve ser óbvio também que o Reino de Deus não é uma democracia.)

² Observar que a ordem é afastar-se de tais pessoas. Mas, espera aí – como poderemos evangelizá-las se temos a ordem de evitar contato com as mesmas? Será que já passaram da linha de retorno, ou seriam um tipo de ser não passível de salvação? Mateus 7.6 vem à mente. Este verso talvez seja um quiasmo – ab, ba. Mas quem seriam os ‘cães’ e os ‘porcos’? Um porco irá cheirar a pérola e julgar ser uma pedra – não sendo comível, o porco vai ignorá-la e ela será pisoteada na lama. Então um ‘porco’ é alguém que é incapaz de reconhecer e apreciar a ‘pérola’ (talvez um materialista com a mente totalmente fechada) – a reação será de completa indiferença. Portanto não perder tempo. Já um ‘cão’ reage de maneira agressivamente hostil contra o que é ‘santo’. Então um ‘cão’ deve ser alguém que tem compromisso com o mal, e portanto atacará o que é santo. Daí, não se deve oferecer coisa santa a um ‘cão’ – você será maltratado. Qualquer que se vendeu a Satanás certamente terá demônio em residência, e nós temos autoridade para amarrar tais.

angelicais, no caso rebelados contra Deus.¹ (Jesus disse em Lucas 20.36 a respeito dos ressurretos, “são iguais a anjos e são filhos de Deus”.) Observar que os anjos caídos agiram a seu bel prazer, tomando quem quisessem. E qual foi o resultado desses ‘casamentos’? “Havia naqueles dias gigantes [hebraico *nefilim*] na terra, e também depois,² quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos” (Gênesis 6.4). Nasceu uma raça de ‘humanóides’, uma mescla de demônio e mulher, seres totalmente perversos, malignos, e de tamanho impressionante. E hoje, a sociedade não está repleta de seres totalmente perversos, malignos? Falta o tamanho impressionante, mas creio poder explicar o porquê disso.

4. Mas, mas, mas, Jesus não disse que anjo não casa? Vamos lá; o texto é: “Porquanto, quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus” (Marcos 12.25; ver também Mateus 22.30 e Lucas 20.35-36). Jesus estava respondendo à pergunta capciosa dos saduceus, que negavam a existência da ressurreição, e afirma que no Céu não haverá casamento entre nós, como há aqui na terra. Uma vez no Céu, não vamos procriar mais. No Céu anjo também não procria, mas bastaria para isso ser de um só sexo. (Jesus não disse que anjo não tem sexo.) Sempre que anjo se apresenta de forma visível na Bíblia, o faz como macho ou homem, nunca como mulher.³ A falta de fêmea entre eles explicaria o fascínio que a fêmea de nossa espécie exerce sobre os seres angelicais (ver 1 Coríntios 11.10, que comentarei mais em baixo).

5. Antes de prosseguir, voltemos ao “e também depois” para ver o que aconteceu depois do Dilúvio. A partir de Deuteronômio 2.10-12 e 20-21 podemos entender que já no tempo de Abraão, e mesmo antes, tinham surgido outras raças mescladas, com tamanho impressionante. Deuteronômio 3.11 diz expressamente que Ogue, rei de Basã, foi o último de sua raça,

¹ Judas deixa claro que a frase em Gênesis 6.2 não é exceção. “E os anjos que não guardaram seu próprio estado, mas abandonaram a sua habitação, Ele tem segurado em cadeias eternas, sob escuridão, para o julgamento do grande dia. Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, da mesma maneira que aqueles, tendo fornicado e ido após um tipo de carne diferente [grego *ερεπος*], são exibidos como exemplo, padecendo um castigo de fogo eterno” (Judas 6-7). O autor, inspirado por Deus, afirma que o povo de Sodoma fez o que certos seres angelicais fizeram; queriam sexo com um tipo diferente de carne. Lembrar que os homens de Sodoma, velhos e moços, de cada bairro, queriam estuprar os anjos que estavam com Ló (Gênesis 19.4-5). Seja qual for o tipo de carne que anjo tem (quando materializa), não é carne humana; é precisamente “um tipo de carne diferente” [grego *ερεπος*]. O texto paralelo em 2 Pedro 2.4-6 vincula o crime desses anjos ao Dilúvio. (Em Mateus 22.30 [Marcos 12.25, Lucas 20.35-36] o Senhor não diz que os anjos não têm sexo/gênero. Evidentemente não nascem anjinhos [quer bons ou maus], mas se anjos são de apenas um gênero, não podem se reproduzir. Na Bíblia, sempre que anjo materializa o faz em forma de homem, não mulher.)

O argumento de que ‘os filhos de Deus’ seria uma referência aos descendentes masculinos de Sete, ao passo que ‘as filhas dos homens’ seria uma referência às descendentes femininas de Caim, é totalmente im procedente. Gênesis 6.1 diz que os homens (hebraico, *haadam*, ‘o homem’ ou ‘o Adão’, mas em 5.1 encontramos *adam* duas vezes sem o artigo, dizendo respeito a ‘Adão’ e ‘o homem’ respectivamente) começaram a multiplicar-se, produzindo inclusive filhas. Óbvio deve ser que a referência é à raça humana como um todo, não só aos descendentes de Caim – claro, caso contrário não haveria descendentes masculinos de Sete para tomar as descendentes femininas de Caim (na hipótese). O verso 2 segue dizendo que ‘os filhos de Deus’ viram essas filhas dos homens (hebraico, *haadam*, exatamente como no verso 1) – se *haadam* no verso 1 diz respeito à raça humana como um todo, então o mesmíssimo vocábulo no verso 2 deve ter a mesma referência. Depois, no verso 3 Jeová declara que não vai contender sempre com o homem (*adam*) e no verso 7 que vai destruir o homem (*haadam*) que criou da face da terra. Claro que o Dilúvio aniquilou com os descendentes de Sete, assim como com os de Caim. Então o vocábulo hebraico, *haadam*, diz respeito à raça humana como um todo. (Fatalmente as descendentes femininas de Sete também eram ‘filhas dos homens’.) [Se os descendentes masculinos de Sete eram piedosos – se é por isso que devemos considerá-los como ‘filhos de Deus’ – porque Enoque e Noé são destacados por terem agradado a Deus?]

² Tenho ensinado Brasil a fora que aparentemente Deus teria mudado as regras após o Dilúvio, de sorte que hoje em dia não se vê mais isso; pelo menos não temos mais gigantes, e embora demônios certamente estejam travando relações sexuais com mulheres hoje, não temos notícia de que está nascendo qualquer coisa. Mas, espera aí, como poderia eu saber se estava nascendo cria de demônio ou não? O que não falta no Brasil é mãe solteira, e acaso elas colocariam a boca no trombone para dizer ao mundo que o pai é demônio? Como vamos saber? [E os bebês encontrados no lixo ou na mata; poderiam ser cria de demônio que a mãe não quis?] Mas o Texto é claro, “e também depois”, e eu tenho culpa por ter passado por cima dessa clara declaração.

³ As mulheres em Zacarias 5 fazem parte de uma visão, não são materializações; o que o profeta viu foi mulheres, não anjos. Por outro lado, o Texto diz claramente que foi um anjo que falava com ele.

os *refains*, que eram semelhantes aos *enaquins*; e diz também que a cama dele tinha comprimento de aproximadamente 4,5 metros, o que nos permite imaginar que o próprio Ogue tinha por volta de 4 metros de altura. Trinta e oito anos antes os espias, querendo difamar a terra, falaram de certo número de gigantes, filhos de Enaque, que são chamados especificamente de *nefilins* (Números 13.33).

Quatrocentos anos depois Davi ainda tinha que enfrentar Golias, e outros de sua raça (1 Crônicas 20.4-8), só que a altura dele era de três metros, e não mais quatro (1 Samuel 17.4). A partir do momento que Deus prometeu a Abraão a terra de Canaã, é perfeitamente previsível que Satanás faria por onde estragar o terreno.¹ Tanto foi assim que, embora todos os anjos caídos que tomaram mulheres antes do Dilúvio tivessem sido confinados em Tártaro (2 Pedro 2.4), o que teria sido uma advertência um tanto forte aos demais, Satanás obrigou (imagino) certo número de outros a repetir a façanha.

A severidade usada por Deus no caso de Sodoma e Gomorra indica que o nível de perversidade ali era incomum. Gênesis 13.13 afirma que “os homens de Sodoma eram extremamente perversos” (NVI). Embora o Texto não fale diretamente de gigantes em Sodoma, podemos deduzir que havia, sim, pois Deuterônimo 2.10-12 diz que Moabe, que ocupou o que sobrou da área controlada por Sodoma e Gomorra (que não ficou debaixo do Mar Morto), tomou a área dos *emins* (que eram do mesmo tamanho que os *enaquins* – transparece que havia várias raças mescladas do tipo). A severidade de Deus no tocante aos Amalequitas, mandando Saul aniquilar com todos, inclusive bebês e até animais (1 Samuel 15.3), provavelmente se explique por uma infestação demoníaca maciça de algum tipo. Assim como nós abatemos animais e aves para evitar que uma contaminação se alastre, pode ser que a infestação era tamanha que a única solução era uma completa destruição. [Células cancerosas não podem ser recuperadas, devolvidas à normalidade; devem ser destruídas em benefício do organismo maior.]

6. A questão de tamanho: porque não há gigantes em nossos dias? Primeiro, a frase ‘filhos de Deus’, tudo indica, se aplica a seres angelicais de alta patente. Depois, no tempo de Noé o número de mulheres se contaria nos milhares ou dezenas de milhares, no máximo centenas de milhares, mas são mais de 50 milhões de anjos caídos (Apocalipse 12.4 e 5.11).² Quer dizer, era pouca mulher para muito demônio. Então, me parece óbvio que os mais graúdos iriam se impor e ficar com elas. Só que, aquela turma foi confinada no Tártaro como juízo pelo crime hediondo que haviam praticado. De repente havia uma escassez de demônio nas patentes mais elevadas (milhares fora do baralho), o que abriu espaço para patentes menos elevadas. Claro que não posso provar, mas me parece lógico imaginar que o tamanho da cria poderia refletir o tamanho do pai, assim como entre nós. Certo é que Golias era menor do que Ogue, que provavelmente era menor do que os *nefilins* destruídos pelo Dilúvio. Embora o Texto silencie a respeito, não seria de estranhar se Deus continuasse a enviar para Tártaro qualquer demônio de alta patente que incorresse no mesmo delito. Assim, como Satanás precisa de seus subalternos graúdos para outros ofícios, teria mandado parar.³ Pode

¹ E com o reaparecimento da nação de Israel na terra de Canaã, será que Satanás não voltaria ao cargo?

² Entendemos que ‘o dragão’ (12.3-4) diz respeito a Satanás; o vocábulo ‘estrela’ frequentemente diz respeito a anjo, e no caso parece óbvio que não pode dizer respeito aos luminares literais – como as estrelas são muito maiores do que o planeta Terra, só uma teria esmagado o planeta completamente, mas o Texto fala da terça parte delas. Então entendemos que Lúcifer conseguiu levar a terça parte dos anjos originais com ele na rebelião contra o Criador. Em 5.11 o Texto grego diz que os anjos ao redor do trono de Deus numeravam dez mil vezes dez mil e milhares de milhares. Ora, $10.000 \times 10.000 = 100.000.000$ (cem milhões), só que eram mais do que isso. Então, se os dois terços que permaneceram fieis ao Criador somam mais que cem milhões, a terça parte que foi com Satanás deve somar mais que 50 milhões. Quanta desgraça!

³ Surge outra possível consideração aqui. Judas 6 afirma que os *bene-haelohim* de Gênesis 6 “abandonaram a sua habitação”. Agora, o sentido normal do vocábulo ‘abandonar’ exclui a idéia de voltar. Então, pode ser que aqueles anjos caídos, para poder procriar com mulher, tiveram que tomar uma decisão irreversível. Ao se materializarem em forma humana ficaram sem retorno. Seguindo essa hipótese, outra vez Satanás mandaria parar, por precisar de seus subalternos graúdos para outros ofícios. Julgo oportuno transcrever aqui uma colocação de Daniel Mastral, mestre em doutrina satanista:

Os Demônios podem – através da manipulação de energia (leia “Filho de Fogo”) – apresentar-se na forma de Mulher, a qual é chamada de Súcubu; ou apresentar-se na forma de Homem, denominada Incubu. A reprodução acontece da seguinte maneira: quando o Súcubu tem uma relação com um homem

ser que demônio comum escape, e sua cria não seria de tamanho anormal. Também, com a volta de Cristo batendo à porta, pode ser que Deus esteja permitindo um recrudescimento dessa atividade. De qualquer forma, pela palavra do Senhor Jesus, certamente tem hoje coisa parecida com o que tinha antes do Dilúvio.

Implicações

1. Segundo Judas 18-19, “no último tempo” os homens serão ‘almados’ [caracterizados por alma] (grego ψυχικοί), “não tendo espírito”.¹ É isso que o Texto diz. A sua Bíblia provavelmente diga “não tendo o Espírito”, mas no Texto não há artigo definido; é suposição dos tradutores, querendo que o texto diga respeito ao Espírito Santo, e com isso os ‘almados’ seriam pessoas não convertidas. Mas a descrição de tais pessoas que ocupa os versos 8-16 é para lá de contundente – é uma raça totalmente perversa; faz lembrar Gênesis 6.5 e 2 Timóteo 3.1-5. A questão é exatamente essa: cria de demônio teria espírito? Sabemos através do Texto Sagrado que o espírito humano é transmitido pelo esperma do homem, de sorte que aquela raça ‘híbrida’ havia perdido o espírito humano, e presumivelmente a ‘imagem de Deus’ também. Senão, vejamos.

Em Gênesis 5.3 o Texto Sagrado afirma que Adão “gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem,” o que faz lembrar 1.26. “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.” Em todas as genealogias é sempre o homem que gera; mulher gesta. Parece-me que Hebreus 7.9-10 fecha a questão. “E por assim dizer, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos por meio de Abraão, porque aquele ainda estava no corpo de seu antepassado quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro.” Quando Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque nem Isaque havia sido gerado ainda, e muito menos Jacó e Levi. No entanto o autor inspirado afirma que a pessoa de Levi estava no aparelho gerador de Abraão. Então é a semente do homem que transmite o espírito humano e a imagem do Criador. É por isso que Romanos 5.12-21 ensina que o pecado de Adão passou para todos seus descendentes, e a morte também.² Como Davi explica: “Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe” (Salmo 51.5, NVI). Para os que estão acostumados com, “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe”, deve ser óbvio que não é o processo de procriar em si que é pecaminoso, pois o Criador mandou o homem frutificar e multiplicar-se, inclusive (Gênesis 9.1).

Vejamos também Gênesis 38.8-10. O Texto Sagrado declara que Deus matou Onã. Por quê? Não foi por não querer dar descendência a seu irmão – debaixo do rigor maior da Lei de Moisés a pena disso era ‘meramente’ a humilhação pública, não a morte (Deuteronômio 25.5-10). No tempo de Onã não existia a Lei mosaica ainda. Até aí só um crime acarretava a morte, exatamente o assassinio (Gênesis 9.6). Sendo que a vida está na semente, quando Onã despejou a semente no chão, antes de possuir a mulher, ele matou a vida humana na semente, propositadamente – assassinou. E Deus cobrou!³ Podemos acrescentar aqui Êxodo 21.22-23.

humano, recolhe o esperma deste. Em seguida, na forma de Incubu, tem outra relação, desta vez com uma mulher humana. Assim, os Demônios, na verdade, “transportam” as células germinativas de um homem para uma mulher, não que eles próprios as têm em si mesmos. Se fosse assim, teríamos de admitir que os Demônios são capazes de “criar” a vida, coisa que terminantemente é *inaceitável*. . . .

Então, você há de perguntar . . . *por que* nasciam Gigantes, se são apenas óvulos e espermatozoides humanos? É que na própria relação, e nesse “transporte”, o sêmen sofre alterações. . . . (*Rastros do Oculto*, Daniel e Isabela Mastral, Editora Naós, páginas 156-157.)

Bem, tenho conhecimento direto de demônio tomar a forma de mulher para seduzir homem, e de demônio tomar a forma de homem para possuir mulher. Então até aí é fato; acontece. Mas a interpretação satanista quanto a transporte de sêmen (a cópula de demônio com ser humano pode ser observada, mas não o transporte de sêmen) – será que devemos confiar? Satanás é o pai da mentira; devemos confiar? O Texto Sagrado afirma que os *bene-haelohim* possuíram mulheres e produziram filhos. Se alguém acha ‘inaceitável’, é problema dele.

¹ As ‘divisões’ que eles causam seriam na sociedade maior, não na igreja.

² Quando Eva pecou, pecou sozinha. Quando Adão pecou, pecamos nós também, pois estávamos todos no aparelho gerador dele. Quem desgraçou a raça foi Adão.

³ Naturalmente, a vida latente no esperma só se realiza quando um espermatozoide se une a um óvulo. Como um homem produz muitos bilhões, senão trilhões, de espermatozoides durante a vida, a quase totalidade se desperdiça, de uma forma ou de outra. É a intenção acintosa que o Criador cobra. Depois, se não me engano

Um feto também é gente, e quem provocar a morte de um feto leva a pena máxima.¹ É a semente do homem que transmite o espírito humano, daí cria de demônio não tem espírito. Como o principal da mulher é a alma, a cria tem a alma da mãe. Não havendo espírito, é mais provável que não tenha consciência também.² Nossos noticiários estão cheios de casos onde aparentemente os criminosos estão totalmente desprovidos de consciência. Dizem que fariam de novo, e com prazer.³

2. 1 Coríntios 11.9-10 – “O homem não foi criado para a mulher e sim a mulher para o homem. Por isso a mulher deve ter autoridade sobre a cabeça, por causa dos anjos.” Nossas Bíblias costumam acrescentar ‘sinal de’ autoridade, ou coisa parecida, mas não tem nada disso no Texto. É autoridade mesmo, não um símbolo como véu. Em Números 30.3-15 Jeová deixa claro que o homem detém autoridade espiritual sobre a mulher. Lembrar que em Gênesis 6.2 os anjos tomaram as mulheres que queriam, a seu bel prazer. Mulher sem proteção masculina é presa fácil. Em nossos dias as mulheres feministas que rejeitam acintosamente qualquer autoridade masculina estão pedindo demônio (e qual é o demoniozinho que vai dispensar?). [Não viria me surpreender se 100% de tais feministas têm demônio.] E que dizer das lésbicas que querem sexo, mas sem homem – não seriam um prato cheio para os demônios? E daí? Daí, nossa sociedade deve estar cheia de mãe solteira, sendo que as crianças são ‘humanóides’.⁴ Entendo que a vinda de Cristo está à porta, e Ele mesmo declarou que seria como nos dias de Noé. Assim sendo, uma porcentagem significativa da população hoje deve ser de ‘humanóide’, dessa raça mesclada de mulher e demônio. De repente estamos diante da necessidade de poder discernir quem é quem. Precisamos do dom de discernir espíritos. A caminho, pensemos um pouco nas prováveis características de tais seres.

As fêmeas, não tendo espírito, serão bastante sensuais, e serão usadas por Satanás para levar os homens à ruína. Homem de verdade que transar com uma delas receberá demônio, na certa, e se casar com ela será infernizado. Não poderá nunca ter uma vida feliz, e os filhos

muito, Ele pouco se agrada quando as pessoas procuram prazer sem assumir a responsabilidade concomitante.

Levítico 18.6-30 proíbe certas práticas porque elas contaminam a terra, e pode chegar ao ponto da terra "vomitar" o povo. Mas que quadro contundente: o próprio solo tem nojo dos moradores! E quais são essas práticas? Todo tipo de incesto (versos 6-17), relação sexual com mulher em menstruação (verso 19), adultério (verso 20), sacrifício humano (verso 21), homossexualismo (verso 22) e bestialismo (verso 23). O verso 29 decreta a pena de morte para todas essas práticas; Levítico 20.1-22 decreta a morte para os mesmos pecados, um por um, terminando com a possibilidade de a terra vomitá-los (verso 22). Já sabemos que o sangue derramado (sem cobrança) contamina a terra, e que Deus exige a pena de morte para assassínio. (Ver meu estudo, “Pena de Vida”.) Mas porque será que a reação do Criador diante das práticas citadas é a mesma? Suponho que seja pelo seguinte: sexo com animal, sexo anal e sexo com mulher em menstruação destroem a semente do homem, e é a semente que transmite "a imagem de Deus", a vida. São tipos de homicídio, portanto – lembrar o caso de Onã. Sacrifício humano é assassínio óbvio. Incesto e adultério deturpam a semente. Enfim, o Criador leva a Sua ‘imagem’ a sério!

¹ A NVI traduz corretamente, “e ela der à luz prematuramente, não havendo, porém, nenhum dano sério. . . .”

As versões que colocam o verbo ‘abortar’ despistam o raciocínio do leitor. No verso 22 o bebê vive; no verso 23 o bebê morre.

² Através dos tempos, escritores cristãos têm afirmado que todo ser humano tem um ‘vazio’ na alma que somente o Criador pode preencher. De forma análoga, humanóide deve ter uma ‘tomada’ específica para demônio, sendo acessível a influência demoníaca a qualquer instante.

Sabemos através da medicina moderna que cada ser humano leva nas veias o sangue do pai, não da mãe, de sorte que a raça mista mencionada em Gênesis 6.4 levava sangue demoníaco, não humano, nas veias. Se Satanás tivesse conseguido corromper todo mundo, teria sido impossível o nascimento do Messias, o segundo Adão, e Gênesis 3.15 não poderia se cumprir. O desafio satânico desfechado contra o plano de Deus foi tão incrível, e chegou tão perto de lograr êxito, que a resposta de Deus foi destruir tudo e começar de novo, utilizando oito seres humanos ainda não contaminados.

³ Em tempo: não estou sugerindo que todo sujeito perverso e violento seja ‘humanóide’. Pessoas que se entregam a Satanás vão ficando progressivamente piores. Depois têm os ‘aparelhos’, pessoas que consciente e voluntariamente se entregam ao domínio total de um demônio; passam a ser ‘teleguiados’. O Pr. Raimundo Moreira (ex-neguinho de Ogum, ex-pai de santo na Bahia) me afirmou pessoalmente que certo senador baiano era ‘aparelho’. Há dez anos ou mais tomei conhecimento de que já existia uma rede de milhares de ‘aparelhos’ distribuídos nos Estados Unidos (lá são chamados de ‘robôs’). Confesso que nunca me dei ao trabalho de estudar e achar um procedimento para neutralizar essas ‘pessoas’ – seria um subsídio valioso para o assunto ora em pauta.

⁴ Mas é óbvio que mulher casada também poderia ter cria de demônio.

que nascerem da união serão perversos. Já os machos, sem espírito, serão sensuais também e provavelmente dados à violência, à mentira e à corrupção. O Senhor Jesus afirmou que Satanás é assassino e mentiroso (João 8.44), bem como ladrão e destruidor (João 10.10).¹ A descrição de Lúcifer em Ezequiel 28.13 inclui instrumentos de música, e parece-me claro que Satanás tem a música como ferramenta predileta para destruir a juventude. Há algum tempo havia um grupo roqueiro chamado KISS (Knights In Satan's Service = Cavalheiros a Serviço de Satanás), cuja 'música' era abertamente satânica, e assim por diante. A descrição dada em 2 Timóteo 3.1-5 vem exatamente ao caso. Serão pessoas sem consciência, sem remorso. Matam seus pais com a maior naturalidade, etc., etc.

3. "Como foi nos dias de Noé" – nunca antes parei para imaginar sobre os sentimentos de Noé e as pessoas 'decentes' da época ao verem seu mundo sendo tomado de assalto por esses *nefilins*, ao verem sua cultura sendo destruída, aparentemente sem poder fazer nada para impedir ou reverter. Haveria frustração, raiva, perplexidade, melancolia e por fim desespero e pânico. E quanto a nós no nosso mundo de hoje – será que não começamos a sentir as mesmas coisas a assistir um mundo sem vontade política para enfrentar o terror islâmico organizado, o crime organizado correndo solto, a violência nas ruas correndo solta, a corrupção em todos os níveis e todos os setores da sociedade correndo solta, o governo financiando e protegendo a violência dos MSTs da vida, a crescente falta de vergonha e pudor nos costumes e na cultura, a completa falta de resposta perante os Evo Morales da vida, enfim, a completa omissão e inoperância da 'igreja' no promover de valores bíblicos na coisa pública e na sociedade maior?

No dia 23/11/2006 a Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que torna crime a discriminação por orientação sexual – muda o Código Penal, as leis do trabalho e a que define crimes de preconceito, acrescentando orientação sexual. A proposta seguiu para o Senado, onde possivelmente será aprovada (e o Presidente atual certamente aprovará). Se isso acontecer, igreja não poderá dispensar pastor por ser homossexual, objeções morais ao homossexualismo, oriundas de qualquer religião, não serão toleradas, etc. etc.²

O projeto enseja nada menos que a inversão de valores sociais. O projeto considera que matar um ser humano, inclusive homossexual, merece pena mais branda que discriminá-lo. O projeto visa a destruição dos princípios morais do povo brasileiro. Estudiosos da militância 'gay' já declaram que esse movimento não mais se preocupa com a pessoa, e sim com o prazer de sua própria política desconstrutivista – o prazer na perversão do que é natural, da transformação do certo em errado e do errado em certo (ver Isaías 5.20), na destruição do ser humano como um todo.³ É uma coisa satânica.

Está chegando a nossa vez de viver Hebreus 13.12-13, coisa que os cristãos da China, da Coréia do Norte, dos países islâmicos e outros perseguidos conhecem há muito tempo. "Jesus também sofreu fora das portas da cidade, para santificar o povo por meio de seu próprio sangue. Saiamos pois a Ele, fora do arraial, levando Seu opróbrio [vitupério, desonra]." Duvido que sequer 5% dos evangélicos do Brasil estejam dispostos a realmente sofrer perseguição física por Jesus Cristo – a conferir. Martinho Lutero escreveu o seguinte (traduzindo uma tradução em inglês da original em alemão):

"Se eu professar com a mais alta voz e a mais clara exposição cada item da verdade de Deus, exceto precisamente esse pequeno ponto que o mundo e o diabo estão atacando no momento, não estou confessando Cristo, por mais ousado que eu seja ao professá-lo. É

¹ "Raça de víboras", "vosso pai o diabo" – tal pai, tal filho; se o pai é 'cobra', os filhos são cobras.

² Em tempo, parece que o Senado nunca aprovou o projeto. Em 2019 o STF usurpou a função do Congresso e decretou uma lei parecida.

³ Utilizei como subsídio um e-mail de Rozangela Justino. O Brasil está por um fio; ou reagimos energicamente ou entregamos o campeonato. [Perdemos o campeonato.]

onde a batalha é mais furiosa que a lealdade do soldado é posta à prova, e se ele amarelar NESSE ponto, manter-se firme em todas as demais frentes será mera fuga e desonra.” Pois bem, entendo que o ‘pequeno ponto’ que o mundo e o diabo estão atacando agora no Brasil (e no mundo) é a postura diante do sexo anal.

A posição da Bíblia é cristalina. Deus criou macho e fêmea, dois sexos, e entende que devem ser respeitados. O homossexualismo não é obra de Deus – tanto não é que Ele decreta a pena máxima para a prática (Levítico 18.22 e 29, e até hoje, Romanos 1.32). É obra de quem então? Romanos 1.18-32 é mais do que claro; o homossexualismo é decorrência de negar a existência do Criador (Romanos 1.26). Como Deus quer adoração em espírito e verdade (João 4.24), não vai obrigar; diante da negação de sua própria existência, inclusive, Ele tira a mão, entregando/abandonando o homem a suas paixões vergonhosas, que Satanás sabe manipular muito bem.

Creio que Hebreus 2.7 vem ao caso aqui: “Fizeste-o [o homem, verso 6], por um pouco, menor que os anjos” (citando Salmo 8.5). O ser humano é superior ao ser angelical em essência; nós portamos a imagem do Criador e eles não; e uma vez glorificados essa superioridade se tornará óbvia, mas unicamente para os remidos. Os que servem a Satanás se subordinam a ele, e portanto nunca poderão subir para um nível acima dele. Se a rebelião de Lúcifer foi precipitada, como suponho, pela criação de um ser superior a ele, ele está se vingando muito bem, privando a vasta maioria dos seres humanos dessa superioridade [e dessa forma o verso 8 não se aplicaria a eles]. Agora Satanás é dominado pelo despeito; foi desbancado. Como não pode criar, se ‘realiza’ deturpando e destruindo. A maior satisfação dele deve ser arrastar a imagem do Criador na lama, e para esse efeito nada melhor do que o sexo anal. Como é a semente do homem que transmite a ‘imagem’, o sexo anal mistura a imagem de Deus com fezes – é um insulto sem tamanho! A prática de sexo anal é a mesma coisa que cuspir no rosto do Criador; é um agravo extremamente sério. Ao lado disso, um recruta cuspir no rosto de um general seria ‘café pequeno’. Então, no momento que Deus tira a mão, Satanás empurra o homem para o sexo anal.¹

Recentemente o Dr. James Dobson, fundador e presidente de *Focus on the Family*, no programa de televisão *Larry King Live*, disse que nunca ensinou que a tendência homossexual fosse uma escolha da pessoa. Aí parei para refletir. Não sendo uma escolha, na hipótese, de onde viria a tendência? De duas, uma: ou nasce com ela, ou recebe de demônio. A partir daí, numa sociedade dominada por um humanismo relativista, o projeto de lei já mencionado se transforma numa fatalidade – a partir de pressuposições pluralistas não há como combatê-lo.

Mas, será que alguém nasce com ela? Por ação do Criador, não. E por ação da evolução? Devo ao Dr. Ney Augusto de Oliveira (cirurgião) a observação seguinte: mesmo para quem ‘crê’ na evolução como explicação de origens [tese cientificamente impossível], seria uma contradição o organismo produzir através de evolução um gene homossexual, pois esse gene iria condenar o organismo à extinção. Óbvio deve ser que o sexo anal nunca vai produzir vida – para que nossa raça sumisse do planeta bastaria nenhuma mulher dar à luz durante 50-60 anos. Era uma vez. Agora, se nem Deus e nem a evolução produziu ou produziria um gene homossexual, como pode alguém nascer com a tendência? Só sendo obra de Satanás, que entendo ser perfeitamente possível.² Aliás, a emboscada que o inimigo nos preparou é bem pior do que chegamos a imaginar até aqui. Senão, vejamos.

O comentário inspirado vincula Sodoma ao Dilúvio. Os sodomitas eram conhecidos pelo apego ao sexo anal. Se havia uma boa mistura de ‘humanóide’ em Sodoma, como entendo (Deuteronômio 2.10), provavelmente nasceram com essa tendência. Parece-me óbvio que muitos (se não todos) dos humanóides em nossos dias terão nascido com essa tendência, exatamente para criar um clima social onde a aprovação da prática torna-se irresistível. O que fará com que o Criador abandone tal sociedade cada vez mais, o que entregará essa sociedade

¹ Pessoas que saem do Candomblé, Umbanda, Macumba e tal afirmam que a maioria dos homens pertencentes a esses grupos são homossexuais; Satanás empurra para lá. Pensando na percentagem de espíritas na população brasileira, . . .

² Ver meu estudo, “Patógenos – Origem e Solução”.

a Satanás cada vez mais. É um ciclo vicioso do mal, um espiral para baixo. Como não sabemos como distinguir entre ser humano e humanóide, as peripécias sexuais dos humanóides fazem parte da cultura e influem no comportamento dos seres humanos. Quanta barbaridade!¹

Ultimamente fui informado de que a soja (não fermentada) contém bastante hormônio feminino, e que o uso exagerado da soja reprime a libido masculina, reduzindo sua virilidade. Durante séculos, senão milênios, os monges budistas ingerem soja exatamente para abafar o desejo sexual. São centenas de artigos disponíveis na *internet* sobre os malefícios da soja, que vão além do sexo. (O molho de soja japonês, bem como o tofu, é confeccionado a partir de soja devidamente fermentada, o que modifica o quadro, de sorte que esses alimentos são inofensivos.) Na América do Norte e na Europa a soja é empurrada em cima do público como *health food* [alimento que faz muito bem à saúde], e as conseqüências negativas estão se fazendo sentir.² Já no Brasil a grande maioria da população cozinha com óleo de soja, inclusive os bares e restaurantes. Volta e meia lê-se a respeito de níveis crescentes de impotência entre os homens brasileiros.³ Agora, os efeitos negativos da soja não resultarão em sodomitas, os que preenchem o papel do macho no sexo anal (os ‘ativos’). Como é exatamente essa capacidade que a soja inibe, vai aumentar, sim, o número de catamitas, os que preenchem o papel da fêmea no sexo anal (os ‘passivos’). Quanto a estes, a culpa pode ser da soja e não de demônio. Naturalmente uma pessoa assim pode se recusar a participar de sexo anal, mas condená-la pela tendência torna-se difícil. (Poderia ser vítima da irresponsabilidade da mãe.)

4. Judas 22-23 – “Fazendo distinção, usem de misericórdia para com alguns; mas salvem outros com temor, arrebatando-os de dentro do fogo.”⁴ A implicação é clara: há uma terceira categoria, os sem-misericórdia (‘alguns’ mais ‘outros’ não perfazem 100%; aliás, fica a impressão de que a terceira categoria pode ser de algum tamanho). 1 João 5.16-17 fala de um pecado mortal, tal que nem adianta orar. Réu de pecado mortal estaria entre os sem-misericórdia. (Ver Solução, alínea 5, e principalmente a discussão de Deuteronomio 7.10, Salmo 34.16 e 2 Pedro 2.17.)⁵ Precisamos de discernimento para proceder à triagem. Sim, mas, o que podemos/devemos fazer após a triagem? Conforme o Texto, Jeová Filho se encarnou por aqui a fim de aniquilar Satanás (Hebreus 2.14) e desfazer as suas obras (1 João 3.8). O desfazer de qualquer obra deve atingir também as conseqüências dessa obra – será que não? Se alguém amassar meu carro, como desfazer essa ‘obra’? Haja lanternagem e pintura para devolver a boniteza anterior. Se alguém matar meu filho, como desfazer essa ‘obra’? Só trazendo-o de volta da morte, devolvendo a vida. Se alguém estuprar e engravidar minha filha,

¹ A teoria de Freud, de que o sexo seria a mola mestra da vida humana, tem sido e continua sendo uma ferramenta muito útil a Satanás.

² Mães americanas, com preguiça de amamentar seus bebês, tiram do peito e enchem os coitados de leite de soja, prejudicando os meninos sobremaneira. E as meninas talvez sejam levadas à puberdade precocemente – aumenta o número de meninas de onze anos de idade que ficam grávidas.

³ De repente podemos entender o crescimento de lesbianismo entre as fêmeas.

⁴ Confesso que não entendo como seria possível resgatar alguém que já está no fogo, mas é isso que o Texto diz.

⁵ Pode ser que a categoria ‘sem misericórdia’ abranja dois tipos de ‘inquilino’: o pecado mortal de 1 João 5.16-17 é praticado por ser humano, parece; já a terceira classe de Judas 22-23 talvez seja composta por humanóide, já que boa parte da carta se ocupa com eles (assim me parece).

Surge uma questão teológica: ‘humanóide’ sem espírito seria passível de salvação? Os demônios são irrecuperáveis, têm seu paradeiro final já definido (Mateus 25.41). E filho de demônio, vai ter sorte melhor? Um tipo de ser com alma, mas sem espírito, seria muito parecido com animal, que também tem alma mas não espírito. Até onde entendemos o Texto Sagrado, quando animal morre meramente deixa de existir. Como ‘humanóide’ nasce assim sem escolha, e não tem como ser salvo (assim me parece), não seria uma injustiça condená-lo a passar a eternidade no Lago? Os anjos que caíram escolheram rebelar-se contra o Criador, e por tanto têm culpa. Ser humano tem a opção de se curvar diante do Criador, e receber salvação. Já ‘humanóide’, . . . Animal raivoso não tem cura e deve ser abatido em benefício dos demais. Assim como temos a opção de mandar demônio para o Abismo, entendendo o Texto dessa forma, impedindo assim que continue fazendo mal por aqui, quem sabe não seria o caso de acharmos maneira de nos livrar de ‘humanóide’ também, exatamente para impedir que continue fazendo mal por aqui. A questão de discernimento torna-se aguda ao extremo. Não adiantaria pregar o Evangelho a ‘humanóide’; seria oferecer coisa santa a cão, que só vai te atacar (Mateus 7.6). Talvez as referências a ‘cães’ em Filipenses 3.2 e Apocalipse 22.15 também digam respeito a ‘humanóides’. [Entendo que o Espírito Santo me confirmou o vínculo entre esses ‘cães’ e nossos ‘humanóides’.] Se sempre houve alguma presença desses ‘humanóides’ através da história, então havia no tempo de Jesus. Assim sendo, Ele nunca tocar no assunto seria estranho, e perigoso para seus seguidores. Ver Apartes, item 1).

como desfazer essa ‘obra’? Devolver a virgindade, nem Deus pode, mas matar o resultado do estupro é possível.¹ Filho de demônio é obra de Satanás, óbvio. Pois então, como desfazer essa ‘obra’?

Uma tradução mais ou menos literal do Texto hebraico de Salmo 92.7 seria assim: “Quando os ímpios florescerem como a erva, e brotarem todos os malfeitores, é para que sejam destruídos para sempre.” O verso anterior trata de pessoas que ignoram e desprezam o Criador – para tais pessoas não existe remédio, só destruição. Como humanóide não é passível de salvação, e está no mundo unicamente para fazer o mal, é como uma gangrena no corpo – se não extirpar a gangrena, ela mata o corpo. Mas, e se conseguirmos identificar um humanóide com certeza? A justiça brasileira não distingue humanóide, e mesmo se distinguisse, não admite a pena máxima. Então, como a violência física não é opção, dentro da lei, havemos de encontrar a solução no âmbito espiritual. (Se Deus ceifar a vida de alguém, o Ministério da Justiça não tem o que fazer.)

Considere ainda Mateus 6.22-23: “A candeia do corpo é o olho. Se teu olho for bom, todo o teu corpo terá luz. Se, porém, o teu olho for maligno, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, se a luz que em ti há é escuridão, como é grande essa escuridão!” É claro que temos dois olhos, mas o Texto diz “olho”, no singular. Entendo que o Senhor Jesus está comentando a maneira em que interpretamos as coisas, que é o nosso verdadeiro ‘olho’ – duas pessoas, uma pura e uma perversa, observando a mesma cena darão a ela interpretações muito diferentes. Uma pessoa com mente maligna dará interpretação pervertida a tudo que vê, e portanto seu ser fica cheio de escuridão, só escuridão! (Ver Tito 1.15.) Às vezes tais pessoas não têm mais remédio e a solução é removê-las. (Distinguir entre dois tipos de ‘homem mau’ – os que deliberadamente maquinam o mal, e os que gradualmente perderam a capacidade de distinguir entre o bem e o mal; estes talvez tenham esperança.)

Solução

1. Primeiro, consideremos a nossa incumbência, o propósito do Senhor Jesus: "Assim como o Pai me enviou, eu vos envio a vós" (João 20.21) – assim como. É o Senhor Jesus Cristo, nosso comandante, que está falando. Ele espera, aliás exige, que façamos como Ele fez. Pois então, como Ele fez? O Pai determinou e o Filho obedeceu: "Aqui estou para fazer, O Deus, a tua vontade" (Hebreus 10.7). (João 4.34 – "Minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra".) Irmãos, é necessário passarmos nós também por Hebreus 10.7. Participação efetiva na guerra espiritual começa pela entrega sem reservas ao Senhor Jesus. Renovar cada dia. Assim como o Senhor Jesus, nossa vida deve girar em torno da vontade do Pai. E qual foi essa vontade, em termos específicos? Está em Hebreus 2.14 – o Filho assumiu carne e sangue para aniquilar o diabo; veio para desfazer as obras do mesmo (1 João 3.8).

Então, para que aqui estamos? Para dar continuidade à obra de Cristo. Ele veio aniquilar Satanás, e consegui, aleluia! (Colossenses 2.15, João 16.11, Efésios 1.20-21, João 12.31, 1 Pedro 3.22, 1 João 4.4). De fato, Satanás já está liquidado, seu paradeiro final já está decretado (Mateus 25.41), mas por Seus próprios desígnios soberanos o Criador ainda permite que o inimigo atue neste mundo. Cabe a nós ‘pagar para ver’ – temos que impor a derrota ao diabo, efetivamente (Mateus 18.18). Cristo veio desfazer as obras do diabo, e como Satanás continua operando suas misérias neste mundo, compete a nós desfazê-las. Pois assim que Jesus ganhou a vitória voltou para o Céu, deixando por nossa conta o desfazer. Como a Igreja tem sido terrivelmente omissa neste terreno, somos todos obrigados a conviver com as conseqüências negativas dessa omissão. **Estamos aqui para desfazer as obras do diabo!**

"Qual Ele é, somos nós neste mundo" (1 João 4.17) – neste mundo, não no porvir. A Igreja é o corpo de Cristo, e portanto é através dela que Ele mais lida com este mundo. (Quando você olha para alguém o que você vê é o corpo da pessoa.) Somos porta-vozes do Criador nesta terra. (Aliás, somos porta-vozes da Trindade! – 1 João 4.13-14, Gênesis 1.26.) Atenção: Irmãos, é hora de acordar. É hora de nos compenetrar de que representamos o Criador por

¹ Se o estupro foi perpetrado por demônio ou humanóide, abortar a cria não seria até mesmo uma obrigação? Como dar à luz um ser que vai fazer unicamente o mal neste mundo, e que vai ser extinto de qualquer maneira?

aqui, e Ele espera de nós um comportamento e uma postura condignos com o ofício que ocupamos.

2. Segundo, consideremos a nossa competência: vejamos Salmos 149.5-9:

Exultem de glória os santos; cantem de júbilo nas suas camas. Estejam os altos louvores de Deus na sua boca, e uma espada de dois gumes na sua mão – para executar vingança sobre as nações e castigo sobre os povos; para prender os seus reis com correntes e os seus nobres com grilhões de ferro; para impor a eles a sentença escrita. Esta honra é para todos os Seus santos.¹

Eis algumas observações a partir do Texto:

- a) Estamos diante de ordens (não pontos facultativos).
- b) As ordens devem ser cumpridas nas camas – subentende-se que são exercícios no âmbito espiritual.
- c) A guerra é aliada ao louvor, sendo que o louvor vem primeiro (ver 2 Crônicas 20.21-22).
- d) A ‘honra’, que é consequência dos resultados positivos da obediência às ordens, é para “todos os santos”. Logo, se você é um desses santos, obedecer a essas ordens é da sua alçada, de sua competência (e serão cobradas).
- e) Como os exercícios se executam no âmbito espiritual, os ‘reis’ e ‘nobres’ devem ser tanto os homens que ocupam posições de autoridade como os anjos caídos (demônios) que estão por detrás deles. Aliás, um serviço completo terá de alijar os demônios, e não só os homens.
- f) A abrangência inclui nações inteiras, povos inteiros; enfim, qualquer entidade geográfica ou política que tem governante.
- g) Como a guerra faz parte da adoração a Deus, naturalmente a ‘vingança’ e o ‘castigo’ devem ser orientados pelo caráter dEle. É onde as normas estabelecidas pelo Criador estão sendo acintosamente contrariadas que devemos concentrar nossa ação. Atenção: é para impor as normas do Criador, não as nossas ideias prediletas.
- h) Como a atuação é no âmbito espiritual, as autoridades que amarramos podem não parar na penitenciária, literalmente, mas serão tirados do poder, pois quem estiver manietado, mãos e pés, não pode agir.
- i) Não falta juízo escrito, ou sentença escrita: Zacarias 5.2-4, contra ladrão e perjuro; Provérbios 20.10, contra pesos diferentes; Isaías 10.1-2, contra quem decreta lei injusta; Romanos 1.26-32, contra homossexuais e uma triste lista de outras perversidades (observar que o verso 32 afirma que são dignos de morte, pela justiça de Deus; ‘são’, não ‘eram’ ou ‘foram’ – isto já dentro da era da Graça, pois Romanos foi escrito após Pentecostes). (Ver também 1 Coríntios 6.9-10, Apocalipse 21.8 e 22.15.) Como humanóide faz unicamente o mal, ele se enquadra nesta nossa competência, tranqüilamente.

Depois, 1 Coríntios 6.2-4 afirma que os santos julgam o mundo; o verbo ‘julgar’ está no tempo presente (a primeira ocorrência é ambígua com o futuro, mas não a segunda). O verso 3 acrescenta que a nossa competência de julgar abrange os anjos. Ora, se podemos julgar anjo, então podemos julgar filho de anjo. Conclusão: julgar humanóide é da nossa competência.

3. Terceiro, consideremos a nossa autoridade e poder. Em Lucas 10.19 o Senhor Jesus disse: “Eis que vos do [segundo 98% dos manuscritos gregos] a autoridade para pisotear cobras e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos fará dano algum.” O Senhor se dirige aos Setenta, não aos Doze, e certamente havia outras pessoas ali; também, isto foi dito talvez quatro meses antes de Sua morte e ressurreição. Segue-se que esta autoridade não se restringe aos apóstolos, e não há indicação de limite de tempo. O Senhor Jesus afirma que nos dá a autoridade sobre todo o poder do inimigo. Em Mateus 28.18 Ele afirma que detém “toda a autoridade no Céu e na terra”, e portanto é de Seu direito e competência delegar uma parcela dessa autoridade a nós. Podemos ter muitos inimigos,

¹ O tipo de guerra ordenado em Salmo 149 é do mais alto nível, inclusive contra anjos caídos de alta patente, ‘dominadores’. Mulher não deve se meter nessa briga a não ser que esteja agindo debaixo da proteção espiritual de um homem competente (marido incrédulo ou afastado de Deus não resolve; pastor que não entende do assunto [e não quer apreender] também não). (Ver 1 Coríntios 11.9-10 e Números 30.3-15.)

mas o inimigo é Satanás. A expressão ‘todo o poder’ deve incluir suas obras, e daí as consequências das mesmas. Quem tem autoridade pode proibir uma ação, e portanto podemos evitar que Satanás atue em determinado caso.¹

Associo Efésios 3.20 a Lucas 10.19. “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, . . .” ‘Opera’ está no tempo presente; então vale para nós hoje. Existe um poder em nós (os remidos) que transcende inclusive a nossa capacidade de imaginar. Daí, realizar coisa escrita deveria ser fácil.

Voltando a Lucas 10.19, o Senhor nos dá a autoridade “para pisotear cobras e escorpiões”. Ora, para esmagar o inseto literal, escorpião, você não precisa de poder do Alto, basta um chinelo (se for rápido pode fazer até descalço). Para pisar numa cobra prefiro bota, mas podemos matar cobras literais sem ajuda sobrenatural. Então fica óbvio que Jesus está comentando outra coisa e não os bichos. Entendo que Marcos 16.18 trata do mesmo assunto – Jesus declara que certos sinais acompanharão os crentes (a linguagem quase tem o efeito de ordens): expulsarão demônios, falarão novas línguas, removerão ‘cobras’, porão mãos sobre enfermos.² (“Se beberem . . .” não é ordem; trata de proteção na eventualidade.) Sua Bíblia provavelmente diz ‘pegarão em serpentes’, ou coisa parecida. Sucede que o verbo grego ‘pegar’ tem uma área semântica um tanto ampla; abrange vários tipos de ‘pegar’, entre eles o tipo que gari faz com saco de lixo. Ele não pega no saco para ficar com ele; é uma ação rápida para jogar no caminhão (ou como seja). Para ter só uma palavra (e não uma frase), escolhi ‘remover’, que é o que se faz com lixo. Resta saber o que Jesus quis dizer com ‘cobras’.

Numa lista de coisas distintas Jesus já havia dito ‘expulsarão demônios’, de sorte que as ‘cobras’ devem ser outra coisa. Em Mateus 12.34 Jesus chamou os Fariseus de ‘raça de víboras’, e em 23.33 de ‘cobras, raça de víboras’.³ Em João 8.44, após eles alegarem ter Deus como pai, Jesus disse, “Vocês são de vosso pai o diabo”. E 1 João 3.10 deixa claro que Satanás tem muitos outros ‘filhos’. Em Apocalipse 20.2 lemos: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é caluniador, o próprio Satanás, que engana toda a terra, e amarrou-o por mil anos”. Se Satanás é cobra, seus filhos também serão cobras. Então entendo que nossas ‘cobras’ são seres humanos que escolheram servir a Satanás, que se venderam ao mal – o termo talvez inclua nossos ‘humanóides’, que literalmente são filhos de diabo. Entendo que as ‘cobras’ em Lucas 10.19 são iguais às de Marcos 16.18, mas e os ‘escorpiões’? Como também são do inimigo, talvez sejam demônios, que nesse caso bem que poderia incluir seus filhos, os

¹ Podemos também mandar que Satanás desfaça suas próprias obras (incluindo as dos servos)? Conheço um pastor no Brasil cujo carro foi roubado; aí ele deu ordem a Satanás (diretamente, por nome) mandando-o devolver o carro dentro de 24 horas, e dentro do prazo o carro estava estacionado em frente da casa do pastor [ele me contou o caso como exemplo de como retomar bens de Satanás]. Mas, e quanto a doença, não seria melhor utilizar o poder de Deus (Efésios 3.20)? Entendo que o Senhor Jesus sempre utilizou o poder de Deus (não de Satanás), e o jeito certo é seguirmos Seu exemplo. Já que temos acesso ao poder sem limite de Cristo, não precisamos de poder de Satanás e não devemos dar a ele a satisfação de ver-nos fazendo uso dele. E, recordando o quanto ele é manhoso, existe a possibilidade fácil de ele nos enganar e nos levar a fazer o que não devemos.

(Há quem argumente que Satanás já foi despojado de todo seu poder, baseando-se em textos como Hebreus 2.14, Apocalipse 1.18, Colossenses 2.15 e Mateus 28.18. Os fatos cruéis da vida que nos cercam e que enchem o mundo pareceriam pesar de forma inconveniente contra essa tese, mas o próprio Texto Sagrado a desmente – o que Satanás vai fazer através do anticristo e do falso profeta reflete um poder considerável. Entendo que os textos citados dizem respeito ao fato de Satanás ter sido despojado e deposto da posição de deus/príncipe deste mundo, bem como dos privilégios e das regalias que acompanham o ofício. Agora ele é obrigado a agir como usurpador, blefando seus ‘direitos’.)

² 1 Coríntios 12.29-30 deixa claro que nenhum dom é dado a todos; precisamos da comunidade, onde todos os dons devem estar presentes.

³ Entendemos que ‘víbora’ diz respeito a uma cobra peçonhenta, mas não podemos precisar a espécie.

humanóides.¹ Pois então, quer como ‘cobra’, quer como ‘escorpião’, os humanóides devem estar incluídos, e portanto Lucas 10.19 nos outorga a autoridade sobre eles, explicitamente.²

Em Mateus 8.5-13 o centurião entendeu o assunto de autoridade – ele dava ordens e eram obedecidas, sem demora ou questionamentos. Mas o Senhor Jesus disse que ele tinha grande fé, fora do comum – fé em quê? Fé na autoridade espiritual de Jesus; bastava Ele dar uma ordem e aconteceria. Talvez devamos entender este tipo de fé como sendo uma confiança absoluta, sem sombra de dúvida ou medo. Em Mateus 21.21 o Senhor disse, “Seguramente . . . se tiverdes fé e não duvidardes” (ver Marcos 11.23, “não duvidar no seu coração”) podereis (a rigor, fareis) secar uma árvore ou mandar monte para o mar. Ver também Hebreus 10.22, “inteira certeza de fé” e Tiago 1.6, “pedir com fé, em nada duvidando”. Marcos 5.34 e Mateus 15.28 oferecem exemplos positivos; já Pedro o contrário (Mateus 14.31, “porque duvidaste?”).

Se alguém comissionar outrem, presumivelmente irá respaldar essa comissão até o limite da sua capacidade. Como a capacidade de Cristo não tem limite, o Seu respaldo também não (quanto a Ele). Em Mateus 28.18 Ele disse, “Toda a autoridade me foi dada no Céu e na terra.” Aí vem a comissão: “Ao ir, fazei discípulos . . . ensinando-os a obedecer todas as coisas que vos tenho mandado” – o pronome se refere aos onze apóstolos (verso 16). Pois então, que ordens havia Jesus dado aos Onze? Entre outras, “curai enfermos, limpai leprosos, expulsai demônios” (Mateus 10.8 – uns 95% dos manuscritos gregos não trazem “ressuscitai mortos”). Os Onze ouviram João 20.21 também. Sabendo que temos o respaldo do Soberano do universo, que tem toda autoridade e todo poder, podemos e devemos agir com confiança tranquila.

4. Muito bem, temos a **incumbência**, a **competência** e a **autoridade** para enfrentar e resolver o problema dos humanóides nesta terra. Resta saber como proceder, em termos específicos e concretos. Não consigo imaginar que possa ser a vontade de Deus que Sua Igreja fique derrotada ou acabrunhada nesta questão. Então tem que haver solução, e devemos insistir junto a Deus até recebermos uma visão clara a esse respeito. Contudo, creio que algumas ponderações já podem ser feitas.

Na armadura descrita em Efésios 6 consta ‘a espada do Espírito’ (verso 17). Espada é arma de ofensiva, embora sirva para defesa também. O Texto esclarece que essa espada ‘é a ρημα de Deus’ – ρημα, não λογος. É a Palavra falada, ou aplicada, de Deus. Ora, que adianta uma espada dentro da bainha? Por mais tremenda que seja nossa Espada (Hebreus 4.12), para produzir efeito tem que sair da bainha. A Palavra deve ser falada, ou escrita – aplicada de forma específica.

Na Bíblia temos muitos exemplos onde as pessoas acionaram o poder de Deus falando. O nosso mundo começou com a palavra criadora de Deus – falada (Gênesis 1.3,6,9,11,14,20,24,26; ver Hebreus 11.3). Moisés vivia falando. Elias falou (1 Reis 17.1, 18.36, 2 Reis 1.10). Eliseu falou (2 Reis 2.14,21,24; 4.16,43; 6.19). Jesus vivia falando. Ananias falou (Atos 9.17). Pedro falou (Atos 9.34,40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3,10; 16.18; 20.10; 28.8). Enfim, temos de falar!

O centurião não dizia, “Na autoridade de Roma . . .”; só disse, “Faz isto; faz aquilo”. O Senhor Jesus não dizia, “Na autoridade do Pai . . .”; só disse, “Sê limpo! Vai!” Em Lucas 10.19 Ele disse, “Eu vos dou a autoridade sobre todo o poder do inimigo” – então temos a autoridade; então vamos falar!! Assim como fez Jesus.

Em Lucas 17.6 temos uma condição ‘contrária ao fato’, que numa tradução literal seria: Então o Senhor disse, “Se tivésseis fé [mas não têm] como um grão de mostarda *tem*,³ diríeis

¹ Como cobra é coisa mais perigosa do que escorpião (geralmente), e como o ser humano na sua essência é superior ao ser angelical, e um ser humano a serviço de Satanás pode fazer mais estrago no mundo do que demônio, associar escorpião com demônio, neste contexto, não é um contra senso. Entendo que o Texto afirma que temos a autoridade para nos livrar de demônios, de humanóides, de aparelhos, e de pessoas entregues ao mal (‘cobras’).

² Sim, mas a autoridade é para pisoteá-los; ‘pisotear’ é pisar com intenção hostil. Evidentemente o Senhor Jesus está falando de eliminar essas coisas.

³ Duvido muito que o Senhor esteja comentando o tamanho da fé; antes está comentando uma qualidade de fé.

Que tipo de ‘fé’ poderia ter um grão de mostarda? Embora tão pequeno, responde às circunstâncias climáticas sem hesitação, e cresce até alcançar proporções notáveis. Se nós respondêssemos sem questionamentos aos

[mas não dizem] a esta amoreira, ‘Sê arrancada e sê plantada no mar’, e teria vos obedecido.” A segunda apódose se coloca no passado, ao passo que a prótase e primeira apódose estão no presente.¹ A construção gramatical é curiosa, mas imagino que o Senhor esteja enfatizando a certeza da resposta – se apenas falassem!!

Eu traduziria Hebreus 11.1 desta forma: “Fé é base de coisas que se aguardam, declaração de fatos não (sendo) vistos.” A idéia de ‘esperança’ no Novo Testamento inclui um ingrediente de certeza (não é um mero ‘gostaria que acontecesse’), daí ‘aguardar’. Declarar como fato algo que não vemos é difícil para muitos (inclusive para mim), mas creio ser o sentido do Texto. Fé verdadeira é capaz de declarar a existência de alguma coisa antes de vê-la. Quando o centurião deu uma ordem estava declarando o que iria acontecer, antes do fato. Falou, e aconteceu.² É claro que o Senhor Jesus fez a mesmíssima coisa; falava, e acontecia. Fico a imaginar se um dia o pessoal dirá a meu respeito, “É claro que ele fez a mesma coisa; falava, e acontecia.”

5. Alguém poderia dizer: “Tá bom, tá bom, temos de falar; mas vamos falar exatamente o quê, e como, e quando, e aonde?” Boas perguntas. A caminho da resposta devemos considerar o seguinte. Entre todos os sacrifícios e holocaustos no A.T., nada havia para pecado acintoso – coisa praticada com o intuito de desafiar ou desaforar o Criador (‘com o punho erguido’ no hebraico), em fim, rebeldia. Assim, Deuteronomio 17.12 determina pena de morte para quem agir com rebeldia; não havia sacrifício para isso. Segundo Números 15.27-28, para pecado ‘sem intenção’ ou ‘involuntário’ havia sacrifício, mas atenção para o verso 30: “Mas todo aquele que pecar com atitude desafiadora, seja natural da terra, seja estrangeiro residente, insulta o SENHOR, e será eliminado . . .” (NVI). Insultar Jeová acarretava a pena máxima, não havendo sacrifício para isso. Êxodo 21.12-17 determina que réu de certos crimes tem que ser executado. Atenção para o verso 14: “Mas se alguém tiver planejado matar outro deliberadamente, tire-o até mesmo do meu altar e mate-o” (NVI). Vejam que coisa! Naquela época o altar representava exatamente o caminho da expiação dos pecados. Correr para o altar era a maneira de reclamar a misericórdia e proteção de Deus, mas para assassino o Criador nega esse expediente – assassino tem que ser executado. Por mais que alguém não goste, o Criador é irredutível – quem propositadamente matar a imagem de Deus (sem justa causa) terá de ser morto por sua vez; não há indenização.³ Já comentei Levítico 18.6-30 e 20.1-22, onde incesto, adultério, sacrifício humano, homossexualismo e bestialismo levaram a pena máxima. Naturalmente, como era a sociedade que aplicava, ou era para aplicar, a pena, só funcionava no arraial do povo de Deus. Os pagãos estavam ‘nem aí’ com tudo isso. O que não altera o fato de não existir sacrifício para tais práticas.

Mas e no Novo Testamento, será que a época da Graça não mudou esse quadro? Não funciona querer argumentar que a graça de Deus anula a Sua lei moral. Atenção para Romanos 1.18-32, onde fica claro que a aplicação é atual. Tanto assim que no verso 32 a sentença de Deus é que “são passíveis de morte” os que praticam as coisas mencionadas (incluindo a lista em Levítico 18). “São”, não “eram” ou “foram” – o verbo está no presente, também no Texto original. Em outras palavras, Paulo afirma que a sentença não mudou; mesmo na época da Igreja, da graça, certas pessoas continuam sendo passíveis de morte – por sentença divina. 1 Coríntios 10.6-12 declara que as experiências de Israel no deserto “aconteceram como exemplos” e “estão escritas para aviso nosso” (verso 11), e arremata: “Aquele, pois, que

toques do Espírito Santo, nossas ‘circunstâncias climáticas’ espirituais, bem poderíamos arrancar árvores (pela palavra), literalmente. Em Mateus 17.20 o Senhor Jesus disse, “Se tiverdes fé como um grão de mostarda *tem*, direis a este monte, ‘Passa daqui para acolá,’ e irá passar; e nada vos será impossível.” É isso o que Ele disse, só que nós não acreditamos.

(Mas porque o Senhor enfatizou então o tamanho do grão de mostarda? Por menor que seja uma semente, pode germinar e produzir. Por menor que uma pessoa possa ser [ou pareça ser] dentro do Reino de Deus, se tem a fé duma semente produzirá maravilhosamente.)

¹ Quer dizer, em verdade uns 30% dos manuscritos gregos, incluindo a melhor linha de transmissão, têm a prótase no imperfeito.

² Lembrar, no entanto, que isso só funcionava e funcionaria dentro do âmbito ou da área de sua autoridade. Foi por isso que ele recorreu a Jesus – ele próprio não podia curar o servo.

³ Para uma exposição maior do assunto, ver meu estudo, “Pena de Vida: Viver numa Sociedade sob a Ira do Criador”.

pensa estar em pé, cuida para que não caia". Todos os casos citados resultaram em morte física, e se foram registrados "para aviso nosso" é porque podemos enfrentar coisa parecida. Todo cuidado é pouco. 1 Coríntios 6.9, Apocalipse 21.8 e 22.14-15 também foram escritos após o dia de Pentecostes. Observar também Hebreus 10.26, "Se pecarmos deliberadamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados" (ver os versos 26-31). Todo cuidado é pouco!

Que o Novo Testamento não traz nenhuma alteração no posicionamento do Criador quanto à culpa do sangue (ver Deuteronômio 21.1-9, 19.13 e Números 35.33) transparece claramente em 1 Coríntios 11.27-30. Segundo o verso 27, quem beber o cálice indignamente será "culpado do sangue" do Senhor. E qual a consequência disso? Verso 30 dá a resposta: "por causa disto, . . . muitos dormem". "Dormem" quer dizer que estão mortos; em outras palavras, Deus matou. Declara o Apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, que no que dizia respeito a "muitos", o Criador tinha cobrado literalmente a "culpa do sangue" – o culpado morreu. Confesso que a severidade de Deus neste caso me surpreende, mas aí está. Que ninguém se iluda; o Criador ainda está cobrando a "culpa do sangue"!

Declara a Bíblia que Deus criou o homem à sua própria imagem, e de lá para cá os homens procuram devolver o favor, criando seu próprio 'deus' na cabeça (só que um deus criado por você será fatalmente menor que você – totalmente píffio). É o que acontece com o amor de Deus, do qual a grande maioria das pessoas, inclusive crentes, têm uma visão equivocada. "O Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe" (Hebreus 12.6, ver também Apocalipse 3.19). [Eu mesmo já fui açoitado, literalmente, e posso assegurar ao leitor que não é agradável.] Em Deuteronômio 33.2-3 o "fogo da lei" é expressão do amor de Deus. Exatamente por estar atentando para o nosso bem-estar maior, o Criador cobra as consequências terrenas dos nossos pecados. O amor de Deus inclui necessariamente o ódio ao mal, pelas consequências do mal, que prejudicam a Sua 'imagem'.

Hebreus 1.8-9 cita Salmo 45.6-7, declarando que diz respeito ao Filho: entre outras coisas afirma que Ele odeia a iniquidade. O próprio Cristo glorificado declara que Ele odeia as obras dos nicolaítas (Apocalipse 2.6). Jeová odeia o roubo (Isaías 61.8), o divórcio (Malaquias 2.16) e sete transgressões outras (Provérbios 6.16-19). "O temor de Jeová é odiar o mal" (Provérbios 8.13, ver Provérbios 9.10). Em Salmo 97.10 temos uma ordem: "Vós, que amais Jeová, odiai o mal". Vamos obedecer?

Salmo 5.5-6 nos informa de que Jeová odeia a todos os que praticam a iniquidade. Costumamos pregar que Deus odeia o pecado mas ama o pecador. Parece que sim, até certo ponto. Mas quando alguém se torna aliado de Satanás, fazendo questão de praticar o mal, incorre na ira de Deus – Deuteronômio 7.10. (Ver Salmo 26.5, 31.6, 101.3, 119.104, 119.113, 119.128, 119.163 – isto nos ajuda a entender a atitude de Davi em Salmo 139.21-22; é aos que agem com "intenção maligna" [verso 20] que ele odeia.) Temos que aprender a odiar o pecado, o mal em todas as formas, Satanás e seus anjos – como eles são irrecuperáveis (Mateus 25.41, 2 Pedro 2.4, Apocalipse 20.10), trata-se de uma guerra sem trégua, sem quartel, até a morte. O Texto Sagrado deixa claro que o caráter de Deus não muda, não sofre alteração. Em Malaquias 3.6 o próprio Jeová afirma que não muda. Tiago 1.17 declara a mesma coisa em outras palavras. Hebreus 13.8 afirma coisa semelhante a respeito de Jesus Cristo. Agora atenção para 2 Timóteo 2.13: "Se formos infiéis, Ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo." Não pode negar-se a si mesmo – não é óbvio? Ele não pode ir contra Sua própria natureza, sua própria essência; é uma coisa que Deus não pode fazer. Ele é verdade, e portanto não pode ser infiel. É exatamente por isso que Ele é incapaz de mentir (Tito 1.2).

Vejamos agora Deuteronômio 7.9-10:

"Saibam, portanto, que Jeová, o seu Deus, é Deus; Ele é o Deus fiel, que mantém a aliança e a misericórdia por mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos;

e aos que o odeiam Ele retribui no rosto com destruição. Ele não demora em retribuir ao que o odeia; dá a retribuição no seu rosto.”

Se Deus paga com destruição a Seu odiador, e sem demora, então não oferece salvação a esse tal.¹ Óbvio. Salmo 34.16 versa assim: “O rosto de Jeová é contra os que fazem o mal, para apagar da terra a memória deles” (citado em 1 Pedro 3.12). Ora, apagar a memória de alguém tem que começar por apagar o próprio alguém. Será que não? Quando alguém escolher tornar-se partidário do mal, o Criador fica com raiva de matar, literalmente. 2 Pedro 2.17 afirma a respeito dos partidários do mal descritos nos versos 9-17: “para os quais a parte mais intensa da escuridão é eternamente reservada”.² Encontramos a mesma expressão em Judas 13. Com uma reserva eterna assim, quais seriam as perspectivas? João 3.16 declara que dar Seu Filho foi expressão do amor de Deus para com o mundo. Então Ele oferece salvação aos que Ele ama, não aos que Ele odeia. Quem resolve odiar a Deus recebe o ódio de volta, ficando sem salvação. Em João 6.44 (e verso 65) o Senhor Jesus afirma, “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou o não trouxe”, e óbvio deve ser que o Pai não vai trazer alguém que Ele odeia.³ Aliás, pensando bem, para quem odeia a Deus o Céu seria até um ‘inferno’.

Em Mateus 10.25 o Senhor Jesus declarou: “Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo como seu senhor.” 1 João 4.17 afirma que “qual Ele é somos nós também neste mundo”. Então, se Ele odeia os que maquinam o mal, Salmo 5.5, nós temos a obrigação de fazer a mesma coisa. Permitir que o malévolo continue fazendo estrago neste mundo, quando temos a incumbência de removê-lo, nos torna cúmplices do mesmo, coisa muito parecida com corrupção passiva, que é crime. Em Lucas 10.19, quando o Senhor Jesus nos dá a autoridade para pisotear cobras e escorpiões, significa que nos dá a incumbência também – caso contrário, para que dar essa autoridade? ‘Pisotear’ significa pisar com intenção hostil. Pisar num escorpião, mesmo sem querer, vai esmagar o inseto, vai matá-lo. Quanto mais com intenção hostil? A intenção de pisotear uma cobra é também para matá-la. Conclusão: é de nossa alçada livrar o mundo de ‘cobra’ e ‘escorpião’; é responsabilidade nossa; é incumbência nossa! Então Deus está esperando por nós – nós é que temos de fazer! E fazemos falando.

6. Conclusão: Humanóides não são passíveis de salvação, fazem unicamente o mal, e portanto devem ser eliminados, em benefício da sociedade maior. Seres humanos que já optaram por Satanás, que se venderam a ele para fazer e maquinar o mal, são odiadores de Deus e portanto não podem ser salvos – devem ser eliminados em benefício da sociedade maior. Vêm ao caso os integrantes da militância ‘gay’; estão em rebelião declarada contra o Criador e Seus valores. Como eles têm a intenção declarada de destruir a nossa cultura, tornando impossível a pessoas decentes viverem em paz, estamos diante de uma questão de vida ou morte. Ou reagimos violentamente ou entregamos o campeonato.

Várias vezes o Senhor Jesus se referiu ao Espírito Santo como sendo “o Espírito da Verdade” (João 14.17, 15.26, 16.13). Decorre dali que rejeitar a Verdade acintosamente é uma blasfêmia contra o Espírito Santo, que não tem perdão (Marcos 3.29). Reforça nossa tese. Os inimigos de Deus não têm perdão, não têm salvação, fazem unicamente o mal, e portanto são tipo câncer ou gangrena na sociedade – se a sociedade não extirpar, será morta. Como a sociedade maior não tem a mínima idéia do perigo que corre, e menos ainda da solução, cabe a nós, que sabemos e podemos, salvar a pátria. Lembrando a exposição de Salmo 149 (Solução, alínea 2), entendo que todos os textos que falam da intenção divina de liquidar com

¹ Em Joel 3.4 Jeová se expressa desta forma: “Ora, que tendes vós comigo, Tiro e Sidom, e todas as regiões da Filístia? Acaso quereis retaliar contra mim? Se assim vós quereis retaliar, bem depressa farei cair a vossa retaliação sobre a vossa cabeça.” Deus demonstra a mesma atitude que em Deuteronômio 7.10 – não tolera acinte.

² Esta escuridão é associada com o reino de Satanás, pois “Deus é Luz, e nEle não há escuridão nenhuma” (1 João 1.5). Pedro está afirmando que vão compartilhar o destino do chefe.

³ Vem ao caso também João 3.36: “Aquele que crê para dentro do Filho tem vida eterna; mas aquele que desobedece o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele.” Alguém que permanece debaixo da ira do Pai será por Ele ‘trazido’? Como? O Texto afirma que não verá a vida – nunca vai ter.

partidários do mal entram na lista de textos que trazem ‘juízo escrito’, ou ‘sentença escrita’. Cabe a nós impor juízo escrito!

Convido atenção para o Salmo 91. O contexto é de guerra. Como Deus oferece proteção aos que nEle se refugiam, o terror, a flecha, a peste, a praga vêm do inimigo. Verso 13 diz: “Você pisará o leão e a cobra; pisoteará o leão forte e a serpente,” o que faz lembrar Lucas 10.19. Verso 7 fala de mil caírem ao nosso lado esquerdo e dez mil à mão direita. Porque essa diferença? Como a maioria das pessoas são destrás, normalmente a espada é empunhada na mão direita. Dessa forma o soldado costuma matar mais para o lado direito do que para o esquerdo.

2 Coríntios 10.4 nos ensina que “as armas da nossa milícia não são carnais” (Fiel), ou “as armas com as quais lutamos não são humanas” (NVI). Quer dizer, temos que fazer o nosso ofício no âmbito espiritual, utilizando o poder de Deus. Entendo que isto se faz verbalmente na presença do Justo Juiz de toda a terra (2 Timóteo 4.8, Gênesis 18.25, Hebreus 12.23), citando os juízos escritos especificamente e aplicando-os às pessoas (dando nome aos bois) que estão fazendo por onde merecê-los.

Apartes

1. Mais de uma pessoa já me indagou: “Se humanóide era uma realidade que os cristãos teriam de enfrentar, porque o Senhor Jesus não ensinou a respeito, porque Paulo não escreveu a respeito, e nem qualquer dos outros autores do Novo Testamento?” A pergunta parte de um pressuposto equivocado, de que o N.T. não fala a respeito, mas eu vou sustentar que fala, sim. Senão, vejamos.

É simplesmente um fato que a Bíblia frequentemente utiliza o vocábulo ‘homem’ para se referir a anjo materializado. Em Gênesis 18.2 Abraão viu três ‘homens’, sendo que dois eram anjos e o terceiro o próprio Jeová (e os três comeram a refeição que ele preparou). Na seqüência, 19.1 diz abertamente que eram anjos, mas nos versos 5, 10, 12 e 16 são chamados de ‘homens’. Outra vez em Gênesis 32.24 o vocábulo ‘homem’ se refere ao próprio Jeová (ver também Josué 5.13). Em Juízes 13.6 a mãe de Sansão se refere ao Anjo de Jeová, que havia aparecido a ela, como ‘homem’ (também nos versos 8, 10 e 11). Ver Daniel 3.25 e 28, 8.15-16, 9.21, 10.5 e 16, 12.5-7; Ezequiel 2.26; Zacarias 1.8-11, 2.1-3. No Novo Testamento anjos tiveram papel importante no túmulo vazio de Jesus, onde se apresentaram ora como anjos, ora como homens (Mateus 28.2-7, Marcos 16.5-8, Lucas 24.4-7, João 20.12-13). Ver também quando da ascensão de Jesus, Atos 1.10-11. Pois então, se anjo é tratado como ‘homem’, porque não, e quanto mais, cria de anjo? Com efeito.

Em Gênesis 6.4 a raça híbrida, mesclada, é chamada de ‘homens’, bem como na descrição que segue. Como a descrição em 2 Timóteo 3.1-5 paralela a descrição em Gênesis 6, os tais ‘homens’ devem incluir humanóides, no mínimo. Idem para a descrição em Judas 10-19 e em Romanos 1.28-32. Consideremos também 1 João 2.18 – “Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora” (NVI). Ora, o Senhor Jesus foi um ser híbrido, Espírito Santo com mulher. Tenho como certo que o próprio Anticristo também será um ser híbrido, Satanás com mulher (ele quer ser igual a Deus). E os “muitos anticristos” a quem João se refere, eram o quê? Parece-me perfeitamente possível que também eram seres híbridos, nossos humanóides.

Uma vez que começamos a ‘mastigar’ este assunto, somos obrigados a entender que os próprios humanóides vão casar e procriar – talvez com outro humanóide, mas imagino que a preferência seria com ser humano. Dessa forma a miscigenação ficaria cada vez mais diluída, e tais gerações subseqüentes certamente seriam tratadas como ‘homens’. De repente, as culturas onde os pais escolhem os cônjuges para os filhos podem não ser tão ‘estúpidas’ como alguém queira imaginar. Pesquisar a linhagem de candidato a cônjuge é na verdade um procedimento importante, e até necessário.

Depois, como já argumentei, as ‘cobras’ em Marcos 16.18 e Lucas 10.19, e os ‘escorpiões’ em Lucas, devem incluir os humanóides. Também, entendo que o Espírito santo me

confirmou que os ‘cães’ em Mateus 7.6 (e provavelmente em Filipenses 3.2 e Apocalipse 22.15) dizem respeito a humanóides.¹

Há uns trinta anos, quando comecei a ministrar sobre guerra espiritual bíblica, fui me dando conta que nenhum texto que trata de nossas ‘armas’ ou procedimentos explica como fazer. Por exemplo: Marcos 3.27 ensina que temos que amarrar Satanás; só que não diz como! Em Tiago 4.7 temos a ordem de resistir ao diabo; só não diz como. 2 Coríntios 10.4 diz que temos tremendas armas, mas não diz quais são – se são os gerúndios nos versos 5 e 6, novamente não diz como fazer!! É que Deus utiliza Satanás e seus anjos (os demônios) para testar e treinar as sucessivas gerações, e se todos os procedimentos fossem claramente explicados, o povo de Deus teria eliminado o inimigo há muito tempo. Então, é perfeitamente previsível que as referências a humanóide no N.T. serão veladas, o que não justifica dizer que o N.T. não menciona o assunto.

2. Em João 14.12 o Senhor Jesus disse: “Deveras, deveras vos digo, o que crê [o crendo] para dentro de mim, também fará as obras que eu faço; fará inclusive maiores do que estas, porque eu vou [estou indo] para meu Pai.” “Deveras, deveras” a rigor seria “amém, amém”. Somente João registra a palavra como repetida; nos outros Evangelhos ocorre só “amém”. Na literatura contemporânea não encontramos exemplo de outra pessoa utilizando o vocábulo desta forma. Parece que Jesus cunhou Seu próprio uso, e o intuito parece ser chamar atenção para um pronunciamento importante: “Pare e ouça!” Não raro antecede uma declaração formal de doutrina ou princípio, como neste caso.

“O que crê [o crendo] para dentro de mim, também fará as obras que faço.” É uma declaração tremenda, e um tanto desconcertante. Observar que o Senhor disse “fará”; não disse ‘talvez’, ‘quem sabe’, ‘se achar por bem’, e certamente não ‘se a doutrina da tua igreja permitir’!! Se você crê, fará! O verbo crer está no presente; se você está crendo, fará; segue-se que se você não está fazendo é porque não está crendo. Dessa ninguém escapa. $2 + 2 = 4$. Fazendo o quê? “As obras que eu faço.” Bem, Jesus pregou o Evangelho, ensinou a Palavra, expulsou demônios, curou tudo quanto fosse doença ou enfermidade, volta e meia levantou morto, e realizou uma variedade de milagres (água para vinho, andar sobre água, parar tempestade instantaneamente, transportar um barco vários quilômetros instantaneamente, multiplicar comida, secar árvore – e Ele deixou entender que os discípulos deveriam ter sustado a tempestade e multiplicado comida, e afirmou que podiam secar árvore [Pedro chegou a dar alguns passos sobre água]). E nós? Pregar e ensinar até que fazemos, mas e o resto? Certa feita ouvi o presidente de uma universidade cristã afirmar que obviamente este verso não podia significar o que diz porque não está acontecendo! Bom, na experiência dele próprio e de seus colegas, é evidente que não. Mas muitas pessoas hoje em dia expulsam demônios e curam. Milagres também acontecem. Pois então: e eu? E você?

“Fará inclusive maiores do que estas.” Espera aí, se expulsamos demônios, curamos e fazemos milagres, isso não será suficiente? Jesus quer mais; Ele quer ‘coisas maiores’ do que as que acabamos de mencionar [não esquecer o que Ele disse em Mateus 7.22-23]. Observar outra vez que Ele disse, “fará”, não ‘talvez’, ‘se for conveniente’, ou ‘se a doutrina da tua igreja permitir’. Mas o que poderia ser maior do que milagres? Não pode dizer respeito à tecnologia moderna porque nesse caso os cristãos dos primeiros dezenove séculos teriam sido impossibilitados de fazê-las. A chave está na última frase do verso 12, “porque eu vou para meu Pai”. Unicamente se vencesse, poderia voltar para o Pai, de sorte que Jesus aqui está predizendo Sua vitória. É com base nessa vitória que as ‘coisas maiores’ podem ser feitas. Mas, exatamente quais são essas coisas? Pode achar minha resposta no capítulo, “Guerra Espiritual Bíblica”. Agora eu acrescentaria a essa lista ‘dar cabo a humanóide’, bem como a ‘aparelho’ e a ‘cobra’.

No verso 12 o verbo ‘fará’ é singular, ambas as vezes, de sorte que diz respeito ao indivíduo. Notar que o Senhor não disse, ‘vocês apóstolos’, ‘só durante a era apostólica’, ‘só até o cânon ficar completo’, ou como queira. Ele disse sim, “o que crê”, tempo presente, e portanto

¹ Embora os judeus tivessem o hábito de chamar os gentios de ‘cachorros’, o contexto aqui não comporta esse sentido para o vocábulo.

se aplica a todo e qualquer momento subsequente até os nossos dias. Negar a verdade contida neste verso é fazer do Senhor Jesus Cristo um mentiroso. Nem pensar!¹

3. Em Lucas 4.18-21 Jesus inclui “pôr em liberdade os oprimidos” (Isaías 58.6) entre as coisas que foi enviado para fazer. Olhando em Isaías 58.6 vemos que Jeová está declarando que tipo de ‘jejum’ Ele gostaria de ver: “Soltar os grilhões de iniquidade [a], desligar as ataduras de canga [b]; pôr em liberdade oprimidos [a], e que despedacem todo jugo [b].” Como é típico da gramática hebraica, as duas metades são paralelas. “Soltar os grilhões de iniquidade” e “pôr em liberdade oprimidos” são paralelos. Quem colocou os “grilhões” e quem está oprimindo? Bem, embora as pessoas certamente podem forjar seus próprios grilhões através de um estilo de vida pecaminoso, parece-me que neste contexto são seres iníquos que colocam os grilhões nos outros. “Desligar as ataduras de canga” e “que despedacem todo jugo” vão juntos. Primeiro devemos desligar as ataduras que amarram a canga ao pescoço, e então devemos quebrar as próprias cangas. Parece-me claro que este texto trata da atividade dos servos de Satanás: homens, demônios e humanóides. Utilizando cultura, cosmovisão, manobras legais, ameaças, chantagens, mentiras, engano e pura demonização e bruxaria, eles prendem indivíduos, famílias, grupos étnicos, etc., com uma variedade de grilhões e instrumentos de opressão.

E daí? Que tem tudo isso a ver com o assunto? Bem, jejum era um componente importante/obrigatório no seu culto a Deus. Então, este tipo de ‘jejum’ é algo que Jeová declaradamente quer; é especificamente a Sua vontade. Daí, quando vemos qualquer obra de Satanás na vida de alguém, é a vontade de Deus que a desfaçamos. Se sabemos que é a vontade de Deus, podemos prosseguir com absoluta confiança. Faz parte também da nossa comissão (João 20.21).

Então, e se nada fizermos?

Tiago 4.17 – “Aquele, pois, que sabe o bem que deve fazer e não o faz, comete pecado.” Daí, se eu não desfizer as obras de Satanás, entra na minha conta como pecado, pelo qual terei de responder. Ezequiel 22.30-31 – “Busquei entre eles um homem que levantasse um muro, e se pusesse na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei. Por isso derramei sobre eles a minha indignação; . . .” O Texto é claro: bastaria uma só pessoa para fazer a diferença, para evitar a destruição. Ver também Malaquias 1.10, que pede ao menos uma pessoa para agir. Daí, se eu não desfizer as obras de Satanás, pessoas continuarão a sofrer, sem necessidade. Aliás, as implicações aqui vão longe, muito longe, e este ensaio já está muito grande.

Depois, se eu rejeitar o sentido claro do Texto, estarei fechando minha mente contra a Verdade, e com isso me autocondenando a continuar vivendo com o erro e suas conseqüências. Condenando a mim, e aos outros que de mim dependerem. Misericórdia!

Necessitamos do dom de discernir espíritos!

[observar que ‘espíritos’ é plural]²

19) Como foi que Judas morreu?

Mateus 27.5-8 X Atos 1.18-19

Segundo Mateus, “ele foi e se enforcou”, ao passo que em Atos lemos “e precipitando-se, rompeu-se pelo meio e todas as suas entranhas se derramaram”. A partir do contexto, fica claro que isso aconteceu no campo que ele comprou, de forma póstuma. Para enforcar com

¹ Mais uma: afirmar que os dons miraculosos cessaram quando a última pá de terra bateu na cova do Apóstolo João é uma falsidade histórica. Cristãos que viveram nos séculos 2, 3 e 4, e cujos escritos nos chegam às mãos, afirmam que esses dons ainda existiam no seu tempo. Nenhum cristão do século 20 ou 21, que NÃO ESTEVE LÁ, tem competência para desmenti-los.

² Lamento ter que confessar que durante 20 anos ministrando sobre guerra espiritual bíblica pelo Brasil afora nunca ensinei sobre esse dom, e nunca ouvi mais ninguém explicar esse dom. Temos que correr atrás do prejuízo. Negar a existência de câncer, AIDS, gripe aviária, etc., seria garantir que uma solução nunca seria encontrada. De forma análoga, negar a existência de humanóides terá a mesma garantia. Nem pensar! Desprezar a palavra do Soberano Jesus só pode trazer conseqüências negativas – foi Ele quem disse, “Como foi nos dias de Noé”!!

sucesso, tem que ter altitude suficientemente maior do que o comprimento da corda para que a vítima fique no ar. Mas para precipitar-se, tem que ter precipício; você terá que pular, ou mergulhar, dele. Juntando os dois relatos, podemos entender que existia uma árvore perto da beira do precipício, com um galho esticando além da beira. Judas amarrou uma ponta da corda no galho, e a outra no próprio pescoço, e pulou – ou a corda, ou o galho, quebrou, e a altura foi tal que o impacto foi suficiente para rompê-lo no meio. Mateus escreve que de fato foram os sacerdotes que compraram o campo, utilizando o dinheiro que Judas atirou no templo; com isso, Judas fez a compra de forma póstuma.

20) Como ‘ouvir’ o Espírito Santo

Claramente, para começar, você tem que ter o Espírito Santo, antes de poder ouvi-Lo. Então, como alguém pode obter o Espírito Santo?

Permita-me dar a que eu entendo ser a sequência de eventos envolvidos no recebimento de uma nova vida em Cristo:

1) Eu creio para dentro de Jesus. O Texto sempre traz ‘crer para dentro de’ (εἰς) Jesus ou Seu nome, nunca ‘crer em’ (ἐν). Refere-se a uma mudança de localização, de estar fora de Cristo para estar nEle. Essa mudança envolve compromisso e uma mudança de cosmovisão.

2) Ele me batiza com Espírito Santo. Mateus 3.11, Marcos 1.8 e Lucas 3.16 todos têm o Batizador dizendo que Jesus batizará as pessoas com Espírito Santo. Em João 1.33 o próprio Deus diz isso. Então, quando e como Jesus faz isso? Presumo que depois do Pentecostes Ele o faz a partir da Sua posição à direita do Pai (1 Pedro 3.21-22), e o faz assim que uma pessoa crê para dentro dEle. Cornelius oferece um exemplo concreto.¹ (Por favor, veja meu artigo, “Batismos na Bíblia”, disponível em meu site: www.prunch.com.br.)

3) O Espírito Santo me regenera, dando-me uma nova natureza.

4) Provavelmente ao mesmo tempo, Ele me batiza para dentro do corpo de Cristo. 1 Coríntios 12.12-13 explica que é o Espírito Santo quem nos batiza para dentro de Cristo: “. . . assim também é o Cristo. Porque todos nós também fomos batizados para dentro de um só corpo por um só Espírito.” A referência principal aqui é provavelmente à Igreja como sendo o corpo de Cristo.²

5) Então o Espírito Santo passa a residir dentro de mim, e meu corpo se torna Seu templo (1 Coríntios 6.19). É o Espírito Santo dentro de mim quem me ajuda e me capacita a apropriar-me dos benefícios que a vitória de Cristo na cruz projeta para mim.

Por que iria, ou deveria, alguém querer ‘ouvir’ o Espírito Santo? Presumivelmente para receber instrução e orientação, com o objetivo de segui-la ou obedecê-la. Em João 4.23-24, o Soberano Jesus disse que o Pai está procurando aqueles que O adorarão em espírito e em verdade. Adorar “em verdade” exclui a mera curiosidade. Precisamos estar comprometidos em obedecer antes de sabermos qual é a ordem. Tiago 1.5-8 afirma claramente que Deus geralmente não responde a uma pessoa de mente dividida. Não podemos brincar com o Soberano do Universo!

Como podemos saber quando o Espírito Santo está lidando conosco? Depende da intimidade e do relacionamento. Em João 15.14-15 (no cenáculo) Jesus disse: “Vocês são meus amigos se fizerem tudo o que eu lhes ordeno. Já não vos chamo escravos, porque o escravo não sabe o que seu dono está fazendo; antes, tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer”. Incrível, o Soberano nos oferece o privilégio de sermos Seus amigos, mas primeiro temos de ser Seus escravos, fazendo tudo o que Ele nos ordena.

¹ “A **Ele** todos os profetas dão testemunho de que mediante Seu nome todo aquele que crê para dentro dEle recebe perdão de pecados.” Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem (Atos 10.43-44). Essa era a informação crucial que eles esperavam, o que precisavam fazer para serem salvos. No momento em que Pedro disse: “crê para dentro de Jesus”, eles creram! E o Espírito Santo desceu sobre eles!

² Uma referência secundária poderia ser ao corpo físico de Jesus. Se nos tornarmos parte do corpo de Jesus, então tudo o que aconteceu com esse corpo aconteceu conosco. Se esse corpo morreu, nós morremos. Se foi enterado, nós também. Se foi ressuscitado dentre os mortos, nós também o seremos. Correção – já temos uma nova vida em Cristo e devemos viver nessa base.

Um proprietário partilhará o seu sonho, a sua ‘grande ideia’ com um amigo, mas não necessariamente com um escravo. Agora considere o Salmo 32.8-9: “Instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; Eu te guiarei com meu olho. Não seja como o cavalo ou como a mula.” Mordeduras e chicotes causam dor física, e vezes em demasia é assim que Deus tem que tratar conosco. Ser guiado pelo olho de alguém requer intimidade, e desenvolver intimidade requer tempo. Para desenvolver intimidade com o Espírito Santo, devemos gastar tempo lendo a Sua Palavra e pedindo-Lhe que nos instrua enquanto o fazemos. Para ser guiado pelo olho de alguém, você tem que prestar atenção nesse olho.

“Tudo o que eu lhes ordeno” – antes de Deus nos dar mandamentos individuais, temos que viver de acordo com os padrões estabelecidos nas Escrituras. A Revelação escrita de Deus é o ponto de partida e é expressamente chamada de “espada” do Espírito Santo (Efésios 6.17), e Ele a usa de várias maneiras (1 Timóteo 3.16-17, Hebreus 4.12). Tiago 1.22-25 compara a Palavra a um espelho, só que este espelho nos diz a verdade sobre nós mesmos e, portanto, é desconfortável. Ordens individuais são reservadas para escravos e amigos. Visto que um escravo existe para fazer o que seu dono ordena, é do próprio interesse do dono ter certeza de que o escravo sabe o que deve fazer. Um escravo tem que saber o que deve fazer, mas não será necessariamente informado por que o proprietário deseja que ele faça isso. Para saber o que devemos fazer, devemos pedir especificamente para sermos orientados.

De passagem, deixe-me dizer que nem sempre estou cheio do Espírito, mas nunca estou sem Ele. Isso é importante. Se você pedir a Ele para avisá-lo quando você estiver em perigo ou prestes a fazer algo que não deveria, Ele geralmente o fará. Creio que foi Oswald Chambers quem escreveu sobre os ‘alertas’ do Espírito; Ele te ‘alerta’ ou avisa quando você precisa. Certo dia, um ex-colega meu estava caminhando por uma trilha na selva amazônica quando sentiu o Espírito dizer-lhe para parar, e ele o fez. Ele olhou ao redor e para baixo e viu uma cobra muito venenosa no caminho à sua frente. Se ele não tivesse parado, teria sido picado. Além dos ‘alertas’ do Espírito Santo, todos nós precisamos de discernimento, e o Espírito Santo dá discernimento. Precisamos desenvolver o hábito de sempre pedir a Ele discernimento e orientação sempre que nos deparamos com uma situação em que precisamos. Dependendo do nosso nível de intimidade, às vezes o recebemos sem pedir.

Também de passagem, como evitar tornar-se um ‘odre velho’? Muitas ‘igrejas’ começaram com ‘vinho novo’, mas não continuaram a crescer. Eles adotaram um procedimento habitual e, por sua vez, tornaram-se “odres velhos”. Eu diria que a única maneira de evitá-lo, seja como indivíduo ou como grupo, é ouvir constantemente o Espírito Santo enquanto lemos a Sua Palavra. Devemos estar abertos à mudança e de fato mudar, à medida que Ele chama a nossa atenção para as coisas. No entanto, isso nos tornará imprevisíveis.

Lembre-se do que o Soberano Jesus disse a Nicodemos em João 3.8: “O vento sopra onde quer, e tu escutas o seu som, mas não sabes de onde vem ou para onde vai. Assim é com cada um que foi gerado pelo Espírito”. Observe que o Senhor está dizendo aqui que somos nós que devemos ser imprevisíveis, como o vento ou o Espírito (“vem” e “vai” estão no tempo presente). Se você estiver realmente sob o controle do Espírito, fará coisas inesperadas, assim como Ele faz. E isso fará de você uma *persona non grata*.

Como assim? Bem, nenhuma denominação ou escola religiosa pode tolerar alguém que ouve e obedece ao Espírito Santo. Todas essas instituições estão comprometidas com um ‘pacote’ doutrinário específico,¹ e o Espírito Santo não gosta de pacotes; Ele não pode ser colocado em uma caixa. Nenhuma escola desse tipo pode tolerar um aluno, ou um membro do corpo docente, que ouve e obedece ao Espírito Santo. Uma das condições para fazer parte do corpo docente é respeitar os colegas: o respeito pelos colegas supera o respeito pelo Espírito Santo. O que quero dizer é que ouvir o Espírito Santo tem um preço. Não espere aprovação humana. João 12.43 refere-se a algumas pessoas que “amavam mais o louvor dos homens do que o louvor de Deus”, e ele não estava elogiando.

Além disso, há a questão de morrer para si mesmo. Em 1 Coríntios 15.31 Paulo escreveu: “Eu morro todos os dias”. Paulo não poderia estar se referindo à morte física, obviamente, já

¹ A sobrevivência financeira da instituição pode depender de ‘ficar na linha’.

que Hebreus 9.27 afirma que está determinado aos homens morrerem apenas uma vez (não há reencarnação). Ele bem que pode ter enfrentado uma possível morte com bastante frequência, mas suponho que ele esteja se referindo a morrer para si mesmo, para as suas próprias ambições, ideias e desejos, de modo a abraçar a vontade de Deus. Lembre-se do que o próprio Senhor Jesus disse em Lucas 9.23. “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” Cerca de 13% dos manuscritos gregos acrescentam “diariamente”, como na maioria das versões, mas se você a tomar, você a terá. Parece que ficar sem cruz não é uma opção para quem segue Jesus. Naqueles dias, uma cruz representava a morte; assim como Paulo, Jesus não estava falando sobre morte física.

Depois, há Romanos 12.1-2.

Agora pois, irmãos, exorto-vos pelas paixões de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus – a vossa obrigação inteligente. Sim, parem de se amoldar ao padrão deste mundo; antes, transformem-se pela renovação de vossa mente, para que possam experimentar a vontade de Deus – que é boa, gratificante e perfeita.

Qualquer animal no Antigo Testamento tinha que morrer para se tornar um sacrifício; então o que quer Paulo dizer com “vivo”? Você vive ‘morrendo’. ‘Apresentar o corpo’ deve ser uma metonímia dizendo respeito ao ser inteiro (se Deus leva o corpo, o resto vai junto).

Agora considere Romanos 8.14, “tantos quantos são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”. Eita, espere um minuto; não foi isso que me ensinaram no seminário! O Texto diz que para ser filho de Deus você deve ser guiado pelo Espírito de Deus! O versículo 12 é dirigido aos “irmãos”, e o versículo 13 diz que viver segundo a carne resulta em morte. Mas alguém que vive segundo a carne obviamente não está sendo guiado pelo Espírito. Você não pode morrer a menos que esteja vivo; observe também o “se de fato” no versículo 17. Para ser guiado pelo Espírito Santo, você tem que ouvi-Lo!

Considere também Gálatas 5.16-18.

Por isso digo: andem no Espírito, e jamais cumprirão qualquer desejo desordenado da carne. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne – eles se opõem mutuamente – segue-se que não devem fazer o que possam desejar. Contudo, sendo de fato guiados pelo Espírito, não estão debaixo de lei.

O que a ‘carne’ quer te faz mal; o que o Espírito quer te faz bem. Ser guiado pelo Espírito não significa estar debaixo de uma lista de regras; é um relacionamento.

Caminhar é dar uma sequência de passos individuais. Na caminhada física não pensamos nos passos individuais, eles são ‘automáticos’, a menos que circunstâncias incomuns nos obriguem a fazê-lo. Eu diria que andar no Espírito é semelhante. Todos temos responsabilidades e compromissos que ocupam a maior parte do nosso tempo, mas um compromisso com Cristo e o Seu Reino deve ser o nosso fator de controle. Todas as manhãs entrego a mim mesmo e às atividades do meu dia ao Espírito Santo e peço Sua proteção e direção. Eu então faço a coisa lógica e razoável dentro do meu contexto, exceto que peço expressamente ao Espírito Santo para me ‘alertar’ quando necessário.

Considere também 1 Tessalonicenses 5.19: “Não extingam o Espírito!” Quando você extingue uma vela acesa, você extingue sua luz. Extinguir o Espírito é presumivelmente ‘extinguir’ ou rejeitar a Sua luz, suprimir ou ignorar a Sua voz quando Ele fala conosco – isto incluiria qualquer rejeição da vontade revelada de Deus. Para recapitular:

- 1) Havemos de ter o Espírito Santo, antes de podermos ouvi-Lo.
- 2) Havemos de estar dispostos e prontos para obedecer.
- 3) Havemos de manter um relacionamento ativo com Ele.
- 4) Havemos de estar abertos à mudança e de fato mudar, à medida que Ele chama a nossa atenção para as coisas.
- 5) Havemos de morrer para nós mesmos.

21) Como salvar a vida

Quando alguém pergunta como eu encaro meu relacionamento com Jesus Cristo, e se temos tempo para uma resposta tranqüila, digo que sou escravo de Jesus. Estou em boa

companhia, pois Paulo (Romanos 1.1), Tiago (Tiago 1.1), Pedro (2 Pedro 1.1) e Judas (não Iscariotes, Judas 1) assim se declararam. É uma escravidão que a gente abraça por amor (ver Êxodo 21.1-6), por amor a Jesus, de livre e espontânea vontade. Já sei, alguém não está gostando da ideia de ser um escravo. Tudo bem, mas nessa hipótese você está esquecendo de um pequeno detalhe. É que todo mundo é escravo; faz parte inerente da condição humana. Nascemos escravos, vivemos escravos e morreremos escravos. Em João 8.34 o Senhor Jesus declarou: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado.” O ser humano sem Deus não tem opção; nasce com inclinação para o pecado e continua escravo do pecado até a morte. Ser escravo do pecado vale dizer ser escravo do ‘eu’ – é a nossa desgraça; somos egoístas (é o que nos leva a rebelar contra Deus) – e ser escravo do nosso **ego** vale dizer ser escravo de Satanás, pois sozinho ninguém pode contra ele. Mas Jesus oferece opção, aleluia! A opção não é deixar de ser escravo, essa não. A opção é trocar de dono!

Passsei a ser escravo de Jesus Cristo no dia 13 de abril de 1956, faltando poucos dias para meu vigésimo segundo aniversário. Praticamente nasci crente, pois desde que me entendi sempre cria no Senhor Jesus – era crente, mas não era discípulo; faltava a entrega sem reservas. Antes de 13-04-56 ainda estava às voltas com minhas próprias ideias e ambições, meus desejos e querer. É que ainda estava tentando escolher o próprio caminho, dirigir os próprios passos. Como era triste! Só ‘dava com os burros n’água’. Não tinha nem burro e nem água que chegasse. Pois então, aonde um jovem com seus vinte anos iria achar a sabedoria, o conhecimento, a capacidade de mandar na própria vida? Teria aprendido quando e com quem? (E aos quarenta anos, ou aos sessenta, será que a coisa melhora o suficiente?) A Bíblia deixa claro que o ser humano não tem condições de dirigir os próprios passos (ler, por favor, Jeremias 10.23 e 17.9, Provérbios 28.26 e 20.24). Antes de me tornar escravo de Jesus, eu estava na mão de um dono sem saber, sem poder e sem condições – estava numa situação triste. Mas agora estou numa ‘boa’, na melhor delas, por sinal! Estou na mão de um Dono que tem todo saber, todo poder e que além do mais me quer bem, tanto prova que morreu por mim. Poderia existir um ‘galho’ melhor?

Vamos ver como funciona. Pensemos no caso de um escravo no tempo de Jesus. Um escravo tinha direitos? Não. Para que existia um escravo? Para servir, servir a seu dono. Um escravo não possui nada, nem a si mesmo. Decorre dali que o dono tem de sustentar o escravo – o escravo não tem nada. Há mais de sessenta anos eu vivo na base de Lucas 12.22-34. Há mais de cinquenta anos não sei de mês em mês o quanto que Deus vai me dar, pois quase nunca é a mesma quantia dois meses em seguida. No entanto, nunca passei fome. A esposa e as filhas também nunca passaram fome. Já andei com quatro nós no cadarço (antes de casar), mas nunca andei sem sapato. A família anda bem vestida. Em verdade, nunca passamos necessidade.

E se o dono dá ordem que implica em despesa (construir uma casa, por exemplo), aí ele tem que fornecer o material, etc. Quer dizer, o que o dono encomendar ele tem que pagar. O que Jesus encomenda Ele paga. No meu caso específico Jesus encomendou dois mestrados e um doutorado. Custaram bastante dinheiro – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. O que já andei de avião daria para circundar a terra mais de uma vez – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. **O que Jesus encomenda Ele paga.**

De fato, tenho só uma preocupação maior na vida: saber exatamente aquilo que meu Dono está encomendando. Uma vez que tenho certeza disso vou embora, sem olhar para trás. A coisa está garantida. Posso imaginar que meu Dono vai faltar à Sua palavra? Posso duvidar que meu Dono possa ou queira me sustentar (Salmo 24.1)? Qual a dúvida que pode restar? Confesso não entender, de certa forma, porque tantos crentes não querem ser escravos de Jesus, não querem se entregar sem reservas. Pode ser que estejam fazendo a pergunta errada. Imagino que muitos pensem assim: “Quanto será que vai me custar ser escravo (ou discípulo) de Cristo?” Não é a pergunta certa.

A pergunta certa seria: “Quanto vai me custar se eu **não** for um escravo de Cristo?” Em vez de pensar em tudo que Jesus possa exigir, no abrir mão das ambições e dos desejos, na possibilidade de ser enviado para a selva trabalhar com índio, deveríamos pensar nas

conseqüências da falta de uma entrega sem reservas a Jesus. O preço de não viver em função do Reino de Cristo é tão somente perder sua vida. É isso mesmo; custa a vida. Vejamos as palavras do Senhor Jesus em Lucas 9.24 e 25. Aliás, podemos começar pelo verso 23. “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?” Jesus fala em perder a vida (não pode ser a alma, como sugere o rodapé de alguma Bíblia, pois perder a alma por amor de Cristo é impossível). Não seria exatamente a vida que se perde quando alguém dá um tiro na cabeça; é a vida vivida. É o que representa a minha vida, tudo que fiz até aqui e que irei fazer até a morte, ou o arrebatamento da Igreja, o que ocorrer primeiro. É essa a vida que está em jogo.

Vamos ver se entendemos melhor essa palavra de Jesus. Parece ser quase uma contradição – se perder, salva; se quiser salvar, acaba perdendo. Como será que funciona? Voltemos ao texto para ver o contexto. No verso que segue à passagem em pauta, verso 26, Jesus se refere a Sua segunda vinda. A passagem paralela, Mateus 16.27, esclarece melhor: “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.” Cristo estava pensando na prestação de contas. É que “todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo” (Romanos 14.10) onde “cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Romanos 14.12). “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Coríntios 5.10). Entendo que 1 Coríntios 3.11-15 diz respeito ao mesmo acontecimento, a prestação de contas. Depois de declarar que o único fundamento é Jesus Cristo, Paulo fala de construir com “ouro, prata, pedras preciosas”, ou com “madeira, feno, palha”. (Embora a interpretação primária deste texto deva referir-se à atuação dos obreiros na igreja, parece-me claro que aplica-se também ao viver de cada um, desde que convertido.) É que nossas obras serão provadas por fogo. Se o fogo tem efeito sobre ouro e prata, é apenas purificar; já o efeito sobre feno e palha é devastador. Muito bem, e daí?

Vamos voltar à criação. Deus criou o ser humano para sua glória; para refleti-la e contribuir para a mesma. Creio que, por extensão, podemos entender Isaías 43.7 assim. Mas essa capacidade Adão jogou por terra quando rebelou-se contra Deus. É por isso que a condenação que pesa sobre o ser humano é que fica “aquém da glória de Deus” (Romanos 3.23). Mas o Filho veio ao mundo recuperar o potencial perdido. Efésios 1.12 e 14 explicam que o plano da salvação visa “o louvor da sua glória”. E 1 Coríntios 10.31 traz a seguinte **ordem**: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus.” É que fomos “criados em Cristo Jesus para as boas obras” (Efésios 2.10). Com isso Deus não está querendo ‘estragar’ nossas vidas, tirando todo o prazer delas (como muitos parecem imaginar). Ele não está sendo arrogante, exigente demais. Muito pelo contrário – Ele gostaria de evitar que percamos as nossas vidas. Sim, porque a glória de Deus é eterna (Salmo 104.31) e quando faço uma coisa para a glória dEle essa coisa se transforma, adquirindo valor eterno – passa a ser “ouro, prata, pedra preciosa”. As obras feitas para a glória de Deus passarão pelo fogo sem prejuízo. Já as coisas feitas em função das próprias ambições e ideias são “palha”. Certamente todos já ouviram falar em ‘fogo de palha’, mas você já viu? É impressionante!

Pois é isso aí. Ser escravo de Jesus implica em viver em função do Reino, implica em fazer tudo para a glória de Deus. Com isso o escravo “salva a vida” pois estará erguendo a vida com “ouro e prata” que passará pelo fogo do tribunal de Cristo tranqüilamente. Já aquele crente que rejeita a condição de escravo de Jesus vai erguer a vida com “feno e palha” que será consumido pelo fogo, e com isso ele “perde a vida” – ele viveu em vão; o potencial que representava sua vida foi jogado fora. Que tragédia!

Imagino que alguém possa dizer: “Pois não, pois não. Entendi. Estou perdendo minha vida. E daí, o que você tem a ver com isso? Se quero jogar fora minha vida, o problema é meu!” Bem, de fato, é verdade, o problema é teu. Mas eu gostaria que você refletisse numa coisa: o problema não é unicamente teu; não é só **teu**! É também das pessoas que deveriam ter sido alcançadas através da tua vida, e não o foram. É também do próprio Cristo que foi lesado naquilo a que tinha direito. Pare e pense!

22) Comprar passagem para o céu?

Lucas 16.9

Na ACF, Lucas 16:9 diz assim: “E eu vos digo: Grangeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.” Dentro do contexto, o Senhor está claramente usando ironia ou sarcasmo. No versículo imediatamente anterior, o “louvor” do proprietário ao mordomo estúpido é obviamente sarcástico, uma vez que o mordomo foi demitido. E o versículo 14 abaixo indica que o que Jesus disse foi para o benefício dos fariseus, que eram gananciosos. O uso do sarcasmo não é raro na Bíblia. Entrar nas moradas eternas não depende de ‘comprar’ amigos aqui embaixo; depende de agradar o Dono lá em cima. E quem disse que alguém que pode ser comprado com ‘dinheiro injusto’ irá para o céu? Ele teria que chegar lá primeiro para ‘receber’ o comprador. Toda a ‘cena’ é patentemente ridícula. A propósito, o versículo 13 declara uma verdade extremamente importante. Abraçar o sistema de valores do mundo (humanismo, relativismo, materialismo) é rejeitar Deus. Os ‘cristãos’ materialistas estão realmente servindo a Mamom (‘Mamom’ inclui mais do que apenas dinheiro, embora dinheiro possa ser o eixo).

23) Comprar purificação?

Lucas 11.41

Na ACF, Lucas 11.41 diz assim: “Antes dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo.” Minha tradução diz assim: “Contudo, deem o possível como esmola; aí sim, tudo vos ficará limpo.” À primeira vista esta afirmação parece difícil, mas porque eles estavam cheios de ganância, para eles doar o máximo possível representaria uma grande mudança nos seus valores. Zaqueu oferece um exemplo disso: o próprio Senhor declarou que ele foi salvo (Lucas 19.8-9).

24) Contentamento

O que é ‘contentamento’? É estar tranquilo e satisfeito dentro da situação em que você se encontra. O nosso intuito aqui é estudar o que a Bíblia diz a respeito. Creio que iremos constatar que o que Deus espera de nós é estarmos contentes com o suprimento das coisas físicas que recebemos: o que comer, o que vestir e um abrigo básico. Quanto a crescimento espiritual, utilidade para o Reino e o sofrimento, o que Deus espera é diferente. Essas questões serão consideradas uma por uma.

Suprimento material: Podemos começar com 1 Timóteo 6.6-10.

“Ora, a piedade com contentamento é sim grande fonte de lucro. 7 É que nadatrouxemos para este mundo, e é manifesto que dele nada podemos levar. 8 Tendo, pois, comida e roupa, havemos de ficar satisfeitos com isso. 9 Já os que querem enriquecer caem tentação adentro, bem como em laço e em muitos desejos estúpidos e nocivos, que mergulham as pessoas na ruína e na destruição; 10 porque o amor ao dinheiro é uma raiz de todo tipo de males; levados por essacobiça, alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas angústias.”

O verso 7 faz lembrar Lucas 12.15-21, a parábola do homem rico que só pensava em amontoar dinheiro. Repito aqui a conclusão: “Mas Deus lhe disse: ‘Tolo! Esta mesmanhite a tua alma te será tomada de volta;¹ então quem ficará com as coisas que preparaste?’ 21 Assim mesmo é aquele que acumula tesouro para si e não é rico para com Deus.” “Assim mesmo” = “Tolo!” Ser rico para com Deus significa investir no Reino dEle. É isso mesmo; levar daqui ninguém pode, mas se você pertence a Jesus, pode enviar na frente, investindo no Reino de Deus por aqui.

¹ “Tomada de volta” – temos a vida como um empréstimo, uma fiança, e uma prestação de contas serácobrada.

O verso 8 faz lembrar Mateus 6.31-33, palavra do Soberano Jesus: “Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ Porque os pagãos procuram todas essas coisas, e vosso Pai celestial sabe que vocês necessitam de cada uma delas. Antes, busquem primeiro o Reino de Deus e Sua retidão moral, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.” As ditas “estas coisas” são comida, bebida e roupa – o básico. Jesus não promete luxo, e nem sempre ‘conforto’. A exata maneira em que o buscar primeiro do Reino funcionará na prática será diferente de pessoa em pessoa.

No verso 10, o amor ao dinheiro é apenas uma raiz, não ‘a’ raiz. Amor ao dinheiro é apenas uma das causas que levam as pessoas a praticar o mal. Quanto às ‘angústias’, como bem diz o Texto, “o caminho do transgressor é duro” (Provérbios 13.15). Lembrar que o Soberano disse: “Não podem servir a Deus e a Mamom” (Lucas 16.13). Alguém que muda de Deus para Mamom provavelmente nunca mudará devolta. A ‘angústia’ final vai ser o Lago de Fogo.

Comentando o trecho todo, deve ser óbvio que o Texto não está ensinando ficar à toa fazendo nada. 2 Tessalonicenses 3.10 e 12: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma!” Ora, quem fica sem comer acaba morrendo. Trabalhar é obrigatório. Agora o verso 12: “Exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo que trabalhem em silêncio e comam o seu próprio pão”. Ora, para comer teu próprio pão, você tem que ganhá-lo primeiro. Para ganhar o teu pão será necessário pegar o trabalho disponível, não ficar esperando um ‘trabalho digno’. Se não comer enquanto estiver esperando, vai morrer!

Aliás, parece que Deus não gosta de preguiçoso. “Seis dias trabalharás” está dentro dos Dez Mandamentos (Êxodo 20.9). O livro de Provérbios critica o preguiçoso várias vezes. A primeira está em 6.6: “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos, e sê sábio”. Onde moro eu mesmo tenho uma luta constante com as formiguinhas: elas não param nunca! Existem outros textos sobre o assunto, mas já comentei o suficiente.

Agora vejamos Filipenses 4.11-13.

“Não estou dizendo isso por estar necessitado, pois já aprendi a contentar-me em toda e qualquer circunstância. 12 Sei o que é estar apertado, e sei o que é ter abundância; em todo lugar e em cada circunstância tenho sido instruído, tanto a comer bem como a passar fome, tanto a ter abundância como a passar necessidade. 13 Posso enfrentar qualquer coisa por Cristo que me fortalece.”

No verso 11 Paulo diz que teve que **aprender** o contentamento, logo não é uma coisa automática, e nem mesmo fácil. No verso 13 Paulo não está alegando ser todo-poderoso (‘tudo posso’), mas a graça de Deus é suficiente para enfrentar qualquer coisa que aparecer. Essa graça é dada caso por caso, e às vezes temos de pedi-la.

Vejamos também Hebreus 13.5: “O modo de vida deve ser sem amor ao dinheiro, e contentem-se com o que vocês têm, porque Ele mesmo disse: ‘Jamais te desampararei; jamais te abandonarei.’”

Que maravilhosa promessa! A referência é a Deuteronômio 31.6 e 8. No verso 8 Moisés disse isso a Josué, mas no verso 6 Moisés o disse a todo o povo. Então, a promessa vale para qualquer pessoa que estiver vivendo em função do Reino.

Crescimento espiritual: Podemos começar com Efésios 4.11-13.

“Sim, Ele próprio deu uns para apóstolos, uns para profetas, uns para evangelistas, uns para pastores e mestres, 12 visando o equipar dos santos para a obra do ministério para a edificação do corpo de Cristo, 13 até atingirmos todos a unidade da fé e do real conhecimento do Filho de Deus, um homem completo, resultando na plena estatura de Cristo.”

O verso 13 enfatiza a verdade no verso 12 – o alvo é que cada crente alcance a plena estatura. Só porque ficamos aquém de dado alvo não invalida aquele alvo. Enquanto não alcançamos “a plena estatura de Cristo”, não devemos parar de crescer.

Agora vejamos Lucas 10.27.

25 De repente, um certo interprete da Lei levantou-se para testá-lo dizendo, “Mestre, o que preciso fazer para herdar vida eterna?” **26** Aí Ele disse-lhe: “Que está escrito na Lei? Como a lês?” **27** E respondendo ele disse: “Amarás o SENHOR teu Deus de todo o teu

coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua força, e de toda a tua mente, e, o teu próximo como a ti mesmo”.¹ 28 Aí Ele disse-lhe, “Respondeste corretamente; faz isso e viverás!”

Notar que Jesus concordou com ele. Quem atentar para Deuteronômio 6.5 poderá observar que lá só constam três componentes do homem, ao passo que aqui em Lucas 10.27 são quatro. A resposta que dou é que o terceiro vocábulo hebraico tem uma área semântica tão abrangente que em grego foi considerado necessário utilizardois vocábulos para tentar cobrir a mesma área semântica. O que está sendo dito é que devemos amar o nosso Deus com todo o nosso ser, com tudo que somos e temos. Deve ser óbvio que não é para parar com isso nunca.

Vejam também João 14.21-23.

21 Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. Ora, quem me ama será amado por meu Pai; e eu o amarei, e me revelarei a ele.” 22 Disse-lhe Judas (não o Iscariotes), “Senhor, o que aconteceu que estás para te manifestar a nós e não ao mundo?” 23 Jesus respondeu e disse a ele: “Sealguém me ama, guardará a minha palavra. E meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos morada com ele.”

No verso 21 o Senhor nos fornece uma orientação importante quanto à maneira em que o crescimento espiritual funciona: nosso amor leva a nossa obediência; nossa obediência leva ao amor dEle; o amor dEle leva à auto revelação dEle. Você consegue amar alguém que nem conhece? Talvez na teoria, mas não na prática.

Quanto mais você conhece alguém, tanto mais você ama esse alguém (principalmente se é pessoa agradável). Quanto mais conhecemos o Senhor, mais O amamos, o que produz obediência, o que leva Ele a se revelar a nós, o que aumenta nosso conhecimento dEle, o que aumenta o nosso amor por Ele, o que aumenta anossa obediência, o que aumenta a auto revelação dEle, o que aumenta o nosso conhecimento, e assim por diante. É um espiral para cima, que nos leva cada vez mais perto dEle. Tem um ‘pequeno’ senão: se pararmos, Ele também para.

Agora o verso 23: Ora que coisa! Você entendeu? Sempre fomos ensinados (corretamente) que o Espírito Santo mora no crente verdadeiro, mas aqui Jesus disse que o Pai e o Filho podem fazer morada em nós também. Quer dizer, todas as três pessoas da Trindade! No entanto, há uma condição – havemos de guardar a palavra de Jesus, que é também do Pai (verso 24). A prova necessária de que amamos Deus é obedecer a Sua palavra; o que estimula o amor dEle para nós. Parece haver um sentido em que nós influenciemos a manifestação do amor de Deus, pelo menos. A resposta para a pergunta de Judas é que o ‘manifestar’ é de Um para um, e o ‘gatilho’ é a obediência da pessoa. É por isso que o mundo fica fora.

Vejam também Mateus 13.12: “Pois quem quer que tenha, a ele mais será dado e terá em abundância;² mas quem quer que não tenha, até o que tem lhe será tirado.” O crescimento espiritual é algo como subir um aclive de bicicleta sem freio; se você parar de pedalar, começa a retroceder. Temos que estar sempre aprendendo e crescendo; se pararmos, começamos a perder.

Utilidade para o Reino: O nosso crescimento espiritual tem tudo a ver com a nossa utilidade para o Reino, óbvio. Depois, quando você entender que Deus tem uma direção específica para a tua vida, você deve fazer o possível para se preparar para esse ofício. Cada vida representa um potencial, e a realização plena desse potencial só pode ser alcançada se a vida for levada em prol do Reino de Cristo na terra.

Quando alguém joga fora esse potencial, escolhendo um caminho inferior, é motivo para tristeza, não para contentamento. A satisfação faz parte do contentamento, e não é para ficarmos satisfeitos com caminhos inferiores.

Existem também textos de aplicação geral:

1) “Busquem primeiro o Reino de Deus e Sua retidão moral” (Mateus 6.33). ‘Buscar’ é um processo, e é algo que todo cristão deve fazer.

2) Mateus 5.13-14: “Vocês são o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se

¹ Ver Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18 – para incluir o ‘próximo’, ele foi obrigado a citar um livro diferente.

² Mas ele terá de prestar contas de tudo.

salgará? Para nada mais presta senão para ser jogado fora e ser pisoteado pelos homens.¹ Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.” O ‘ponto’ é que tanto sal como luz são agressivos. Se colocar uma pitada de sal numa panela de arroz, tempera tudo. Escuridão é simplesmente a ausência de luz. Temos o dever de promover ativamente os valores do Reino em todos os ambientes onde trabalhamos.

3) 1 Timóteo 3.1-2: “Eis uma palavra fidedigna: se alguém almeja ser supervisor,² ele deseja uma boa obra. 2 Agora, é necessário que o supervisor seja irrepreensível, mulher única tipo de homem,³ moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar [e a lista continua].” O ‘ponto’ aqui é que essa ambição é declarada ser uma coisa boa. A longa lista de requisitos prévios serve para evitar que alguém o façapor mera ambição pessoal, e não visando o bem do Reino.

4) 1 Coríntios 7.20-21: “Que cada um continue na mesma condição em que foi chamado. 21 Foi você chamado sendo escravo? Não se incomode com isso, mas se realmente puder se tornar livre, faça isso.” Não é para ficarmos aflitos perante a nossa condição social, mas se o Senhor abrir uma oportunidade para melhorá-la, creio que podemos (e devemos) aproveitá-la, assim como o escravo. Espera-se que essa melhora se traduza em benefício para o Reino. Existem outros textos, mas creio que podemos prosseguir.

Sofrimento: Creio ser óbvio que é difícil estar contente quando você está sofrendo. Depois, se é o próprio Deus que mandou o sofrimento, não é para ficar contente; é para aprender a lição que Ele está querendo nos ensinar. Vejamos Hebreus 12.5-11:

Já se esqueceram da exortação que vos instruí como a filhos: “Filho meu, não desprezes a disciplina do SENHOR, e não fiques desanimado quando por Ele fores repreendido; 6 porque o SENHOR corrige a quem ama; aliás, açoita a cada filho a quem aceita”. 7 Se estão passando por disciplina, Deus está vos tratando como filhos; pois qual é o filho cujo pai não disciplina? 8 Mas se estão sem disciplina (da qual todos participam),⁴ então são bastardos e não filhos. 9 Além disso, tínhamos os nossos pais humanos como disciplinadores e os respeitávamos. Não nos sujeitaremos ao Pai dos espíritos,⁵ para vivermos? 10 De fato, aqueles nos disciplinaram, por pouco tempo, como bem lhes parecia; mas Ele o faz para o nosso bem, para que participemos de Sua santidade. 11 Ora, nenhuma disciplina parece ser agradável no momento, mas sim penoso; mais tarde, porém, produz o fruto pacífico de retidão moral, para os que por ela foram exercitados.

A citação é de Provérbios 3.11-12. Quando eu era menino, meu pai tinha um cavalo, uma criatura mansa, e um chicote de verdade para uso eventual. Acontece que o chicote era aplicado a mim mais do que ao cavalo (eu era peralta), e posso assegurar ao leitor que não era experiência agradável. Então, quando Deus nos açoita, também não será agradável; mas se acabamos participando de Sua santidade (ver o verso 10), valerá a pena. O verso 11 termina dando o ‘segredo’: temos de ser “exercitados” pela disciplina; isto é, temos de aprender a lição qualquer que o Senhor está tentando nos ensinar. Existem casos notórios, como a experiência de Jó e o ‘espinho’ de Paulo.

Existe também o problema das conseqüências dos pecados. Tudo na vida tem conseqüência; podem ser tanto boas como más, dependendo da causa. Passamos a vida vitimando e sendo vitimados. Vitimamos os outros com as conseqüências dos nossos pecados e somos vitimados pelas conseqüências dos pecados dos outros.

¹ ‘Cristãos’ que cedem diante dos valores e estilo de vida do mundo são como sal insípido – só servem para ser jogados fora. (Sal insípido era jogado no caminho, que ajudava a diminuir a poeira.) As implicações disto se tornam cada vez mais sérias no mundo de hoje.

² O termo aqui é comumente traduzido como ‘bispo’, mas hoje em dia um bispo é alguém que tem autoridade sobre um número de outros pastores/presbíteros/anciãos, ao passo que no NT esses quatro termos dizem respeito a um único ofício na igreja, aparentemente.

³ A rigor, é isso que o Texto diz, enfatizando a qualidade – um homem que só tem uma esposa, mas que fica olhando outras mulheres, não se qualifica. Contudo, como o termo ‘mulher’ pode significar ‘esposa’ (tanto em grego como em português), e por causa da referência a filhos no verso 4, a maioria das versões traduzem como ‘esposa’. O termo ‘homem’ aqui diz respeito unicamente a machos; não há lugar para supervisor feminino.

⁴ Naquele tempo provavelmente não existia cultura dominada pelo humanismo relativista.

⁵ “O Pai dos espíritos” – que ideia interessante! Todo espírito criado deve a sua existência a Ele.

Essa rua tem duas mãos, mas o fluxo não é igual nas duas. Obviamente uns pecam mais do que outros, e uns fazem mal aos outros de propósito. E o ofício entra na equação: quando chefe de família peca, a família sofre; quando pastor peca, a igreja sofre; quando prefeito peca, o município sofre; quando governador peca, o estado sofre; quando o presidente peca, o país sofre. E não há como escapar desse sofrimento, a não ser que Deus faça milagre em casos específicos. E tem mais uma: os pecados acumulam. Quando o 'balde' finalmente fica cheio (Gênesis 15.16), Deus determina a destruição da entidade, e quem estiver por perto sofre. O capítulo 45 de Jeremias trata de um caso desses. Baruque achava que merecia trato especial, mas os versos 4 e 5 nos dão a resposta de Deus.

E ainda tem a questão de 'completar' os sofrimentos de Cristo. Vejamos Colossenses 1.24: "Agora regozijo-me nos meus sofrimentos¹ por vocês, e no meu corpo vou completando as coisas que restam das aflições do Cristo, em favor do Seu corpo, que é a Igreja". Transparece que o bem-estar em seguimento da Igreja requer sofrimento da nossa parte (mas não podemos acrescentar nada à obra salvífica de Cristo), o suportar de aflição – Satanás e seus seguidores estão muito ativos neste mundo.

Vejamos também 2 Coríntios 1.5: "Porque assim como os sofrimentos do Cristo transbordam para dentro de nós, assim também o nosso encorajamento transborda por meio do Cristo". Recebemos a nossa parcela de sofrimento, participamos nos sofrimentos de Cristo. Para o Reino de Deus crescer entre os homens, na medida que continuamos a desfazer as obras de Satanás no mundo, nós temos de sofrer. 1 Pedro 4.13 vincula esse sofrimento a nosso galardão: quanto mais sofremos em prol do Reino, maior será a recompensa.

Conclusão: O que é 'contentamento'? É estar tranquilo e satisfeito dentro da situação em que você se encontra. O que Deus espera de nós é estarmos contentes com o suprimento das coisas físicas que recebemos: o que comer, o que vestir e um abrigo básico. Naturalmente Ele terá de suprir as coisas necessárias para fazermos o trabalho que Ele nos determinar. Quanto a crescimento espiritual, utilidade para o Reino e o sofrimento, o que Deus espera é diferente, como explicado acima.

25) "Dai-lhes vós de comer!"

Mateus 14.16

"Dai-lhes vós mesmos de comer!" Já pensou? Já parou mesmo para refletir? Me diga aí por caridade, com que? Como poderiam os discípulos obedecer aquela ordem?

Vamos parar para lembrar o quadro. Diz o Texto Sagrado que eram quase 5.000 homens contados, sem calcular as mulheres e as crianças. Agora, quando se vê qualquer multidão por ali, o que mais tem? Não é mesmo mulher e criança? Quer dizer, imagino que aquela multidão tenha sido composta de 15.000 pessoas, no mínimo. Muito bem, procure imaginar que você seja um daqueles doze discípulos, e você acaba de ouvir o Mestre dizer: "Dai-lhes vós de comer". E agora, como fica? Os discípulos tinham alguma coisa? De fato, não. Nem dinheiro (que nada adiantaria, pois era um lugar isolado, sem mercado ou restaurante) e nem comida tinham. Mesmo os cinco pães e dois peixinhos eram de um rapaz na multidão.

Será que Jesus falou sério, ou teria sido uma brincadeira (meio sem gosto a essa altura)? Não sei, mas prefiro pensar que Jesus não iria brincar dessa forma. Mas se falou sério, como poderiam os discípulos obedecer? Só operando milagre. Mas eles se sentiram sem condições e devolveram o 'abacaxi' para Jesus descascar – e Ele o fez muito bem. Mas foi Jesus que entregou o pão e peixe à multidão? Não. Vamos pensar mais um pouco no quadro, pois devemos ainda sentir a fé dos discípulos.

Diz o Texto Sagrado que a multidão saiu saciada. Não foi uma coisa só para enganar o estômago, ficaram satisfeitos. Agora, já pensou quanto pão e peixe levaria para fartar 15.000 pessoas (e que ficaram sem almoço)? Certamente quando Jesus abençoou e partiu aqueles pães e peixinhos não houve uma multiplicação instantânea tamanha que daria para a multidão – nesse caso a tremenda pilha de pão e peixe iria soterrar Jesus, os discípulos e quem

¹ Confesso que ainda não alcancei esse nível espiritual, de regozijar-me em sofrimento.

mais por perto estivesse! Sério. Basta parar e pensar um pouquinho. Podemos ter certeza que não foi assim. Quando Jesus colocou pão e peixe nas mãos dos discípulos, era só o que tinha até esse momento.

Agora, procure imaginar que você fosse um daqueles discípulos, e você com esse pouco de pão e peixe na mão tinha que alimentar mais de mil pessoas (doze discípulos e quinze mil pessoas). Já pensou? Você não iria se sentir ridículo ao tomar o primeiro passo em direção ao povo? No entanto, sabe-se lá como, os discípulos acham a coragem e se aproximam do povo. O primeiro se serve e, maravilha, ficou no mesmo! O segundo se serve, e ficou no mesmo. Aleluia, não acabava nunca! Ao passo que foram distribuindo, a comida foi multiplicando. Se tivessem desistido pela metade, metade do povo teria ficado sem comer. Se tivessem comido primeiro, imagino que a coisa teria estancado logo no começo e a multidão ficava faminta. Os discípulos comeram por último, mas comeram muito bem, obrigado. (Você já experimentou comer um cesto de pão?)

Eu acho graça, pensando naquele quadro, até lembrar que o Senhor Jesus ainda está a nos dizer: “Dai-lhes vós mesmos de comer” – só que desta vez são nada menos que 2.000 etnias e 2,5 bilhões de pessoas perecendo diante duma falta absoluta do Pão da Vida. E nós, que nem os discípulos, a dizer, “com que, Senhor?” Enquanto ficarmos olhando para as nossas mãos vazias não vamos achar a coragem para enfrentar o desafio do mundo perdido. Não depende das nossas mãos vazias, depende das mãos cheias de Jesus! Não depende da nossa fraqueza e pequenez, depende de Jesus, do que Ele tem e pode. Temos que aprender como colaborar com Deus, e realmente fazê-lo. Enfim, precisamos entender como é que funciona a economia de Deus.

26) Demonização

Por incrível que possa parecer, nossas principais versões da Bíblia nos despistam neste terreno. O substantivo ‘demônio’ nada mais é do que uma transliteração do grego, *δαιμονιον* (uma transliteração é o aproveitamento duma palavra estrangeira, letra por letra, apenas aportuguesando, no caso). Quisera que tivessem feito a mesma coisa com o verbo correspondente, *δαιμονιζω*. Nesse caso disporíamos do verbo ‘demonizar’ na língua portuguesa. Mas não, os tradutores colocaram ‘endemoninhar’. Sucede que o prefixo ‘en-’ conduz o raciocínio fatalmente numa direção. Se eu disser, “Eis aí um homem endemoninhado!”, qual é a ideia imediata que você formula a respeito do dito ‘homem’? Ele tem que estar possesso. Certo? Alguém iria fazer outra ideia? Duvido. Para nós ‘endemoninhado’ diz respeito a possessão demoníaca. E daí, qual é o problema? Bem, é o seguinte.

Nossas versões da Bíblia trazem também o termo ‘possesso’, presumivelmente querendo com isso indicar ‘controle’. Mas se os tradutores tinham o intuito de exprimir ‘controle’, teria sido melhor utilizar logo esse termo, pois ‘possesso’ tem a ver com ‘posse’ e parece que a maioria das pessoas acabam pensando em propriedade. Aí que está o problema. Primeiro, porque a ideia é errada – ser humano não pode ser propriedade de demônio (embora seja comum os demônios alegarem que alguém lhes pertença). Segundo, porque tem dado margem a uma compreensão errada acerca do cristão e a ‘possessão’ demoníaca – já que um convertido pertence a Deus, parece lógico que não poderá pertencer a demônio ao mesmo tempo. Mas não é questão de propriedade e sim de controle. Devemos aposentar o termo ‘possessão’ e utilizar o termo ‘controle’.

O controle demoníaco certamente existe, mas representa uma pequena parte da ação do inimigo contra os homens, exatamente os casos mais extremos. (Embora exista a insanidade orgânica não me surpreenderia constatar que a maioria dos casos de insanidade decorre pelo menos parcialmente de ação demoníaca.) A maior parte da atuação dos demônios contra nós não chega ao ponto de ser controle. Existe o que poderíamos chamar de obsessão ou opressão, bem como problemas físicos, mas entendo que os ataques mais freqüentes ingerem nas nossas mentes de formas menos óbvias; tanto assim que no mais das vezes nem damos fé. Creio que devemos utilizar o vocábulo “demonização” para dizer respeito a toda e qualquer ingerência direta, quer na mente quer no corpo. Podemos visualizar o conceito mediante um espectro contínuo:

Como se vê, não incluo a tentação ao mal no espectro por entender que não chega a ser uma demonização, pelo motivo já exposto. O que fica para compor a ideia de demonização, porém, engloba um mundo de sofrimento.

Vejam agora algumas conseqüências da tradução ‘endemoninhado’ ou ‘possesso’. Não sei até onde posso culpar essa tradução, mas as igrejas e escolas “tradicionais” dificilmente tocam no assunto; talvez por pensar só em termos de propriedade e imaginar que isso não seja problema para crente. Certo é que alguém poderia freqüentar certas igrejas durante vinte anos e não ouvir sequer uma pregação sobre Satanás e os demônios. Já as igrejas e escolas ‘pentecostais’ ou ‘renovadas’ pelo menos tratam do assunto, embora de forma parcial. Nos trabalhos de libertação, como versa a expressão, costumam lidar somente com os casos de controle. Será que não? Num trabalho desses, quando é que o obreiro vai expulsar demônio? Só quando se manifesta, certo? Alguém começa a gritar, rolar no chão, dar alguma manifestação de estar sob controle alheio e aí o responsável pelo andamento do trabalho confronta o demônio ou demônios e manda embora. Mas se algum demônio ficar quietinho no seu canto, que acontece? Nada, no mais das vezes – ninguém mexe com ele; passa despercebido. Sei que alguns obreiros ordenam aos demônios que se manifestem, mas será que todos obedecem? Como saber? E se a manifestação não for de uma maneira que reconhecemos como sendo ‘possessão’, quem vai identificar e rechaçar essa manifestação? Parece-me claro que mesmo nos ambientes onde há expulsão de demônios a maior parte da ação do inimigo contra nós passa despercebida. Estão às voltas com o controle, e só.

Vejo outro resultado que pode ter desdobramentos até sérios. Quando pensamos na ação demoníaca apenas em termos de ‘possessão’, e quando uma igreja ensina que crente não pode ser ‘possesso’, acontece o seguinte. Um crente é demonizado. Em termos do espectro que estou sugerindo, não chega a ser um ‘controle’, mas a pessoa sabe que está sendo atacada. Só que a única linguagem que conhece para tratar do assunto de ataque demoníaco é ‘possessão’ e a igreja ensina que crente não pode ser ‘possesso’. Aí a pessoa entra numa angústia terrível – sabe que é crente, mas crente não pode ser ‘possesso’; no entanto está sendo atacada e sabe que está. Como explicar e como escapar? Não pode dizer nada na igreja porque se admitir que esteja sendo ‘possessa’ aí deixa de ser aceita como crente, pois crente não pode ser. Assim, a pessoa não pode nem receber ajuda porque não se atreve a falar. Mesmo que viesse a falar não receberia ajuda adequada porque os responsáveis só pensam em termos de ‘possessão’. Com isso tudo, o crente pode chegar ao ponto de duvidar da salvação! O pior da história é que esse sofrimento todo é simplesmente desnecessário. Precisamos aprender a falar em termos de demonização, entender que crente certamente é demonizado (sou atacado todos os dias) e explicar o uso das armas espirituais que estão à nossa disposição.

27) Deus odeia

Sempre foi procedimento padrão para Satanás e seus servos atacarem argumentos fortes em favor da verdade como se fossem fracos e errados. No mundo de hoje, observe com atenção qualquer ‘princípio’ ou ‘lei’ que Satanás esteja usando, como “tudo é relativo” ou “discurso de ódio”. É o oposto que será verdade. O objetivo deste artigo é abordar a questão do ódio. As atuais leis contra o “discurso de ódio” e os “crimes de ódio” têm a clara implicação de que é errado odiar, odiar qualquer coisa (geralmente são usadas contra os valores bíblicos). Tais leis representam uma rebelião aberta contra o Soberano Criador do universo, porque Ele odeia, e nos ordena a odiar.

Para começar, a natureza do amor verdadeiro é geralmente mal compreendida. Se você ama alguém, você tem que ser contra qualquer coisa que prejudique ou faça mal a essa pessoa. O amor de Deus inclui necessariamente odiar o mal, por causa das conseqüências do mal que prejudicarão a Sua ‘imagem’, as pessoas que Ele ama. Em Deuteronômio 33.2-3 a “lei

ardente” é uma expressão do amor de Deus pelo povo. Precisamente porque Ele está preocupado com o nosso verdadeiro bem-estar, o Criador impõe as consequências terrenas dos nossos pecados.

Hebreus 1.8-9 cita o Salmo 45.6-7, declarando que se refere a Deus, o Filho: entre outras coisas, afirma-se que Ele odeia a 'iniquidade' (Salmo 45.7), enquanto a tradução para o grego tem 'anomia'. (Hebreus 1.9). O próprio Cristo glorificado declara que odeia as obras dos nicolaítas (Apocalipse 2.6). Jeová odeia o roubo (Isaías 61.8), o divórcio (Malaquias 2.16) e sete outras transgressões: “olhos altivos; língua mentirosa; mãos que derramam sangue inocente; coração que traça planos perversos; pés que se apressam a correr para o mal; a testemunha falsa que fala mentiras; aquele que provoca discórdia entre irmãos” (Provérbios 6.16-19). “O temor de Jeová é odiar o mal”, e a Sabedoria odeia: “orgulho; arrogância; o mau caminho; a boca perversa” (Provérbios 8.13; e veja 9.10). No Salmo 97.10 temos uma ordem: “Vós que amais a Jeová, odiai o mal!” Romanos 12.9 nos diz para abominar o que é maligno; algo maligno é agressivamente mau. Vamos obedecer?

O Salmo 5.5 nos informa que Jeová odeia todos os que praticam a iniquidade. Temos o hábito de ensinar que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. Parece que sim, até certo ponto. Mas quando alguém decide se juntar a Satanás, e faz questão de praticar o mal, esse alguém atrai a ira de Deus. O Salmo 34.16 diz assim: “A face de Jeová está contra os que praticam o mal, para apagar da terra a memória deles” (citado em 1 Pedro 3.12). Ora, para apagar a memória de alguém você deve começar apagando a própria pessoa. Quando uma pessoa escolhe se tornar um aliado do mal, ela está desafiando o Criador a matá-la. (Veja Salmos 26.5; 31.6; 101.3; 119.104, 113, 128, 163 — esses textos nos ajudam a entender a atitude de Davi no Salmo 139.21-22; é porque eles agem com malvadas intenções [versículo 20] que ele os odeia.) Devemos aprender a odiar o pecado, o mal em toda e qualquer forma, incluindo Satanás e seus anjos.

Considere Mateus 25.41: Então Ele (o Filho do homem sentado no Seu trono de glória) dirá também aos que estão à Sua esquerda: “Seus malditos! Apartem-se de mim para dentro do fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos.” O Lago de fogo e enxofre foi preparado para Lúcifer (agora Satanás) e aqueles anjos que se juntaram à sua rebelião (cerca de um terço dos seres angélicos – Apocalipse 12.4). Os seres humanos que tomam partido com Satanás (existem várias maneiras de fazer isso) também compartilharão seu destino. O significado básico da palavra traduzida como ‘anjo’ é ‘mensageiro’; muitos seres humanos são mensageiros de Satanás. Como eles estão além da recuperação (Mateus 25.41, 2 Pedro 2.4, Apocalipse 20.10), estamos em uma guerra sem piedade, sem quartel, até a morte. Permanecer passivo quando alguém está determinado a te matar é pedir a morte. Mas se você é um soldado, isso é um abandono do dever. De acordo com o Salmo 78.9-10, Deus tem uma visão negativa de tal atitude.

O Texto Sagrado é claro: o caráter de Deus não muda, não pode ser alterado. Em Malaquias 3.6 o próprio Jeová declara que não muda. Tiago 1.17 afirma a mesma coisa em outras palavras. Hebreus 13.8 afirma algo semelhante a respeito de Jesus Cristo. Vamos dar atenção especial a 2 Timóteo 2.13. “Se somos infiéis, Ele permanece fiel; Ele não pode negar-se a si mesmo.” Ele não pode negar-se a si mesmo – não é óbvio? Ele não pode ir contra a Sua própria natureza, a Sua própria essência; é uma coisa que Deus não pode fazer. Ele é a Verdade e, portanto, não pode ser infiel. É precisamente por essa razão que Ele é incapaz de mentir (Tito 1.2). Ter a mente de Cristo é pensar como Ele (1 Coríntios 2.16), e Filipenses 2.5 coloca isso como uma ordem: “Haja em vocês a mesma maneira de pensar que houve também em Cristo Jesus”. Se o Soberano Jesus odeia, nós também devemos odiar; isto é, odiar o que Ele odeia.

Agora consideremos Deuteronômio 7.9-10: “Saibam, portanto, que Jeová, o seu Deus, é Deus; Ele é o Deus fiel que mantém a aliança e a misericórdia por mil gerações com aqueles que O amam e guardam os Seus mandamentos; e Ele retribui aqueles que O odeiam no rosto, para destruí-los. Ele não demorará a retribuir no rosto aquele que O odeia.” Se Deus retribui

ao Seu odiador com destruição, e sem demora, então Ele não oferece salvação a esse odiador.¹ Óbvio. 2 Pedro 2.17 afirma isto a respeito dos aliados do mal descritos nos versículos 9-17: “para os quais a mais negra escuridão está reservada eternamente”.² Encontramos a mesma expressão em Judas 13. Com uma reserva eterna como essa, quais são as suas chances?

João 3.16 declara que dar o Seu Filho foi uma expressão do amor de Deus pelo mundo. Portanto, Ele oferece salvação àqueles a quem ama, não àqueles a quem odeia. Quem decide odiar a Deus recebe o ódio de volta, e fica sem salvação. Em João 6.44 (e versículo 65) o Senhor Jesus declara: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o trouxer”, e deveria ser óbvio que o Pai não atrairá alguém a quem Ele odeia. João 3.36 também vai direto ao ponto: “O que crê para dentro do Filho tem vida eterna, mas o que desobedece o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanecerá sobre ele.” Acaso o Pai iria trazer alguém que permanece sob Sua ira? Como? O Texto declara que tal pessoa não verá a vida – nunca. Caro leitor, se você pertence a Jesus, precisa entender que está em uma guerra, uma guerra contra um inimigo implacável.

Leis como o “discurso de ódio” e o “crime de ódio” são meras expressões do ódio de Satanás por Deus e por todos os que são criados à imagem de Deus. Visto que todos os valores bíblicos são expressões da preocupação de Deus pelo nosso bem-estar, Satanás odeia esses valores e motiva os seus servos a trabalharem contra eles. Em Mateus 10.22 e Marcos 13.13, o Soberano Jesus disse: “Sereis odiados de todos por causa do meu nome”. Já acontece em muitos lugares que qualquer pessoa que tome uma posição pública em defesa dos valores bíblicos é vituperada pelos meios de comunicação – alguns já foram para a prisão em países que outrora foram ‘cristãos’. O mundo já não é ‘pós-moderno’, está tornando-se cada vez mais anticristão. O outro lado nos acusa de ódio para esconder o fato de que são eles os que odeiam, e o seu ódio é virulento, amargamente hostil. Estão preparados para usar a violência na sua oposição aos valores de Deus.

Então, o que nós podemos fazer a respeito disso? Considere Lucas 10.19: “Atenção, eu estou dando³ a vocês a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões, bem como sobre todo o poder do inimigo, e nada poderá lhes fazer mal algum”. A última cláusula é claramente sobre defesa, sobre proteção a nós mesmos. Em Mateus 28.18, o Soberano Jesus afirma que Ele detém “toda a autoridade no céu e sobre a terra”; então Ele é claramente competente para delegar parte dessa autoridade para nós. Pois então, como funciona, na prática, a “autoridade sobre todo o poder do inimigo”? Autoridade controla poder. Devemos usar a nossa autoridade para proibir o uso do poder de Satanás, com referência a situações específicas – na minha experiência, temos de ser específicos. Podemos limitar o que o inimigo faz, mas não colocá-lo completamente fora de ação, ou pelo menos é o que entendo. Mas como devemos fazer isso?

Na armadura descrita em Efésios 6 encontramos “a espada do Espírito” (versículo 17). Uma espada é uma arma de ataque, embora também seja usada para defesa. O Texto nos diz que essa espada é “a *ρημα* de Deus” – *ρημα*, não *λογος*. É a Palavra de Deus falada ou aplicada. Realmente, para que serve uma espada deixada na bainha? Por mais maravilhosa

¹ Em Joel 3.4 Jeová se expressa assim: “De fato, que tendes vós a ver comigo, ó Tiro e Sidom, e todas as regiões da Filístia? Vocês querem retaliar contra mim? Pois se retaliarem contra mim, ágil e veloz farei tornar a vossa retaliação sobre a vossa própria cabeça.” Deus demonstra a mesma atitude que em Deuteronômio 7.10 – Ele não tolera a perversidade.

² Essa escuridão está associada ao reino de Satanás, porque “Deus é luz e Nele não há escuridão alguma” (1 João 1.5). Peter afirma que eles compartilharão o mesmo destino de seu chefe.

³ Em vez de 'estou dando', talvez 2,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, trazem 'dei' (como na NVI, NASB, LB, TEV, etc.) - um sério erro. Jesus disse isso talvez cinco meses antes de Sua morte e ressurreição, dirigindo-se aos setenta (não apenas aos doze). O Senhor está falando sobre o futuro, não sobre o passado; um futuro que nos inclui a nós!

que seja a nossa espada (Hebreus 4.12), para produzir efeito ela tem que sair da bainha. A Palavra precisa ser falada ou escrita – aplicada de uma maneira específica.¹

Agora considere Efésios 3.20: “Agora, Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, de acordo com o poder que está operando em nós”. Efésios 1.19 fala da “incomparável grandeza do poder dEle dentro de nós que estamos crendo” – observe que o verbo está no presente; ter crido ontem não vai funcionar, devemos crer hoje. Este tremendo poder que Deus derrama para dentro de nós, ao passo que cremos, excede a nossa capacidade de imaginação. Pois bem, meu horizonte pessoal é limitado e definido pela minha capacidade de imaginar. Qualquer coisa que eu não consigo imaginar fica fora do meu horizonte, e portanto, obviamente, não vou pedi-la. Confesso com tristeza que ainda não cheguei a um nível espiritual onde possa liberar esse poder – ainda estou por fazer com que a verdade contida neste versículo funcione para mim. Mas entendo que a verdade aqui afirmada é literal, e só espero que outros cheguem lá antes de mim (para que eu possa aprender com eles), se eu continuar demorando. O objetivo principal do exercício (versículo 21) é que Deus receba glória [não que eu me divirta, embora se algum dia eu chegar lá certamente me divertirei muito!], e na medida em que não colocamos Seu poder em nós para trabalhar, estamos privando-O da glória que Ele poderia e deveria ter.

Considere Provérbios 28.1 – “Os ímpios fogem embora ninguém os persiga, mas os justos são corajosos como um leão”. Pode ter sido assim nos dias de Salomão, mas os tempos mudaram. Hoje em dia é o povo de Satanás que é ousado. Não é assim que deveria ser. O Soberano Jesus disse que Seus discípulos são “o sal da terra” e “a luz do mundo” (Mateus 5.13-14). Tanto o sal quanto a luz são agressivos. Se você colocar um pouco de sal em uma panela de arroz, ele tempera todo o conteúdo. A escuridão é apenas a ausência de luz. Se você acender a luz em um quarto escuro, a escuridão desaparecerá. Diante da perseguição, os primeiros cristãos oraram: “Agora, Senhor, considera as ameaças deles, e concede aos Teus servos que anunciem a Tua Palavra com toda a ousadia” (Atos 4.29). E Deus atendeu ao seu pedido! Chegou a hora de fazermos nós a mesma coisa.

28) Deuteronômio 32.8

“Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando dividia os filhos de Adão uns dos outros, estabeleceu os termos dos povos, conforme o número dos filhos de Israel” (como na ACF). Nas últimas décadas surgiram versões substituindo a última palavra, “Israel”, por “Deus”, quer no próprio texto, quer numa nota de rodapé, ou em ambos. Para entender o que está acontecendo, devemos olhar para as evidências:

‘filhos de Israel’ – Texto Hebraico Massorético, Pentateuco Samaritano, todas as versões antigas, exceto a Septuaginta (LXX)

‘anjos de Deus’ – LXX

‘filhos de Deus/deuses – Manuscritos do Mar Morto (DSS); assim alegado pelas notas de rodapé mencionadas acima.

É claro que a LXX já existe há muito tempo, mas poucos tiveram a coragem de segui-la em Deuteronômio 32.8 até o advento dos DSS, então é a eles que me dirijo agora.

Aqueles que já deram alguma atenção aos DSS sabem que para Deuteronômio existem apenas fragmentos, a maioria sendo meros pedacinhos com algumas letras neles. Destes,

¹ Na Bíblia temos muitos exemplos de pessoas que colocaram o poder de Deus em ação ao falar. Nosso mundo começou com uma palavra criativa de Deus – falada (Gênesis, 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26; e veja Hebreus 11.3). Moisés falou muito. Elias falou (1 Reis 17.1, 18.36, 2 Reis 1.10). Eliseu falou (2 Reis 2.14, 21, 24; 4.16, 43; 6.19). Jesus falou muito. Ananias falou (Atos 9.17). Pedro falou (Atos 9.34, 40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3, 10; 16.18; 20.10; 28.8). Em suma, temos de falar!

dois foram alegados conter partes de 32.8 — 4QDeut-j e 4QpaleoDeut-r. 4QpaleoDeut-r representa um grupo de pedacinhos (a. 20), um dos quais contém partes de 32.6-8. Após inspeção, o final do versículo 8 não está lá, e então esse fragmento é irrelevante para a questão em pauta.

4QDeut-j é um fragmento contendo algumas letras distribuídas por três linhas: a primeira linha contém partes de três letras; a segunda linha tem cinco ou seis letras; a terceira linha tem nove letras, sendo *bene elohim*, ‘filhos de deuses’. Até onde pude confirmar, esta é a única base para a afirmação de que os DSS têm “filhos de Deus” em Deuteronômio 32.8. (Se alguém souber de algo que perdi, envie-me.) Mas espere um minuto, por favor; com que base pode alguém afirmar com responsabilidade que 4QDeut-j é uma cópia honesta do livro bíblico Deuteronômio? Os essênios tinham suas próprias ideias sobre essas coisas e não eram avessos a escrever em defesa de suas ideias. A sucata dificilmente é suficiente para uma identificação clara e demonstrável. Na verdade, os próprios editores dizem que se trata de um documento “extraído”. Além disso, o fragmento definitivamente não contém o *bene ha-Elohim* bíblico encontrado em Gênesis 6.2 e 4, e Jó 1.6, 2.1 e 38.7. **Nego que os DSS forneçam qualquer evidência válida contra a leitura do Texto Massorético neste local.**

Agora desejo dizer algumas palavras sobre a LXX aqui. A LXX que conhecemos e usamos baseia-se em três manuscritos Alexandrinos de séculos depois de Cristo: Alexandrinus, Sinaiticus e Vaticanus. Com referência ao Novo Testamento, a contribuição desses três MSS tem sido principalmente negativa, e especialmente em questões doutrinárias significativas. Que base possível poderia alguém ter para imaginar que os editores responsáveis pelo N.T. naqueles MSS não causariam danos semelhantes ao Antigo Testamento? Se não gostavam ou não entendiam “filhos de Israel”, eram perfeitamente capazes de transformá-lo em “anjos de Deus”. Nada disso deve nos encorajar a segui-los.

Tendo dito tudo o que foi dito acima, não devemos criticar indevidamente aqueles que têm dificuldade em entender este versículo. Como pode a herança das nações depender do número de israelitas [ou do número de anjos, aliás]? Não sei; mas Deus sabe! Considere os seguintes textos:

1 Pedro 1.19-20: “mas pelo o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e puro; o qual foi deveras conhecido antes da fundação do mundo, mas foi revelado nestes últimos tempos em favor de vocês”. O Cordeiro de Deus, com sangue derramado, era assim conhecido antes da criação da nossa raça e do nosso planeta. Você não pode ter sangue sem corpo, e então a encarnação e todo o Plano de redenção já estavam determinados antes da Criação.

Efésios 1.4: “assim como Ele nos escolheu nEle antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dEle, em amor”. Este é difícil para nossas pobres mentes finitas e pequenas lidarem. Eu, Wilbur Pickering, fui escolhido antes da criação do mundo, e então Deus sabe quem eu sou e tudo sobre mim. Nosso Bom Pastor nos chama pelo nome (João 10.3). Se Deus sabia tudo sobre mim antes da Criação, então obviamente Ele também sabia tudo sobre os “filhos de Israel”, e então Deuteronômio 32.8 não deveria apresentar nenhuma dificuldade ao nosso entendimento.

2 Timóteo 1.9: “Aquele que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não por causa das nossas obras, mas por causa de Seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus antes de existir eras”. Repita o comentário acima. Observe que o ‘tempo’ teve um começo.

Tito 1.2: “em esperança de vida eterna – a vida que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos das eras”. Repita o comentário acima.

Atos 15.18: “Todas as Suas obras são conhecidas a Deus desde a eternidade.” Embora talvez 5% dos manuscritos gregos omitam este versículo (como na maioria das versões modernas), os 95%, incluindo a melhor linha de transmissão, estão certamente corretos. Qual a relevância do ‘tempo’ para um Ser eterno? Pode ser que ‘tempo’ e ‘espaço’ sejam conceitos limitados ao nosso planeta e ao nosso sistema solar. (Sem tempo e espaço, como podemos

calcular a velocidade ou a distância, ou determinar o tamanho e a idade do universo?) Deus sabia tudo sobre as “nações” e os “filhos de Israel” antes da Criação.

Mateus 25.34: “Então o Rei dirá aos à Sua direita: Venham, benditos de meu Pai, herdar o reino que lhes foi preparado desde a fundação do mundo.” Mais do mesmo.

Hebreus 4.3: “as Suas obras estavam certamente concluídas desde a criação do mundo.” Mais textos poderiam ser acrescentados a esta lista, mas forneci o suficiente para deixar claro que nossas noções de ‘tempo’ não colocam nenhum limite ao Deus eterno. O Texto é perfeitamente claro; Deus sabe o que vai acontecer muito antes de realmente acontecer. Nossas mentes pequenas, limitadas e finitas têm dificuldade em compreender isso, mas isso não altera o fato. Deveria ser igualmente óbvio que somos totalmente incompetentes para ‘melhorar’ um Texto divinamente inspirado.

Vastos segmentos do Cristianismo, começando nos primeiros séculos, têm sido antissemitas, pelo menos teologicamente. Consideram que a Igreja substituiu Israel como povo de Deus, e assim por diante. Pergunto-me se esse antissemitismo poderá ter algo a ver com a pressa com que alguns aderiram ao movimento dos ‘filhos de Deus’. Mas sejam quais forem as predileções pessoais de alguém, certamente as questões do Texto devem ser resolvidas com base em evidências objetivas.

29) ‘Direito’ X opção

“As armas do nosso guerrear não são físicas, mas são poderosas em Deus para destruir fortalezas:¹ destruindo sofismas e cada arrogância que se levanta contra o conhecimento de Deus” (2 Coríntios 10.4-5). Um sofisma é um argumento falso que é apresentado de tal maneira que parece correto, e impressionante, mormente se não é analisado de forma adequada. Satanás vive promovendo uma variedade de sofismas desenhados para afastar as pessoas do conhecimento de Deus, tais como humanismo, relativismo, materialismo, freudismo, marxismo, etc.

Talvez o sofisma mais eficaz dos últimos tempos tenha sido a teoria da evolução, uma vez que nega a própria existência de Deus. Se não houver Deus, não haverá Prestação de contas, de sorte que você pode fazer o que quiser! Essa teoria tem sido estridentemente apresentada como sendo ciência, embora seja cientificamente impossível: absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível! O acaso trabalhando cegamente com nada nunca poderia produzir qualquer coisa; não em cinco bilhões, ou trilhões, ou quatrilhões de anos; não em uma eternidade de eternidades. Um dos desdobramentos dessa teoria é a doutrina de que as pessoas têm todos os tipos de ‘direitos’ fictícios.

Minha preocupação aqui é com a palavra ‘direito’ quando usada como substantivo. Quando usado como adjetivo, seu significado é diferente: uma perna direita tem a ver com um lado do corpo, que contrasta com uma perna esquerda. Como substantivo, um ‘direito’ refere-se a algo que alguém tem por direito legal; ter direito legal significa que veio de uma autoridade competente. Também é usado para referir-se a algo que se tem por direito moral, mas quem é competente para definir moralidade? O Soberano Criador é o único que é competente para definir a moralidade, e Ele o fez em Sua Revelação escrita. No mundo de hoje, a maioria das pessoas rejeita essa autoridade. É claro que um Criador inexistente não pode fazer nada, mas mesmo aqueles que reconhecem a Sua existência geralmente rejeitam qualquer ideia de autoridade objetiva. Eles foram ensinados a duvidar da confiabilidade daquela Revelação escrita.

Com referência ao Novo Testamento, o paradigma dominante ensina que a redação original se perdeu no início, não havendo maneira objetiva de saber o que poderia ter sido. Estou

¹ O assunto de guerra espiritual bíblica não é bem entendido em círculos cristãos (com algumas poucas exceções). Muito do que já foi escrito trata de defesa, mas este texto fala de destruir fortalezas (presumivelmente do inimigo, já que ninguém vai querer destruir as próprias), que diz respeito a tomar a ofensiva. Para ver mais sobre este assunto, o leitor pode consultar meu site: www.prunch.com.br.

preparado para demonstrar empiricamente que não se perdeu, que a redação original sempre existiu no conhecimento da Igreja, que a temos hoje e podemos saber o que é.

O Soberano Criador criou o ser humano com alma, com vontade, com capacidade de escolha. O corolário disso é que tanto Deus como o homem têm que lidar com as consequências das escolhas feitas. Não somos robôs. Certamente somos influenciados pelas circunstâncias que nos rodeiam, mas não somos controlados por elas; temos escolha genuína. Sendo que temos escolhas genuínas, somos responsáveis pelas consequências das escolhas que fazemos.

Os sofismas de Satanás são geralmente concebidos para convencer as pessoas de que não existe uma responsabilidade real, que não haverá uma Prestação de contas final. Se você tem o ‘direito’ de fazer algo, então esse algo não pode ser um crime ou um pecado. Se você tem o ‘direito’ de fazer o que quiser, então nada do que você fizer está errado. Contudo, o Soberano Criador não dá a ninguém o direito de fazer o que Ele diz ser errado. Nem mesmo Satanás tem esse direito. Deus nos dá a opção de fazer o mal, mas teremos de arcar com as consequências. Podemos saber que algo é mau pelas suas más consequências.

Hoje em dia, diz-se às pessoas que os pobres têm o ‘direito’ de roubar, que os oprimidos têm o ‘direito’ de usar a violência; e há lugares onde o crime não é mais punido. Dado que a vasta maioria dos crimes é perpetrada por reincidentes, o resultado é a destruição da civilização. É claro que existem ideologias que deliberadamente criam e promovem o caos como um prelúdio para assumir o poder e impor uma ditadura absoluta. Então os chefões podem viver como nababos, até o dinheiro acabar. Parece não haver limite para a perversidade humana; ainda mais se for ajudada e instigada por espíritos malignos.

Então, o que podemos nós fazer a respeito disso? Havemos de denunciar as mentiras de Satanás e promover a Verdade de Deus, em praça pública.¹

30) Divórcio e novo casamento

A razão de ser do divórcio é para legalizar ou ‘legitimar’ um outro casamento. Também serve para fugir do compromisso assumido. Antes de prosseguir, é preciso deixar claro que homem ter mais que uma mulher não representava adultério, contanto que mantivesse todas. Muitos homens no A.T. tiveram mais que uma mulher, sem serem condenados por isso. Os homens querem divórcio, mas qual é o ensino da Bíblia? Uma norma básica da hermenêutica correta é começar pelos textos claros para depois ver quaisquer textos ambíguos, ou que oferecem alguma complexidade. Assim faremos a seguir.

1) “Guardai-vos em vosso espírito, e ninguém seja desleal para com a mulher da sua mocidade. Porque o SENHOR, Deus de Israel, diz que odeia o divórcio” (Malaquias 2.15-16). Aqui temos uma declaração solene – o SENHOR odeia o divórcio. Dificilmente, então, Ele poderá aboná-lo. Ele eventualmente o tolera, assim como Ele tolera o pecado. Aliás, suponho não existir divórcio sem pecado. Nas circunstâncias que culminam em divórcio sempre existe pecado.

2) Lucas 16.18 nos apresenta a maneira básica em que Deus encara a questão, pois é uma declaração do Soberano Jesus: “Qualquer que se divorciar de sua mulher e casar com outra, adultera; e aquele que casar com uma divorciada pelo marido, adultera.” Se aquele que casar com a divorciada “adultera”, é porque o primeiro casamento ainda existe aos olhos de Deus. Mas o uso do vocábulo ‘adulterar’ pelo Soberano torna o assunto muito sério, pois na Lei de Moisés adultério acarretava a pena máxima (Levítico 20.10).

3) Respondendo aos fariseus, em Marcos 10.2-5, o Senhor Jesus esclarece que Moisés permitiu aos homens repudiar mulher “pela dureza dos vossos corações”. Nem aqui, nem em Mateus 19.3-9, aparece a ideia de ‘parte inocente’. O divórcio geralmente se fundamenta em dureza de coração – até hoje. Em tempo, existem casos onde a separação se torna necessária para evitar uma morte prematura, mas não para casar de novo.

4) “Por esta razão deixará um homem a seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne;... Portanto, o que Deus uniu, que ser humano não separe”

¹ Para uma discussão sobre nossos recursos, consulte os últimos quatro parágrafos do meu artigo, ‘Deus odeia’.

(Marcos 10.7-9). Tanto em Marcos 10.9 como em Mateus 19.6, o Texto diz “o que Deus uniu”, e não ‘quem Deus uniu’. Transparece que o Soberano não se referiu às pessoas, e sim ao fato de ‘uma só carne’. Então, alguém argumentar que seu parceiro não foi escolhido por Deus, não resolve. É o fato da união sexual, não a identidade dos parceiros, que está sendo comentado. Ver também 1 Coríntios 6.16.

Fica claro que o ideal que Deus coloca é a monogamia – “a sua mulher” é singular, “os dois” só pode dizer respeito a um homem e uma mulher. (É “dois”, não três, quatro, cinco, etc. “Os dois” não pode dizer respeito a dois homens, a homem com animal, a mulher com demônio, ou como queira – não pode.) Quando um homem e uma mulher se unem, passam a ser “uma só carne” e essa união Deus tem como sagrada – “portanto o que Deus uniu, que ser humano não separe”. Qualquer pessoa! Inclusive os próprios cônjuges. Eis aqui uma nítida proibição contra o divórcio. Nem os próprios cônjuges podem separar o que Deus uniu. Aliás, parece claro que nada que depois possa ocorrer altera o fato de ter acontecido a união – “uma só carne” se fez, e fica. Outras eventuais uniões complicam a situação (o pecado sempre complica), mas são incapazes de fazer com que a primeira união inexistente. É exatamente por isso que Deus chama as outras uniões de “adultério” – se a primeira união tivesse sido desfeita, a palavra ‘adultério’ não seria mais cabível, pois a palavra diz respeito precisamente à infidelidade a uma união ainda em pé.

5) É isso que Jesus afirma nos versos 11 e 12 (ainda Marcos 10): “Qualquer que se divorciar de sua mulher, e se casar com outra, adultera contra ela. E, se uma mulher se divorciar de seu marido, e se casar com outro, adultera.” Em Lucas 16.18 a mulher é apresentada como passiva – é deixada, aí tomada por outro. Aqui (verso 12) ela é apresentada como tomando a iniciativa – é ela que se divorciou do marido. Conclusão: quer seja o homem, quer seja a mulher, que toma a iniciativa, no momento que se une a outro(a) adultera, pois a primeira união ainda existe.

6) Em Mateus 5.27-28 lemos assim: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela.” É claro que adulterar no coração não desfaz a primeira união, e adulterar de fato também não a desfaz. Mateus 5.31-32 repete material que já comentamos, mas acrescenta a ressalva, “a não ser por causa de fornicção”. Como a ressalva se repete em Mateus 19.9 e o contexto lá é mais amplo, vou comentá-la dentro do contexto de Mateus 19.3-10. Vamos lá.

7) Os fariseus chegam ao pé de Jesus perguntando se era “permitido a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo”. Respondendo, Jesus apela para o propósito do Criador, ou seja, a monogamia, e repete a proibição contra o divórcio, “o que Deus uniu, que ser humano não separe” (incluindo os próprios cônjuges, presumivelmente). Aí eles não gostaram e puxaram o “certificado de divórcio” falado por Moisés. Aí Jesus retrucou: “Moisés, por causa da vossa dureza de coração, permitiu que vocês repudiassem suas mulheres, mas desde o início não tem sido assim.” Notem bem, “Moisés permitiu”, mas a ideia do Criador não foi bem essa, e Moisés permitiu “por causa da vossa dureza de coração” (nada de ‘parte inocente’). Até aqui não encontramos nada que permita dizer que Deus abona o divórcio, mas vamos à ‘ressalva’.

8) “Eu vos digo que quem quer que repudie sua mulher, não sendo por causa de fornicção, e case com outra, comete adultério; e quem quer que case com a repudiada, comete adultério.” A questão chave é o sentido exato de “fornicção”. No Novo Testamento, o termo diz respeito a prostituição (seria o sentido central), sexo pré-marital, incesto e homossexualismo. Não há caso claro para defender o sentido de ‘adultério’. Aliás, em Mateus 15.19, Marcos 7.21, 1 Coríntios 6.9 e Gálatas 5.19, ‘fornicção’ e ‘adultério’ são apresentados como coisas diferentes, distintas e seria de estranhar se o Espírito Santo fosse depois confundir as duas coisas. No caso em pauta (Mateus 19.9) seria como que insultar o Espírito Santo dizer que “fornicção” tem apenas o sentido de ‘adultério’ – seria imputar uma desonestidade a Ele, ou no mínimo dizer que Ele visava confundir o leitor. Se o sentido desejado fosse ‘adultério’, então o Autor teria feito escrever ‘adultério’. Aliás, o fato de Jesus ter dito “fornicção” vale dizer exatamente que o casamento não tinha se concretizado ainda, pois caso contrário Ele teria dito ‘adultério’.

É exatamente por isso que me parece mais provável tratar-se de um caso semelhante ao dilema do José perante a Maria, grávida, mas não por ele. Na cultura de então, uma vez desposada uma mulher era tida como pertencendo ao noivo, mesmo antes do casamento e a consumação da união física. Se, antes do casamento propriamente dito, ficasse provado que a noiva não era mais virgem (tendo havido fornicção, fatalmente), normalmente o noivo desmancharia o casamento, recusando-se a casar de fato com ela. A noiva seria repudiada, e se o homem depois casasse com outra não haveria adultério, pois nunca se uniu sexualmente com a primeira. Se outro depois casar com a dita, não será adultério, porque embora deflorada não chegou a se casar. Em verdade, Mateus 19.9 não contraria Lucas 16.18 e Marcos 10.11-12; as três passagens são unânimes – para Deus não existe divórcio. Só a morte desfaz a união matrimonial. Infidelidade complica, mas não desfaz. É por isso que Jesus chama qualquer segundo casamento de “adultério”, pois a primeira união ainda existe. Parece claro que os discípulos, na hora, entenderam assim. Vejam só.

9) “Disseram-lhe Seus discípulos: Se é assim a situação de um homem com sua mulher, é melhor não casar” (Mateus 19.10). Ora veja, porque tanto desespero? Obviamente a palavra de Jesus foi muito dura para eles. Eles estavam acostumados com a facilidade permitida por Moisés, embora existissem na época várias posições quanto ao tipo de coisa que justificaria o divórcio. Mas parece que todo mundo concordava em que a infidelidade justificava o repúdio – pelo menos isso. Milhares múltiplos (senão milhões) de homens têm aceito o casamento, não pensando em saída a não ser (que Deus nos livre) por uma eventual infidelidade da mulher – então essa interpretação parece inadequada para explicar a reação dos discípulos. É que Jesus simplesmente fechou a porta – não existe divórcio que permita casar de novo. Só a morte abre a porta outra vez. Senão, vejamos.

10) “Não sabeis vós, irmãos (pois falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido será chamada adúltera se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera se for doutro marido” (Romanos 7.1-3). “Vivendo o marido será chamada adúltera” – nada de ‘parte inocente’, nada de divórcio; enquanto o primeiro cônjuge estiver com vida a união existe, e qualquer união a mais se caracteriza por “adultério”. Só a morte desfaz a união. Ver 1 Coríntios 7.39 também.

11) Voltando a Mateus 19 atentemos para a resposta de Jesus diante do desespero dos discípulos (versos 11 e 12): “Aí Ele lhes disse: Nem todos podem assimilar esta palavra, e sim aqueles a quem tem sido concedido. Pois existem eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e existem eunucos que foram castrados por homens; e existem eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem consegue assimilar, que assimile!” Vejam que coisa, onde já se viu! Por que será que Jesus puxa exatamente o assunto de eunuco a essa altura? Pois então, eunuco tem relações sexuais? Parece claro – Jesus está dizendo que quem se separar de sua mulher deve então viver como “eunuco”; nada de novo casamento até que o primeiro cônjuge morra.

12) Resta comentar 1 Coríntios 7.10-17: “Aos casados mando, não eu mas o Senhor, que a mulher se não aparte do marido. Se, porém, se apartar que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher” (versos 10-11). Tudo é coerente – nada de divórcio. Mesmo em caso de separação, que fiquem sem casar! Isso para casal crente, mas será que para casal misto as regras vão ser outras? Observar, por favor, que é o **Senhor** que manda ficar sem casar. Depois, no verso 12, Paulo oferece uma opinião sua.

13) Após afirmar que a parte crente não deve nunca deixar a parte descrente, o apóstolo pondera: “Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz” (verso 15). Agora, se quando um cônjuge crente se aparta não é permitido ao outro casar novamente, com que lógica poderia se supor que a regra muda no caso de descrente? Por que? Como? Obviamente não procede. (A opinião de Paulo vale mais que o mandamento do Senhor?) Aliás, a parte crente é conclamada a um esforço especial, a mais, para ver se ganha a outra. Agora, se o incrédulo faz questão de separar-se o crente não é obrigado a tentar acompanhar a todo custo – seria uma

servidão e contra a paz, pois estaria comprando briga com o descrente. Não tem nada no texto que justifique a idéia de que o crente abandonado tenha direito a outro casamento, absolutamente. Tanto é que o apóstolo encerra o capítulo reiterando que só a morte libera o sobrevivente para novo casamento (1 Coríntios 7.39).

CONCLUSÃO: Para Deus não existe o divórcio. Nunca é lícito contrair um segundo casamento enquanto o primeiro cônjuge estiver com vida. Deus leva o sexo a sério! Tanto assim que ele decreta a pena de morte para certos abusos. Qualquer tipo de incesto acarreta a morte; a prática homossexual acarreta a morte; ter sexo com animal acarreta a morte; ter relação sexual com mulher em menstruação acarreta a morte – ler com atenção Levítico 20.10-21. Porque Deus reage de forma tão severa? Suponho que seja pelo seguinte: os últimos três procedimentos destroem a semente do homem (o primeiro deturpa), e é a semente que transmite “a imagem do Criador”. Ele não criou o sexo para o nosso prazer, a não ser num plano secundário, e sim para garantir a continuidade da raça. O propósito precípua da criação é para glorificar a Deus, não para satisfazer os desejos dos homens. Qualquer argumento que se prende ao prazer ou à conveniência dos homens é suspeito e inadequado. O humanismo invade cada vez mais as igrejas evangélicas, mas o humanismo é idolatria e é contrário a Deus. Tem mais uma; até nessa severidade para com o sexo Deus está prevendo o bem-estar da raça humana. Em Malaquias 2:15 lemos assim: “Não fez Ele somente um?... E por que somente um? Ele buscava uma descendência temente a Deus. **Portanto**, cuidado com vosso espírito, e ninguém seja desleal para com a mulher da sua mocidade.” A palavra traduzida ‘um’ é *ehad*, que inclui pluralidade dentro da unidade. Entendo que a referência é a ‘uma só carne’. O uso responsável do sexo visa evitar o aviltamento da raça – o temor de Deus serve para isso também.

Muito bem, Deus não queria o divórcio nunca, mas que fazer perante as confusões e complicações já existentes? Debaixo da Lei de Moisés, que foi dada por Deus, adultério acarretava a pena de morte, para ambos (Levítico 20.10). Com isso, já que a morte libera, as pessoas ‘viúvas’, os cônjuges sobreviventes, poderiam casar novamente. Quando uma sociedade não executa adúltero, não existe a saída que essa morte traria.

1) A Bíblia nunca usa a expressão ‘viver em adultério’; usa sim ‘cometer adultério’. Mesmo tendo começo adúltero, uma segunda união também tem existência e é reconhecida por Deus. Perez entrou na linha do Messias embora sendo produto da união vergonhosa de Judá e Tamar (Gênesis 38). A prostituta Raabe passou a ser tataravó do rei Davi apesar de sua vida sórdida. O exemplo culminante deve ser o de Davi e Bate-seba. Sua união teve início da maneira mais pecaminosa e criminosa possível (adultério e assassinio, bastante covarde, aliás), mas mesmo assim Deus a reconheceu e inclusive a abençoou ao ponto de colocar o fruto dessa união, Salomão, no trono e inclusive permitir que ele construísse o templo, que Deus destacou com Sua glória Shekinah. Quer dizer, se alguém está vivendo fielmente com um segundo cônjuge a frase ‘vivendo em adultério’ não se aplica, mesmo que cometeram adultério ao dar início à união. Uma vez que existe uma segunda união, ela existe tanto quanto a primeira e não há como desfazê-la. Um segundo divórcio nada resolve.

2) Aliás, há um procedimento que Deus terminantemente proíbe. Depois que uma mulher casa com um segundo homem não poderá voltar ao primeiro nunca, mesmo que esse venha a morrer, inclusive (Deuteronômio 24.1-4). A razão dada é que tal mulher já foi “contaminada”, e ela voltar para o primeiro, Deus considera uma “abominação”. O expediente de exigir de uma pessoa recém-convertida, que já passou por duas (ou mais) uniões, que volte ao primeiro cônjuge é tristemente antibíblico – só faz desgraça.

3) Sei que existem casos horripilantes, de abuso até criminoso por parte de um dos cônjuges, onde a separação torna-se uma necessidade inclusive para evitar a morte prematura de uma das partes. A violência pode justificar a separação, mas não um novo casamento. Ao meu ver, um dos aspectos mais desgraçados do pecado é que quase sempre as conseqüências piores recaem sobre terceiros, muitas vezes verdadeiramente inocentes no que diz respeito ao pecado cujas conseqüências estão sofrendo. Passamos a vida vitimando e sendo vitimados. E daí? Podemos desfazer ou escapar? Mesmo quando o caso é totalmente trágico, injusto, repugnante? Via de regra, não. O jeito que tem é nos valer da graça de Deus e “correr com paciência a carreira que nos está proposta; olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o

qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz desprezando a afronta e assentou-se à destra do trono de Deus” (Hebreus 12.2).

4) Pecado é pecado e pecado tem castigo, mas também tem perdão (menos a blasfêmia contra o Espírito Santo). O passado está fora do nosso alcance; não podemos alterá-lo nem podemos desfazer os nossos pecados, mas o sangue de Cristo pode cobrir o passado e nos purificar do pecado. As qualificações para serviço na Igreja de Cristo são colocadas em tempo presente. (E quem entre nós tiraria nota dez em todas as qualificações?) Apesar do passado, Deus lida com a gente no presente com base na nossa realidade atual. Contudo, parece existir um “senão”.

5) Há graça e perdão, mas nem por isso ficamos livres das conseqüências dos nossos pecados nesta vida. É certo que parece existir diferença entre pecado deliberado depois de convertido e o que se fez antes. Paulo explica que embora chegasse a perseguir os crentes (até a morte) [ele estava executando, não assassinando – existe uma diferença fundamental], alcançou graça e um ministério (bem destacado, por sinal) porque o fez “ignorantemente, na incredulidade” (1 Timóteo 1.12-14). Depois de convertido ele subjugava seu corpo para que “eu mesmo não venha dalguma maneira a ficar reprovado” (1 Coríntios 9.27). O pecado pode desqualificar para o ministério – isto fica claro em 1 Timóteo 3.1-12, entre outras passagens. Lá está “marido de uma só mulher”. Em Malaquias, “o SENHOR odeia o divórcio” se insere num contexto maior onde Ele está castigando os sacerdotes que divorciaram suas esposas. Em Malaquias 2.13-14 Deus afirma que exatamente por isso Ele não olha mais para suas ofertas. Tudo indica que Deus não quer nem sacerdote e nem pastor divorciado, e reterá a benção se teimarem mesmo assim (pior ainda se divorciaram depois de convertidos).

31) Entrando, ou saindo, de Jericó?

Lucas 18.35 X Marcos 10.46 X Mateus 20.29-30

Lucas 18.35 e 19.1 deixam claro que o episódio do cego aconteceu antes de entrar em Jericó (Lucas só menciona um cego, mas não diz que era só um). Marcos 10.46 deixa claro que o episódio do cego Bartimeu aconteceu depois de sair de Jericó (Marcos dá nome ao cego, menciona só ele, mas não diz que era só um). Já Mateus 20.29-30 deixa claro que o episódio aconteceu depois de sair de Jericó, só que agora são dois cegos.

Ora, ora, entrar é uma coisa e sair é outra – como então, qual foi? Por estranho que possa parecer, foi ambos! A Jericó que Josué destruiu havia sido reconstruída (pelo menos em parte), e era habitada. Mas no tempo de Jesus, Herodes tinha construído uma nova Jericó, distante talvez um quilômetro da primeira, também habitada. Pois bem, aonde iria um mendigo inteligente se postar? Presumivelmente entre as duas cidades. Entendo que todos os três casos relatados em pauta ocorreram entre as duas cidades; Jesus estava saindo da velha e entrando na nova. Não há discrepância. Acho provável que Lucas e Marcos relatem o mesmo caso, só que Marcos dá nome ao cego.

Mas, e Mateus? Embora tenha sido comum supor que os três relatos digam respeito a um só caso, duvido. Além de afirmar que eram dois, Mateus diz que Jesus “tocou-lhes os olhos”, ao passo que em Lucas e Marcos ele apenas falou. Acho perfeitamente provável que tenha havido mais que um mendigo ao lado daquela estrada (ligando as cidades), e qualquer gritaria seria ouvida de longe. Entendo que Mateus registra um segundo caso – Bartimeu foi curado primeiro, mas ele gritou tão alto que os dois ouviram tudo e sabiam como fazer quando chegou a vez deles.

32) “Este é” ou “Tu és”?

Mateus 3.17 X Marcos 1.11, Lucas 3.22

Todas as versões traduzem corretamente o Texto grego nesses três versos, quanto ao dizer da Voz. Mateus 3.17 diz, “Este é o meu Filho amado”, ao passo que Marcos 1.11 e Lucas 3.22 concordam em dizer, “Tu és o meu Filho amado”. E agora, o que foi que a Voz disse?

Entendo que o quadro aqui é semelhante ao quadro no dia de Pentecostes – havia mais línguas a serem faladas do que apóstolos, e com a ‘salada’ de sons, teria sido difícil alguém extrair nitidamente o seu próprio dialeto – creio que cada ouvinte recebeu uma interpretação individual no ouvido. Então, Mateus registra o dizer da Voz da perspectiva de João: ele ouviu, “Este é”. Marcos e Lucas registram o dizer da Voz da perspectiva de Jesus: Ele ouviu, “Tu és”. Entendo que foi exatamente assim; Jesus ouviu uma coisa e João ouviu outra.

33) Fel, ou mirra?

Mateus 27.34 X Marcos 15.23

Em Mateus 27.34 lemos assim: “deram-lhe para beber vinho azedo misturado com fel”. Que Marcos utiliza um termo genérico, ‘vinho’, no lugar do mais preciso ‘vinho azedo’ (ou ‘vinagre de vinho’), não precisa nos deter. Mas qual foi a mistura? Marcos diz que foi mirra. Ora, fel é uma coisa, uma substância animal, e mirra é outra, uma substância vegetal; foi uma das duas, mas qual? Poderia Mateus ter sido influenciado por Salmo 69.21? “Também me deram fel dentro de minha comida, e para minha sede me deram vinagre para beber.” (Mateus escreveu para um público judeu, e parece ter citado profecia cumprida, sempre que podia.) Mais ‘ao caso’, talvez, é Atos 8.23, onde Pedro diz a Simão (o ex-feiticeiro), “pois eu vejo que você está dentro de um fel de amargura” (assim no Texto grego). Parece que ‘fel’ era utilizado como um termo genérico para qualquer substância amarga. Deduzo que Mateus, talvez influenciado por Salmo 69.21, utilizou o termo genérico. Com isso entendo que a exata substância utilizada foi mirra, como Marcos escreveu.

34) Fogo adora palha

1 Coríntios 3.13

O contexto é o rei da interpretação; por isso começo com os versos 11-15:

1 Coríntios 3: – Ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. ¹²Ora, se alguém construir sobre esse alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, ¹³o trabalho de cada qual se tornará evidente; porque o Dia o fará claro, porque será revelado por fogo. Sim, o fogo provará o trabalho de cada um, de que tipo é. ¹⁴Se o trabalho com o qual alguém construiu permanecer, ele receberá galardão. ¹⁵Se o trabalho de alguém for queimado, ele sofrerá prejuízo; mas ele próprio será salvo, embora como que por fogo.

Paulo se refere ao Dia de Cristo, no qual os que estão em Cristo irão prestar contas. O Texto é claro: o que fizemos será testado por fogo. Alguém que passou a maior parte de seu tempo vivendo para si, em vez de para o Reino de Cristo, ficará cercado de palha, linda e seca (tudo que qualquer fogo poderia pedir!). Aí o anjo aponta o maçarico para a palha – o fogo é alto, quente e curto. A pessoa fica dentro de uma pilha de cinza fina, chamuscada!

O preço de não viver em função do Reino de Cristo é tão somente perder sua vida. É isso mesmo; custa a vida. Vejamos as palavras do Senhor Jesus em Lucas 9.24 e 25. Aliás, podemos começar pelo verso 23. “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?” Jesus fala em perder a vida (não pode ser a alma, como sugere o rodapé de alguma Bíblia, pois perder a alma por amor de Cristo é impossível). Não seria exatamente a vida que se perde quando alguém dá um tiro na cabeça; é a vida vivida. É o que representa a minha vida, tudo que fiz até aqui e que irei fazer até a morte ou o arrebatamento da Igreja, o que ocorrer primeiro. É essa a vida que está em jogo.

Vamos ver se entendemos melhor essa palavra de Jesus. Parece ser quase uma contradição – se perder, salva; se quiser salvar, acaba perdendo. Como será que funciona? Voltemos ao texto para ver o contexto. No verso que segue à passagem em pauta, verso 26, Jesus se refere a sua segunda vinda. A passagem paralela, Mateus 16.27, esclarece melhor: “Porque

o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.” Cristo estava pensando na prestação de contas. É que “todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo” (Romanos 14.10) onde “cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Romanos 14.12). “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Coríntios 5.10). Entendo que 1 Coríntios 3.11-15 diz respeito ao mesmo acontecimento, a prestação de contas. Depois de declarar que o único fundamento é Jesus Cristo, Paulo fala de construir com “ouro, prata, pedras preciosas”, ou com “madeira, feno, palha”. (Embora a interpretação primária deste texto deva referir-se à atuação dos obreiros na igreja, parece-me claro que aplica-se também ao viver de cada um, desde que convertido.) É que nossas obras serão provadas por fogo. Se o fogo tem efeito sobre ouro e prata, é apenas purificar; já o efeito sobre feno e palha é devastador. Muito bem, e daí?

Vamos voltar à criação. Deus criou o ser humano para sua glória; para refleti-la e contribuir para a mesma. Creio que, por extensão, podemos entender Isaías 43.7 assim. Mas essa capacidade Adão jogou por terra quando rebelou-se contra Deus. É por isso que a condenação que pesa sobre o ser humano é que fica “aquém da glória de Deus” (Romanos 3.23). Mas o Filho veio ao mundo recuperar o potencial perdido. Efésios 1.12 e 14 explicam que o plano da salvação visa “o louvor da sua glória”. E 1 Coríntios 10.31 traz a seguinte **ordem**: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus.” É que fomos “criados em Cristo Jesus para as boas obras” (Efésios 2.10). Com isso Deus não está querendo “estragar” nossas vidas, tirando todo o prazer delas (como muitos parecem imaginar). Ele não está sendo arrogante, exigente demais. Muito pelo contrário – Ele gostaria de evitar que percamos as nossas vidas. Sim, porque a glória de Deus é eterna (Salmo 104.31) e quando faço uma coisa para a glória dEle essa coisa se transforma, adquirindo valor eterno – passa a ser “ouro, prata, pedra preciosa”. As obras feitas para a glória de Deus passarão pelo fogo sem prejuízo. Já as coisas feitas em função das próprias ambições e idéias são “palha”. Certamente todos já ouviram falar em “fogo de palha”, mas você já viu? É impressionante!

Pois é isso aí. Ser escravo de Jesus implica em viver em função do Reino, implica em fazer tudo para a glória de Deus. Com isso o escravo “salva a vida” pois estará erguendo a vida com “ouro e prata” que passará pelo fogo do tribunal de Cristo tranqüilamente. Já aquele crente que rejeita a condição de escravo de Jesus vai erguer a vida com “feno e palha” que será consumido pelo fogo, e com isso ele “perde a vida” – ele viveu em vão; o potencial que representava sua vida foi jogado fora. Que tragédia!

35) Foi a cruz que matou Jesus?

João 10.18 X Marcos 15.39, João 19.30, Mateus 27.50, Lucas 23.46

João 10.17-18 versa assim: “Por isto o Pai me ama, porque eu deito minha vida para que eu possa tomá-la de novo. Ninguém a tira de mim, mas eu a deito espontaneamente. Tenho autoridade para a deitar, e tenho autoridade para tomá-la de novo. Este mandamento tenho recebido de meu Pai.” Favor de notar: “**Ninguém a tira de mim**”. Isso inclui Pilatos, etc. Em Mateus 27.50 e João 19.30 o Texto afirma que Jesus “despediu Seu espírito”. Agora vejamos Marcos 15.39: “Aí, quando o centurião, que estava em pé defronte dele, viu que Ele bradou assim e expirou Seu espírito, ele disse, ‘Deveras este Homem era o Filho de Deus!’” Ora, o que poderia convencer um centurião romano endurecido? Certamente já tinha visto um sem fim de crucificações; ele sabia que a vítima morria de asfixia. Pendurado pelas mãos, o diafragma empurra contra os pulmões, e a vítima não consegue respirar. Pregiar os pés era um procedimento sádico, para prolongar a agonia – apesar da dor, a vítima empurraria contra o prego para pegar um fôlego, até cansado e fraco demais para fazê-lo. (Foi por isso que os fariseus pediram a Pilatos que as pernas das vítimas fossem quebradas; então morreriam dentro de poucos minutos.) Ora vejam, alguém que está morrendo asfiziado não pode dar um tremendo brado; mas, por outro lado, uma pessoa normal não pode simplesmente mandar seu espírito embora. Portanto, quando o centurião observou que Jesus deu um tremendo

brado e então morreu em seguida, ele tirou a conclusão óbvia: ele estava olhando para um ser sobrenatural. Não foi a cruz que matou Jesus; Ele deu a vida voluntariamente, por mim e por você. Muitíssimo obrigado, Senhor!

36) Fome e sede de retidão moral

Mateus 5.6

As versões em português costumam trazer 'fome e sede de justiça', o que pode enganar o leitor. Sim, porque o leitor normalmente vai pensar no poder judiciário, onde fazer justiça é impor ao criminoso a punição merecida. Quando vítima de crime pede justiça, é nisso que ele está pensando. A dificuldade é que o vocábulo grego aqui, *δικαιοσυνη* (*dikaioissune*), nada tem a ver com essa 'justiça';¹ diz respeito a retidão moral perante Deus e os homens. Já pensei em traduzir como 'justiça moral', mas não evita o problema do engano, pelo menos não completamente. Então, entendo por bem evitar 'justiça' neste contexto.

A área semântica do vocábulo 'retidão' ocorre centenas de vezes na Bíblia, em ambos os Testamentos. Para começar, devemos distinguir 'retidão' de 'santidade'. Santidade tem a ver com a ausência de pecado, e unicamente o Deus Triúno é perfeitamente santo na Sua essência. Já a retidão (ou 'inteireza de caráter') tem a ver com comportamento apropriado dentro de determinado padrão de conduta. Agora, como um padrão de conduta bolado por homens costuma ser diferente de padrão de conduta promulgado pelo Soberano Criador, coloquei 'retidão moral'. Certamente Jesus estava pensando no padrão de Deus; Ele estava falando de agir com acerto moral perante Deus.

Mas por que será que Jesus citou tanto fome como sede? Quem está com fome vai procurar algo para comer; quem está com sede vai procurar algo para beber. E quem está com os dois? Parece-me que a situação da pessoa fica urgente; vai procurar com determinação até achar. O que está em jogo é o relacionamento entre a pessoa e Deus. E como o Pai procura quem O adore em espírito e em verdade (João 4.23), Ele irá ao encontro de tais pessoas.

Vejamos 2 Crônicas 16.9 – “Os olhos de Jeová percorrem a terra inteira para mostrar-se forte a favor daqueles cujo coração é íntegro para com Ele”. Deus está procurando quem Ele possa abençoar. Vejamos também Jeremias 29.13 – “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem com todo o vosso coração”. É promessa; depende de nós. É a consequência do 'grande' mandamento: “Amarás Jeová teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua inteligência” (Mateus 22.37, Deuteronômio 6.5).

Então, com toda certeza, Deus vai satisfazer a pessoa que se dedicar à retidão moral com determinação.

37) 'Hades' não é o Inferno

Apocalipse 20.14-15 deixa isso claro: “E Morte e Hades foram lançados Lago de Fogo adentro. Esta é a segunda morte, o Lago de Fogo.”² 15 E se alguém não foi encontrado escrito no Livro de Vida, foi lançado Lago de Fogo adentro.”³ Morte e Hades são tratados como se fossem entes vivos. Seja isso como for, fica claro que Hades e o Lago são diferentes, coisas distintas. Pois então, exatamente o que é esse Lago?

Nesta mesma passagem é declarado ser 'a segunda morte'. Mas atenção para Apocalipse 20.10: “E o diabo, que os enganou, foi lançado para dentro do Lago de Fogo e enxofre, onde a Besta e o Falso profeta também estão. E serão atormentados dia e noite para sempre.” O título completo, Lago de Fogo e enxofre, como já foi dado no verso 10, é citado pela metade nos versos 14 e 15, Lago de Fogo, mas o lugar é o mesmo, um lugar de tormento eterno. (Ver também Apocalipse 21.8.) Agora, atenção para Mateus 25.41: “Então Ele dirá aos na Sua

¹ Para impor a criminoso a punição merecida, o vocábulo grego é *εκδικησις* (*ekdikessis*). Quando o resultado da ação jurídica é inocentar o réu, o vocábulo grego é *δικαιωσις* (*dikaioissis*). Embora *δικαιοσυνη* (*dikaioissune*) compartilhe a raiz 'dik' com os outros, são claramente diferentes.

² A primeira morte é a física; a segunda é a espiritual – eterna separação do Criador, o Pai dos espíritos (Hebreus 12.9). A essência de morte é separação; na morte física o espírito fica separado do corpo.

³ É isso mesmo; já que ninguém se salva pelas obras, a única saída é o Livro de Vida!

esquerda: ‘Afastem-se de mim, vocês os amaldiçoados, para dentro do fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos.’” No verso 46, ‘os na Sua esquerda’ são enviados para “punição eterna”. O Lago de Fogo foi preparado para Lúcifer (agora Satanás) e aqueles anjos que fizeram parte da sua rebelião (mais ou menos um terço dos seres angelicais – Apocalipse 12.4). Seres humanos que aderem a Satanás (há várias maneiras de fazer isso) irão compartilhar o destino dele. O vocábulo ‘inferno’, quando corretamente entendido e utilizado, diz respeito ao Lago de Fogo e enxofre, a segunda e eterna morte.

O nome ‘Geena’ é uma metáfora eufemística para o Lago de Fogo. As versões geralmente, e corretamente, traduzem como ‘inferno’. O vocábulo se encontra em Mateus 5.22,29,30; 10.28; 18.9 e 23.15,33; em Marcos 9.43,45,47; em Lucas 12.5 e em Tiago 3.6. Em todos os casos menos o último, o termo foi pronunciado pelo próprio Jesus. Em três das referências Jesus acrescenta “de fogo”. A rigor, ‘Geena’ era o lixo do lado de fora de Jerusalém – sempre haveria alguma coisa queimando, e haveria vermes a contento. Atenção agora para Marcos 9.43-44:

⁴³Se a tua mão está te levando a cair, tora ela; é melhor para você entrar para a Vida aleijado do que, tendo ambas as mãos, ir para dentro de Geena, para dentro do fogo inapagável – ⁴⁴onde ‘o verme deles não morre, e o fogo não se apaga’.¹

A figura de um verme imortal me mete medo – sempre te comendo, mas nunca te acabando! Confesso com toda franqueza que não gostaria nunca de encontrar semelhante verme! O Senhor se referiu a Isaías 66.24, presumivelmente. Notar também o que Ele disse em Mateus 10.28: “E não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Tenham medo, sim, daquele que pode destruir tanto alma como corpo no Inferno [Geena].” A destruição de alma e corpo, ambos, só pode se referir ao Lago de Fogo, a segunda morte.

O Senhor usou outras expressões, fazendo referência ao Lago. Em Mateus 13.41-42 Ele estava explicando a parábola do trigo e o joio:

⁴¹O Filho do homem mandará Seus anjos,² e eles recolherão de Seu Reino tudo o que é ofensivo, e aqueles que praticam anomia;³ ⁴²e eles serão jogados para dentro da fôrnalha de fogo. Ali haverá pranto e ranger de dentes.

“A fôrnalha de fogo”, onde haverá pranto e ranger de dentes, é evidentemente uma referência ao Lago. Nos versos 49-50 do mesmo capítulo Ele disse a mesma coisa. Em Mateus 8.12, 22.13 e 25.30 Soberano Jesus utilizou a descrição: “a escuridão mais longínqua; ali haverá pranto e ranger de dentes”. Ver também Judas 13. Outra vez, a referência é ao Lago, mas que teria Ele querido com ‘escuridão mais longínqua’? No N.T. inteiro o termo ‘escuridão’ é usado para referir ao reino de Satanás, e o Lago é o destino final daquele reino, e portanto o ‘mais longínquo’.

Em Mateus 3.12 e Lucas 3.17 o Batizador estava explicando o que o Cristo iria fazer: “Ele limpará completamente a Sua eira e recolherá Seu trigo para dentro do celeiro; mas Ele queimará a palha com fogo inapagável.” Resumindo, o termo ‘Inferno’, corretamente entendido e utilizado, representa o Lago de Fogo e enxofre, a segunda e eterna morte.

Como demonstramos no começo, Hades e o Lago têm de ser diferentes. Pois então, exatamente o que é ‘Hades’? O vocábulo se encontra em Mateus 11.23 e 16.18, em Lucas 10.15 e 16.23, em Atos 2.27 e 31, em 1 Coríntios 15.55 e em Apocalipse 1.18, 6.8 e 20.13-14. Infelizmente, a Fiel sempre traduz o termo como ‘inferno’, dessa forma enganando o leitor e ofuscando o assunto. (Outras versões dão traduções variadas.) Atentando para todos os contextos relevantes, tudo indica que Hades diz respeito a algo que existe entre a morte física de uma pessoa e o Lago; deve ser algum tipo de lugar ou estado intermediário. É em Lucas 16.19-31 que encontramos o que parece ser uma descrição da realidade:

¹ Ver Isaías 66.24. Talvez 4% dos manuscritos gregos omitem “para dentro do fogo inapagável” no final dos versos 43 e 45, bem como omitem os versos 44 e 46 por inteiro, razão pela qual muitas versões os colocam entre colchetes. (Parece que houve quem achasse que dizer uma vez era suficiente.)

² Os anjos terão bastante serviço.

³ Entendo que o ‘reino’ aqui é físico (não meramente espiritual) e inclui o planeta inteiro, porque contém coisas ‘ofensivas’ e pessoas ‘sem-lei’.

¹⁹Ora, havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino, e vivia no luxo todos os dias. ²⁰Havia também um certo mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas, que havia sido colocado diante do portão daquele; ²¹este desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico – e até os cães vinham lambe-lhe as chagas!¹ ²²Chegou o dia em que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado.² ²³E em Hades, ergueu os olhos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro encostado nele. E estando em tormento, ²⁴clamou dizendo: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama!” ²⁵Disse porém Abraão: “Filho, lembra-te de que recebeste as tuas coisas boas durante tua vida, e Lázaro somente coisas más; mas agora ele³ é consolado e tu atormentado. ²⁶E além disso, está posto um grande abismo entre nós e vocês, de sorte que os que querem passar daqui para vocês não podem, nem tampouco os de lá passar para cá.” ²⁷Então ele disse: “Rogo-te pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, ²⁸porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho a fim de que não venham também para este lugar de tormento.”⁴ ²⁹Disse-lhe Abraão: “Têm Moisés e os profetas; que os ouçam.” ³⁰Mas ele lhe disse: “Não, pai Abraão; mas, se alguém dentre os mortos fosse ter com eles, eles iriam se arrepender.” ³¹Abraão lhe disse: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão convencer ainda que algum dos mortos ressuscite.”⁵

O Texto não diz que isto seja uma parábola, e portanto é mais provável que não seja (nenhuma parábola, assim declarada, utiliza o nome próprio de alguém). Várias coisas neste relato pedem comentário. *Hades* (grego), ou *Sheol* (hebraico), é a ‘sala de espera’ onde os espíritos dos finados aguardam o juízo final, mas os resultados desse juízo já são conhecidos, visto que os salvos já se encontram separados dos perdidos (ver Hebreus 9.27). Há um abismo intransponível separando os dois lados, mas parece que um lado pode ver e ouvir o outro (os ‘mortos’ estão conscientes e têm emoções). Pessoas em prisão preventiva já estão sofrendo, mesmo que ainda não foram julgadas.

No verso 22 o lado dos salvos recebe o nome de ‘seio de Abraão’. Esta é a única passagem onde essa frase se encontra; já em Lucas 22.43 o Senhor Jesus o chamou de ‘Paraíso’.⁶ Quando Ele disse ao malfeitor arrependido, “Hoje estarás comigo no Paraíso”, Ele não estava se referindo ao Céu. Podemos deduzir isto a partir de Atos 2.27. Pedro está comprovando a ressurreição de Jesus por citar a profecia de Davi no Salmo 16.8-11; Atos 2.27 traduz Salmo 16.10: “Tu não abandonarás minha alma em Hades, nem permitirás que o Teu Santo veja decomposição”. ‘Hades’ é tradução do hebraico ‘*Sheol*’, que ainda vou analisar. Jesus não poderia ser ‘abandonado’ num lugar onde não foi. Referindo-se ao sinal do profeta Jonas, Jesus disse, “assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra” (Mateus 12.40). “No coração da terra” – parece que aqui temos instrução da parte do Senhor quanto à localização de Hades; fica dentro da terra, de alguma maneira. Comparar 1 Samuel 28.13, onde Samuel (literalmente), voltando de Hades/*Sheol*, sobe de dentro da terra. Se vulcões vomitam rocha derretida, obviamente é bastante quente lá dentro.

Mateus 11.23 e Lucas 10.15 são paralelos, tratando de Capernaum: “E tu, Capernaum, ‘a exaltada ao céu’, serás abatida até Hades”. Hades é contrastada com ‘o céu’, um sendo ‘para cima’ e o outro ‘para baixo’. Capernaum é descrita como detendo um autoconceito

¹ Aliás, os cães estavam prestando um serviço útil, sendo que saliva canina faz bem a chagas.

² Notar o contraste. É claro que o corpo do mendigo também foi sepultado, mas a pessoa foi levada ao Paraíso. Aqui temos um dizer explícito sobre atividade de anjos, o que, no entanto, não foi dito a respeito do rico.

³ A melhor linha de transmissão (30% dos manuscritos gregos aqui) traz o pronome enfático ‘ele’, em vez de ‘aqui’.

⁴ Acho intrigante que ele estava preocupado com os irmãos; no entanto, não podemos dizer, “Antes tarde do que nunca”, já que não fez diferença alguma.

⁵ Abraão afirma uma realidade inquietante: pessoas que rejeitam a revelação escrita de Deus são autocondenadas. Observar também que Abraão não disse ser impossível mandar Lázaro, mas só que não adiantaria nada. Porém, fica claro que os perdidos não podem voltar; caso contrário o próprio rico poderia ter ido.

⁶ O sentido básico do termo ‘paraíso’ é um jardim, e no NT é também utilizado dizendo respeito ao Céu. Mas então, porque Jesus chamou o lado bom de Hades de ‘Paraíso’? Imagino que seria porque as pessoas ali estavam a caminho do Céu, e já curtindo bem-aventurança.

elevado, uma opinião que Deus não compartilha. Comparando isto com Lucas 16.23, é o lado dos maus, em Hades, que está em vista. É o lado dos maus que está em vista em Mateus 16.18 também: “E ainda te digo que tu es uma pedrinha, mas sobre esta rocha edificarei a minha igreja, e os portões de Hades não resistirão a ela.” Há um trocadilho aqui, *petros X petra* – deve ser óbvio que a laje de rocha não era Pedro. A laje de rocha presumivelmente tem a ver com o fato que Jesus é o Messias, o Filho do Deus Vivente. ‘Portões’ não atacam, antes são a última linha de defesa de uma cidade com muralhas – é a Igreja que está atacando Hades. (O sentido normal do verbo aqui é ‘prevalecer’, razão pela qual as versões costumam colocar ‘prevalecer contra’, como se fosse Hades atacando a Igreja.) Entendo que a Igreja é vista como salvando pessoas do lado mau de Hades – sendo que de fato é Jesus que está salvando.

Em 1 Coríntios 15.55 e quatro lugares em Apocalipse, ‘morte’ recebe menção ao lado de Hades. Vamos começar com 1 Coríntios 15.54-56:

⁵⁴Quando quer que este corruptível se revista de incorruptibilidade, e este mortal se revista de imortalidade, então se cumprirá esta palavra escrita: “Tragada foi a morte vitória adentro.” ⁵⁵“Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó Hades, a tua vitória?”¹

⁵⁶O aguilhão da morte é o pecado, e o ajudante do pecado é a Lei.

A primeira citação é de Isaías 25.8. É importante observar que o parágrafo inteiro é direcionado a “irmãos” (verso 50), aqueles que desfrutaram dos benefícios da vitória de Cristo sobre pecado e morte. A segunda citação parece ser uma interpretação de Oseias 13.14.² “O salário de pecado é morte” (Romanos 6.23). Pecado conduz a morte espiritual, e deposita o pecador no lado mau de Hades.

Em Apocalipse 1.18, o Jesus glorificado declara Sua vitória, e como consequência da tal Ele agora detém as ‘chaves de Morte e de Hades’. Em Hebreus 2.14, a tradução correta do Texto grego é ‘abolir aquele que tinha o poder da morte’. Em Apocalipse 6.8, Morte monta um cavalo de cor pálida nojenta, ‘e Hades segue com ele’. O Texto não diz que Hades estava montado também. João estava declarando um fato da existência humana: Hades segue a morte – assim tem sido durante 6.000 anos.

Confesso que o sentido de Apocalipse 20.13 não me é claro. “O oceano entregou os mortos que nele havia, e Morte e Hades entregaram os mortos que neles havia, e foram julgados, cada um, segundo as suas obras.”³ Como pode Morte estar segurando mortos que não estão em Hades? E como pode o oceano ter uma lista separada de mortos? Contudo, o contexto é do Grande Trono Branco, o juízo final. E como somente os perdidos vão comparecer perante esse trono, dali seguindo diretamente para o Lago, podemos presumir que eles já foram ressuscitados. Na morte física, o espírito fica separado do corpo, e ressurreição é a reunião de espírito e corpo. Antes da ressurreição, os espíritos dos perdidos estão em Hades; mas aonde estão os seus corpos? Os restos de tais corpos ou ficaram no oceano ou na terra firme. Se ‘morte’ representa os da terra firme, então verso 13 talvez esteja se referindo à ressurreição dos perdidos. É essa a melhor ideia que consigo fazer do sentido pretendido.

O leitor ‘ligado’ pode ter notado que após Lucas 16 e Atos 2 todas as referências parecem estar tratando do lado mau de Hades. Porque seria? Proponho que o lado bom já não está sendo utilizado. Creio ser possível defender a tese de que quando Jesus ressuscitou, Ele levou consigo os espíritos bons, e os espíritos de todos os salvos que morreram depois também estão com Jesus (mas ainda sem os corpos glorificados).

¹ Menos que 2% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, trazem ‘morte’, em vez de “Hades”, bem como invertem a sequência das duas perguntas (seguidos por NVI, LH, ARA, Cont, etc.).

² O LXX (Septuaginta) concorda basicamente com o N.T. aqui, e provavelmente se baseia neste, não o contrário. O LXX que conhecemos e utilizamos se baseia em manuscritos copiados séculos depois da composição do N.T. Um fariseu rigoroso que nem Saulo de Tarso certamente iria usar manuscritos hebraicos, não uma tradução.

³ Por duas vezes o Texto diz que serão julgados segundo suas obras. Mas como se pode avaliar os atos de alguém de forma justa? Somente levando em conta o contexto. Os que nunca ouviram o Evangelho de Cristo serão julgados dentro do contexto que eles viveram; e o Juiz comprovará que nem dentro de seu próprio contexto eles corresponderam.

Agora vamos considerar o sentido do hebraico *Sheol*. O vocábulo se encontra umas 65 vezes no A.T. As versões oferecem uma variedade de traduções para o termo. Contudo, atendendo para os contextos, não vejo razão para as traduções diferentes. Na minha opinião, o vocábulo deve ser transliterado como um nome próprio sem exceção. Já que a tradução inspirada em Atos 2.27 iguala *Sheol* a *Hades*, entendo ser a conclusão correta. Digo ‘tradução inspirada’ porque sem dúvida Pedro estava pregando em hebraico, mas o registro inspirado do acontecimento está em grego.

Para recapitular e concluir, sendo corretamente entendido e utilizado, ‘Inferno’ diz respeito ao Lago de Fogo e enxofre, a segunda e eterna morte. ‘*Sheol/Hades*’ dizem respeito à ‘sala de espera’ onde os espíritos dos finados aguardam a ressurreição e o juízo final. Porém, creio que desde a ressurreição de Cristo o lado dos salvos, ‘o seio de Abraão’, está vazio.

38) Havemos de manusear serpentes?

*Marcos 16.18*¹

As versões em português geralmente traduzem ‘pegarão em serpentes’ (existe versão que acrescenta ‘com as mãos’, seguindo 2,2% dos manuscritos gregos). Como sabemos, existem pessoas que entendem tal tradução de forma bem literal, e creem que devem manusear cobras peçonhentas por uma questão de obediência a Deus. Respeito a sinceridade de tais pessoas, mas creio que foram enganados por uma tradução inadequada.

Eu diria que este dizer do Senhor tem sido mal entendido, de forma geral. O verbo em questão cobre uma área semântica ampla, um de seus usos sendo ‘pegar’ do jeito que um gari pega num saco de lixo – ele o faz para que o lixo seja levado para longe; ele ‘remove’ o lixo. Creio que Lucas 10.19 jorra luz sobre esta questão. Ali o Senhor Jesus disse: “Eis que eu vos dou [segundo 98% dos manuscritos gregos] a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada vos fará dano algum.” O Senhor estava se dirigindo aos setenta, não aos doze, e outros certamente estavam presentes também; e, isso ocorreu talvez quatro meses antes de Sua morte e ressurreição. Segue-se que essa autoridade não era só para os apóstolos, e não há menção de limite de tempo. O Soberano Jesus declara que Ele nos dá a autoridade sobre todo o poder do inimigo, e autoridade manda em poder. Em Mateus 28.18 Ele declara que Ele detém “toda a autoridade no céu e sobre a terra”, e portanto ele tem o direito e a competência para nos delegar uma parte dessa autoridade. Podemos ter qualquer número de inimigos, mas **o** inimigo é Satanás. A frase, “todo o poder”, deve incluir as obras do inimigo, seguidas por suas consequências.

Voltando a Lucas 10.19, o Senhor nos dá a autoridade para “pisotear serpentes e escorpiões”. Ora, para esmagar o inseto literal, um escorpião, você não precisa de poder do Alto, basta um chinelo. Para pisotear uma cobra, prefiro uma bota, mas podemos matar cobras literais sem ajuda sobrenatural. Torna-se óbvio que Jesus estava falando de outras coisas, não de répteis e insetos. Entendo que Marcos 16.18 se refere à mesma realidade – Jesus afirma que certos sinais vão acompanhar os crentes (a Sua maneira de se expressar acaba tendo o efeito de ordens): eles vão expelir demônios, eles falarão idiomas diferentes, eles removerão ‘serpentes’, eles colocarão mãos nos doentes. (“Se beberem...” não é uma ordem; refere-se a uma eventualidade.) Mas, que quis o Senhor por ‘serpentes’?

Numa lista de atividades distintas, Jesus já havia mencionado demônios, de sorte que as ‘serpentes’ devem ser outra coisa. Em Mateus 12.34 Jesus chamou os fariseus de ‘raça de víboras’, e em 23.33, ‘serpentes, raça de víboras’. Em João 8.44, após eles reivindicarem Deus como o pai deles, Jesus disse, “Vocês são de seu pai o diabo”. E 1 João 3.10 deixa claro que Satanás tem muitos outros ‘filhos’. Em Apocalipse 20.2 lemos: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é um caluniador, o próprio Satanás, que engana toda a terra habitada, e o amarrou durante mil anos.” Se Satanás é uma serpente, então seus filhos também são serpentes. Pois então, entendo que as ‘serpentes’ em pauta são seres humanos que escolhe-

¹ Sendo que somente três manuscritos gregos (de fato, só dois) omitem Marcos 16.9-20, contra uns 1.700 que trazem, sim, esses versos, não pode existir dúvida razoável quanto à genuinidade deles. Para uma discussão maior, favor de ver o item 50) que segue neste Apêndice: “Marcos 16.9-20 e a doutrina da Inspiração”.

ram servir a Satanás, que se venderam à malignidade. Chego à conclusão de que as ‘serpentes’ em Lucas 10.19 são as mesmas que as em Marcos 16.18. Mas, e os escorpiões? Como também são do inimigo, talvez sejam demônios, e nesse caso o vocábulo bem que pode incluir a cria deles, os humanoides [ver o item 18) neste apêndice, “Como foi nos dias de Noé”]. Ainda estou pedindo a orientação de Deus sobre como efetuar a remoção.

39) Hebreus 2.13

Tanto em Mateus 16.19 como em 18.18 o Texto Grego tem uma frase verbal que é um futuro perifrástico perfeito, voz passiva: “terá sido ligado/desligado”. No entanto, tanto na Fiel como na Contemporânea, pelo menos, a frase é traduzida como se fosse um simples futuro: “será ligado/desligado”, com o resultado de que algumas pessoas já pensaram que poderiam dizer a Deus o que fazer. Observe que o Texto não diz se você ‘tentar’ ligar; tem que realmente acontecer, para que o Céu esteja envolvido.

Recentemente vi uma tentativa de justificar esse futuro simples apelando a Hebreus 2.13, onde todas as versões (incluindo a minha, até esta terceira edição!) têm “Porei nEle a minha confiança”. Seu argumento foi baseado na circunstância de que “Eu porei minha confiança” é uma tradução de uma frase verbal perfeita com futuro perifrástico, e não um futuro simples. Quando me perguntei por que eu havia traduzido a frase como futuro simples, concluí que devia simplesmente ter copiado todas as outras. Então me perguntei como poderia entender 'Terei posto a minha confiança'. A resposta está no fato de ser uma citação de 2 Samuel 22.3, o início de um cântico que é repetido como Salmo 18.

Davi estava agradecendo ao Senhor por tê-lo livrado de todos os seus inimigos: “O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador; o Deus da minha força, em quem confiarei”. Considerando a fidelidade de Deus no passado, Davi afirma que continuará a confiar Nele. Até aí tudo bem, mas o autor de Hebreus colocou essas palavras na boca do Cristo [!], e ele não repetiu o futuro simples. Então, por que usou ele o futuro perifrástico perfeito? Os versículos 9 e 10 tratam da encarnação do Filho, que forma a base para as três citações do A.T. nos versículos 12 e 13. Para que o Filho aceitasse a encarnação, era necessária uma confiança suprema no Pai, visto que, como um bebê humano, Ele seria totalmente indefeso e dependente. Para Jeová, o Filho, usar as palavras de David como aplicáveis à Sua encarnação 1.000 anos depois, o futuro perifrástico perfeito é precisamente apropriado: “Terei posto a minha confiança nEle”.

40) Herodes e João

Mateus 14.3-5, Marcos 6.17-20

Para começar, Mateus 14.1-2, Marcos 6.14-16 e Lucas 9.7-9 são a respeito de Jesus, não de João, de sorte que vou deixar esses versos de lado. O que resta para ser considerado é Mateus 14.3-12 e Marcos 6.17-29. No entanto, a rigor, Mateus 14.6-12 e Marcos 6.21-29 são a respeito de Herodias, como ela conseguiu se vingar, sobrando Mateus 14.3-5 e Marcos 6.17-20, que passo a examinar.

Mateus 14: – ³É que Herodes havia prendido João e o amarrado, colocando-o na prisão por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe. ⁴Porque João dizia a ele, “Não te é lícito possuí-la!”¹ ⁵ E embora quisesse mata-lo, ele temia o povo, porque eles o tinham como profeta.

Marcos 6: – ¹⁷É que o próprio Herodes tinha mandado prender João, e colocá-lo na prisão amarrado, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão; porque tinha casado com ela. ¹⁸Pois João seguia dizendo a Herodes, “Não te é lícito viver com a mulher de teu irmão”. ¹⁹Assim, Herodias tinha rancor dele e queria mata-lo; mas não podia, ²⁰porque

¹ A impressão que dá é de que João repreendeu Herodes repetidas vezes – covarde não era.

Herodes temia João e o protegia, sabendo que ele era homem justo e santo. E consultando-o ele fazia muitas coisas; aliás, ele o ouvia com prazer.

À primeira vista, parece haver alguma discrepância entre os dois relatos, mas iremos deavagar, olhando com cuidado.

1) O episódio todo gira em torno de Herodias. Presumivelmente o seu casamento com Filipe nada tinha a ver com amor apaixonado; tais casamentos geralmente tinham outra base. Com o passar do tempo (ela tinha uma filha adolescente), ela resolveu que Herodes oferecia mais do que seu irmão, e conseguiu aliciar Herodes.

2) Entra João o Batizador: transparece que ele se dava bem com Herodes e tinha acesso a ele ao ponto de poder repreendê-lo repetidas vezes, pelo que havia feito. Acontece que reis costumam não gostar de serem repreendidos, e uma rainha tipo Herodias, menos ainda. Herodes estava zangado, mas Herodias estava furiosa.

3) A solução óbvia era se livrarem do irritante, e por isso Herodes mandou prender João, com o propósito de executá-lo. Mas Herodes era um rei vassalo, debaixo do domínio de Roma, e portanto ele se via obrigado a dar alguma atenção à opinião pública – foi a opinião pública que adiou a execução: “ele temia o povo, porque eles o tinham como sendo um profeta”.

4) Ora, Herodes bem sabia que João era ‘um homem justo e santo’, e os dois tinham se relacionado, antes. Com o passar do tempo, Herodes foi se acalmando e resfriando a cabeça. Decidiu que não queria matar João, mas devido a Herodias, ele não podia soltá-lo, tampouco (ela vivia insistindo que João deveria ser morto). Contudo, se você se vê obrigado a manter um profeta de Deus em sua prisão, por que não fazer uso dele?

5) Agora vamos à segunda metade de Marcos 6.20 – “E consultando-o ele fazia muitas coisas; aliás, ele o ouvia com prazer”. Aqui eu sigo a melhor linha de transmissão, embora representando apenas 20% da totalidade dos manuscritos gregos ora conhecidos, que coloca ‘consultando’ no tempo presente; os demais, seguidos pelas versões, colocam o verbo no passado. Contudo, e lamentavelmente, praticamente todas as versões mutilam o relato.

É que “ele fazia muitas coisas” tem o respaldo de mais que 99% dos manuscritos gregos – um mero punhado (0,4%), de qualidade objetivamente inferior, trazem ‘ele ficava perplexo’ (como em NVI, LH, ARA, etc.). Nesse caso, como é que Herodes ouvia João com prazer, e por que ficou ele ‘muito triste’ (verso 26)? Essas versões modernas não fazem sentido; e por que será que fazem questão de mutilar o relato com uma base tão ridiculamente inadequada?

Mas, que tipo de coisa iria Herodes levar a João para ouvir a opinião dele? Proponho que Herodes utilizou João como conselheiro para questões administrativas, e como ele frequentemente seguiu o conselho dele, a administração de Herodes teria sido muito boa, fora do comum, durante algum tempo. Foi por isso que ele realmente ficou triste com a perda de João.

6) Mas aí de Herodes, Herodias sabia como nutrir seu rancor, e nunca desistiu de procurar uma maneira de matar João. O momento oportuno veio com o aniversário de Herodes. É mais do que provável que Herodes já tinha ‘celebrado’ mais do que devia antes do começo do banquete, e por isso não estava mais pensando com clareza. E conhecemos o resto da história. Poderíamos perguntar por que Deus permitiu que um servo tal como João sofresse uma morte tão degradante; mas pelo menos foi instantâneo – em termos de sofrimento, crucificação ou queimar na estaca teriam sido muito pior. Não temos o direito de entender tudo, e portanto não temos a obrigação de explicar tudo. Quando chegar ao Céu, pode perguntar a Deus diretamente, se você ainda quiser saber.

41) ‘Incensário’ ou ‘altar de incenso’?

Hebreus 9.4

O que nos interessa aqui é a palavra grega θυμιατηριον, que ocorre apenas aqui no N.T. Na LXX o significado da palavra é ‘incensário’, e esse é claramente o significado pretendido aqui. Mas, infelizmente, versões modernas como NVI, LH, ARA, etc. traduzem “altar de incenso”, estabelecendo assim uma contradição com o Antigo Testamento. [O que poderia ter motivado um procedimento tão perverso?] De acordo com Êxodo 30.6, o altar de incenso foi

colocado em frente à cortina que conduzia ao Santo dos Santos, e assim ficava no Lugar Santo, não no Santo dos Santos. A única referência a este incensário em particular parece estar em Levítico 16.12, onde deveria ser usado atrás da segunda cortina para esconder a Arca com fumaça. Visto que esse incensário só seria usado uma vez por ano (no dia da expiação), ele pode muito bem ter sido guardado logo atrás de um canto da segunda cortina (onde o sumo sacerdote poderia recuperá-lo sem olhar para dentro) e, portanto, o autor de Hebreus estaria correto ao dizer que o incensário estava atrás da segunda cortina, enquanto o altar estava na frente dela. De qualquer forma, é evidente que aquele incensário era usado apenas dentro do Santo dos Santos, e por isso seria apropriado dizer que a área “tinha” um incensário dourado.

42) Jeremias?

Mateus 27.9-10

Mateus 27.9-10 versa assim: “Então se cumpriu o que tinha sido falado através do profeta Jeremias, a saber: ‘E tomaram as trinta moedas de prata, o valor daquele que foi avaliado, que alguns dos filhos de Israel avaliaram, e as deram pelo campo do oleiro, como o Senhor me determinou’”. A dificuldade surge quando procuramos este material no nosso Jeremias canônico. Notas de rodapé nos encaminham a Jeremias 32.6-9, ou 18.1-4, ou 19.1-3, mas chegando lá, esses textos simplesmente não batem. Zacarias 11.12-13 se aproxima, grosso modo, mas não é exato – e obviamente Zacarias não é Jeremias. Parece que existem manuscritos hebraicos que iniciam o rolo dos profetas com Jeremias, e já houve quem argumentasse que Mateus utilizou o nome ‘Jeremias’ para dizer respeito ao conteúdo do rolo inteiro.

Imagino que poderia ser possível, mas acho mais convincente apelar para Daniel 9.2: “No primeiro ano do seu reinado [Dario] eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos especificado pela palavra do SENHOR através de Jeremias o profeta...” Notar que ‘livros’ é plural. Por que deveria alguém imaginar que homens como Jeremias, ou Isaías, escreveram apenas o que está em nosso cânon? (Eu mesmo já escrevi muita coisa que nunca chegou a ser publicado.) Daniel claramente escreveu ‘livros’, presumivelmente se referindo a Jeremias. Concluo que tais escritos extra-canônicos ainda eram conhecidos no tempo de Mateus, e que Mateus cita um deles. Temos o exemplo de Judas, que no verso 14 cita uma profecia de Enoque – evidentemente ele tinha acesso a uma cópia no tempo dele, embora hoje não exista cópia conhecida em hebraico. É verdade também que Mateus colocou “falado”, em vez de ‘escrito’, embora não se possa insistir na diferença.

43) Jesus se escondeu?

João 8.59

Na ACF, João 8.59 diz assim: “Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou”. Minha tradução é assim: “Com isso pegaram pedras para atirar nEle; mas Jesus ficou invisível e saiu do templo, passando pelo meio deles; sim, foi assim que Ele se safou!” O familiar “se escondeu” não é a melhor tradução aqui. Jesus não tentou se esconder atrás de uma coluna, ou algo assim. Ele estava cercado por judeus furiosos com pedras nas mãos. Obviamente eles o teriam visto e começariam a apedrejar. Ele ficou invisível e simplesmente saiu, passando bem pelo meio deles. Cerca de meio por cento dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior (comprovadamente), omitem “passando pelo meio deles; sim, foi assim que Ele

escapou” (como em NVI, LH, ARA, Cont, etc.). Os 99,5% estão sem dúvida corretos e fornecem um detalhe importante.

44) ‘Jesus’ ou ‘Josué’?

Hebreus 4.8

Sem qualquer dúvida, o texto grego traz “Jesus”, mas todas as versões em português que já vi (exceto a minha) colocam “Josué”. Suponho que “Jesus” foi considerado um anacronismo e, portanto, “Josué” foi eleito para aliviar a situação. Com certeza, a Septuaginta como a conhecemos (baseada em manuscritos alexandrinos inferiores de séculos depois de Cristo) escreve uniformemente “Josué” como Ἰησοῦς (Jesus). (Como linguista, PhD, não consigo entender como os tradutores puderam transliterar 'Iehoshua', o nome de Josué em hebraico, como 'Jesus' – algo estranho aconteceu.) Talvez como consequência, em Atos 7.45, Lucas se refere a Josué como '*Iesus*'. Não era seu propósito corrigir a LXX naquela época, pois Estêvão estava falando hebraico. Normalmente, passando de uma língua para outra, os nomes próprios são transliterados, e uma vez que uma determinada transliteração atinge o status de 'norma', normalmente não haveria razão para alterá-la, uma vez que o significado não muda.

Contudo, olhando para o contexto do Salmo 95.6-11, Josué não se enquadra. Aqui está (FIEL):

“Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou. Porque Ele é o nosso Deus, e nós povo do Seu pasto e as ovelhas da Sua mão. Se hoje ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações, assim como na provação e como no dia da tentação no deserto, quando vossos pais me tentaram, me provaram, e viram a minha obra. Quarenta anos estive desgostado com esta geração, e disse: É um povo que erra de coração, e não tem conhecido os meus caminhos. A quem jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso.

Presumivelmente, era Jeová, o Filho, quem estava falando (“Jeová, nosso Criador”, versículo 6; “Jurei na minha ira”, versículo 11), e como a referência é àqueles que caíram no deserto durante os quarenta anos, Josué não pode vir ao caso. Não só isso, convido a atenção para Josué 21.43-45 e 23.1, onde o Texto afirma que Josué realmente lhes deu descanso. Então, em quem você vai acreditar? Colocar “Josué” em Hebreus tem o efeito de fazer Hebreus contradizer Josué (os livros), um procedimento que o Espírito Santo não aceitará bem.

É claro que o Texto se refere ao descanso físico, não ao espiritual, uma vez que nem Josué nem qualquer outra pessoa poderia ser responsável pelo descanso espiritual de um povo. Ezequiel capítulo 18 é muito claro no sentido de que cada indivíduo é responsável por seu próprio destino eterno. Deus não tem netos, apenas filhos e filhas. Em Mateus 23.8-10, o Soberano Jesus proíbe qualquer tentativa de dominar a fé ou a consciência de outra pessoa. Isto é consistente com Sua declaração em João 4.23-24. A adoração que o Pai deseja não pode ser forçada, imposta, controlada ou fingida.

Para aliviar a noção de “anacronismo”, ofereço o seguinte: 1) em João 12.41 João afirma que Isaías viu Jesus (era Jeová, o Filho, que estava no trono); 2) em 1 Coríntios 10.4 Paulo afirma que a Rocha que fornecia água era Cristo; 3) em Hebreus 11.26 o mesmo autor [como creio] tem Moisés escolhendo “o vitupério de Cristo”; 4) em 1 Pedro 1.19-20 Pedro afirma que o sangue derramado do Cordeiro de Deus, Jesus, era conhecido antes da Criação – mas sangue requer um corpo, e o corpo do Cordeiro era o de Jesus; então Jesus, como Jesus, era conhecido antes da Criação. Voltando a Hebreus 4.8, foi precisamente Jesus, Jeová o Filho, quem não permitiu que aquela geração entrasse no ‘descanso’.

45) João não é Elias

Predomina nas igrejas cristãs do Brasil o ‘substitucionismo’, a ideia de que a Igreja tomou o lugar de Israel, completamente, em todos os planos futuros de Deus. É o

antisemitismo teológico.¹ Mas para manter essa ideia, seus defensores são obrigados a desconsiderar os capítulos 9, 10 e 11 de Romanos, vários outros textos no N.T., além de boa parte das profecias no A.T. Desconsiderar tamanha parcela do Texto Sagrado pode acarretar consequências um tanto desagradáveis, já que o Autor do Texto não deve gostar muito de semelhante atitude. Depois, não deve surpreender a ninguém constatar que os que se aproximam do Texto com essa ideia preconcebida, costumam perpetrar barbaridades com qualquer passagem que lhes é incômoda – por exemplo, Mateus 17.10-13.

Seus discípulos O interrogaram dizendo, “Por que, então, dizem os escribas que Elias há de vir primeiro?”¹¹ E como resposta Jesus lhes disse: “Elias de fato vem primeiro,² e restaurará todas as coisas. ¹²Mas eu vos digo que ‘Elias’ já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem está prestes a sofrer nas mãos deles.”¹³ Então os discípulos entenderam que era de João o Batizador que Ele tinha lhes falado.

É comum ouvir tais pessoas discorrerem sobre os versos 12 e 13, desconsiderando severamente o verso 11. Mas como qualquer doutrina deve levar em consideração todos os textos relevantes, podemos começar com a fonte da discussão, Malaquias 4.5-6.

Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia de Jeová. E ele fará com que os corações dos pais se voltem para os filhos, e os corações dos filhos para seus pais; para que eu não venha e fira a terra com destruição total.³

Em Mateus 16.28 Jesus falou de ver vir “o Filho do homem no seu reino”, e no entender dos três discípulos, o Reino do Messias estava vinculado a ‘o dia de Jeová’. Eles entenderam que acabavam de ver um microcosmo do Reino, e tinham visto Elias, mas estavam descendo o monte de volta a uma realidade que pouco parecia com o Reino. Daí a pergunta, suponho. Mas voltemos aos textos relevantes.

O segundo se encontra em Lucas 1.17 – o anjo Gabriel está anunciando a Zacarias verdades acerca do filho que ele vai ter, João o Batizador. Esse filho iria diante do Senhor seu Deus “no espírito e no poder de Elias”; e faz referência a Malaquias 4.5-6. Diante da dúvida do velho, Gabriel declara que foi enviado por Deus para entregar a mensagem. Agora, alguém teria a coragem de dizer que tanto o anjo, como o próprio Deus, tinham o intuito de enganar o velho? Se João seria o próprio Elias, como poderia o anjo dizer que João atuaria no espírito e no poder de Elias, em vez de ser o Elias?

Agora vamos a João 1.21 – quando sacerdotes e levitas de Jerusalém perguntaram a João se ele era Elias, ele respondeu, “Não sou”. Ora, alguém teria a coragem de dizer que João mentiu? Se não mentiu, então não era Elias. Poderia João estar enganado quanto a sua própria pessoa e seu próprio ofício? Dificilmente: o pai dele havia sido muito claro, e após muito tempo no ermo com Deus, ele começou seu ministério público. Lucas 3.2 esclarece que “veio no ermo a palavra de Deus sobre João, filho de Zacarias” (o Texto diz “sobre João”, não ‘a João’; ele foi impulsionado pela Palavra). Em João 1.23 o Batizador cita Isaías 40.3 como dizendo respeito a ele. João nem mentiu e nem se enganou – não era Elias.

Mas que dizer de Mateus 11.14 – “se vocês quiserem dar crédito, ele é Elias, que há de vir”? Jesus estava elogiando João o Batizador, com alguns dizeres um tanto difíceis de entender; por exemplo no verso 11: “Entre os nascidos de mulher, não surgiu alguém maior do que João o Batizador; mas aquele que é menor no Reino dos céus é maior do que ele”. Como assim? Como pode? O verso 12 também tem dado problema aos comentaristas. No verso 14, quando Jesus diz, “se quiserem dar crédito”, é porque o assunto não é transparente. Embora João ainda estivesse vivo, estava na prisão, de onde só sairia morto. Como então poderia Jesus dizer que Elias ainda tinha de vir, se era de fato Elias que estava na prisão e só sairia

¹ Aliás, o antisemitismo está arraigado no idioma nacional; ‘judiar’ e ‘judiação’ são vocábulos pejorativos.

² Talvez 3% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, omitem ‘primeiro’ (como em NVI, LH, ARA, etc.).

³ O vocábulo hebraico aqui significa ‘destruição total’, e não ‘maldição’, como em muitas versões. E quando haverá destruição total do planeta? Será no término do Reino Messiânico Milenar. Por outro lado, a destruição durante a ‘grande tribulação’ chegará perto; será terrivelmente terrível!

morto? Agora vamos a Mateus 17.10-13 e Marcos 9.11-13, que são paralelos; só que agora João estava mesmo morto.

No verso 11 (Mateus 17) Jesus declara: “Elias de fato vem primeiro, e restaurará todas as coisas”. Como João já estava morto, e Jesus coloca a vinda de Elias no futuro, então João não era Elias, mesmo porque João não ‘restaurou todas as coisas’; aliás, ele restaurou relativamente pouco. Resumindo: João preencheu o ofício, arauto, para o primeiro advento de Cristo que o próprio Elias (literalmente) preencherá para o segundo advento. São pessoas distintas, com momentos distintos.

46) Jorão – Lucas 3.33

‘Jorão’ – Lucas 3.33 X Mateus 1.3, Rute 4.19 e 1 Crônicas 2.9. Sigo 80% dos manuscritos gregos, incluindo a melhor linha de transmissão, ao colocar Jorão entre Arão e Esrom. Contudo, já que tanto o Texto Recebido, como o texto eclético ora em voga, seguem os 20%, minha tradução é a primeira, que já vi, a incluir Jorão. A dificuldade óbvia com este procedimento é que parece ir contra Mateus 1.3, Rute 4.19 e 1 Crônicas 2.9, que não trazem ‘Jorão’. A discordância aparente com esses três versos seria um incentivo óbvio para omitir ‘Jorão’. Mas qual seria a motivação possível para alguém inventar e inserir um nome desconhecido? E mesmo que alguém assim fizesse, como chegaria a dominar 80% do fluxo da transmissão? Mas então, aonde poderia Lucas ter encontrado esse ‘Jorão’? Entendo que Lucas obteve a informação a respeito de Jorão de registros que existiam no tempo dele; e sendo informação correta, o Espírito Santo o levou a incluir o nome no seu Evangelho.

Assim como Judas, que citou Enoque – a profecia de Enoque certamente existiu no tempo de Judas, mas atualmente não dispomos de cópia em hebraico (consta que a comunidade judaica tinha uma no século 13 d.C.); da mesma forma não dispomos de cópia da fonte usada por Lucas. Devemos lembrar o propósito declarado de Lucas ao escrever: “pareceu-me bem também a mim, ó excelentíssimo Teófilo, tendo anotado cuidadosamente tudo que veio do Alto, escrever-te com precisão e em sequência, 4 para que possas saber a certeza das coisas que te foram ensinadas” (Lucas 1.3-4). Dado seu propósito declarado, o registro de Lucas tem a obrigação de ser historicamente exato (ver Lucas 2.2 e 3.1).¹ Pois então, concluo que o Espírito Santo levou Lucas a incluir Jorão. Segue-se que Arão foi de fato neto de Esrom; Esrom gerou Jorão, que gerou Arão. Já que estou aqui, minha solução para a ‘dificuldade’ de Jeremias em Mateus 27.9-10 é similar. Daniel (9.2) refere-se a “os livros” (plural) ao falar de Jeremias, o profeta. Entendo, pois, que Mateus dispunha de acesso a outros escritos de Jeremias, dos quais não temos cópia hoje.

47) Lamentar, não chorar

Mateus 5.4

A questão diante de nós é entender o que Jesus queria dizer. Devemos interpretar do ponto de vista de Jesus, não do nosso, ou de quem quer que seja. O ‘lamentar’ aqui não é choro porque você está doendo; nem é choro de luto porque você perdeu ente querido. É lamentação pelo mal e pelo pecado, e as consequências de ambos. Senão, vejamos. A ‘Bíblia’ de Jesus era o Antigo Testamento, e é lá que devemos procurar a definição do vocábulo.

Podemos começar por Esdras. Em 9.1-4 Esdras toma conhecimento do pecado do povo.² Em 9.5-15 temos uma oração com identificação. Esdras ora, confessando o pecado do povo, e na condição de líder ele inclui a sua pessoa na confissão, embora ele não tivesse participado do pecado em questão. Em 10.1 temos Esdras orando, fazendo confissão e chorando,

¹ O sentido normal, central, do vocábulo grego aqui, *ανωθεν*, é precisamente ‘do alto’, e não vejo motivo adequado para rejeitar esse sentido aqui (embora o sentido secundário, ‘desde o princípio’, seja possível). Ainda mais porque no verso anterior ele já havia utilizado a frase normal, *απ αρχης*, que significa ‘desde o princípio’. Entendo que Lucas está afirmando inspiração divina, sem rodeios.

² Tanto 9.4 como 10.3 mencionam a parcela do povo que tremia diante das palavras do Deus de Israel – é o ‘espírito humilde’.

prostrado diante da casa de Deus. Agora atenção para 10.6 – Esdras se isola, não come pão e nem bebe água, “porque lamentava pela transgressão (a infidelidade) dos do cativo”. Aqui temos um caso concreto de lamentação pelo pecado e suas consequências.

Agora vejamos Daniel. Em 9.3 ele se dirigiu ao Senhor Deus com oração, súplicas, em jejum, em pano de saco e em cinzas. Em 9.4-19 temos outra oração com identificação. Daniel ora, confessando o pecado de seu povo, incluindo-se na confissão, embora o pecado não tenha sido dele, pessoalmente. Em 9.20-27 Daniel recebe uma visita e uma comunicação do anjo Gabriel. Talvez três anos depois, em 10.2, Daniel afirma que ele mesmo passou três semanas lamentando, jejuando o tempo todo. Certamente ele não estava lamentando qualquer problema particular dele; era pelo mal e suas consequências.

Agora Jeremias 7.28-29 – “Esta é uma nação que não dá ouvidos à voz de Jeová seu Deus e não aceita a correção; a verdade pereceu e desapareceu da sua boca. Corta o teu cabelo e joga-o fora, e levanta uma lamentação nos lugares altos; porque Jeová rejeitou e abandonou a geração de Sua ira”. O pecado do povo chegou ao ponto de provocar a ira de Deus, tanto que Ele virou as costas para aquela geração. Aqui temos outro caso de lamentação pelo pecado e suas consequências.

Agora vejamos dois textos que vinculam consolo à lamentação. Isaías 57.18 diz: “Tornarei a dar consolo a ele e aos seus lamentadores”. Em Lucas 4.18-19 Jesus aplicou a si próprio a profecia em Isaías 61.1-2, mas Ele não citou a profecia toda. Interessa aqui 61.2-3; o Messias foi ungido para: “consolar todos os que lamentam; e ordenar acerca dos que lamentam em Sião que se lhes dê beleza em vez de cinza, óleo de gozo em vez de lamentação, vestes de louvor em vez de espírito angustiado”.

Mas exatamente como funciona o conforto, o consolo? Antes de atentar para o consolo nesta vida, vejamos o porvir. Quando alguém lamenta mal e pecado, transparece que ele está do lado de Deus, vendo como Ele vê. Para tais pessoas, o conforto final e total virá no Céu. Em Apocalipse 21.4 a grande voz do Céu dá a dica: “Deus enxugará de seus olhos toda a lágrima; não haverá mais morte, nem lamentação, nem carpiço, nem dor – não mais existirão, porque as primeiras coisas já passaram”.

Podemos começar por Lucas 16.25 – “Mas Abraão disse: ‘Filho, lembra-te de que recebeste as tuas coisas boas durante tua vida, ao passo que Lázaro tinha coisas más; mas agora é ele que está sendo confortado, e tu atormentado.’” O relato do homem rico e o mendigo Lázaro começa no verso 19 e termina no verso 31. No verso 25 ambos já tinham morrido e estavam em Hades, a ‘sala de espera’ onde os espíritos dos finados aguardam o juízo final. Mas como o destino final é determinado pelo que se fez em vida, os perdidos já estão separados dos salvos. A prisão preventiva proporciona sofrimento ao réu, mesmo antes do caso ser julgado. Pelo outro lado, os santos já recebem benefícios antecipadamente – é por isso que Lázaro já estava recebendo conforto.

Agora vamos a 2 Tessalonicenses 1.4-8:

“Nós gabamos de vocês entre as congregações de Deus, pela vossa perseverança e fé no meio de todas as perseguições e aflições que estão suportando; ⁵as quais demonstram que o juízo de Deus é justo, para que sejam havidos por dignos do Reino de Deus, em prol do que estão de fato sofrendo; ⁶já que é justo para Deus retribuir com aflição aos que estão vos afligindo ⁷e com descanso, junto a nós, a vocês que estão sendo afligidos, quando da revelação do Senhor Jesus desde o Céu, com os Seus anjos poderosos em meio a chamas flamejantes, ⁸infligindo vingança nos que não conhecem a Deus e nos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.”

É na ocasião da segunda vinda do Senhor Jesus que os que sofreram por causa do Evangelho irão entrar no seu descanso. Aí eles terão consolo permanente, mas terão também o ‘consolo’ de ver a punição dos perseguidores. Aliás, a certeza de que o mal será punido nos ajuda a suportar os maus tratos ainda em vida. O Salmo 73, de Asafe, trata claramente disso.

No primeiro verso Asafe dá a conclusão final para que o leitor não fique abalado com o que segue. Nos versos 2-14 ele relata a luta que teve, vendo a prosperidade dos ímpios ao passo que ele, procurando ser justo, sofria. Nos versos 15-16 ele pensa no efeito negativo nos outros se ele falar o que está pensando. Agora o verso 17: “Até que entrei no santuário de

Deus; então entendi o fim deles (o destino dos ímpios)”. Versos 18-20 tratam da destruição dos ímpios. Nos versos 21-22 Asafe confessa seu pecado, e versos 23-26 falam de sua restauração espiritual. Os versos 27-28 fecham com as conclusões devidas. Podemos nos confortar com a certeza de que o mal será punido, mas muito mais importante é o conforto espiritual que recebemos quando andamos com Deus. 2 Crônicas 7.14 e 2 Coríntios 1.3-5 também falam do conforto que recebemos nesta vida, quando lamentamos o mal.

Jonas 3.7-9 nos proporciona um exemplo prático muito interessante. Lembrando o contexto: Deus manda Jonas ir a Níneve e pregar contra ela. Jonas vai, mas muito a contragosto. Ele entrega a palavra de forma bruta. Então houve uma maravilha: os ninevitas se arrependeram, começando pelo rei. Vejamos Jonas 3.7-9:

“Por decreto do rei e de seus nobres: Nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem se lhes dê alimentos, nem bebam água; mas os homens e os animais sejam cobertos de pano de saco, e clamem fortemente a Deus; sim, que cada um deixe o seu mau caminho e a violência que há nas suas mãos. Quem sabe se Deus se voltará e se aplacará e se apartará do furor de sua ira, de sorte que não pereçamos?”

O verso 10 diz que de fato Deus desistiu de destruí-los naquela ocasião. Houve lamentação pelo pecado, e houve consolo. É que tremeram diante da Palavra de Deus!

Para terminar, vejamos a palavra de Jesus em Mateus 11.29 – “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as vossas almas”. Esse descanso funciona durante esta vida, bem como durante a eternidade. Louvado seja Deus!

48) Lucas 24.46-47

Uma pessoa amiga me telefonou recentemente para perguntar se eu tinha uma solução para o que parecia ser um problema em Lucas 24.46-47. Na minha edição estava escrito assim: E Ele disse-lhes: “Assim está escrito, e assim foi necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia, e que em Seu nome seja proclamado arrependimento e perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”. Acredito que a maioria das versões (senão todas) tem essencialmente a mesma coisa. O ‘problema’ é que tal tradução coloca o conteúdo do que Jesus disse no A.T., onde não pode ser encontrado. Jesus é feito afirmar uma falsidade, definitivamente fora de caráter, para dizer o mínimo! No calor do momento, não tive resposta para essa pessoa, mas prometi investigar. Aqui está o resultado.

Acredito que seja geralmente aceito que uma série de substantivos ligados por “e”, cada um com o artigo definido, refere-se a entidades distintas. A fórmula batismal em Mateus 28.19 dá um belo exemplo: “do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.¹ O significado normal da frase composta é que as três entidades são distintas; cada um é distinto dos outros dois.²

Submeto, para a devida consideração, que o mesmo se aplica a uma série de substantivos, ou frases, ligados por ‘e’, quando a mesma preposição é repetida para cada um deles. Sugiro que Gálatas 6:16 oferece um exemplo justo: “que a paz e a misericórdia estejam com eles e com o Israel de Deus”. “Eles” e “o Israel de Deus” referem-se a grupos distintos de pessoas.³ Além disso, submeto para consideração que o mesmo advérbio, explicitamente repetido e ligado por ‘e’, funcionará de maneira semelhante; o que me traz de volta ao nosso ‘problema’. O Texto tem: οὕτως γεγραπται και οὕτως εδει παθειν τον Χριστον.

Lamentavelmente, o texto eclético atualmente em voga omite και οὕτως εδει, seguindo 0,5% dos manuscritos gregos conhecidos, todos de qualidade objetivamente inferior.⁴ Os

¹ Como a gramática grega tem casos, a preposição aqui faz parte do artigo definido, no Texto Grego.

² De passagem, observe que a frase composta está subordinada a “o nome de”, sendo ‘o nome’ singular. Portanto, aqui temos uma apresentação da Trindade: três pessoas representando um “nome” ou essência. Temos isso na palavra do Cristo ressuscitado!

³ No texto grego, a preposição “sobre” é repetida.

⁴ Que base objetiva tiveram os editores para seguir 7 manuscritos (de qualidade objetivamente inferior) contra 1.700 melhores? Nenhum. Como puderam eles perpetrar tal atrocidade? A resposta pode ser encontrada em Efésios 2.2.

99,5% estão certamente corretos. No versículo 44 Jesus diz aos Onze que o A.T. tinha que ser cumprido. O versículo 45 diz: “Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”, e o versículo 46 continua, “e disse-lhes: ‘Assim foi escrito. E assim foi necessário que o Cristo sofresse...’” O ‘assim foi escrito’ remete ao conteúdo dos versículos 44-45 e encerra o tópico. O segundo ‘assim’ abre um novo tópico, de modo que o material que segue não é atribuído ao A.T. O ‘problema’ que as nossas traduções incorretas criam é espúrio.

Dito isto, porém, o texto eclético mantém e impõe o problema. As versões que seguem esse texto terão algo assim: E Ele lhes disse: “Assim está escrito que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia”. Sem dúvida, qualquer tradução desse tipo faz Jesus afirmar uma falsidade. Isso não é perverso?

49) Luz para os cegos?

Atos 26.18

Paulo estava se defendendo diante do rei Agripa. Nos versículos 12–18 ele descreveu seu encontro com o Jesus glorificado.

12 “Numa dessas viagens, indo eu para Damasco, com autorização e comissão dos principais sacerdotes, 13 ao meio dia, ó rei, estando eu a caminho, vi uma luz do céu mais resplandecente que o sol, brilhando ao meu redor e ao redor dos que iam comigo. 14 Caímos todos no chão e ouvi uma voz dirigida a mim e dizendo em língua hebraica:¹ ‘Saulo, Saulo, por que estás me perseguindo? Ti é duro dar coice contra os agulhões.’ 15 Aí eu disse, ‘Quem és, Senhor?’ E Ele disse: ‘Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo. 16 Agora, levanta-te e põe-te sobre teus pés, pois eu ti apareci para isto: para constituir-te servo e testemunha, tanto das coisas que tens visto, como das coisas que te revelarei. 17 Eu te livrarei do ‘povo’ e das nações étnicas, para as quais eu estou te enviando: 18 para abrir-lhes os olhos, a fim de trazê-los da escuridão para a luz e da autoridade de Satanás para Deus, para que recebam perdão de pecados e uma herança entre os santificados, pela fé que é para dentro de mim.’

Desejo chamar a atenção para a comissão missionária que Paulo (ele ainda era Saulo) recebeu. Mateus 28.19, Marcos 16.15, João 20.21 e Atos 1.8 aconteceram entre a ressurreição e a ascensão, mas para comissionar Paulo, Jesus retornou do Céu! Um outro detalhe merece atenção especial – a responsabilidade que Paulo recebeu dizia respeito principalmente às nações étnicas (“Gentios” é uma tradução da mesma palavra que em Mateus 28.19 é traduzida como “nações”). Por estas razões, parece-me que esta comissão missionária assume uma importância especial para nós, e ainda mais para quem vai fazer um trabalho transcultural pioneiro. Portanto, consideremos esta comissão com mais detalhes.

Paulo é enviado às nações (definidas etnicamente), “para abrir-lhes os olhos, a fim de trazê-los da escuridão para a luz e da autoridade de Satanás para Deus, para que recebam perdão de pecados e uma herança entre os santificados, pela fé que é para dentro de mim.”

Eu traduzi o segundo verbo como ‘trazer de volta’ em vez de ‘virar’ ou ‘converter’ porque considero que essa é a nuance correta do Texto. Dá a impressão de que alguém está no lugar ou situação errada e precisa ser levado ao lugar correto. E agora o ponto principal: a oração proposital introduzida pela conjunção ‘para que’ está subordinada à locução verbal dominada pelo verbo “trazer de volta”. Em outras palavras, antes mesmo que alguém possa receber o perdão dos pecados, ele deve ser libertado do poder de Satanás! Antes que uma pessoa possa ser salva, alguém deve fazer algo a respeito da influência de Satanás sobre ela.

Mas estou me adiantando; precisamos começar do início, “para abrir os olhos”. Se seus olhos estiverem fechados, eles estão cegos. De que adianta a luz para uma pessoa cega? Deveria ser óbvio que o Jesus glorificado não estava dizendo que todos os gentios eram fisicamente cegos; Ele estava se referindo à cegueira espiritual. Em Mateus 15.14 Ele se referiu a guias cegos guiando pessoas cegas, e não estava falando de cegueira física, exceto como uma

¹ Naturalmente, uma conversa entre dois judeus se daria em hebraico.

ilustração da espiritual. Em Romanos 2.19 Paulo se refere aos espiritualmente cegos. Em 2 Coríntios 3.14 ele se refere a essa cegueira como um “véu”. Em 2 Coríntios 4.4 Paulo explica isso.

No versículo 3 ele se refere ao Evangelho sendo escondido daqueles que estão perecendo, ou se desperdiçando, e então prossegue: “nos quais o deus desta era cega a mente dos incrédulos, para que a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça”. O Texto afirma claramente que Satanás, “o deus deste mundo”, está empenhado em cegar as mentes dos incrédulos quando ouvem o Evangelho, para que não entendam, para que não sejam convencidos, para que não se arrependam e se convertam. Esta é uma verdade terrível. O inimigo tem acesso às nossas mentes, acesso no sentido de que tem o poder ou a capacidade de invadi-las, seja introduzindo pensamentos ou obstruindo o nosso raciocínio. O Senhor Jesus já havia declarado esta verdade anteriormente, quando explicou a parábola do semeador. “Estes são aqueles onde a palavra é semeada junto do caminho: logo que a ouvem, Satanás vem e retira a palavra que foi semeada nos corações deles” (Marcos 4.15). Na passagem paralela em Lucas 8.12 Jesus acrescenta as seguintes palavras: “para que não se salvem, tendo crido”. Note que a Palavra já está na mente ou no coração da pessoa, mas depois vem Satanás, invade a mente e ‘tira’ aquela palavra. Não tenho certeza de como funciona essa intrusão do inimigo, talvez ele cause algum tipo de bloqueio mental, mas o efeito prático é que a Palavra se torna ineficaz, como se a pessoa nem a tivesse ouvido.

Parece-me óbvio que quem não levar em conta essa verdade estará se condenando a produzir pouco efeito no âmbito espiritual, a trabalhar duro e a conseguir pouco. Então, como podemos abrir os olhos das pessoas? Devemos lidar com a causa da cegueira, devemos libertá-las do poder de Satanás, devemos fazer algo a respeito da influência de Satanás sobre elas.

O Senhor Jesus já havia dito a mesma coisa com palavras diferentes durante Seu ministério terreno. Encontramos isso em Marcos 3.27. “Ninguém pode saquear os bens do homem forte, invadindo sua casa, se primeiro não amarrar o homem forte; depois pode saquear a casa.” Usei o artigo definido com a primeira ocorrência de “homem forte” porque o texto grego o contém, a questão sendo que este homem forte em particular já foi introduzido no contexto imediato. ‘O homem forte’ aqui é Satanás. (Os líderes judeus tentaram explicar a autoridade de Jesus sobre os demônios dizendo que Ele os expulsou pelo poder de Belzebu, príncipe dos demônios. Em sua réplica, Jesus não perde tempo com esse nome, mas usa o nome próprio do inimigo, Satanás.)

Pois então, o Senhor Jesus declara que é impossível roubar os bens de Satanás, a menos que primeiro o amarramos. (A partir do Seu uso de “ninguém”, parece claro que o Senhor está enunciando um princípio ou uma verdade geral.) E qual poderia ser a natureza desses “bens”? No contexto (ver Mateus 12.22-24) Jesus libertou alguém de um demônio que causava cegueira e mudez, e em seus comentários os escribas e fariseus incluíram outros casos em que Jesus expulsou demônios – parece claro que os ‘bens’ são pessoas que estão sujeitas ao poder de Satanás, de uma forma ou de outra. Assim, temos a mesma verdade essencial como declarada em Atos 26.18 – temos que fazer algo a respeito do poder de Satanás sobre uma pessoa para que ela possa ser salva! Então, o que podemos ou devemos fazer? Visto que o objetivo das algemas (“amarrar”) é impedir alguém de agir, acredito que com tantas palavras, em voz alta ou em pensamento, devemos proibir Satanás (que geralmente usará demônios) de interferir nas mentes de nossos ouvintes, antes de testemunharmos, pregarmos ou ensinarmos. Considere o que o Soberano Jesus disse em Lucas 10.19.

“Atenção, eu estou dando¹ a vocês a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões, bem como sobre todo o poder do inimigo, e nada poderá lhes fazer mal algum.” Em Mateus 28.18, o Soberano Jesus afirma que Ele detém “toda a autoridade no céu e sobre a terra”, então Ele é claramente competente para delegar parte dessa autoridade para nós. Agora, então, como funciona, na prática, a “autoridade sobre todo o poder do inimigo”? Autoridade controla

¹ Em vez de “estou dando”, talvez 2,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, têm “dei” (como na NVI, ARA, LH, Cont, etc.) – um erro sério. Jesus disse isso talvez cinco meses antes de Sua morte e ressurreição, dirigindo-se aos setenta (não apenas aos doze). O Senhor está falando sobre o futuro, não sobre o passado; um futuro que nos inclui a nós!

poder, mas já que temos acesso ao poder ilimitado de Deus (Efésios 3.20), não devemos dar a Satanás a satisfação de usarmos o poder dele (e ele poderia facilmente nos enganar, fazendo-nos fazer coisas que não deveríamos). Deveríamos usar a nossa autoridade para proibir o uso do poder de Satanás, com referência a situações específicas – na minha experiência, devemos ser específicos. (Tentei amarrar Satanás de uma vez por todas até o fim do mundo, mas não funcionou; presumivelmente porque o plano de Deus exige que a atividade do inimigo continue neste mundo. Podemos limitar o que o inimigo faz, mas não proibir a sua atuação completamente, ou pelo menos assim me parece.) Mas como devemos fazer isso?

Na armadura descrita em Efésios 6 encontramos “a espada do Espírito” (versículo 17). A espada é uma arma de ataque, embora também seja usada para defesa. O Texto nos diz que esta espada é “a $\rho\eta\mu\alpha$ de Deus” – $\rho\eta\mu\alpha$, não $\lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$. É a Palavra de Deus falada ou aplicada. Realmente, para que serve uma espada deixada na bainha? Por mais maravilhosa que seja a nossa espada (Hebreus 4.12), para produzir efeito ela deve sair da bainha. A Palavra precisa ser falada ou escrita – aplicada de uma maneira específica.

Na Bíblia temos muitos exemplos de pessoas que colocaram o poder de Deus em ação ao falar. Nosso mundo começou com uma palavra criativa de Deus – falada (Gênesis, 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26; e veja Hebreus 11.3). Moisés falou muito. Elias falou (1 Reis 17.1, 18.36, 2 Reis 1.10). Eliseu falou (2 Reis 2.14, 21, 24; 4.16, 43; 6.19). Jesus falou muito. Ananias falou (Atos 9.17). Pedro falou (Atos 9.34, 40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3, 10; 16.18; 20.10; 28.8). Em suma, precisamos falar!

Já me perguntaram por que não há registros de que o próprio Paulo proibiu a atividade de Satanás; e se isso é tão importante, por que não foi dito também aos outros apóstolos? Eu diria que os outros apóstolos foram realmente informados, e três dos Evangelhos mencionam isso (Mateus 12.29, Marcos 3.27, Lucas 11.21-2). Quanto a Paulo, ele não apenas pregou e ensinou, mas deu demonstrações visíveis do poder de Deus (1 Tessalonicenses 1.5). O primeiro exemplo registrado de seu procedimento está em Atos 13.6-12. Elimas foi presumivelmente demonizado, mas de qualquer forma estava sendo usado por Satanás para afastar Sérgio Paulo da verdade. Paulo discerniu o que estava envolvido e tomou as medidas adequadas, pelo que o procônsul acreditou, “vendo o que tinha acontecido”. Que este não foi um caso isolado pode ser visto em Atos 14.3, 16.18, 19.11-20, 2 Coríntios 12.12 e especialmente Romanos 15.18-19. Paulo declara que tornou os gentios obedientes “por palavras e ação”, “pelo poder de sinais e maravilhas, pelo poder do Espírito de Deus”, e com base nisso afirmou ter “proclamado plenamente o Evangelho de Cristo”. O que leva à questão de como os outros apóstolos entendiam a sua comissão.

Paulo não compartilhou com os Doze a vantagem de observar de perto os três anos do ministério de Jesus. A pregação de Cristo estava inextricavelmente misturada com a cura dos enfermos e a expulsão de demônios. Ele sabia exatamente o que estava envolvido (cf. Lucas 13.16). Quando Ele os enviou de dois em dois, Suas ordens foram explícitas: “Indo, preguem,... curem os enfermos, purifiquem os leprosos, expulsem demônios” (Mateus 10.7-8; cf. Marcos 6.7-13 e Lucas 9.1-6). Em Marcos 16.15-18, a cura e a expulsão estão expressamente incluídas na Grande Comissão (estou preparado para demonstrar que os versículos 9-20 são necessariamente o final original de Marcos e, portanto, são Escritura), e o versículo 20 afirma que o Senhor confirmou a sua pregação “com os sinais que a acompanhavam”. Hebreus 2.4 repete que o ministério deles foi caracterizado por “sinais, prodígios e diversos milagres”. Os Apóstolos demonstraram a verdade de João 14.12, onde Jesus afirmou: “Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço”. O Evangelho pregado

por Jesus e Seus Apóstolos foi feito com palavras e ações, ações milagrosas, ações sobrenaturais. E o Evangelho que nós pregamos?¹

Volto agora a uma análise da comissão de Paulo. Ao tentar evangelizar um ou mais pagãos (não-cristãos), havia uma sequência de coisas a serem feitas:

1) Visto que a luz não tem utilidade para uma pessoa cega, o ponto de partida necessário é lidar com a sua cegueira espiritual, cancelando as fortalezas satânicas e os pontos cegos das suas mentes (1 João 3.8).

2) “Para trazê-los de volta das trevas para a luz e da autoridade de Satanás para Deus” – as frases preposicionais são paralelas e basicamente sinônimas. Libertada da cegueira, a pessoa está agora pronta para a luz, a luz da Boa Nova de Deus. Uma vez repelida a interferência do inimigo, creio que seja possível introduzir uma influência positiva, baseada em Mateus 18.18. Entendo que o “ligar” inclui a repulsão da interferência do inimigo e, nesse caso, o “desligar” inclui presumivelmente a introdução de uma influência positiva. Invoco o Espírito da Verdade (João 15.26) e da convicção (João 16.8) para guiar e encorajar a pessoa a crer para dentro de Jesus.

3) “Para que recebam perdão de pecados e uma herança entre os santificados” – este é o resultado desejado. A rigor, o Texto traz ‘os que foram santificados’, referindo-se ao resultado final. Contudo, é bom lembrar que a santificação também é um processo.

4) Para receber esse resultado desejado, a pessoa deve crer para dentro de Jesus, ‘para dentro de’, não ‘em’ – o Texto sempre traz crer para dentro de Jesus, a questão sendo que há uma mudança de posição, de estar fora para estar dentro, e compromisso está envolvido.

50) ‘Manso’ não é ‘fraco’

Mateus 5.5

A questão diante de nós é entender o que Jesus queria dizer. Devemos interpretar do ponto de vista de Jesus, não do nosso, ou de quem quer que seja. Primeiro: ‘Manso’ não é ‘fraco’, é poder sob controle. Um gatinho é meramente fraco; já uma onça pode agir de forma mansa, com as unhas retraídas. Repito, ser manso é ter poder sob controle. Outrossim, ser manso não é ficar passivo diante do mal, e nem ficar inerte quando está sendo burilado por Deus. Poderia ser a falta de ambição pessoal, sabendo que o poder não é dele, mas isso não combina com a segunda metade. Segundo: ‘herdar a terra’ não é sinônimo de ‘ir para o céu’ (e nem de receber bênçãos espirituais); a terra é uma coisa e o céu é outra (e a vida espiritual ainda outra). Também, ‘a’ terra (o Texto tem o artigo definido) deve dizer respeito a esta terra, e não a uma nova ou outra terra. Sim, porque no contexto não há outra, e o Apocalipse só seria escrito 60 anos mais tarde.

Podemos começar com o caso de Moisés. Números 12.3 diz: “Era o homem Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra”. Mas como assim? Como poderia ele ser o mais manso da terra? Precisamente porque era também o homem mais poderoso na terra, naquela época. Moisés não era fraco, era manso. Depois, ele não ficou passivo diante do mal, e nem ficou inerte quando estava sendo burilado por Deus.

¹ Às vezes me pergunto se nós, evangélicos, não consideramos os apóstolos, especialmente Paulo, como virtualmente divinos. As Escrituras deixam claro que os escritores do A.T. não compreenderam todas as implicações do que escreveram. Eles foram protegidos de erros enquanto escreviam, mas não ao interpretarem para si mesmos o que haviam escrito. Não vejo razão para supor que os escritores do N.T. tenham sido tratados de maneira diferente. O próprio Texto Sagrado registra algumas de suas falhas. Por que deveríamos presumir que Paulo e os outros tinham plena compreensão de toda a gama de opções para a guerra espiritual? Certamente nenhum procedimento ou técnica detalhada é explicada na Bíblia. Por que não? Eu sugiro o seguinte. Esta área da verdade é tão poderosa que se um procedimento infalível tivesse sido explicado de forma inequívoca, Satanás e os seus anjos já teriam sido exterminados há muito tempo. Mas isso teria frustrado o propósito de Deus em permitir que continuassem em operação mesmo derrotados e com destino final definido. Além disso, parece ser o propósito de Deus que nossa caminhada com Ele não seja fácil ou automática – Ele é um recompensador daqueles que O “buscam diligentemente” (Hebreus 11.6). Além disso, exercer o poder de Deus é um privilégio exigente; requer mãos limpas e um coração puro (Tiago 4.8), exige humildade (Tiago 4.6). Deus não entrega Seus segredos aos preguiçosos e descomprometidos (Provérbios 25.2).

Vejam também o caso do Soberano Jesus, enquanto encarnado na terra. Mateus 11.29 diz: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as vossas almas”. Jesus declarou a seu próprio respeito que era ‘manso’. Alguém consegue imaginar que Jesus era fraco? Claro que não! A exemplo de Moisés, Jesus era manso exatamente porque era o mais poderoso na Sua época. É mais do que óbvio também que Ele não ficou passivo diante do mal, e nem ficou inerte diante do sofrimento determinado pelo Pai.

Muito bem, manso é poder sob controle; mas como é que os mansos podem ‘herdar a terra’? Para começar, vão precisar de poder, muito poder. Depois, será necessário saberem como fazer uso desse poder. Sim, porque para herdar a terra terão de tirá-la da mão de Satanás! Alguém já esqueceu de Lucas 4.6? Enquanto Satanás estava testando Jesus, ele ofereceu o mundo a Ele dizendo, “porque a mim me foi entregue, e o dou a quem quero!” Lembrar que Jesus não desmentiu o direito de Satanás no caso. É verdade que Jesus ganhou a vitória sobre Satanás, pela cruz e a ressurreição, mas por Seus próprios motivos, Deus permite que Satanás continue agindo neste mundo como se ainda fosse o dono. Compete a nós obrigar o inimigo a reconhecer a sua derrota. Compete a nós “desfazer as obras do diabo” (1 João 3.8), mesmo porque Jesus disse, “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21). Pois então, e o poder necessário para fazermos isso?

Vejam primeiro Efésios 3.20 – “Ora, a Aquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo que pedimos ou imaginamos, segundo o poder que está operando em nós, a Ele seja a glória na Igreja em Cristo Jesus...” O raio de minha imaginação representa meu limite; é óbvio que não vou pedir uma coisa que nem consigo imaginar. Mas o poder que está operando em mim (nós) pode ‘infinitamente mais’ do que isso. Em outras palavras, do lado de Deus o poder é sem limite. É do nosso lado que a coisa fracassa. Não sabemos como pedir, ou o que pedir, e muito menos como fazer uso de semelhante poder. Mas que o poder está à nossa disposição, está.

Vem ao caso Efésios 1.19-21. Paulo está orando a favor dos efésios, e ele pede que eles possam saber três coisas, inclusive:

“Qual a sobre-excelente grandeza do Seu poder para dentro de nós que estamos crendo, conforme a demonstração do alcance de Sua força, que Ele exerceu no Cristo quando O ressuscitou dentre os mortos e O fez assentar-se à Sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade e poder e domínio – mesmo todo nome que se possa citar, não só nesta era, mas também na próxima.”

O que o Texto diz mesmo é “poder para dentro de nós que estamos crendo” – observar que o poder é para estar dentro de nós, mas o verbo ‘crer’ está no tempo presente; o fato de você ter crido ontem não resolve, tem que estar crendo hoje. Atenção para a posição de Cristo agora: à direita do Pai, bem acima de toda e qualquer patente e nome, o que inclui os seres angelicais, inclusive o próprio Satanás. Agora vejam Efésios 2.5-6 – “Mas Deus,... nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”. Isto é tremendo! Aqui temos a nossa posição e autoridade. Se estamos em Cristo, estamos à direita do Pai, e portanto também estamos acima do inimigo e seu exército.

Agora vejamos Lucas 10.19 – “Atenção, eu estou dando¹ a vocês a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nenhuma coisa poderá lhes causar dano”. Como Jesus detém toda a autoridade no Céu e na terra (Mateus 28.18), Ele muito bem pode nos outorgar uma parcela da mesma; tranquilo. Agora, autoridade manda em poder. Como o poder de Satanás é um poder maligno, não devemos pensar em utilizá-lo para fazer o bem; para fazer o bem, dispomos do poder de Cristo, que é muito maior. Creio que devemos utilizar a autoridade outorgada para **proibir** o uso do poder de Satanás, contra

¹ Em vez de “estou dando”, talvez 2,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, trazem ‘dei’ (como em NVI, LH, ARA, Cont, etc.) – um erro sério. Jesus estava falando talvez cinco meses antes de Sua morte e ressurreição, se dirigindo aos setenta (não só aos doze). O Senhor estava falando do futuro, não o passado; um futuro que inclui a nós!

nós, e em outras circunstâncias – a partir de minha própria experiência, eu diria que é necessário ser específico. Quando Jesus disse, “e nenhuma coisa poderá lhes causar dano”, entendendo que Ele estava pressupondo que estaríamos utilizando a autoridade outorgada para proibir qualquer iniciativa contra nós. Eu faço isso todos os dias. Mesmo assim, não fico blindado; vez por outra o Dono permite que o inimigo me atinja. Mas por que Deus faz isso? Entendo que é para me manter dependente e humilde.

Mas como vamos fazer para ‘herdar a terra’? Quanto espaço pode uma pessoa sozinha ocupar? Para transformar um bairro, por exemplo, creio que será necessário uma atuação coletiva dos ‘mansos’ que habitam naquele bairro. Por definição, os ‘mansos’ são pessoas que sabem como fazer uso do poder de Deus e estão dispostos a fazê-lo. Também devem saber como ser guiados pelo Espírito Santo. E melhor será se pelo menos alguém na coletividade está mantendo uma intimidade com Deus o suficiente para saber o que o Pai está fazendo (João 5.19).¹ Contudo, a grosso modo, já que “o Filho de Deus se manifestou para desfazer as obras do diabo” (1 João 3.8), creio que podemos e devemos agir contra toda e qualquer coisa do inimigo. Já que o próprio Deus odeia “todos os que praticam a iniquidade” (Salmo 5.5), creio que nós também podemos e devemos fazê-lo.² E em Salmo 97.10 temos a ordem de odiar o mal. Como ficarmos passivos diante do mal, se temos a ordem de odiá-lo? (Em tempo, o amor *ágape* inclui necessariamente o ódio ao mal, pelas consequências do mal em cima dos objetos do amor.)

Vamos pensar mais um pouco na questão de ficarmos passivos diante do mal. Em Efésios 6.10 e 11 temos as ordens de nos fortalecer no Senhor e no Seu poder, e de vestir toda a armadura de Deus. Para que? Vejamos 2 Coríntios 10.3-5:

“Embora caminhemos fisicamente, não guerreamos dessa maneira, ⁴porque as armas do nosso guerrear não são físicas, mas sim poderosas em Deus para destruir fortalezas; ⁵destruindo sofismas e toda arrogância que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento para torná-lo obediente a Cristo.”

Se temos armas para guerrear, é porque devemos estar guerreando! Vem ao caso Salmo 78.9-10 – “Os homens de Efraim, flecheiros armados, viraram as costas no dia da batalha; não guardaram a aliança de Deus e se recusaram a andar na Sua lei”. Deus considerou esses homens como traidores; recusando-se a guerrear, estando armados, quebraram a aliança. É isso aí: se temos armas para guerrear, é porque devemos estar guerreando! Mesmo porque o inimigo de nossas almas não para de nos atacar; nunca.

Mas exatamente como funciona o proibir e o desfazer das obras? Na armadura descrita em Efésios 6, encontramos “a espada do Espírito” (verso 17). Uma espada é uma arma para ofensiva, mas também pode ser usada para defesa. O Texto nos afirma que essa espada é “a *ρημα* de Deus” – *ρημα*, não *λογος*. É a Palavra de Deus falada, ou aplicada de forma específica. Claro, que adianta uma espada deixada na bainha? Por mais maravilhosa que a nossa espada possa ser (Hebreus 4.12), para produzir efeito é necessário que saia da bainha. A Palavra precisa ser falada, ou escrita – aplicada de forma explícita.

Na Bíblia temos muitos exemplos quando pessoas colocaram o poder de Deus em ação falando. Nosso mundo começou com uma palavra criativa falada por Deus (Gênesis 1.3,6,9,11,14,20,24,26; e ver Hebreus 11.3). Moises falou muitas vezes. Elias falou (1 Reis 17.1, 18.36, 2 Reis 1.10). Eliseu falou (2 Reis 2.14,21,24; 4.16,43; 6.19). Jesus vivia falando. Ananias falou (Atos 9.17). Pedro falou (Atos 9.34,40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3,10; 16.18; 20.10; 28.8). Enfim, nós temos de abrir a boca e falar!

Aqui no Brasil, dizem que existem muitos milhões de ‘crentes’, mas aparentemente fazem pouca diferença no país. Satanás controla os governos – federal, estaduais, municipais. Satanás controla a educação, o ensino, em todos os níveis (a começar pelas creches). Satanás

¹ Salmo 32.8-9 vai na mesma direção: “eu te instruirei e te ensinarei no caminho que deves seguir; te guiarei com meu olho. Não sejas como o cavalo,... cuja boca precisa de cabresto.” Guiar com o olho depende de intimidade, e intimidade se consegue gastando tempo.

² Em João 6.44 o Soberano Jesus afirmou: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer”. (Quando o verbo ‘trouxe’ é usado com objetos, tem o sentido de ‘arrastar’.) Ora, o Pai iria ‘trazer’ alguém que Ele odeia?

controla a saúde, o comércio, a mídia, a cultura, o lazer, e boa parcela das igrejas – qualquer igreja com pastor maçom está na mão de Satanás. Ora pois, como ‘herdar a terra’ num país como o Brasil? Como podemos agir de forma efetiva, para mudar essa realidade?

Ofereço a proposta que segue. Pensemos nas escolas públicas de primeiro e segundo grau em determinada cidade. Faz tempo que essas escolas já foram tomadas por demônios, por drogas, por sexo, por crime, por violência – os professores mal conseguem manter a ordem; ensinar alguma coisa construtiva ficou quase impossível (para nem se comentar que são mal pagos, mal protegidos, etc.). Chegou a vez da coletividade de ‘mansos’ naquela cidade. Na autoridade e no poder que estão nas suas mãos, eles podem ‘limpar a barra’ nas suas escolas: devem mandar os demônios para o Abismo, proibindo a vinda de quaisquer outros; devem interditar as dependências contra qualquer droga, sexo ilícito, falta de decência, crime, violência, etc.; com isso os professores podem retomar o seu ofício de ensinar, num clima de paz e respeito. Agora, nas cidades vizinhas não faltam pais aflitos, vendo seus filhos sendo estragados nas escolas. Ao tomarem conhecimento da transformação que houve nas escolas da primeira cidade, eles vão fazer o quê? Vão correr para saber como foi feito aquilo; e com isso a transformação seguirá se alastrando. O que se fez nas escolas pode ser feito nas outras áreas também: saúde, comércio, governo, e assim por diante, até tomar o país de volta, herdando assim a nossa terra.¹

“Os ímpios fogem sem que haja ninguém perseguindo; mas os justos são corajosos como um leão” (Provérbios 28.1). Agora, quantos crentes você conhece que se comportam como leões? Um leão pode agir de forma mansa, mas é uma fera temível. O profeta Elias era tipo leão, e o terceiro capitão caiu de joelhos diante dele (2 Reis 1.13). Um crente tipo leão sabe que pode ser corajoso porque “os olhos de Jeová passam por toda a terra para mostrar-se forte a favor daquele cujo coração é íntegro para com Ele” (2 Crônicas 16.9). “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8.31). Coragem pois; vamos em frente!

51) Marcos 16.9-20 e a doutrina da Inspiração

Por mais de cem anos, tem sido um clichê da crítica textual do Novo Testamento argumentar que Marcos 16:9-20 não foi e não poderia ter sido escrito por Marcos (ou por quem quer que escreveu o resto do livro), que a passagem foi adicionada posteriormente. No entanto, entre aqueles que querem crer ou afirmar que o Evangelho de Marcos foi inspirado pelo Espírito Santo, que é Palavra de Deus, não conheço ninguém que esteja preparado para crer que pode realmente ter sido a intenção de Deus terminar o livro com *εφοβουντο γαρ* (“porque temiam”), verso 8. A hipótese mais popular parece ser que o autógrafo foi produzido como um códice (não como um rolo) e que a folha (ou folhas) contendo o seu final original foi rasgada fora e perdida antes que qualquer cópia fosse feita.² Quero examinar as implicações da alegação que os vv. 9-20 não fizeram parte do autógrafo e que o término original desapareceu por completo (qualquer que seja a explicação para tal circunstância).

Estou escrevendo da posição de uma pessoa que crê na inspiração plenária e verbal das Escrituras e estou me dirigindo àqueles que creem (ou gostariam de crer) que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita – “*toda a Escritura é divinamente inspirada*” (2 Timóteo 3.16).

Então, declaramos que o Espírito Santo inspirou o Evangelho de Marcos. E por que faria Ele algo como isso? Evidentemente Deus queria que as gerações subseqüentes tivessem uma biografia oficial de Jesus Cristo, uma descrição da Sua vida, morte e ressurreição cuja exatidão fosse garantida e cujo conteúdo fosse suficiente para Seu propósito. (Que existem várias biografias oficiais escritas de perspectivas diferentes não é obstáculo para a integridade de cada uma individualmente.) Pois bem, acho inconcebível que uma biografia oficial do Filho, comissionada pelo Pai e escrita sob o controle de qualidade do Espírito Santo, omita provas

¹ Creio também que iremos participar na administração do Reino Messiânico, e da nova terra, mas esse é outro assunto.

² Ver, por exemplo, B.M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (New York: United Bible Societies, 1971), p. 126, nota de rodapé 7.

da ressurreição de Cristo, exclua todas as Suas aparições pós-ressurreição, e termine com a cláusula “*porque temiam*”!

Mas a maioria dos críticos modernos nos assegura que tal é o caso, que o texto genuíno termina no verso 8. Mas então, onde estava Deus esse tempo todo? Se a avaliação dos críticos for correta, parece estarmos entre uma rocha e um lugar duro.¹ O Evangelho de Marcos, como se encontra, estaria mutilado (se terminar com v. 8), o final original tendo desaparecido sem deixar vestígios. Mas, nessa hipótese, que seria do propósito de Deus ao comissionar esta biografia? Diríamos que Deus foi incapaz de proteger o texto de Marcos ou que Ele apenas não lhe ligou a mínima? Qualquer dessas opções seria fatal para a afirmação de que o Evangelho de Marcos é “*divinamente inspirado*”.

Se Deus tentou, mas foi impotente para impedir que Marcos fosse mutilado de tal modo, como podemos estar seguros de que o livro não foi mutilado em outros locais e de outras maneiras, ou mesmo mutilado sistematicamente? Pior ainda, como podemos estar seguros de que outros livros do Novo Testamento (ou talvez mesmo todos eles) também não foram mutilados? Seja como for, o grau de mutilação não seria mais a questão principal, porque se Deus foi incapaz de proteger Sua Palavra, então Ele não seria realmente Deus e não faria muita diferença o que Ele disse. A Bíblia perderia sua autoridade e, conseqüentemente, sua importância.

Que tal a outra opção – que Deus poderia ter protegido Marcos mas escolheu não fazê-lo? Que valor teria controle de qualidade se este se estendeu apenas à escrita do autógrafo? Se Deus permitiu que o final original de Marcos se perdesse antes que quaisquer cópias fossem feitas, então a biografia foi “publicada” em uma forma gravemente incompleta, e torna-se decididamente difícil falar de sua inspiração “verbal e plenária”. Se Deus permitisse uma mutilação de tal magnitude, então que segurança temos de que Ele não permitiria qualquer número de mutilações adicionais? Novamente, o problema se estende aos outros livros do Novo Testamento. Controle de qualidade teria desaparecido pela janela e teríamos sido deixados “assobiando no escuro”. Se Deus não vai proteger Seu texto, o propósito da inspiração vai se frustrar, não?

Mas, e Todas as Variantes, Como Ficam?

É um fato incontestado que os manuscritos conhecidos contêm um grande número de enganos involuntariamente cometidos no processo de copiar, e mesmo muitas alterações deliberadas. Uma vez que Deus permitiu que isso acontecesse (não há como negar), resta-nos perguntar por que o fez, e com que implicações. Primeiro, o porquê.

Por que Deus permitiria erros e alterações no processo de copiar? Não tenho nenhuma revelação direta a oferecer sobre o assunto, mas suponho que a resposta comece com o propósito de Deus ao criar a raça humana. Parece que Ele desejou um tipo de ser que pudesse lhe corresponder em adoração e amor, um ser que pudesse escolher (João 4.23-24). Em Hebreus 11.6 somos ensinados que Deus exige fé e recompensa aqueles que **diligentemente** O buscam. Isto sugere que o Seu propósito ao criar o homem faz necessário um elemento de teste. A evidência não pode ser irresistível, esmagadora, inescapável, ou não haveria ‘teste’ adequado. Assim, Deus permitiu variantes textuais para testar nossa fé e determinação, testar nossa atitude, testar nossa disposição de procurarmos respostas humilde e pacientemente (Provérbios 25.2 e Apocalipse 5.10).

Um outro aspecto da criação de seres com volição é que tanto Deus como o homem têm que viver com as conseqüências do exercício dessa volição. Se Ele exerce controle completo, tornamo-nos robôs e perde-se toda a razão do exercício. Mas aí de nós, a maior parte da volição humana é expressa em rebelião contra nosso Criador. Uma grande porção desta rebelião tem sido dirigida contra Sua Palavra – usualmente rejeitando-a, mas às vezes tentando alterá-la.

Além de tudo isso, nossas habilidades e capacidade de entender são limitadas. Como é dito em 2 Coríntios 4.7, somos meros “*vasos [panelas] de barro*”. Mesmo se os autógrafos

¹ N.Trads: em inglês, a expressão equivale a estarmos em insuportável dilema, tal como entre morrer e morrer, ou escolher entre a guilhotina e a forca.

tivessem sido entalhados em tábuas de ouro e miraculosamente preservados intatos até a presente hora, quem de nós poderia oferecer uma “perfeita” interpretação daquele Texto? (Quem quer que esteja trabalhando a partir de uma tradução está lidando com alguma imperfeição antes mesmo que comece, porque nenhuma tradução pode ser perfeita – a natureza da linguagem não o permite). Desde que nosso entendimento está condenado a ser imperfeito, em qualquer caso, será realmente necessário termos um Texto perfeito? Se não o for, haverá algum ponto no qual a quantidade de imperfeição deixa de ser “tolerável”? Isto nos traz às implicações. Começarei com algumas analogias.

Nossa vida diária fornece várias analogias que iluminam a questão. Durante toda a nossa vida usamos instrumentos de medir – réguas, “metros” de madeira, fitas métricas, trenas – que variam levemente um do outro. Compramos muitas coisas por medida, sem questionarmos a acurácia do instrumento de medição, mesmo que uma comparação exata revelaria discrepâncias entre instrumentos. Por que não questionamos? Porque as discrepâncias não são grandes o bastante para nos preocuparem e porque sabemos que há um padrão absoluto a consultar, se for necessário. No *Bureau of Standards* em Washington, D.C. [e no Instituto Nacional de Pesos e Medidas, em Brasília, DF], em uma caixa hermeticamente selada, está o metro que é o padrão absoluto e invariável. Quantos de nós têm visto aquele padrão? Muito poucos, comparativamente. Todavia nós nascemos, vivemos e morremos sem ver o padrão e sem sentir nenhuma inconveniência. Assumimos que nossos instrumentos de medição são bastante aproximados para os propósitos práticos usuais, como realmente o são, e vivemos felizes com eles. Sabemos que podemos ir a Washington [ou a Brasília] se uma questão surgir que justifique a despesa.

Se alguém perguntar a um grupo de pessoas que horas são, bem pode obter até dez respostas diferentes, espalhadas dentro de um intervalo contínuo de dez minutos. Convivemos diariamente com uma discrepância de um ou dois minutos entre os diversos marcadores de tempo que consultamos, e achamos que isto não é nada. Duas estações de rádio em uma cidade diferem uma da outra por um minuto ou dois, e assim por diante. O sistema opera suficientemente bem porque há em Greenwich, Inglaterra, um padrão aceito por todos. Eu nunca estive lá e suponho que poucos dos leitores estiveram, mas mesmo assim a vida passa normalmente. Todavia, se não houvesse padrão, cedo estaríamos em apuros.

Quando uma legislatura está estabelecendo uma lei, grande cuidado é tomado com a precisão das palavras porque, uma vez promulgadas e publicadas, tornam-se lei – tornam-se um padrão, mandatório sobre as pessoas sob sua jurisdição. Grande cuidado é tomado com o padrão, mas os oficiais que aplicam a lei não têm que memorizá-la *ipsis litteris*. Tudo que eles precisam é um entendimento razoavelmente exato das intenções e provisões da lei. Quando prende um ofensor e lhe cita a lei pela qual o prende, um policial provavelmente só citará a ideia principal dela. Nenhuma corte aceitará uma desculpa do acusado de que o policial que o prendeu não lhe citou a lei palavra por palavra. (Similarmente, duvido que Deus aceitará uma desculpa de um descrente de que não teve acesso à Lei *ipsis verbis* – é bastante ter a ideia principal). No entanto, durante um julgamento às vezes ênfase é dada à exata “letra” da lei e toda a disposição do caso pode depender da interpretação dada àquela “letra”.

Álcool (etanol) pode ser encontrado nas prateleiras de qualquer drogaria, mas raramente excedendo o teor de 92% de pureza [hoje em dia, 70%]; talvez o farmacêutico tenha um suprimento privado com 96%, para propósitos especiais. Mas, para uso doméstico ordinário, 92% é mais que adequado – numa emergência, uma cachaça forte, com 60%, queimará e pode ser usado para desinfetar. Pode ser que certos experimentos científicos exijam álcool 100%, mas ele será difícil de obter e bastante caro. Como acontece com todas as mercadorias manufaturadas, quanto maior for seu grau de precisão, pureza ou “perfeição”, mais ela será difícil e dispendiosa de obter. Diferentes propósitos exigem diferentes graus de precisão (em qualquer área), mas para a maioria das pessoas e maioria dos propósitos, na maior parte do tempo o grau de precisão não tem que ser muito alto. Aliás, na maioria dos casos um grau superlativo de precisão seria desperdiçado – o contexto simplesmente não permite que seja completamente utilizado ou valorizado.

Pois então, por que Deus permitiu que erros se introduzissem no Texto, ou por que Ele permite interpretação imperfeita? Em primeiro lugar, toda a razão de ter uma raça humana aparentemente envolve dar-nos a capacidade e a liberdade de pecarmos e sofrermos as conseqüências (tanto individual como corporativamente – quanto maior for o grupo que participa de um pecado, mais sérias e de mais longo alcance são as conseqüências). Mas, em segundo lugar, o uso normal e diário não requer um grau de precisão superlativo – em todo caso, temos mais da Verdade de Deus do que somos capazes de apropriar. No entanto, é a disponibilidade de um padrão reconhecido que nos habilita a tolerar imperfeições secundárias, em uma dada área. Temos o tesouro em “*vasos de barro*”, mas o “*tesouro*” tem que existir!

Mas, os Autógrafos Não Estão Perdidos?

Permanece a questão de um padrão perdido. Retornando à analogia dos instrumentos de medição, que aconteceria se alguém roubasse o metro padrão do Instituto Nacional de Pesos e Medidas? Bem, não haveria inconveniente enquanto não soubéssemos disso – continuaríamos felizes como sempre. Mas, se a perda se tornasse conhecida, então a confiança nos instrumentos individuais seria solapada e nossas transações comerciais se complicariam pelo surgimento de discussões sobre o padrão de medição (como tenho observado em certos locais). Creio que temos visto esta síndrome com referência à Bíblia. Até o século 19 quase não havia questionamento sobre o padrão, e a Bíblia era aceita como autoritária, apesar de que o texto que estavam usando não era idêntico ao Original. Mas, durante os últimos 200 anos, críticos têm convencido a maioria (na Europa e América do Norte) de que o padrão se foi, com a resultante confusão espiritual e moral que vemos por todo lado.

O problema, em larga escala, é de percepção. Gerações têm vivido e morrido felizes usando réguas e metros de madeira que não são [absolutamente] perfeitos, sem sofrer quaisquer danos ou inconvenientes – as discrepâncias não eram bastante grandes para ter importância. (No entanto, se alguém tivesse convencido as pessoas que elas tinham um problema insuperável, elas teriam sido feridas – desnecessariamente.) Similarmente, nossos manuscritos e versões contêm discrepâncias, a maioria das quais não são sérias o bastante para importarem para propósitos usuais. No entanto, se alguém faz de um assunto uma “batalha de tribunal”, então a existência e identidade do padrão relevante torna-se crucial.

Proponho que a “questão” central tem a ver com a autoridade da Escritura. Quando a Reforma Protestante tomou as Escrituras (nas línguas originais) como a suprema autoridade, a Igreja Católica Romana contra-atacou apontando para as variações textuais nos manuscritos e desafiando os líderes da Reforma a apresentarem o padrão.¹ Nos séculos dezoito e dezenove, críticos destrutivos foram além das variantes para contestarem a data, a autoria e a composição dos livros individuais da Bíblia. Considero que estes desafios têm sido adequadamente respondidos por outros e retorno ao problema da variação textual.

Como pode variação textual afetar a autoridade da Escritura? Depende. Esta autoridade deve ser vista como absoluta ou relativa? Se estamos preparados para aceitar uma autoridade relativa (esta é a posição “Neo-ortodoxa”), podemos aceitar uma mistura de adulterações no Texto. Mas se desejarmos afirmar autoridade absoluta, o padrão tem que ser perfeito. A Escritura deriva sua autoridade da inspiração divina, mas se qualquer parte do texto não é inspirado, falta autoridade a essa parte. Especificamente, falta autoridade aos erros e às alterações introduzidos por homens falíveis através dos séculos no processo de copiar. Por esta razão, aqueles que afirmam que a Bíblia é inerrante usualmente limitam esta afirmação aos autógrafos. Mas, uma vez que os autógrafos cessaram de existir (eles provavelmente pereceram pelo uso dentro dos primeiros cem anos), que nos adianta? Depende.

As analogias já fornecidas mostram que podemos conviver com pequenas discrepâncias muito comodamente, sem o sentimento de termos sido trapaceados ou enganados. De fato, na maioria dos contextos, insistir em perfeição absoluta seria reputado como irrazoável, se não intolerável. Aceitamos as discrepâncias diminutas, mas não as **grandes!** Se sentimos que alguém está tentando tirar vantagem de nós, nossa reação é imediata. Similarmente, no processo de copiar, temos que distinguir entre enganos honestos (devidos à desatenção) e

¹ Ver Theodore P. Letis, “John Owens Versus Brian Walton,” *The Majority Text: Essays and Reviews in the Continuing Debate* (Fort Wayne: The Institute for Reformation Biblical Studies, 1987), pp. 145-90.

alterações deliberadas. Ademais, muitas alterações parecem ser relativamente “inofensivas”, enquanto outras são patentemente danosas.

Em Mateus 13.25 e 39 o Senhor Jesus ensinou que Satanás semeia joio entre o trigo – isto é verdade a respeito da Igreja e é verdade a respeito do texto bíblico; embora a analogia não seja perfeita, no último caso o joio pode ser comparado a veneno misturado ao Pão da Vida. Para dar uns poucos e rápidos exemplos: as variantes em Mateus 1.7 e 10 que introduzem Asafe e Amós na genealogia de Jesus, são veneno; a variante em Mateus 1.18 que atribui a Cristo uma “origem” é veneno; a variante em Marcos 6.22 que transforma Herodias na filha de Herodes é veneno; a variante em Lucas 3:33 que insere os fictícios Admin e Arni na genealogia de Jesus é veneno (estes provavelmente foram o resultado de descuido ou ignorância do copista, mas os editores modernos que os forçam para dentro do texto impresso são irresponsáveis); a variante em Lucas 23.45, que tem o sol sendo eclipsado [pela lua cheia da Páscoa], é veneno; a variante em João 1.18 que lê ‘um deus unigênito’ é veneno; a variante em 1 Coríntios 5.1 que nega a existência de incesto entre os gentios é veneno; a omissão de Marcos 16.9-20 é veneno; o uso de colchetes na Escritura impressa (em qualquer linguagem) para insinuar ao usuário que o material circundado é espúrio, é veneno. Por “veneno” eu quero dizer violência feita ao texto bíblico de modo a solapar sua credibilidade.

E agora, onde tudo isso nos deixa? Deixa-nos com milhares de cópias manuscritas (dos escritos do NT), a partir das quais podemos recuperar a exata redação dos autógrafos, desde que avaliemos as evidências com base naquilo que a Bíblia diz de si própria, de Deus e Seus propósitos, do homem, e de Satanás e suas táticas. Pela cuidadosa atenção a todas as considerações relevantes, podemos identificar e excluir os erros e as alterações, e afirmar com razoável certeza qual a redação dos Autógrafos. Creio que *The Greek New Testament According to Family 35* [disponível em Amazon.com, bem como no meu site: www.prunch.org] traz a exata redação dos Autógrafos.

Uma vez que Deus o Filho, enquanto andou nesta terra, declarou enfaticamente que “*até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido*” (Mateus 5.18), deduzo que Ele jamais permitiria que uma leitura genuína desaparecesse da tradição manuscrita. Sou bem ciente de que Jesus estava presumivelmente se referindo especificamente ao Pentateuco. Como então posso aplicar esta declaração ao N.T.? Primeiro, jotas e tis se referem a **letras**, não a conceitos ou idéias; de fato, o jota era a menor das letras e o til uma parte de algumas letras. As palavras do nosso Senhor constituem uma declaração um tanto radical sobre a preservação da exata forma do Texto Sagrado através dos tempos. O terceiro capítulo de 2 Coríntios deixa claro que o “*novo testamento*” (v. 6) é de “*maior glória*” (v. 8) que o antigo, incluindo o próprio Decálogo (“*gravado com letras em pedras*”, v. 7). Os capítulos 7 até 9 de Hebreus demonstram a superioridade geral do Novo Testamento sobre o Velho e o próprio Jesus tanto garante (7.22) como é o mediador (8.6) deste “melhor” testamento. Chego à conclusão que o interesse protetor que Deus tem no Novo Testamento tem de ser pelo menos tão grande quanto Seu interesse protetor no Velho. 1 Crônicas 16.15 declara que este interesse se estende por mil gerações; em outras palavras, até o fim do mundo (ainda não chegamos a 300 gerações, desde Adão).

Deparar-se com a tarefa de reconhecer qual, entre duas ou mais variantes, é a redação original, é uma coisa; afirmar que algo tão crucial quanto o final de um Evangelho tem desaparecido sem deixar vestígios é outra coisa totalmente diferente. Se Marcos 16.9-20 não for genuíno, então a declaração de Cristo em Mateus 5.18 parece estar errada.

A Questão da Canonicidade

Há uma pergunta adicional – em primeiro lugar, por que afirmamos que Marcos é ‘Evangelho’? De onde ele obteve sua canonicidade? Ou, em outras palavras, se Deus vai inspirar um texto para ser usado pelas gerações subseqüentes, Ele tem que garantir que as pessoas o reconhecerão como inspirado. Se a natureza de tal texto não é percebida e ele é relegado ao esquecimento, ou tratado sem nenhum respeito a mais que qualquer outra peça de literatura, então o propósito de Deus será frustrado. Então, por que dizemos que o Evangelho de Marcos é ‘Bíblia’? Porque a Igreja, em sua capacidade corporativa, assim o tem declarado, e assim ela tem feito através dos séculos, a partir do segundo (pelo menos). (Não temos evidência

concreta do primeiro século, mas a temos do segundo e de todos os séculos subseqüentes.) Foi necessário que Deus operasse através da Igreja para assegurar tanto a canonicidade (o reconhecimento público de sua qualidade) como a preservação [de cada livro da Bíblia]. (Eu diria que a qualidade superior dos escritos inspirados é intrínseca e pode ser percebida por uma pessoa espiritual em qualquer era, mas se a Igreja primitiva não os tivesse reconhecido eles não teriam sido copiados através dos séculos e assim não nos teriam chegado às mãos.)

O que tem a Igreja dito sobre Marcos 16.9-20, através dos séculos? Com voz unida, quase unânime, ela tem declarado a canonicidade da passagem. Se ela se enganou neste ponto, como sabemos que não se enganou a respeito do restante do livro? Mas desde que sua voz não foi unânime, o próximo passo a tomar é rever a evidência.

A Evidência Externa

A passagem em questão está contida em cada manuscrito grego conhecido (cerca de 1700) exceto três: os códices B (*Vaticanus*) e \aleph (*Sinaiticus*), e o minúsculo 304, do século XII. Também está contida em todo lecionário conhecido (lecionários são coleções das lições [e leituras] da Escritura, ligadas ao calendário eclesiástico). A importância desta evidência lecionária tem sido explicada por J. W. Burgon: “Que lições do Novo Testamento eram publicamente lidas nas congregações dos fiéis, seguindo um esquema definido, e em um sistema estabelecido pelo menos tão cedo quanto no quarto século – tem sido mostrado ser um fato histórico indisputado.”¹ E, novamente:

Descobre-se que, desde o início, Marcos xvi 9-20 tem sido, em todos os locais e por todos os ramos da Igreja Católica, designado para **duas** das maiores festas da Igreja – Páscoa e Ascensão. Uma circunstância de maior peso ou de maior significado dificilmente pode ser imaginada. Supor que é espúria uma porção da Escritura selecionada pela Igreja universal para tal extraordinária honra, é puramente irracional.²

Embora depois de um certo tempo passagens da Escritura viessem a ser designadas para cada dia do ano, a prática evidentemente começou com os fins de semana, e mais especialmente aqueles mais importantes. De acordo com a Lei de Baumstark, as leituras-lições associadas com as grandes festas parecem ter sido as primeiras a serem adotadas.³ Uma vez que a ideia foi tomada emprestada da prática das sinagogas judaicas, ela bem que pode ter se generalizado durante o segundo século.

Antes que a Igreja começasse a produzir lecionários como tais, manuscritos normais foram adaptados pela colocação de símbolos nas margens (ou no texto) para indicar o início e o fim das leituras-lições. Estes incluíam a palavra *τελος* “fim”), quer abreviadamente ou por extenso. Declarações de evidência para a omissão dos vv. 9-20 usualmente mencionam um número de MSS que têm tais símbolos ao final do v. 8 (e, assim, no início do v. 9), alegando que eles foram colocados ali para indicar dúvida sobre a genuinidade dos versos seguintes. Acontece que não apenas Marcos 16.9-20 é uma das mais proeminentes de todas as leituras-lições do calendário litúrgico, como também uma outra leitura-lição termina precisamente no v.8.

Considere o que Bruce Metzger escreve concernente ao MS 2386:

Este último, no entanto, é apenas uma testemunha aparente da omissão, pois embora a última página de Marcos termine com *εφοβουντο γαρ* [“porque temiam”], a próxima folha do manuscrito está faltando, e logo após 16.8 está o sinal indicando o encerramento de uma leitura-lição eclesiástica..., uma clara implicação de que o manuscrito originalmente continuava com material adicional de Marcos.⁴

¹ *The Last Twelve Verses according to S. Mark*, 1871, p. 207. Reimpresso em 1959 pelo Sovereign Grace Book Club, mas a paginação dada refere-se à edição de 1871 (para achar o local correspondente na edição de 1959, adicione 78 ao número de página na edição de 1871).

² *Ibid.*, p. 210.

³ W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge University Press, 1974), p. 35. Nas pp. 34 e 35 ele dá um bom sumário da evidência lecionária. Baumstark é considerado como tendo sido o primeiro a demonstrar a tese.

⁴ Metzger, p. 122, nota de rodapé 1.

Notar sua “clara implicação.” Não é óbvio? Não se pode ler além do fim de um livro, assim não faz sentido se colocar ali um sinal de divisão entre leituras-lições. Isto nos faz indagar quais as intenções dos editores de UBS³. No aparato deles, como evidência para a omissão dos vv. 9-20, incluem “(*Lect? A leitura-lição termina no verso 8*)” – isto presumivelmente se refere a sinais de leituras-lições nas margens, uma vez que não pode significar que os lecionários não têm vv. 9-20. Mas sinais de leituras-lições na margem são evidências a favor, não contra! Notar que, ao discutir a evidência para conjuntos de variantes dentro dos vv. 9-20, UBS³ invariavelmente cita *Byz Lect*, o que significa que seus editores reconhecem que os lecionários contêm a passagem. De fato, da circunstância que eles também listam 1185m, parece que o lecionário 185 é o único que não tem os versos no *Synaxarion* (eles aparecem apenas no *Menologion*).

As versões Siríaca, Latina, Coptica e Gótica, todas elas massivamente dão apoio à passagem. Apenas as versões Armeniana e Georgiana (ambas do quinto século) a omitem. Para ser mais exato, cada MS siríaco (cerca de 1000?) exceto um (o Sinaítico, usualmente datado ao redor do ano 400) contém a passagem. Embora o Sinaítico seja aparentemente o mais antigo dos MS siríacos em existência, ele não é representativo da tradição siríaca. O próprio B. F. Westcott, escrevendo em 1864, atribuiu a Peshitta ao início do segundo século, concordando com a opinião geral do mundo erudito de então.¹ As exigências da teoria de W-H subsequentemente os levaram a atribuir a Peshitta ao quinto século, mas Vööbus demonstra que a Peshitta retrocede pelo menos até meados do quarto século e que não foi o resultado de uma revisão autoritária.² O Sinaítico é um palimpsesto; foi raspado para dar lugar a algum material devocional, o que é um eloqüente comentário sobre a avaliação da sua qualidade, na sua época!

Cada MS latino (8000?) exceto um (Bobiensis, usualmente datado ao redor do ano 400) contém a passagem. Mas Bobiensis (k) também parece ser a única testemunha, entre todos os tipos, a nos oferecer somente o assim chamado ‘final mais curto’ – toda outra testemunha que contém o ‘final mais curto’ também contém o ‘final mais longo’, exibindo assim uma confluência (incrivelmente estúpida, por sinal!). Agora, tanto quanto eu sei, todos reconhecem o ‘final mais curto’ como sendo uma aberração, o que significa que Bobiensis é aberrante neste ponto e não representa a tradição latina. Se a tradição latina data do segundo século, temos aqui sustentação do segundo século para o ‘final mais longo’. Parece que a única testemunha Coptica que omite a passagem é um MS Sahídico, embora haja uns poucos que exibem a confluência já mencionada (eles são, deste modo, condenados como sendo aberrantes).

O Diatessaron (de acordo com as tradições árabe, italiana e antiga holandesa) e Irineu claramente atestam os últimos doze versos no segundo século! O mesmo faz Hipólito uns poucos anos depois. Então vêm Vincentius, o Evangelho de Nicodemus e as Constituições Apostólicas, no terceiro século; Eusébio, Afraates, Ambrósio e Crisóstomo no quarto; seguidos por Jerônimo, Augustinho, Cirilo de Alexandria, Vítor de Antioquia, etc.

Clemente de Alexandria e Orígenes são usualmente citados como sendo contra a passagem, mas este é um argumento pelo silêncio.³ Emerge que as obras sobreviventes de Clemente não se referem ao último capítulo de Marcos, mas também não se referem ao último capítulo de Mateus. E daí?

A principal fonte patrística usada contra Marcos 16.9-20 é Eusébio. Parece que ele escreveu uma defesa contra quatro discrepâncias alegadas entre os relatos da ressurreição nos evangelhos, propostas por um certo ‘Marinus’ (nosso conhecimento baseia-se em um sumário, feito no décimo século, do que ele presumivelmente escreveu, um sumário ao qual falta consistência interna). A primeira discrepância alegada é entre Mateus 28.1 e Marcos 16.9. Fica claro que ‘Marinus’ está aceitando que v. 9 é “Evangelho” genuíno ou não haveria nenhum problema; então podemos concluir que ele entendeu que esta era a posição da Igreja. Que Eusébio gasta tempo para responder aponta na mesma direção. Ademais, respondendo à

¹ *The Bible in the Church* (London: MacMillan) p. 132 (reimpressões nos anos 1890 ainda contêm a declaração).

² *Early Versions of the New Testament* (Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954), pp. 100-102.

³ Os estudiosos da lógica ensinam que não se pode tirar conclusões afirmativas a partir de premissas negativas.

segunda discrepância alegada, Eusébio simplesmente assume a genuinidade do relato de Marcos e argumenta que a mudança de fraseologia em Mateus tem sido mal-entendida. No entanto, ao responder à primeira alegação (de acordo com o sumário) ele oferece duas opções: “Alguém poderia dizer que a passagem não é contida em todas as cópias do evangelho de Marcos...; um outro diz que ambos os relatos (Mateus e Marcos) são genuínos e têm que ser propriamente entendidos.” Com a primeira opção ele emprega o modo optativo [no verbo “poderia dizer”, no grego], apropriado ao gênero de retórica hipotética (o que significa que nada dito pelo orador hipotético está sendo endossado por Eusébio), enquanto na segunda opção ele muda para o modo indicativo, o que leva a presumir que é esta uma indicação de que ele próprio considerava ser esta segunda posição a correta – tanto que quando passa à segunda discrepância, ele não oferece a opção de rejeitar a passagem.

No entanto, os “cânones” ou “seções” de Eusébio (mas não as assim chamadas “seções de Amônio”) podem não ter incluído vv. 9-20. Em alguns MSS gregos o número de seção 233 é colocado na margem ao lado de v. 8 e é o último tal número (em Marcos) – o que significa que a seção 233 começava no v. 8, mas desde que muitas “seções” continham mais que um verso, não sabemos a extensão desta. Mas há mais coisas na estória. Burgon checou 151 MSS gregos que têm as “seções eusebianas” marcadas na margem e ofereceu a seguinte tabulação dos resultados:

- em 3 MSS o último número de seção é 232, posto ao lado do v. 6,
- em 34 MSS o último número de seção é 233, posto ao lado do v. 8,
- em 41 MSS o último número de seção é 234, posto ao lado do v. 9 (?),
- em 4 MSS o último número de seção é 235, posto ao lado do v. 10 (?),
- em 7 MSS o último número de seção é 236, posto ao lado do v. 12 (?),
- em 12 MSS o último número de seção é 237, posto ao lado do v. 14 (?),
- em 3 MSS o último número de seção é 238, posto ao lado do v. 15,
- em 1 MS o último número de seção é 239, posto ao lado do v. 17,
- em 10 MSS o último número de seção é 240, posto ao lado do v. 19,
- em 36 MSS o último número de seção é 241, posto ao lado do v. 20.

Adicionado a isto, a seguinte informação pode ser de interesse:

- o MS mais antigo que termina com 232 é A do século V,
- o MS mais antigo que termina com 233 é L do século VIII,
- o MS mais antigo que termina com 234 é Δ do século IX,
- o MS mais antigo que termina com 237 é Λ do século IX,
- o MS mais antigo que termina com 239 é G do século IX,
- o MS mais antigo que termina com 240 é H do século IX,
- o MS mais antigo que termina com 241 é C do século V.¹

Para as seções 235, 236 e 238, o MS mais antigo é do século X ou depois. Portanto, em três quartos destes MSS os números das seções manifestamente vão além do v. 8, e os dois manuscritos mais antigos (A e C) não ajudam a argumentação pró-omissão.

Jerônimo é citado como sendo contra a passagem porque ele pôs as questões de Marinus nos lábios de uma certa “Hebidia” e usou um sumário das respostas de Eusébio em réplica. No entanto, a própria avaliação de Jerônimo é clara pelo fato que ele incluiu Marcos 16.9-20 na sua Vulgata Latina; ele também citou os versos 9 e 14 nos seus escritos. Hesíquio de Jerusalém (não Severo de Antioquia nem Gregório de Nissa) parafraseia Eusébio em um tratado sobre os ditos “problemas”. No entanto, uma vez que citou Marcos 16.19 e expressamente declarou que Marcos escreveu as palavras, sua posição é clara. Vítor de Antioquia também repete Eusébio, e reconhece que os vv. 9-20 faltam em “muitas” cópias de Marcos (não é claro se Vítor tinha verificado e se convencido que isto era verdadeiro, ou se apenas estava citando Eusébio). Então afirma que ele próprio tinha verificado que “muitas” contêm os versos, e apela para “cópias acuradas” e muito especialmente para “o exemplar palestino de Marcos, o qual apresenta a verdade do Evangelho” em apoio à sua própria contenção de

¹ Burgon, p. 313; para a discussão geral, ver pp. 127-134 e 297-314.

que a passagem é genuína. Ele chega mesmo a pôr a culpa da omissão sobre indivíduos que pensaram que os versos eram espúrios.¹

Infelizmente, ainda podem ser encontrados comentários que reproduzem certas distorções do passado acerca das “scholia”² e “catenae”.³ As “catenae” não podem ser alegadas em favor da omissão, como foi demonstrado por Burgon (pp. 135-157). Quanto às “scholia” (notas críticas), a situação parece ser algo como esta:

- pelo menos 22 MSS simplesmente repetem a declaração de Vítor de Antioquia, a qual inclui a afirmação que ele mesmo tinha se certificado de que “muitas” cópias, incluindo cópias “acuradas” e mais especialmente o “verdadeiro exemplar palestino,” continham os vv. 9-20;
- diversos MSS têm notas de rodapé defendendo os versos, com base em “antigas cópias de Jerusalém” (a atenção é dirigida para cada nota de rodapé através de um “+” ou de um “*” no texto, este sinal sendo repetido antes da nota de rodapé – muito similar ao que fazemos hoje);
- dois MSS dizem que a passagem está faltando em “algumas” cópias, mas presente em “muitas”;
- quatro MSS dizem que ela está faltando em “algumas” cópias, enquanto presente em “outras”;
- três MSS dizem que está faltando em “muitas” e presente em “muitas” cópias.⁴

Ora, o mais antigo desses MSS é do século X (a maioria é posterior), portanto os copistas estavam repetindo as “scholia” cegamente, sem nenhuma maneira de saber se elas eram ou não verdadeiras. Permanece o fato que, dos manuscritos hoje em existência, somente três deles não têm a passagem.

Os códices L, Ψ, 099, 0112 e 579 são às vezes alegados como sendo contra a genuinidade dos vv. 9-20, porque também contêm o assim chamado ‘final mais curto’. A observação de Metzger (pag. 126) é enganadora – estes cinco MSS não substituem um final pelo outro mas, sim, eles conflam a ambos. Uma conflação condena (ao menos naquele local) os MSS que a contêm, mas nada diz dos méritos relativos das partes componentes.

Temos que retornar aos códices B e Ɀ, ambos do 4º século e ambos provenientes do Egito (presumivelmente, ver Farmer, pag. 37), sendo geralmente considerados como os dois MSS mais importantes do Novo Testamento (freqüentemente referidos como “os melhores e mais antigos”). A concordância deles em omitirem vv. 9-20 tem sido um fator importante no pensamento daqueles que rejeitam a passagem (uma vez que eles geralmente consideram o tipo-de-texto Alexandrino superior a todos os outros). Contudo, a evidência não é exatamente singela. Códice B é escrito em três colunas por página e, ao se completar o processo de copiar um livro, normalmente começa o livro seguinte no topo da próxima coluna. Mas entre Marcos e Lucas existe uma coluna completamente vazia, a única coluna assim no códice. Considerando que pergaminho era caro, o “desperdício” de tal espaço seria bastante inusitado. Por que o copista fez isso?

Quanto ao códice Ɀ, a folha dobrada contendo o final de Marcos e o início de Lucas é, para dizer a verdade, forjada. Tischendorf, que descobriu o códice, advertiu que aquelas quatro páginas pareciam ter sido escritas por uma mão diferente e com uma tinta diferente daquelas do resto do manuscrito. Seja como for, uma inspeção cuidadosa revela o seguinte: o final de Marcos e o início de Lucas ocorrem na página 3 (das quatro); as páginas 1 e 4 contêm o equivalente a uma média de 17 linhas de texto grego impresso por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15,5 linhas de texto impresso por coluna; a primeira coluna da página 3 contém apenas **doze** linhas de texto impresso e deste modo o v. 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual

¹ Para documentação detalhada e uma discussão exaustiva, ver Burgon, pp. 19-31, 38-69, 265-90.

² N.Trads.: *Scholium* (plural *scholia*) é uma nota ou comentário feito à margem do texto bíblico.

³ N.Trads.: *Catena* (plural *catenae*) é um série concatenada de versículos relacionados.

⁴ Burgon, pp. 116-125, 290-292.

contém 16 linhas de texto impresso enquanto a coluna 4 volta a conter 17 linhas. Assim, na página 2 o falsário começou a espalhar as letras de modo a deslocar o equivalente a seis linhas do texto impresso. Na primeira coluna da página 3 ele ficou desesperado e deslocou o equivalente a **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna! Desta maneira [deslocando o equivalente a um total de 11 linhas do texto impresso] ele conseguiu levar duas linhas do verso 8 para a segunda coluna, evitando a reveladora coluna vazia (como a de B). Aquela coluna vazia acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, o que, com as outras 11, perfaz um total de 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 tais linhas, portanto há abundante espaço para eles. Realmente parece que houve jogo sujo, e não teria havido necessidade disto a não ser que a 1ª mão do MS de fato exibisse os versos disputados. De qualquer modo, **℣** tal qual se apresenta, é forjado e portanto não pode ser legitimamente alegado como uma evidência contra os versos.

Em suma: cada MS grego conhecido (cerca de 1,700) exceto dois (B e 304 – **℣** não é “conhecido” porque é forjado neste ponto) contém os vv. 9-20. Cada lecionário grego conhecido (cerca de 2000?) os contém (um deles, 185, os contém somente no *Menologion*). Cada MS siríaco conhecido (cerca de 1000?) exceto um (Sinaítico) os contém. Cada MS latino conhecido (8000?) exceto um (k) os contém. Cada MS cóptico conhecido exceto um os contém. A favor da “inclusão”, temos evidência concreta a partir do 2º século (Irineu, *Diatessaron?*). A favor da “exclusão”, não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Pareceria que, em algum momento durante o 3º século, MSS omitindo a passagem começaram a ser produzidos no Egito, provavelmente em Alexandria, dos quais dois (ou um) do quarto século têm sobrevivido até os nossos dias. Embora a posição omitidora tenha ganhado alguma circulação no Egito, ela não se firmou nem mesmo lá, uma vez que a maioria das testemunhas alexandrinas, incluindo a versão cóptica, contém os versos. Os tradutores da versão armeniana tinham estudado em Alexandria, e a versão georgiana foi baseada na armeniana, o que explica como a posição omitidora escapou do Egito. O resto do mundo cristão parece não ter tomado conhecimento desta aberração. Como declarado na abertura deste artigo, com voz unida através dos séculos, em todas as partes do mundo (incluindo o Egito), a Igreja universal tem afirmado e insistido que o evangelho de Marcos vai desde 1.1 até 16.20. Face a tudo isto, como pode alguém que nega a autenticidade de Marcos 16.9-20 ainda afirmar a inspiração divina de Marcos 1.1-16.8? Não está ele sendo incoerente?

A “Evidência?” Interna

Não deveria ser necessário prolongar este exercício, mas provavelmente algo deva ser dito a respeito da “evidência interna” que alguns críticos sentem ser fatal à passagem. Dizem-nos que Marcos “nunca” usa certas palavras ou frases que, no entanto, ocorrem no trecho em disputa; que outras palavras ou frases que ele “sempre” usa estão faltando; que o estilo é “estranho” a Marcos; que há problemas insuperáveis com a estrutura de discurso e com o próprio conteúdo; em uma palavra, que é “impossível” que a mesma pessoa possa ter escrito 1.1-16.8 e 16.9-20. E agora, que fazer?

A maioria dos “argumentos” deste tipo que tem sido proposta revela um decepcionante grau de superficialidade ao pesquisar e ignorância da linguagem. Tais supostos argumentos foram completamente refutados há mais de 100 anos, por J.A. Broadus (*The Baptist Quarterly*, July, 1869, pp. 355-62) e por Burgon (pp. 136-90). Um tratamento moderno (1975) é oferecido por Farmer (pp. 79-103). Eu responderei a um argumento que pode parecer impressionante a um leitor sem muita experiência.

Tem sido alegada como uma circunstância sinistra que Jesus não é mencionado por nome no v. 9 (e nem nos versos seguintes). As regras de estrutura de discurso têm sido violadas, assim dizem eles. Realmente? Consideremos a prática de Marcos em outros locais. Entre Marcos 9.27 e 9.39 Jesus não é mencionado por nome, embora lá hajam duas quebras de parágrafo e uma quebra de seção, mais duas mudanças de local. O próximo ponto onde Jesus é mencionado é 10.5, cinco versos depois de uma quebra de seção e uma outra mudança de local. Entre Marcos 3.7 e 5.6 (75 versos) Jesus não é nomeado embora haja numerosos participantes e diversas mudanças radicais de local, cena e conteúdo. Em cada caso é apenas quando um outro homem é introduzido na narrativa (criando um potencial de ambigüidade) que Jesus é novamente nomeado, uma vez que um mero pronome seria ambíguo quanto a

quem se refere. Em Marcos 16 só há uma pessoa morta sendo focalizada, precisamente o participante que tem dominado todo o livro, de sorte que v. 9 só pode se referir a Ele – não há ambigüidade e assim um nome próprio não é necessário. Ao longo dos vv. 9-20 nenhum outro participante singular masculino é introduzido e assim não há necessidade de identificar Jesus por nome. Em contraste, Maria Madalena teve de ser completamente identificada, porque não apenas há mais que uma mulher na narrativa, mas há mais que uma Maria! (A informação sobre os antecedentes, “da qual tinha expulsado sete demônios” (v. 9), é perfeitamente apropriada aqui, e só aqui, porque esta é a primeira vez que ela é enfocada. Nas referências anteriores ela somente fazia parte do grupo.)

Há um aspecto desta situação que não tem recebido atenção suficiente, até onde sei. Quanto mais estridente e cáustico um crítico se torna em proclamar a “impossibilidade” de aceitar Marcos 16:9-20 como genuíno (por causa de estilo, vocabulário e fatores de discurso), mais ele insulta os antigos e solapa a sua própria posição. Afinal de contas, Irineu falava grego koinê como nativo (presumivelmente) – por que não notou ele a “impossibilidade”? Como é que os que falavam grego koinê como língua nativa, que viverem na Grécia e Ásia Menor, e que copiaram Marcos através dos anos, não reconheceram a “óbvia estupidez”, a “odiosa mentira”? Como? Como é que críticos modernos (que lidam com grego koinê como uma língua morta e a uma distância de 1800 anos) podem ser mais competentes para julgar algo como isto do que os que tinham grego koinê como língua nativa e que estavam na cena? Irineu conheceu Policarpo pessoalmente, o qual conheceu o apóstolo João pessoalmente, o qual conheceu Marcos pessoalmente. Irineu declara que Marcos escreveu 16.19. Quem entre nós está qualificado para dizer que Irineu estava iludido?

Pareceria ser óbvio que quanto mais absurda se afirma ser a passagem, mais difícil se torna explicar como ela se impôs à Igreja universal, a partir (pelo menos) do segundo século. De fato, se a passagem contém dificuldades, isto poderia facilmente explicar sua omissão em certas regiões. As dificuldades percebidas seriam um estímulo mais que suficiente para ativar editores e copistas treinados na escola alexandrina de crítica textual. Na verdade, em nossos próprios dias há não poucos que acham o conteúdo de Marcos 16.9-20 desagradável e que saúdam com alívio a alegação que a passagem é espúria.

Esperamos que todos os interessados concordarão que a identidade do texto da Escritura deve ser estabelecida com base em evidências, não em preconceitos pessoais. Afirmo que neste caso as evidências são perfeitamente claras e que o testemunho irresistível da Igreja através dos séculos deve ser lealmente aceito.

Vejo aqui um corolário: não apenas Marcos 16.9-20 fica absolvido, como também os códices B e \aleph ficam julgados e sentenciados por conterem “veneno”. Eles também contêm o veneno em Mateus 1.7, 1.10 e 1.18, Marcos 6.22, Lucas 3.33 e 23.45, João 1.18 e 1 Coríntios 5.1. Será que isto não diminui a credibilidade deles como testemunhas?

Confesso que fico perplexo com a dedicação e intensos esforços dos oponentes dos versos finais de Marcos. Por que vão a tantos extremos e despendem tanta energia para desacreditá-los? Uma outra característica curiosa do trabalho deles é a freqüente falsificação das evidências. Por exemplo, em seu conselho a tradutores sobre como proceder ao final do v. 8, A. Pope sugere colocar o seguinte:

[Alguns manuscritos terminam neste ponto]

[Em alguns manuscritos são encontradas as palavras que seguem]

FINAL MAIS CURTO

[Em alguns manuscritos as palavras que seguem são encontradas após o verso 8]

FINAL MAIS LONGO¹

O que me chama a atenção aqui é a falta de precisão semântica no uso da palavra “alguns”. Na primeira vez, ela significa “três”. Na segunda, “seis”. Na terceira, “cerca de 1700”! Será que um despreparado leitor do artigo de Pope não será enganado? E se alguém seguir o conselho de Pope não irão seus leitores também ser enganados?

¹ *Selected Technical Articles Related to Translation*, Oct., 1984, p. 22.

Fico imaginando, às vezes, se as pessoas realmente creem no que o Jesus glorificado disse em Apocalipse 22.19.

52) Misericordioso recebe misericórdia

Mateus 5.7

Parece claro que o intuito desta ‘bem-aventurança’ é incentivar a misericórdia. Devemos entender a diferença entre graça e misericórdia. Receber graça é ser contemplado com um benefício não merecido (benefício merecido é salário). Já ser contemplado com misericórdia é deixar de receber um castigo merecido, uma consequência negativa do que se fez. Uma parte da importância desta ‘bem-aventurança’ deriva de ser verdade também o oposto: quem não for misericordioso, também não receberá misericórdia. Senão, vejamos.

Em Salmo 18.25, que é cópia de 2 Samuel 22.26, a tradução correta seria esta: “Com o misericordioso te mostrarás misericordioso”. Em Oséias 6.6, que é citado por Jesus em Mateus 9.13 e 12.7, lemos assim: “Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos”. Vejamos também Miquéias 6.8: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é que Jeová pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” Mas em Lucas 6.36 o Senhor Jesus coloca o padrão no mais alto nível possível: “Sejam, pois, misericordiosos, assim como também o vosso Pai é misericordioso!” Atenção, acharmos que um alvo ou padrão está fora do nosso alcance não invalida esse padrão – qualquer padrão colocado por Deus independe de capacidade humana.

Em Tiago 2.12-13 lemos assim: “Falar e agir como sendo pessoas que estão para ser julgadas por uma lei de liberdade (o julgamento será sem misericórdia para quem não usa de misericórdia). *Essa lei* exalta misericórdia acima de julgamento.” Isto concorda com a descrição de Si próprio que Jeová deu a Moisés naquela mais rara de ocasiões: “Jeová, Deus, misericordioso e gracioso, tardio em irar-se, e grande em bondade e verdade; que guarda a misericórdia até a milésima geração, perdoando iniquidade e transgressão e pecado; e que ao culpado não tem por inocente, visitando a iniquidade dos pais sobre os filhos e os filhos dos filhos até a terceira ou quarta geração” (Êxodo 34.6-7). Ele guarda misericórdia até a 1000ª geração, Ele pune até a 4ª geração; a proporção é 250:1. Daí a importância da misericórdia no nosso comportamento.

A declaração feita em Tiago 2.13 é terrível: “o julgamento será sem misericórdia para quem não usa de misericórdia”. Creio que isso se aplica principalmente aos que receberam misericórdia. Vem ao caso a parábola inserida em Mateus 18.21 a 35. O rei perdoou uma quantia terrivelmente alta ao primeiro servo, que por sua vez não quis perdoar uma quantia pífia a um conservo. No verso 33 o rei se dirige ao primeiro assim: “Tu também não tinhas obrigação de ter misericórdia de teu conservo, assim como eu tive misericórdia de ti?” O fato de Deus ter me perdoado me **obriga** a perdoar outros.¹

53) Nós mandamos em Deus?

Mateus 18.18

Na versão ‘Fiel’, Mateus 18.18 versa assim: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”. Ora, o sentido normal dessa tradução é que o céu tem que nos seguir, será que não? E não falta comunidade religiosa que ensina isso. Mas espera aí, que competência possível poderiam seres humanos ter para orientar Deus? Podemos pedir, mas não mandar. A dificuldade surge a partir de uma tradução inadequada. O tempo da frase verbal grega aqui é perfeito do futuro perifrástico, na voz passiva (também em Mateus 16.19). Portanto, é “terá sido ligado/desligado”, e não ‘será ligado/desligado’ (como em algumas versões). Não é para nós mandar em Deus; é para aplicarmos cá em baixo o que Deus já determinou no Céu.

¹ Em Lucas 9.52-56 encontramos um exemplo negativo. Os ‘filhos de trovão’, Tiago e João, queriam fulminar o povoado, mas Jesus os repreendeu imediatamente.

Em João 5.19 o Senhor Jesus declarou que Ele só podia fazer o que via que o Pai estava fazendo. A nossa inabilidade de ver o que o Pai está fazendo é, bem provavelmente, um de nossos maiores problemas espirituais – ela nos condena a desperdiçar muito tempo e energia tentando fazer coisas que não deveríamos. Em termos práticos, quando eu ‘ligo’ alguma coisa, mas nada acontece, chego à conclusão de que a coisa não tinha sido ‘ligada’ no Céu. Tentei fazer alguma coisa que o Pai não estava fazendo.

54) O centurião saiu de casa?

Mateus 8.5-13 X Lucas 7.1-10

Tem sido comum supor que esses dois relatos sejam paralelos, mas eu entendo que são ocasiões diferentes. Senão, vejamos. É verdade que ambos tratam de um centurião, em Capernaum, com servo doente, e a declaração do centurião, bem como a reação de Jesus, são bem parecidos. Mas têm outros detalhes que simplesmente não batem. Tudo indica que os romanos tinham uma base militar em Capernaum, com um centurião servindo de comandante, o qual poderia ser trocado. [De passagem, imagine, quem naquela cidade teria as melhores condições para comprar a pesca de Pedro e companhia? E que idioma seria usado nas negociações?] Comparando a seqüência de acontecimentos em Mateus e Lucas, eu diria que o incidente relatado por Mateus ocorreu primeiro, e alguns meses antes do relatado por Lucas. Naturalmente, um ‘incidente’ como aquele se tornaria parte do folclore da base militar. Entendo que os centuriões eram diferentes, mas certamente se conheciam; de sorte que o segundo conhecia cada detalhe do primeiro incidente. Quando chegou a vez do segundo, utilizou uma estratégia diferente do que o primeiro (afinal, estava pedindo um segundo favor), mas repetiu a declaração que impressionou Jesus de forma tão positiva. Pois então, o primeiro centurião saiu de casa, mas o segundo não.

55) O casamento em Caná

João 2.1-11

Em João 1.43 Jesus resolveu partir para a Galileia, sendo que Ele estava na Judeia, do lado leste do rio Jordão, mais ou menos à altura de Jericó, provavelmente. Em 2.13 Jesus voltou à Judeia, só que a Jerusalém, por causa da Páscoa. O intervalo deve ter sido de duas ou três semanas. Ora, cada ‘perna’ da viagem deve ter sido de pelo menos 130 km, a pé, o que nos permite deduzir que o motivo para a viagem era de algum tamanho.

“No terceiro dia, houve um casamento em Caná” (2.1). O terceiro dia a contar de quando? 1.19-28 aconteceu em um dia; 1.29-34 aconteceu no dia seguinte (2°); 1.35-42 aconteceu no dia seguinte (3°); 1.43-51 aconteceu no dia seguinte (4°). Então, o terceiro dia, aqui, deve ser contado a partir do último dia mencionado (1.43-51), embora possa ser incluído (o que é provável, no pensamento judeu). A festa de casamento começou naquele dia, mas tais festas freqüentemente duravam vários dias. Jesus e Seus discípulos (quatro?) tinham uma caminhada de uns 130 km (provavelmente): 90 pelo vale do Jordão (relativamente plano e reto) e 40 de terreno mais acidentado. Já que todos faziam suas viagens a pé, e portanto estavam acostumados a isso, eles poderiam facilmente completar o trajeto em dois dias. Assim sendo, eles teriam chegado lá ao término do primeiro dia da festa (senão mais cedo).

A família de Jesus morava em Natsaré, que distava talvez 30 km de Caná, em linha reta, mais o terreno era acidentado. A família toda estava no casamento (2.12), mas a falta de menção de José nos leva a entender que ele já tinha morrido. Assim sendo, na condição de filho mais velho, Jesus era o chefe da família. Maria estava em condições de dar ordens aos empregados (2.5). Somando tudo, chego à conclusão de que a noiva era uma das meias-irmãs de Jesus,¹ o que daria à mãe, Maria, condições de mandar; explicaria também a

¹ Em Mateus 13.54-56 os moradores de Natsaré citam Maria como sendo a mãe de Jesus; Tiago, José, Simão e Judas como sendo Seus irmãos (meios-irmãos); e falaram de “todas as suas irmãs” (meias-irmãs). O uso de

preocupação dela com a falta de vinho. Explicaria também o que levou Jesus a enfrentar semelhante viagem, só para retornar com pouco intervalo.

Uma festa de casamento costumava levar vários dias. O estoque de comida e bebida só iria acabar perto do fim, na eventualidade. Se Maria era a mãe da noiva, podemos entender a preocupação dela com a falta de vinho, pois seria uma vergonha para a família. Mas, por que apelar para Jesus, embora fosse Ele o chefe da família? O que poderia Ele fazer? Parece-me que ela estava pedindo um milagre, pelo menos a julgar pela ordem que ela deu aos empregados; aliás, seria a única solução possível. A resposta de Jesus, de que ainda não estava na hora, vai na mesma direção. Mas por que, então, resolveu Ele agir, mesmo assim? Não sei, o Texto não diz; mas ofereço a seguinte sugestão: Jesus bem sabia que o ofício de ser Sua mãe ocasionou humilhação para Maria, pois as más línguas não iriam perdoar o fato dela ter casado já grávida (e mesmo que José o tivesse assumido como filho, o aspecto físico de Jesus não combinava)¹ – Jesus entendeu que devia uma consideração especial a ela. Depois, Jesus devia bastante à família, e caberia a Ele evitar uma vergonha para ela, se possível.

O fato é que Jesus agiu e produziu em torno de 600 litros de vinho – 600 litros de vinho! Ora, se tivesse 100 pessoas na festa, seria seis litros por pessoa! Quem iria beber seis litros (perto do fim da festa)? E o vinho foi de uma qualidade fora de série. A minha conclusão é que Jesus deu um belo presente ao novo casal – a maior parte do vinho iria sobrar, e poderia ser vendido, depois. Por ser muito bom, o vinho daria um bom preço. Acho curioso que o primeiro sinal miraculoso não foi de cura, e sim de cunho doméstico. Ele ‘salvou a festa’, salvando a família de uma vergonha, e deu uma boa colaboração com a felicidade do novo casal – para eles, pelo menos, Jesus seria sempre lembrado como benfeitor.

56) O Evangelho de João: tempo judaico ou tempo romano?

Recentemente, um amigo e correspondente escreveu-me que 90% dos comentários e 95% das versões da Bíblia afirmam que o Evangelho de João usa o tempo judaico, não o romano. Bem, desde que me lembro, sempre supus que João usava a hora romana. Embora em questões espirituais a maioria geralmente esteja errada, 9 para 1 é quase desequilibrado, e então decidi voltar e olhar novamente. Pelo que posso dizer, há quatro lugares onde João menciona uma hora específica: 1.39, 4.6, 4.52 e 19.14. Vou considerá-los nessa ordem.

João 1.—35 Novamente, no dia seguinte, João estava ali com dois de seus discípulos. 36 E quando viu Jesus passando, ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus!” 37 Os dois discípulos o ouviram falar, e seguiram Jesus. 38 Então, virando e observando-os seguindo, Jesus lhes disse: “O que vocês querem?” Aí eles lhe disseram: “Rabi” (que, traduzido, quer dizer ‘Mestre’), “onde estás abrigado?” 39 Ele lhes disse: “Vinde e vede”. Então eles foram e viram onde Ele estava abrigado, e passaram aquele dia com Ele – **era por volta da décima hora.**

Observe o “e passaram aquele dia com Ele”. Se João estivesse usando o horário judaico, seriam 16h. Mas no horário judaico haveria apenas mais duas horas no dia, já que o novo dia começaria às 18h. Seria quase desonesto se João usasse “e passaram aquele dia com Ele” com referência a apenas duas horas. João usa o horário romano, e então são 10h, o que significa que Jesus passou a maior parte do dia com apenas aqueles dois homens. Pode acreditar que eles estavam conversando o tempo todo. Jesus sabia que seriam dois dos Seus discípulos e já estava investindo neles – com tão bons resultados que no dia seguinte trouxeram mais dois.

João 4. – 1 Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido: “Jesus está fazendo e batizando mais discípulos do que João” 2 (embora o próprio Jesus não estava batizando,

‘todas’ sugere mais que duas, e a casada em Caná não estaria mais ali. Após o nascimento de Jesus, José e Maria tiveram uma família normal.

¹ João 8.41 se situa no meio de uma discussão exacerbada entre Jesus e os fariseus. Eles tinham pesquisado tudo a respeito de Jesus a fundo. Eles sabiam que Jesus nasceu seis meses após o casamento de José e Maria, e nasceu de tamanho normal. Dois mais dois são quatro.

e sim os Seus discípulos), 3 Ele deixou a Judéia e foi para a Galileia. 4 Mas Ele precisava atravessar a Samaria; 5 De sorte que Ele chegou até uma cidade de Samaria chamada Sicar, perto do terreno que Jacó deu a seu filho José. 6 Ora, ali tinha o poço de Jacó; então Jesus, exausto da caminhada, sentou-se, assim como estava, ao lado do poço. **Era por volta das 18h.**

O Texto tem “a hora sexta”. Muitas versões colocam “meio-dia”, que reflete o horário judaico. Mas o Texto diz que Jesus estava esgotado, o que combina melhor com um dia inteiro de caminhada do que com meio dia de caminhada (lembre-se que eles faziam todas as suas viagens a pé, e por isso estavam habituados). A distância entre Salem e Sicar era provavelmente de cerca de 55 quilômetros, em linha reta, mas como toda a distância era sobre terreno acidentado, a distância a pé seria muito maior. Eles caminharam cerca de 80 quilômetros em doze horas. Como diz o Texto, Ele estava cansado! E Ele estava com calor e sede. João enfatiza que, como ser humano, Ele sentiu todos os efeitos do dia. Mas de onde tirei Salem?

João 3.—22 Após estas coisas, Jesus, com seus discípulos, foi para o interior da Judéia, e lá Ele passou um tempo com eles e batizou. 23 Ora, João também estava batizando em Enom, perto de Salem, porque havia muitas águas ali. E pessoas estavam vindo e sendo batizadas, 24 porque João ainda não havia sido jogado na prisão.

Até hoje há “muitas águas” no vale de Aijalom, cerca de 24 a 32 quilômetros ao oeste-noroeste de Jerusalém (Salem é um nome antigo para Jerusalém; ver Gênesis 14.18 e Hebreus 7.1) – talvez seja onde estava. Entendo que Jesus e João estavam na mesma área, naquele momento (“João também estava batizando em Enom”). Mesmo do ponto mais próximo na Judéia até Sicar, é improvável que eles pudessem ter percorrido a distância em seis horas.

João 4.—46 Então Jesus foi outra vez a Caná da Galiléia, onde havia transformado água em vinho. Ora, havia um certo oficial do rei cujo filho estava doente em Capernaum. 47 Quando ele ouviu que Jesus tinha vindo da Judéia para a Galiléia, ele foi até Ele e suplicou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque estava à beira da morte. 48 Aí Jesus disse a ele: “Se vocês não virem sinais e prodígios, de modo nenhum crerão!” 49 Disse-lhe o oficial: “Senhor, desce, antes que o meu filho morra!” 50 Jesus lhe disse: “Vai; o teu filho vive!” E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse, e se mandou. 51 Ora, quando ele ainda estava descendo, seus escravos vieram ao seu encontro e disseram: “O teu filho vive!” 52 Então ele perguntou-lhes a hora em que teve melhora. E eles lhe disseram: “Ontem, **à hora sétima**, a febre o deixou”. 53 Com isso o pai soube que foi exatamente na hora em que Jesus lhe disse: “O teu filho vive”. E creram ele e todos os de sua casa.

É praticamente certo que o oficial e seus escravos utilizavam a hora romana, e nesse caso a cura ocorreu às 19 horas. Não poderia ser 7h da manhã porque o homem teria encontrado seus escravos antes do meio-dia e eles teriam dito “hoje” e não “ontem” (versículo 52). Não poderia ser o horário judaico por uma razão semelhante - se Jesus tivesse curado às 13 horas, o homem teria encontrado seus escravos antes do pôr do sol e eles teriam dito 'hoje' (um oficial pode muito bem ter sido montado, e não teria demorado - ele estava com pressa). O homem provavelmente caminhou (a menos que estivesse montado, mas à noite o cavalo seria obrigado a caminhar) durante pelo menos parte da noite; os escravos teriam partido de madrugada; provavelmente eles se encontraram em um ponto muito mais próximo de Capernaum do que de Caná.

João 19.—12 A partir disso Pilatos fez de tudo para O libertar; mas os judeus ficaram gritando, dizendo: “Se libertares este homem, não és amigo de César! Todo aquele que se autodeclara rei faz oposição a César!” 13 Pronto, ao ouvir esse dizer, Pilatos levou Jesus para fora e se assentou no tribunal, num lugar chamado ‘Pavimento de Pedra’, mas em hebraico *Gáбата* 14 (ora, era o dia da preparação da Páscoa; **era em torno de 06:00 horas**), e ele disse aos judeus, “Vejam o vosso rei!”

O Texto diz “a hora sexta”, que no horário romano é seis da manhã. Se fosse o horário judaico, seria meio-dia, o que não funciona aqui. Na verdade, diz “por volta” ou “cerca de”

seis – presumo que tenha sido um pouco depois da hora. Mas por que digo que ‘meio-dia’ não funciona? Qualquer intérprete honesto das Escrituras tem a obrigação de considerar todas as passagens relevantes, que neste caso incluem Mateus 27.45, Marcos 15.25 e 33 e Lucas 23.44. Marcos especifica que Jesus foi crucificado na 3ª hora e todos os três mencionam as trevas sobrenaturais da 6ª à 9ª hora. É claro que todos os três usam o horário judaico: a escuridão não poderia ser das 6h00 às 9h00, nem das 18h00 às 21h00. (usando a hora romana). Portanto, a escuridão sobrenatural ocorreu entre 12h00 e 15h00. Como Marcos usa o horário judaico, sua terceira hora tem que ser 9h (obviamente não poderia ser 21h). Argumentar que João usou o horário judaico aqui o torna ridículo; como pôde Pilatos proferir a sentença três horas depois da crucificação?! Por favor, lembre-se de que João estava fisicamente presente, uma testemunha ocular dos procedimentos, o que não pode ser dito de nenhum dos comentaristas ou tradutores (ou de qualquer uma das fontes não-bíblicas que eles possam citar).

Para concluir, a evidência é certamente adequada: João usou o tempo romano. Atribuir erros de fato e estupidezes ao apóstolo João, alegando que ele usou o horário judaico, é ser perverso.

57) O Julgamento Começa pela Casa de Deus (também a salvação)¹

Permita-me começar explicando por que estou escrevendo um artigo como este. Estou procurando uma forma (se isto ainda é possível) de parar, e até mesmo fazer recuar, o rolo compressor satânico que está destruindo a cultura e tomando conta de todos os aspectos da vida na nação em que eu vivo, o Brasil (é claro que o mesmo igualmente é verdade em outras nações também). O único remédio possível é o amor à verdade (2 Tessalonicenses 2.10, ver abaixo), então o ponto de partida é este: o que podemos fazer para promover o amor à verdade? Lamentavelmente, a vasta maioria das igrejas são parte do problema, ao invés de serem parte da solução. Ouso dizer que menos de 1% das igrejas querem uma Bíblia com autoridade objetiva.² A cultura fora da igreja está totalmente dominada pelo humanismo relativista, e a maioria dos membros das igrejas tem sido bastante influenciados por esta visão de mundo. A caminho de promover o amor à verdade, devemos defender a autoridade objetiva do Texto bíblico,³ e o lugar para começar são as igrejas.⁴ **Promover a verdade necessariamente envolve expor as mentiras.**

Qualquer cirurgião sabe que para certas condições patológicas a única alternativa a uma morte física prematura é a cirurgia radical. O paciente não gostará das notícias, mas se a cirurgia for bem-sucedida, ele terminará agradecendo o cirurgião. Semelhantemente, um irmão provavelmente não apreciará ser avisado de que abraçou uma mentira, mas se ele parar e pensar, e mudar, ele terminará nos agradecendo. Em tempos de desespero a rotina costumeira não é suficiente; é necessário assumir riscos.⁵

Agora considere 1 Pedro 4.17 – “Porque já é tempo de julgamento começar pela casa de Deus; agora, se começa conosco, qual será o fim daqueles que permanecem desobedecendo o Evangelho de Deus?” Embora a ‘publicação’ desta carta seja frequentemente afirmada como tendo ocorrido por volta de 60 d.C., ou até mesmo depois, eu suspeito que o tenha sido pelo menos dez anos antes. Em todo caso, embora a nação de Israel ainda venha a retornar ao

¹ Traduzido para o Português por irmãos em Curitiba. **Nota do Tradutor:** Para manter-se uma maior coerência com a linha de raciocínio apresentada, os Textos do Novo Testamento citados serão traduzidos diretamente para o Português da tradução inglesa de responsabilidade do autor. As citações do Antigo Testamento, por sua vez, utilizarão a Almeida Corrigida Fiel (ACF).

² Como consequência, estão em falta de poder espiritual e de discernimento espiritual.

³ É o Texto bíblico que define e ensina a Verdade, e a fim de chegar à Verdade devemos compreender que o Texto tem autoridade objetiva. O humanismo relativista é hostil à autoridade objetiva, e qualquer tentativa de relativizar a autoridade da Escritura apenas serve ao inimigo.

⁴ Nossa única esperança de corrigir a cultura nacional depende de corrigir as igrejas primeiro.

⁵ A fim de tentar salvar o ‘paciente’, devo assumir o risco de ser rejeitado e odiado. Por outro lado, Ezequiel 3.20-21 explica um risco ainda mais sério.

palco principal, começando com o dia de Pentecostes o Soberano Jesus tem interagido com o mundo usando principalmente Seu corpo, a Igreja. Como Pedro está escrevendo aos cristãos, ele está se referindo a eles como a “casa de Deus”. É possível traduzir o verso acima como ‘a partir da casa de Deus’, aquela casa sendo o ponto de partida. Parece claro que o julgamento de Deus não para conosco; ele se estende ao mundo.

Deus sempre julgou o Seu povo

Uma vez que o sangue do Cordeiro de Deus havia sido derramado, assim pagando pelo pecado do mundo, o julgamento contra aqueles que “permanecem desobedecendo o Evangelho de Deus” tornou-se mais direto. Mas como o julgamento começa com a casa de Deus, as demandas sobre aqueles que afirmam pertencer a Cristo também se tornaram mais diretas. O caso de Ananias e Safira é uma ilustração enfática.¹

O que quero enfatizar é que o julgamento de Deus sobre Sua casa começou no começo; começou no dia de Pentecostes, no que diz respeito à Igreja. Quando clamamos a Deus para que Ele julgue o mundo, o julgamento da casa de Deus como uma condição prévia não é um fator² – Deus tem julgado Sua casa durante todo esse tempo.³ Entretanto, eu diria que julgamento é uma coisa, mas correção é outra. A correção da cultura começa com a correção das igrejas (e depende dela).

Considere o que aconteceu ao apóstolo Paulo. O Espírito Santo lhe disse repetidas vezes para NÃO ir a Jerusalém, mas ele foi mesmo assim. Quando chegou lá, se submeteu ao chefe Tiago, que estava bem em seu caminho de volta ao Judaísmo. Você se lembra do argumento que ele deu a Paulo? “Veja, irmão, quantas dezenas de milhares são os judeus que creram, e eles são todos zelosos pela lei; mas eles foram informados sobre você, que você ensina todos os judeus que estão entre os gentios a esquecer de Moisés, dizendo-lhes a não circuncidar seus filhos e a não caminhar de acordo com nossos costumes” (Atos 21.20-21).⁴ Se suas “muitas dezenas de milhares” não eram um flagrante exagero, como eu suspeito, então toda a igreja naquela área estava num mau caminho (e provavelmente estava mesmo). Paulo foi julgado? Ele passou os cinco anos seguintes, pelo menos, acorrentado.⁵

Tiago foi julgado? Ele foi morto, não muito depois. A igreja em Jerusalém foi julgada? A cidade foi destruída em 70 d.C., e a igreja de Jerusalém cessou de existir. A cidade foi pouco mais do que ruínas por séculos.⁶ E agora considere 1 Coríntios 11.29-30: “Aquele que come e bebe indignamente como e bebe juízo para si mesmo, não distinguindo o corpo do Senhor. Por causa disso muitos entre vocês são fracos e doentes, e não poucos morreram.” Paulo declara que Deus já tinha visitado doença em muitos, e morte em ainda mais. Deus estava julgando Seu povo. Uma variedade de outros textos poderia ser mencionada, mas Hebreus serve. Por favor, leia 2.1-3, 3.12 a 4.13, 6.3-8, 10.26-31, e 12.28-29. “É uma coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo”, “porque nosso Deus é, de fato, um fogo consumidor!”

E há ainda as sete cartas que o Jesus glorificado enviou às sete igrejas. Cada carta termina com uma promessa para “aquele que vencer”; então, o que acontece se você não vencer? Embora tivesse algumas coisas boas a dizer sobre a igreja em Éfeso, Ele disse que iria remover seu “castiçal” se eles não retornassem ao seu primeiro amor. De fato, no tempo devido todas aquelas sete igrejas perderam seu castiçal (deixaram de existir). Duas das cartas se referem à doutrina e às obras dos nicolaítas, que o Soberano Jesus diz odiar. A etimologia do termo sugere o começo da distinção entre clérigos e leigos. Isto pode ter começado com Tiago

¹ Não lhes foi dado nenhum aviso, nem qualquer chance de arrependimento ou explicação.

² Por muitos anos eu tive a ideia de que esta era uma condição prévia que ainda não tinha sido cumprida – não me pergunte de onde eu tirei isso!

³ É claro que isso sempre foi verdade. O A.T. é repleto do julgamento de Deus sobre o Seu povo, Israel. Adão foi julgado; Moisés foi julgado. Deus sempre requereu prestação de contas baseado nos benefícios e bênçãos que alguém recebe.

⁴ “A lei”, “Moisés”, “nossos costumes” = Judaísmo.

⁵ Experimente viver em correntes por apenas vinte e quatro horas, e veja se você gostará!

⁶ Referências durante os primeiros séculos a manuscritos especialmente bons em Jerusalém são provavelmente apenas especulação piedosa. O centro de gravidade da Igreja havia sido transferido para o norte.

em Jerusalém.¹ Antes do fim do primeiro século, um certo Clemente era o bispo de Roma. O termo “bispo” passou a ser usado para identificar um presbítero que tinha autoridade sobre os outros presbíteros na sua área, o presbítero-chefe.²

Tentar controlar a vida espiritual de outrem é proibido

Mas o conceito de autoridade espiritual especial investida num ‘bispo’ logo entrou em conflito com as palavras do Soberano Jesus em Mateus 23.8-12 e João 4.23-24. Primeiro Mateus:

“Mas vós não sejais chamados ‘Rabbi’; porque o vosso Mestre é um, o Cristo,³ e vós sois todos irmãos. 9 E não chameis ninguém na terra vosso ‘pai’; porque vosso Pai é um, Aquele que está nos céus. 10 Nem sejais chamados líderes/guias; porque vosso Líder é um, o Cristo. 11 Pelo contrário, o maior dentre vós tem de ser vosso servo. 12 E quem quer que exaltar a si mesmo será humilhado, e quem quer que se humilhar, será exaltado.”

No verso 9, como a segunda pessoa aqui está no plural, o Senhor evidentemente está se referindo a chamar alguém de seu pai espiritual; Ele não está proibindo reconhecer seu pai físico. “Vosso Pai é um” – obviamente eles não tinham todos o mesmo pai natural. O verso 10 pode ser o motivo pelo qual não temos registro na Escritura de um cristão chamando alguém de seu discípulo; mesmo em 1 Coríntios 3.4 Paulo evidentemente evita usar o termo.

Eu considero que nosso Senhor está proibindo qualquer tentativa de um cristão controlar a vida espiritual de outro. Podemos apontar o caminho, podemos encorajar, podemos disciplinar quando a ocasião pede, mas o resto é com o Espírito Santo.⁴ O Senhor já tinha dito à mulher samaritana que o Pai deve ser adorado “em Espírito e verdade” (João 4.23-24).

“O tempo está chegando, de fato agora é, quando os genuínos adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Realmente, porque o Pai está procurando por tais pessoas para adorá-lo. 24 Deus é Espírito,⁵ e aqueles que O adoram devem adorar em espírito e verdade.”

O Pai “está procurando” por aqueles que irão adorá-Lo em espírito e verdade.⁶ Pode ser que nós tenhamos aqui uma janela para a razão pela qual Deus criou uma raça tal como a nossa – pessoas à Sua imagem com capacidade de escolher. Deus “está procurando” por alguma coisa, o que significa que Ele não a tem, ao menos não automaticamente, nem em quantidade suficiente. Eu considero que Ele quer ser apreciado por quem Ele é, mas para que tal apreciação tenha sentido ela não pode vir de robôs – tem de ser voluntária. Então Ele criou um tipo de ser com tal capacidade, mas teve de assumir o risco de que tal ser escolheria não O apreciar. Infelizmente, a maioria dos seres humanos fazem a escolha negativa, e com esta escolha negativa vem todo tipo de consequências negativas. Desde Adão, os seres humanos nascem com uma inclinação para o pecado,⁷ então alguém escolher apreciar a Deus definitivamente não é automático, tampouco fácil. Ninguém pode acusar Deus de ter ‘embaralhado as cartas’ em Seu favor, de ter ‘comprado votos’ – Ele parece ter feito exatamente o

¹ Os judeus eram acostumados a um sumo sacerdote, um único indivíduo no topo da pirâmide religiosa. Evidentemente esta atitude invadiu as igrejas.

² Nos escritos dos ‘pais da igreja’ que chegaram até nós, parece não haver menção a ‘apóstolos’ após o primeiro século. Isso significa que não houve ‘sucessão apostólica’; tanto mais porque os apóstolos são designados por Deus, não ordenados pelos homens. Desde o século segundo houve apenas sucessão ‘discipólica’. Qualquer reivindicação de nossos dias baseada em sucessão apostólica é espúria (como foram quaisquer reivindicações deste tipo após o primeiro século).

³ Talvez 4% dos manuscritos gregos omitam “o Cristo” (como na NVI, LH, ARA, Cont., etc.).

⁴ É normal, até mesmo inevitável, que um novo cristão receberá suas primeiras ideias sobre as coisas espirituais de cristãos mais velhos ao seu redor. Mas à medida que cresce e amadurece, ele deve aprender a depender diretamente da Escritura e do Espírito Santo.

⁵ Novamente a falta do artigo definido nos apresenta uma ambiguidade; a tradução ‘um espírito’ é possível. Mas, como indiquei pelo sublinhado, eu entendo que a qualidade inerente ao substantivo está sendo enfatizada, o que é um outro uso para um artigo ausente (em Grego).

⁶ Ver também 2 Crônicas 16.9; isto lhe diz como obter ajuda de Deus.

⁷ Bebês tem que ser egoístas para sobreviverem, mas o egoísmo é a essência do pecado, o que, contudo, não é levado em conta até que a pessoa possa entender o que está fazendo.

contrário. Se um ser humano, contra sua inclinação natural, escolhe apreciar a Deus, então Deus recebe o que está procurando.

“Em espírito e verdade” presumivelmente significa que isto não pode ser fingido, não pode ser forçado ou imposto, não pode ser meramente físico, não pode ser meramente emocional (embora tanto o corpo quanto as emoções podem, e frequentemente são, utilizados). O conceito de um ‘bispo’ (e em nossos dias até modestos pastores) como alguém tendo autoridade para controlar a vida espiritual de outros é uma rebelião aberta contra o Soberano Jesus, que proíbe qualquer atitude ou procedimento deste tipo.¹ Mas rebelião contra deus é ‘coisa’ de Satanás, e certamente trará o julgamento de Deus (ver a discussão sobre 2 Tessalonicenses 2.9-12, abaixo).

Alguém que quer controlar a vida espiritual dos outros deve desenvolver um ‘pacote’ doutrinário; deve definir no que eles podem ou não crer, e o que podem ou não fazer. Mas é claro que isto deu origem a competição entre ‘pacotes’, e competição entre ‘bispos’, ao ponto de eles mutuamente excomungarem uns aos outros, e assim por diante. Isto deu origem a diferentes ‘igrejas’, e em nossos dias a diferentes ‘denominações’. Esta mentalidade garante a perpetuação das falsidades que têm sido incorporadas aos ‘pacotes’ denominacionais. Em alguns casos chegaram ao ponto de declarar que apenas aqueles que estavam nas suas fileiras podiam ser salvos. Qualquer um que acolhe um ‘pacote’ eleva este pacote acima da Palavra inspirada de Deus, e isto é idolatria. Tal idolatria ofende o Espírito Santo, que tem um interesse especial naquela Palavra; tais idólatras não mais escutam ao Espírito Santo (se é que eles alguma vez o fizeram). Tais idólatras condenam seu ‘pacote’ a se tornar um ‘odre velho’, desprovido de poder espiritual.

Eu diria que a única maneira de evitar tornar-se um ‘odre velho’ é estar constantemente ouvindo o Espírito Santo e obedecendo o que Ele diz. Infelizmente, poucos cristãos têm o hábito de consultar o Espírito Santo, e aqueles que o fazem são marcados para perseguição. Nenhum sistema estabelecido pode tolerar alguém que escuta o Espírito Santo. Certamente, ou você esqueceu João 3.8? “O vento sopra onde quer, e tu ouves seu som, mas tu não sabes de onde ele vem ou para onde vai. Assim é com todos os que têm sido gerados pelo Espírito.” Note que o Senhor está dizendo aqui que somos nós que devemos ser imprevisíveis, como o vento, ou o Espírito (“vem” e “vai” estão no tempo presente). Se você realmente está sob o controle do Espírito fará coisas inesperadas, assim como Ele faz, e isso definitivamente não agradará os ‘chefes’² (como Satanás está sempre turvando a água com excessos e abusos, discernimento espiritual é necessário, mas lamentavelmente tal discernimento parece ser uma mercadoria rara nas igrejas). Um sistema estabelecido é definido por sua ‘camisa-de-força’ (ou ‘pacote’), e o Espírito Santo não gosta de camisas-de-força, e vice-versa.

O amor à verdade

Durante a Idade Média a Igreja quase morreu, pelo menos no Ocidente. E por que a Igreja quase morreu? Foi porque a Igreja se tornou parte do problema, ao invés de ser parte da solução. E como tornou-se ela parte do problema? Ela se tornou parte do problema rejeitando o amor à verdade (ver a discussão de 2 Tessalonicenses 2.9-12, abaixo). Quando a Igreja se torna parte do problema, a cultura circundante é condenada. **Você entendeu isto? Quando a Igreja se torna parte do problema, a cultura circundante é condenada.** Certamente, porque a salvação começa pela casa de Deus.

Considere 1 Timóteo 3.15 – “para que saibas como é necessário que alguém se conduza na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, pilar e fundamento da verdade.” Minha

¹ Um procedimento típico é ditar quem pode, ou não pode participar da ‘Ceia do Senhor’, como se a ‘mesa’ pertencesse aos líderes da congregação, e não ao Senhor – afinal, é a ‘Mesa do Senhor’.

² Mas, e Hebreus 13.17? “Obedecei vossos líderes e vos submetei, pois eles velam por vossas almas, como aqueles que devem prestar contas.” Em primeiro lugar, eu diria que a referência é a assuntos administrativos, a fim de que as coisas sejam feitas ‘decentemente e em ordem’. Mas no minuto em que um líder tenta impor uma falsidade, ele não deve ser obedecido; ele não está mais ouvindo ao Espírito Santo. Como Pedro disse ao concílio, “Nós devemos obedecer a Deus antes que aos homens” (Atos 5.29). Eu trato 1 Pedro 5.5 semelhantemente. Cerca de 4% dos manuscritos gregos, de qualidade inferior, omitem “submetendo-vos uns aos outros” (como na NVI, LH, ARA, Cont., etc.).

primeira impressão seria que a verdade deveria estar sustentando a Igreja, e não vice-versa. Mas é a Igreja que tem a responsabilidade de promover e defender a verdade na sociedade como um todo – na educação, saúde, comércio, governo, em todo lugar. A salvação pode vir a um indivíduo apenas por ler a Palavra de Deus, sozinho, mas a transformação de uma cultura inteira requer a Igreja. Lembre também o que Jesus disse à mulher samaritana em João 4.22, “a salvação é a partir dos judeus”. Isso mesmo. O Cordeiro de Deus é um judeu, e o cânon do A.T. veio por meio do povo judeu (neste sentido, a maior parte do N.T. também foi escrito por judeus). Como Paulo diz em Romanos 3.2, “os oráculos de Deus foram confiados a eles”. Os Oráculos de Deus são a Sua revelação escrita para a raça humana.

Então veio a Reforma Protestante, mas, por causa de sua ênfase na razão, ela nasceu deformada. Não demorou muito para que ‘pacotes’ se desenvolvessem no âmbito da Reforma, e no Século XIX ela foi sitiada por três sofismas satânicos (2 Coríntios 10.5): 1) a teoria da evolução de Darwin, 2) a assim chamada ‘alta crítica’ da Bíblia e, então 3) a teoria da crítica textual de Westcott e Hort.¹ Estes foram seguidos por materialismo, humanismo, relativismo, etc. Um Texto bíblico com autoridade objetiva mal mancou até o Século XX, mas então veio a investida da teologia liberal.²

Para compreender o impacto completo da investida da teologia liberal, deve-se ter em conta o ambiente. A razão sempre foi importante para as denominações protestantes históricas ou tradicionais. Consequentemente, respeitabilidade acadêmica sempre foi importante para suas faculdades de teologia. A dificuldade reside na seguinte circunstância: por pelo menos dois séculos a academia tem sido dominada por Satanás, e assim os termos da ‘respeitabilidade’ são ditados por ele. Estes termos incluem ‘publicar ou perecer’, mas é claro que ele controla as revistas técnicas. Como ele é o pai do mentir (João 8.44), qualquer um que quis dizer toda a verdade sempre teve muita dificuldade em ter um artigo publicado, não importando quão bom este fosse. Para ter um artigo publicado, devia-se seguir a linha do partido. ‘Levar em conta a literatura existente’ obriga a que se gaste uma grande quantidade de tempo lendo as estupidezes produzidas pelos servos de Satanás, e tudo aquilo foi engendrado para manter o leitor longe da verdade – o ‘leitor’ neste caso são os estudantes que, por sua vez, se tornarão pastores e líderes de igrejas, professores de seminário, etc.³

A VERDADE – sim, aí está a dificuldade. Considere 2 Tessalonicenses 2.9-12:

“A vinda deste é segundo a operação de Satanás com todo poder⁴ e sinais e maravilhas mentirosas, 10 e com todo engano iníquo entre aqueles que estão se desperdiçando,⁵ porque não receberam o amor à verdade a fim de que fossem salvos. 11 Sim, por causa disso Deus lhes encaminhará uma ilusão ativa, a fim de que eles creiam a mentira 12 e que

¹ A teoria W-H acabou com qualquer noção de um texto do N.T. com autoridade objetiva. Minha demonstração de que esta teoria é um tecido de falsidades foi primeiramente publicada em 1977 (o livro tendo passado por pelo menos seis revisões desde então), e, até onde eu sei, nunca foi refutada. *The Identity of the New Testament Text* (Nashville: Thomas Nelson Inc., Publishers, 1977); *The Identity of the New Testament Text V* (publicação independente no Amazon.com, 2023).

² Uma resposta à teologia liberal foi a assim chamada Neo-ortodoxia; esta sustenta que a Bíblia é composta de partes divinas e partes humanas, de maneira que o todo não pode ser chamado de Palavra de Deus. Como este ponto de vista não oferece nenhuma forma de saber quais partes são e quais não são, ele também acaba com qualquer noção de um N.T. com autoridade objetiva.

³ A contaminação sistemática de gerações sucessivas de futuros pastores inevitavelmente resultou também na contaminação das congregações.

⁴ Quando Satanás caiu ele não perdeu seu poder.

⁵ O verbo aqui, ἀπολλύμι, frequentemente traduzido como ‘perecer’ (João 3.16 na Fiel), é utilizado numa variedade de contextos, mas eu entendo que o significado central é “desperdiço”. A forma participial aqui é ambígua quanto à voz, quer média ou passiva, mas a forma básica do verbo é média. Efésios 1.5-14 torna claro que o objetivo básico de nossa redenção é que nós sejamos “para o louvor de Sua glória”, o que era parte do Plano original (Isaías 43.7). Apenas quando vivemos para a glória de Deus podemos realizar ou cumprir nosso potencial, nossa razão de existir. Se você vive para qualquer outra razão, está desperdiçando a si mesmo.

assim sejam condenados todos que não têm crido a verdade, mas têm tido prazer na iniquidade.”¹

Embora o verso 10 esteja no contexto da atividade do Anticristo, que encontrará um alvo fácil naqueles ‘que estão se desperdiçando’ (minha tradução), isso não quer dizer que ninguém se desperdiçará antes dessa atividade. Obviamente, as pessoas vêm se desperdiçando ao longo de toda a história, e a causa subjacente a este ‘desperdício’ nunca mudou – “eles não receberam o amor à verdade” (começou no Jardim).

Considere Romanos 1.18: “Agora a ira de Deus é revelada a partir do Céu sobre toda impiedade e injustiça das pessoas que suprimem a verdade pela injustiça.” ‘Suprimir a verdade’ é um ato deliberado, uma escolha maligna que chama a ira de Deus (Romanos 1.24-25 e 2.8 dão mais detalhes). Ouvir um sermão sobre ‘o amor de Deus’ é bastante fácil, mas quantos você já ouviu (ou pregou) sobre ‘a ira de Deus’? ‘Deus odeia o pecado, mas ama o pecador’ é um jargão bem conhecido, mas considere o Salmo 5.4-6.

“Porque tu não és um Deus que tenha prazer na iniquidade, nem contigo habitará o mal. Os loucos não pararão à tua vista; odeias a todos os que praticam a maldade. Destruirás aqueles que falam a mentira; o SENHOR aborrecerá o homem sanguinário e fraudulento.”

Este não é um texto isolado; há um número significativo de outros no mesmo sentido. Alguém que deliberadamente escolhe ser mau e promover o mal, tendo rejeitado a verdade, dessa maneira faz Deus seu inimigo, fazendo a si mesmo um objeto da ira de Deus.² Deus tem julgado pecados por seis mil anos.

Considere também Lucas 16.31, “Ele lhe disse, ‘se eles não escutam Moisés e os profetas, eles não serão persuadidos nem mesmo caso alguém ressurja dos mortos.’” Abraão afirma uma realidade inquietante: as pessoas que rejeitam a revelação escrita de Deus são autocondenadas. Como Jesus disse em João 8.31-32, “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos; e conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará.” Então, o que acontece se você não permanecer?

Considere ainda 2 Timóteo 4.4, “Eles afastarão seus ouvidos da verdade e serão desviados para fábulas.” Notar a progressão: primeiro eles escolhem se afastar da Verdade, mas depois disso alguém outro toma o controle e os conduz para ainda maiores estupidezes – esse alguém é Satanás, usando seus servos.

Mas, voltando a Tessalonicenses, por favor, note com cuidado o que é dito ali: é o próprio Deus quem encaminha a “ilusão ativa”!³ E sobre quem Ele a encaminha? Sobre aqueles que não recebem o amor à verdade – é um julgamento direto sobre a sua rejeição da verdade.⁴ E qual o propósito desta forte ilusão? – a condenação daqueles que não creem a verdade. Meu amigo, isso é pesado! Note que a verdade é central para a salvação de qualquer um. Isso levanta a questão essencial: exatamente o que quer dizer ‘a verdade’?

Em João 14.6 o Soberano Jesus declarou a si mesmo como sendo ‘a verdade’. Orando ao Pai em João 17.17, Ele disse, “Tua Palavra é verdade.” Uma vez em cada um dos capítulos 14, 15 e 16 de João Ele se referiu à terceira pessoa da Trindade como “o Espírito da verdade”. Como o Filho está de volta ao Céu, à destra do Pai, e o Espírito não é muito perceptível para a maioria de nós, na maior parte do tempo, e como a Palavra é a espada do Espírito (Efésios 6.17), nosso principal acesso ‘à verdade’ é por meio da Palavra de Deus, a Bíblia. A Bíblia oferece verdade proposicional, mas nós precisamos do Espírito Santo para iluminar essa

¹ Ter prazer na iniquidade’ envolve rejeitar a Verdade de um Criador moral que exigirá uma prestação de contas, ou, ainda, rebelião aberta contra este Criador (como Lúcifer/ Satanás).

² Uma pessoa que se vende para o mal passará a eternidade no Lago de fogo e enxofre, mas normalmente experimenta uma pitada da ira de Deus também nesta vida.

³ Eu entendo ‘ativa’ no sentido de ‘agressiva’; não é uma ilusão passiva, que fica quieta no seu cérebro, permitindo que você siga feliz o seu caminho. Ela é agressiva, tenta controlar como você pensa e, assim, o que você é e o que você faz.

⁴ Por favor, notar que não é suficiente meramente ‘aceitar’ a verdade; é exigido que nós amemos a verdade. Satanás nos seduz com fama e fortuna (nos seus próprios termos, é claro), e então amar a verdade requer determinação; como o amor em questão é αγάπη, ele envolve um ato de vontade.

verdade, e para ter o Espírito Santo nós precisamos nos relacionar adequadamente com o Soberano Jesus – é Jesus quem batiza com o Espírito Santo (João 1.33). Se essa é ‘a Verdade’, então o que é ‘a mentira’? Eu sugiro que ‘a mentira’ é um epítome (uma forma abreviada) para o reino de Satanás e tudo o que este representa. Neste caso, podemos também dizer que ‘a Verdade’ é um epítome para o Reino de Cristo e tudo o que este representa.

Agora, para que algo seja recebido, deve ser oferecido; uma pessoa não pode crer em algo de que nunca ouviu falar (Romanos 10.14). Um filho nascido de pais satanistas e dedicado a Satanás pode muito bem crescer até a vida adulta sem jamais ter sido exposto ‘à verdade’. O mesmo serve para uma cultura que não tem qualquer conhecimento do cristianismo. Em tais circunstâncias uma pessoa pode estar servindo ‘à mentira’ porque é tudo o que ela conhece. Ela não rejeitou ‘a verdade’, porque não tem conhecimento dela. Para uma pessoa deste tipo há esperança; se, algum dia, ‘a verdade’ lhe for apresentada, ela tem a opção de acolhê-la, como tem acontecido muitas vezes.

O uso do verbo ‘receber’ claramente implica um ato de volição da parte daqueles que não recebem a verdade; esse amor foi oferecido ou tornado disponível a eles, mas eles não o quiseram; quiseram poder mentir e acolher mentiras contadas por outros. Mas as consequências de tal escolha são terríveis; eles voltaram as costas para a salvação. Notar no verso 11 que Deus lhes encaminha a ilusão ativa para que eles creiam a mentira; Deus lhes empurra para a mentira! Em João 8.44 o Soberano Jesus afirmou que Satanás é o pai do mentir, não havendo nenhuma verdade nele. Então, se o próprio Deus encaminha ilusão, Ele está entregando as vítimas a Satanás. Logo, se Deus te entrega a Satanás, quais são as tuas chances?

Pense bem na sequência: primeiro eles rejeitam o amor à verdade; é como uma consequência dessa escolha que Deus encaminha a ilusão. A implicação é que há um último retorno;¹ Deus encaminha a ilusão para que eles sejam condenados. A única escolha inteligente é abraçar a verdade! Se Deus lhe oferece a verdade e você a rejeita, sua escolha faz Dele seu inimigo – não é uma boa ideia!

Uma solução correta depende de um diagnóstico correto

Por que escrevi este artigo? Estou procurando uma forma (se isto ainda é possível) de parar, até mesmo fazer recuar, o rolo compressor satânico que está destruindo a cultura e tomando conta de todos os aspectos da vida na nação em que eu vivo, o Brasil (é claro que o mesmo é verdade a respeito de outras nações também). O único remédio possível é o amor à verdade, então o ponto de partida é este: o que podemos fazer para promover o amor à verdade? Lamentavelmente, a vasta maioria das igrejas faz parte do problema, ao invés de ser parte da solução. Ouso dizer que menos de 1% das igrejas querem uma Bíblia com autoridade objetiva.² A cultura fora da igreja está totalmente dominada pelo humanismo relativista, e a maioria dos membros das igrejas tem sido bastante influenciados por esta visão de mundo. A caminho de promover o amor à verdade, devemos defender a autoridade objetiva do Texto bíblico,³ e o lugar para começar são as igrejas.⁴ Promover a verdade necessariamente envolve expor as mentiras.

O mundo odeia a Verdade

Satanás nunca desiste de seus ataques contra a autoridade objetiva da Palavra de Deus; isto começou lá no Jardim: “É assim que Deus disse?” Satanás odeia a Verdade, porque, como o Soberano Jesus disse em João 8.44, “não há verdade nele”. Satanás é o pai do mentir (mesmo verso), e assim, sempre que contamos uma mentira, estamos fazendo coisa de Satanás. E quando abraçamos uma mentira (como evolucionismo, Marxismo, Freudianismo,

¹ Contudo, como Deus é gracioso e longânimo, Ele pode conceder um número de oportunidades de arrependimento antes que uma pessoa alcance este ponto. Em minha própria experiência, eu joguei fora uma variedade de falsidades que me foram ensinadas, uma de cada vez, durante um período de anos. Isso dito, eu não assumiria que estou totalmente livre de ideias falsas; eu preciso continuar ouvindo o Espírito Santo à medida que estudo as Escrituras.

² Como consequência, poder espiritual e discernimento espiritual lhes fazem falta.

³ É o Texto bíblico que define e ensina a Verdade, e a fim de chegar à Verdade devemos compreender que o Texto tem autoridade objetiva. O humanismo relativista é hostil à autoridade objetiva, e qualquer tentativa de relativizar a autoridade da Escritura apenas serve ao inimigo.

⁴ Nossa única esperança de corrigir a cultura nacional depende de primeiro corrigir as igrejas

Hortianismo, humanismo, relativismo, etc.) damos a Satanás um ponto de apoio em nossas mentes, que ele normalmente transforma numa fortaleza. Quando Satanás faz com que alguém se venda ao mal, tendo rejeitado a verdade, este alguém se torna o que Jesus chamou de um ‘cão’ em Mateus 7.6.¹ Um ‘cão’ reage de uma maneira agressiva e violenta contra qualquer apresentação da Verdade. A mídia e a academia estão cheias de tais cães; eles são inimigos fiados da Verdade. Por que o Soberano diz para não oferecer nada ‘santo’ a tais pessoas? A implicação é que isto seria uma perda de tempo; eles estão além da recuperação – sua oposição prolongada também atrapalhará. Contudo, a fim de salvar as pessoas que eles estão prejudicando, será necessário desafiar e refutar o que eles representam – antes de tentar fazer isso, é melhor que você tenha aprendido como usar o poder de Deus (Efésios 3.20). Confrontar um ‘cão’ não é a mesma coisa que oferecer a ele algo ‘santo’.

Considere as palavras de nosso Senhor registradas em Lucas 17.2 – “Seria melhor para ele se uma pedra de moinho fosse pendurada em volta do seu pescoço e ele fosse atirado no mar, do que ele fazer um destes pequeninos cair.” O que é pior do que uma morte física horrível e prematura? Morte espiritual. Quem destrói a fé de um ‘pequenino’ é autocondenado. O que dizer de todos os professores e pastores que fazem por onde destruir a fé de seus alunos e ouvintes?

Considere também 2 Pedro 3.5 – “Isso porque eles deliberadamente ignoram que céus e terra (fora da água e por meio da água) têm existido desde a antiguidade pela palavra de Deus.” Parece-me que o termo “deliberadamente” tem uma relação direta com o sentido pretendido pelo termo grego normalmente traduzido como “esquecer”. Como pode alguém ‘esquecer’ deliberadamente? ‘Ignorar’ é deliberado; ‘fingir’ é deliberado. Quando um professor, um estudioso ou um cientista ignora as evidências científicas de um dilúvio de escala mundial, ele está deliberadamente enganando seus alunos e leitores. Fazer isso é ser perverso, fazer isso é servir a Satanás.

Comparando Romanos 1.18 (a ira de Deus está sobre aqueles que suprimem a verdade), com o Salmo 5.5 (Deus odeia todos os que praticam iniquidade), com o que Jesus disse em João 6.44: “Ninguém pode vir a mim a não ser que o Pai, que me enviou, o traga”, podemos concluir razoavelmente que o Pai não irá trazer alguém que Ele odeia. Então, qualquer um que tenha se tornado um ‘cão’ é condenado. De passagem, você já notou que aqueles que foram criados num ambiente cristão, mas depois voltaram suas costas a Jesus são, frequentemente, mais virulentos em sua oposição à verdade de Deus do que aqueles que foram criados como pagãos? Não há maneira de salvar um ‘cão’, mas devemos trabalhar para salvar seus alunos e leitores – como podemos fazer isso senão demonstrando que o que o ‘cão’ ensina é errado? Confrontar um ‘cão’ não é o mesmo que oferecer a ele algo ‘santo’; nós não estamos tentando salvá-lo, estamos lhe refutando pelo bem de seus alunos e leitores.

Falsas doutrinas nas igrejas

Eu imagino que não muitos cristãos no assim chamado ‘primeiro mundo’ realmente creem no que o Soberano Jesus disse em Mateus 7.14: aqueles que acham o caminho da Vida são poucos!² Precisamos considerar cuidadosamente Apocalipse 22.15; “quem quer que ame e pratique uma mentira” é excluído da Cidade celestial.³ O verbo aqui é φιλεω, que se refere a amor emocional; alguém que se vende a uma mentira normalmente se torna emocionalmente apegado a ela, e ele reage agressivamente (às vezes de forma irracional) se você

¹ 1 Timóteo 6.5 e 2 Timóteo 3.8 talvez digam respeito a este tipo de ‘cão’ também.

² Considere também Romanos 9.27, “o remanescente é que será salvo”. O contexto é sobre Israel, mas a declaração é descritiva de toda a história humana. Em qualquer momento durante os últimos 6.000 anos, somente uma percentagem muito pequena da população total tinha compromisso sério com Deus. Isso também é verdade quanto à população cristã durante os últimos 2.000 anos. Que percentagem de uma planta de trigo é grão comível (Lucas 3.17)? E há também Mateus 24.37 – após 1.650 anos de procriação humana, quantas pessoas teriam existido na terra? Provavelmente bem mais que um milhão. E quantas foram salvas? O Soberano Jesus disse que no tempo da Sua volta o quadro será como nos dias de Noé.

³ Socorro! “Uma mentira” é muito geral, em aberto. O que acontece se eu aceitei uma mentira sem me dar conta de que era uma? Mas o texto não diz ‘aceita’; ele diz ‘ama’ e ‘pratica’. A implicação é que a evidência contrária, à mentira, está disponível, mas foi rejeitada, ou deliberadamente ignorada – a pessoa se vendeu para a mentira.

questiona essa mentira. Em contraste, em 2 Tessalonicenses 2.10 o amor à verdade é o amor αγάπη, que se refere a um ato de vontade pelo qual você se alinha com a verdade.

Considere 1 Timóteo 4.1-2 – “Ora, o Espírito explicitamente diz que em tempos posteriores alguns cairão para fora da fé, prestando atenção a espíritos enganadores e a coisas ensinadas por demônios – por meio de hipócritas mentirosos cuja própria consciência tem sido cauterizada.” Note que não se pode “cair para fora da fé” a não ser que se tenha estado primeiro com a fé. Não se engane, as igrejas (com exceções, é claro) estão cheias de uma variedade de ‘doutrinas’ de origem demoníaca. O inimigo usa um certo tipo de pessoa para as ‘vender’. Qualquer que seja sua origem, uma doutrina falsa dá ao inimigo uma entrada à vida da igreja, e, então, às pessoas que ali frequentam.

Mas voltemos a Apocalipse 22.15. O verbo ‘praticar’ indica um valor que orienta sua conduta. Se você está praticando uma mentira, essa mentira se tornou parte do que você é, parte do teu ‘pacote’ particular. Dependendo da natureza da mentira, sua influência contaminante pode acabar tocando todas as áreas de tua vida. Uma mentira como ‘Deus não existe’ toca em tudo. Obviamente, quanto mais mentiras alguém pratique, tão pior ele será. Note, contudo, que os verbos “amar” e “praticar” estão no tempo presente, o que significa que enquanto há vida há esperança; ainda é possível arrepender-se, e mudar, e escapar da condenação. Qualquer um que é tomado pela morte enquanto esteja praticando uma mentira será excluído da Cidade.¹

Agora note o que diz em Ezequiel 18; eu lhe encorajo a ler todo o capítulo com cuidado. Cada pessoa é responsável por seu próprio destino, e é possível mudar destinos. Os versos 21-22 ensinam que alguém que começa errado pode mudar para o certo, e viver. Verso 23: “Desejaria eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? diz o Senhor DEUS; não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva?” Mas o verso 24 ensina que o inverso é verdadeiro; alguém que começa bem pode mudar para o mal, e morrer. Enquanto há vida há esperança, exceto para certas condições irreversíveis.²

Se você consultar o Espírito Santo sobre determinado assunto, Ele não permitirá que você creia numa mentira. “Ele vos guiará a toda verdade” (João 16.13). Ele é o Espírito da Verdade (João 15.26) e Ele não pode mentir (Tito 1.2). Segue-se que Ele odeia mentiras. “Estas seis coisas o SENHOR odeia, sim, sete são uma abominação a Ele:³ olhos altivos, **língua mentirosa**, . . .” (Provérbios 6.16-17). “Os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR” (Provérbios 12.22). E lembre-se que mentirosos não podem entrar na Nova Jerusalém (Apocalipse 21.27, 22.15). O caso de Josué e dos Gibeonitas fornece um exemplo negativo. O Texto diz explicitamente que eles não buscaram a direção do Senhor (Josué 9.14), e as consequências negativas perduraram por séculos.

Agora discutirei algumas das mentiras que Satanás tem ‘vendido’ com sucesso a muitos cristãos, precisamente porque eles não consultaram o Espírito Santo antes de acolhê-las. Pode ser que a maior parte das pessoas simplesmente aceita aquilo que lhes é ensinado porque confia no professor, assim como por não se sentir competente para tentar um julgamento independente – e muitas delas podem não chegar ao ponto de ‘viver’ e ‘praticar’. Também é lamentavelmente verdade que muito poucas igrejas ensinam como consultar o Espírito Santo, mas nada disso muda as consequências de uma mentira. Tais mentiras frequentemente se tornam fortalezas de Satanás nas mentes das pessoas, que então elas defendem emocionalmente. Você já notou que, quando desafia determinadas doutrinas, algumas pessoas simplesmente explodem? Elas são incapazes de discutir a questão racionalmente; elas não sabem tudo o que a Bíblia diz a respeito do assunto. De qualquer maneira, para promover a verdade é necessário expor mentiras. Se promover o amor à verdade é nossa primeira

¹ Todos nós já recebemos informação falsa que considerávamos ser verdade, e em alguns casos poderíamos até ter agido de acordo com ela, mas se ela não se tornou parte de nossa prática constante, então não necessariamente resultará em nos afastar da Cidade.

² Estas serão discutidas na seção “Pecados que levam à morte”.

³ **Nota do Tradutor:** A tradução para o Inglês utilizada pelo autor (presumivelmente a NKJV), aqui, difere substancialmente da ACF (que contém “e a sétima a sua alma abomina”). Por isso, traduziu-se livremente do Inglês a oração “sete são uma abominação a Ele” a fim de que o argumento desenvolvido na sequência do artigo mantivesse a coerência com a citação bíblica.

prioridade, então teremos de aceitar as consequências de expor e denunciar mentiras. Se todos os cristãos jogassem fora todas as oito mimadas falsidades discutidas abaixo, o mundo veria um derramamento do poder de Deus sem precedentes na história humana.

Graça soberana: A doutrina da ‘graça soberana’ é obviamente falsa. Deus é, de fato, soberano, mas nenhum de seus atributos isoladamente o pode ser, por simples lógica, já que cada um deles é limitado por todos os outros. Deus certamente é graça, mas Ele também é amor (o que necessariamente inclui o ódio do mal, por causa das consequências aos amados), verdade, sabedoria, poder, justiça, ira, eternidade, e sem dúvida ainda outros atributos que nossas mentes finitas não podem compreender. Em nenhum lugar a Bíblia ensina que a graça é soberana; a doutrina é uma invenção. Aqueles que usam a ideia da graça soberana para proteger o pecado e confortar o pecador¹ terão uma terrível surpresa. Qualquer um que tenha adotado a noção de ‘graça soberana’ não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Amor incondicional: A doutrina de que o amor de Deus é ‘incondicional’ também é falsa. Como nós não temos nenhuma maneira de merecer Seu amor de antemão, presumivelmente Deus oferece seu amor sem condições prévias – é incondicional apenas neste sentido. Mas no minuto em que alguém recebe o amor de Deus, então Suas expectativas entram em cena. A partir de João 4.23-24 fica claro que o Pai está procurando por uma resposta ao Seu amor; Ele quer reciprocidade. Isso também é claro a partir de João 14.21 e 23. Se o amor de Deus é incondicional, por que, então, ele nos castiga? “Todos quanto eu amo, eu corrijo e castigo” (Apocalipse 3.19). “A quem o SENHOR ama Ele castiga, e açoita todo filho que Ele recebe” (Hebreus 12.6). E por que Ele exige uma prestação de contas? “Nós todos teremos de aparecer diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba as coisas feitas no corpo, de acordo com o que fez, seja bem ou mal” (2 Coríntios 5.10; ver também 1 Coríntios 3.11-15). Aqueles que usam a ideia de amor incondicional para proteger o pecado e confortar o pecador terão uma terrível surpresa. Qualquer um que tenha adotado a noção de ‘amor incondicional’ não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Segurança eterna: A doutrina da ‘segurança eterna’, como normalmente é compreendida, também é falsa, e ainda mais perigosa às almas dos homens do que as duas discutidas acima. Uma descrição grosseira da doutrina seria algo assim: Uma vez salvo, sempre salvo, não importando o que você fizer depois. Quando se mencionam passagens como Efésios 5.5-6 e 1 Coríntios 6.9-10, que alistam práticas que excluem do Reino, a defesa padrão é dizer que tais pessoas nunca foram salvas. Mas elas não estariam fraudando a questão? Ambas as passagens acima foram escritas para crentes, não para incrédulos. Por que o Espírito Santo escreveria tais coisas para crentes se fosse simplesmente impossível que eles caíssem em tais práticas? E por que o Jesus glorificado disse, “E não apagarei seu nome do Livro da Vida” (Apocalipse 3.5)? Por favor, notar que é impossível apagar um nome que não está lá! Tentar argumentar que o Jesus glorificado estava usando um ‘bicho-papão’ impossível para assustá-los seria fazê-Lo mentiroso, o que Ele não pode ser (Tito 1.2). E ainda há todas as passagens que falam de perseverar até o fim, para ser salvo. Mas o texto definitivo acerca do assunto é Hebreus 6.3-6. A descrição dada nos versos 4 e 5 apenas pode se referir a alguém que foi regenerado, como o verso 6 deixa claro. A única maneira de “crucificar de novo” é se você já fez isso, pelo menos uma vez. Dizer que o Espírito Santo está usando um ‘bicho-papão’ impossível para assustá-los seria fazer dEle igualmente um mentiroso, o que também é impossível.² Aqueles que usam a ideia de segurança eterna para proteger o pecado e confortar o

¹ Por ‘confortar o pecador’ eu quero dizer falar a um pecador para não se preocupar com seu pecado, ao invés de confrontá-lo.

² Um apelo a João 10.28-29 reflete um erro básico de compreensão do Texto; o ponto crucial é a área semântica do verbo “arrebatar”. Ser arrebatado é uma coisa; pular para fora é outra. Você não pode ‘arrebatar’ a si mesmo, isto deve ser feito por uma força exterior, e nenhuma tal força é maior do que Deus. Mas, se você não quer ir para o Céu, você não vai; Deus certamente não te levará para lá contra tua vontade. O Soberano Jesus deixa isso muito claro em João 15.6, “se alguém não permanece em mim, ele é lançado fora como um ramo. . .”. ‘Permanecer’ compete a nós; nós não somos forçados a fazê-lo. Se escolhermos não fazer, estamos fora. Note que você não pode ser “lançado fora” a não ser que primeiro esteja dentro.

pecador terão uma terrível surpresa. Qualquer um que tenha adotado a noção de ‘segurança eterna’ não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Salvação sem obras: A Reforma Protestante corretamente rejeitou a doutrina romana da salvação por obras, mas substituí-la por ‘somente fé’ abre margem para sérios erros de compreensão. Efésios 2.8-10 nos dá a verdade acerca deste assunto resumidamente:

“Pois pela graça tendes sido salvos, por meio da Fé¹ – e isto não de vós mesmos, é o dom de Deus – 9 não por obras, a fim de que ninguém se orgulhe. 10 Vede, somos Seu ‘poema’,² criados em Cristo Jesus para boas obras, que Deus preparou de antemão a fim de que caminhemos nelas.”³

Nós não somos salvos por boas obras, mas somos, de fato, salvos para boas obras; não fazemos boas obras a fim de sermos salvos, mas temos de fazer boas obras porque somos salvos. Tiago é muito claro neste ponto; uma fé que não produz não pode salvar (Tiago 2.14). A fé sem obras é morta (Tiago 2.17, 20, 26). Se você está vivo, você faz coisas. O plano da redenção não diz respeito apenas a nos levar ao céu, mas de nós contribuímos com o Reino de Cristo aqui embaixo. Dizer a alguém que tudo o que ele tem que fazer é ‘crer em Jesus’⁴ e ‘bum’, ele vai para o céu é uma falsidade cruel. Qualquer um que tenha adotado a noção de que pode ser salvo sem obras não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Substitucionismo: A doutrina da ‘substituição’ afirma que a Igreja substituiu totalmente Israel como povo de Deus e que nunca novamente Israel receberá qualquer atenção especial da parte de Deus. Partidários da substituição são obrigados a ignorar ou tratar de forma leviana o percentual considerável da totalidade do texto bíblico que é profecia relacionada ao fim dos tempos. Eles também têm que rejeitar claras afirmações bíblicas em sentido contrário, o equivalente a fazer do Espírito Santo um mentiroso (não esqueça que blasfemar o Espírito Santo é imperdoável). 1 Coríntios 10.32 – “Não ofendais, seja os judeus, seja os gregos, seja a Igreja de Deus.” Este texto deixa claro que durante a Era da Igreja há três categorias de pessoas: judeus, não-judeus e a Igreja (composta tanto de judeus como não-judeus que estão em Cristo). Antes do Pentecostes havia duas categorias: judeus e não-judeus.

Substitucionistas afirmam que após o Pentecostes ainda havia apenas duas: Igreja e não-Igreja, no que a Igreja substituiu Israel. Mas não é assim; Israel ainda existe como uma entidade separada no plano de Deus. Os capítulos nove, dez e onze de Romanos entram em algum detalhe sobre este ponto. Romanos 11.1-2 – “Eu digo, então, Deus jogou fora Seu povo? Certamente não! ... Deus não jogou fora Seu povo, a quem Ele conheceu de antemão.”⁵ O Substitucionismo contradiz esta afirmação clara. No fim de Gálatas 6.16 encontramos “o Israel de Deus”. É muito comum ouvir esta expressão usada como um sinônimo para a Igreja, mas ela não é. Segundo a gramática grega, a repetição da preposição ‘sobre’ em duas expressões unidas por ‘e’ torna claro que os objetos das preposições se referem a duas entidades distintas. Daí, “o Israel de Deus” não pode ser uma referência à Igreja, presumindo-se que “aqueles que se conformam a esta regra” refira-se àqueles que estão “em Cristo Jesus”. Eu

¹ O Texto traz ‘a’ Fé; a referência é a uma Fé específica, presumivelmente o corpo de verdade que gira em torno da pessoa de Jesus.

² A palavra portuguesa ‘poema’ vem da palavra grega que ocorre aqui, *poiema*, e é um dos seus significados. Assim como cada poema é uma criação individual do poeta, nós também somos criações individuais, não produzidas por uma linha de produção numa fábrica.

³ “Preparou de antemão” – eu imagino que isso se refere ao código moral de Deus, as regras de conduta que todos devem seguir (se todos o fizessem, não precisaríamos de cadeias, missões de resgate, etc.).

⁴ Infelizmente, muitas versões não traduzem o texto grego adequadamente nesta cláusula; o Texto nunca traz ‘crer em Jesus’, ele sempre traz ‘crer para dentro de Jesus’, o ponto sendo que se deve mudar de localização, de estar fora para estar dentro. Crer para dentro de Jesus envolve comprometimento. Também é errado usar ‘aceitar Jesus’ ao invés do bíblico ‘receber Jesus’ – ‘aceita-se’ de alguém que está em posição inferior; de alguém em posição superior usa-se ‘receber’. Um ‘Jesus’ que você meramente aceita não pode te salvar, já que ele seria menor do que você.

⁵ Lembrar que isto foi escrito décadas após o Pentecostes e o começo da Igreja.

considero que “o Israel de Deus” diz respeito a israelitas devotos, sinceros. Qualquer um que tenha adotado a noção de ‘substituição’ não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Idolatria: Idolatria certamente é pecado, mas em que sentido é uma mentira? Bem, ela não substitui algo verdadeiro por algo falso? 2 Timóteo 3.16 diz que toda Escritura é como sopro de Deus. O Salmo 138.2 diz: “engrandecestes a tua palavra acima de todo o teu nome”, e um nome representa a pessoa. E João 17.17 diz: “Tua Palavra é verdade”. Colocar a tradição da igreja acima da Palavra de Deus é uma forma de idolatria. Colocar um ‘pacote’ doutrinário de uma denominação acima da Palavra de Deus é uma forma de idolatria. Colocar a palavra de um líder da igreja acima da Palavra de Deus é uma forma de idolatria. Qualquer uma das coisas acima impede o crescimento espiritual, e pode levar à perda definitiva, por que todas contêm falsidade. Qualquer um que tenha adotado qualquer uma dessas práticas não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Cessacionismo: A doutrina do ‘cessacionismo’ também é falsa. O cessacionismo afirma que os ‘dons-sinais’ cessaram quando o Cânon do N.T. foi completo, ou quando a última pazada de terra repousou sobre a sepultura do apóstolo João.¹ A base bíblica alegada para tanto é encontrada em 1 Coríntios 13.8b-10. Estes versos já receberam mais do que a sua devida dose de mau trato, em parte porque os comentaristas não ligaram o verso 12 a eles (vendose o verso 11 como um parêntesis). Considere o verso 10: “Mas quando quer que o completo venha, então o ‘em parte’ será acabado”. Se pudermos identificar o ‘então’, teremos também identificado o ‘quando’;² e o verso 12 identifica o ‘então’. Quando veremos ‘face-a-face’, quando conheceremos como somos conhecidos? 1 João 3.2 responde: “Amados, agora somos filhos de Deus; e ainda não tem sido revelado o que seremos, mas sabemos que quando Ele for revelado, seremos como Ele, pois O veremos como Ele é.” É no retorno de Cristo que veremos “face-a-face”, então “quando quer que o completo venha” se refere a Cristo em Sua segunda vinda. O problema com ‘profecia’, ‘línguas’ e nosso ‘conhecimento’ presente é que eles são ‘em parte’, mas depois do retorno de Cristo não teremos mais necessidade deles.

Como Cristo ainda não retornou, estas coisas ‘em parte’ certamente ainda estão conosco. A afirmação de que ‘o completo’ se refere ao cânon completo do Novo Testamento faz violência ao Texto. Se houvesse sido realmente o propósito do Espírito Santo nos dizer que os *charismata* desapareceriam em algumas décadas, Ele presumivelmente poderia ter feito um trabalho muito melhor. Cessacionistas também geralmente escolhem ignorar tudo o que a Bíblia diz sobre guerra espiritual com Satanás e seus anjos e, conseqüentemente, passam suas vidas em derrota espiritual, produzindo muito menos para o Reino do que eles poderiam e deveriam. Eles nem mesmo fazem as mesmas coisas que Jesus fez, muito menos as coisas maiores (João 14.12). Aqueles que usam a ideia de cessacionismo numa tentativa de explicar e justificar a sua falta de poder espiritual estão sendo tolos, senão algo pior. Qualquer um que tenha adotado a noção de ‘cessacionismo’ não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

Evangelho da Prosperidade: Embora haja variações no tema, o ‘tom’ básico é voltado aos interesses egoístas do ouvinte, enquanto qualquer comprometimento sério com Cristo e Seu Reino é severamente ignorado. A ênfase está sobre as bênçãos, não sobre o Abençoador, mas as bênçãos não são de graça; para obtê-las deve-se contribuir pesadamente para aqueles que as fornecem. Mas o Soberano Jesus deu a resposta definitiva a esta estupidez (ou deveria ser ‘perversidade’) em Mateus 6.24 – “Ninguém pode servir dois senhores; pois ou odiará um e amará o outro, ou então será leal a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” ‘Mamom’ é algumas vezes traduzido como ‘dinheiro’, mas provavelmente inclui mais do que isso, embora o dinheiro seja central para ele – uma visão de mundo materialista.

¹ Afirmar que os dons miraculosos cessaram quando a última pazada de terra caiu na sepultura do apóstolo João é uma falsidade histórica. Os cristãos que viveram durante os Séculos II, III, e IV, cujos escritos chegaram até nós, afirmam que os dons ainda estavam em uso naqueles dias. Nenhum cristão do Século XX ou XXI, que não estava lá, é competente para lhes contradizer. Qualquer ‘cessacionista’ terá uma fortaleza de Satanás em sua mente a respeito deste assunto, porque abraçou uma mentira. Qualquer argumento concebido para justificar falta de poder espiritual não pode estar certo.

² Estes dois advérbios temporais trabalham juntos.

Como Jesus disse, alguém que serve a mamom não pode estar servindo a Deus ao mesmo tempo. Qualquer um que quer ir para o céu deve rejeitar mamom. Qualquer um que tenha adotado qualquer forma de ‘evangelho’ da prosperidade não consultou o Espírito Santo antes de fazê-lo.

O leitor pode muito bem ter cansado do refrão, “não consultou o Espírito Santo”, mas é claro que há mais do que isso na história. Relembre o que o Soberano Jesus disse aos saduceus, “Estais enganados, não conhecendo a Escritura nem o poder de Deus” (Mateus 22.29). Ser ignorante tanto da Escritura quanto do poder de Deus é estar falido espiritualmente. Qualquer um que tenha adotado qualquer uma das falsidades discutidas acima não estudou as Escrituras suficientemente antes de fazê-lo.

Há muito, muito mais coisas falsas sendo ensinadas em nossas igrejas,¹ mas eu considero que a curta lista discutida acima é suficiente para o meu propósito atual. **Se todos os cristãos jogassem fora todas as oito mimadas falsidades discutidas acima, o mundo veria um derramamento do poder de Deus sem precedentes na história humana.**² Estou bem ciente de que uma consequência dolorosa de levar Apocalipse 22.15 a sério é considerar o destino de pessoas que nós amamos e respeitamos que faleceram enquanto defendiam uma ou mais das falsidades discutidas acima. Essa é uma questão que está nas mãos capazes de Deus. Para nós mesmos, 2 Coríntios 10.12 vem à mente: “Mas eles, medindo a si mesmos por si mesmos, e comparando a si mesmos entre si mesmos, não são sábios.” Melhor será se basearmos o que somos e fazemos no Texto de Deus.

Agora eu passo a um tópico que tem recebido muito pouca atenção, até onde eu sei. Ele destaca a importância de promover o amor à verdade.

Pecados que levam à morte

Considere 1 João 5.16-17 – “Caso qualquer um veja seu irmão pecando um pecado que não leva à morte, peça, e Ele lhe dará vida para aqueles que não pecam para morte. Há pecado que leva à morte; eu não estou dizendo que ele deve pedir acerca deste.³ 17 Toda injustiça é pecado, e há pecado que não leva à morte.” Deve ser óbvio que João não está contradizendo Romanos 6.23 – “O salário do pecado é morte, mas o dom gracioso de Deus é vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.” Obviamente, porque o sangue derramado do Cordeiro de Deus livra o verdadeiro crente da morte (a parte espiritual). Qualquer um que morre fora de Cristo é condenado pelo seu pecado.

Mas note que João está falando sobre cristãos; “Caso qualquer um veja seu irmão...” João está dizendo que para crentes há pecados que levam à morte, e outros que não. Uma questão necessária se apresenta; ele está falando sobre uma morte física prematura (qualquer um morre, mais cedo ou mais tarde), ou sobre morte espiritual? João claramente diz que um pecado que leva à morte é irreversível, não há razão para orar acerca dele, Deus não dará vida. Uma morte física prematura não é tão séria se a pessoa ainda vai para o céu. Eu penso em dois possíveis candidatos:

1) Deus às vezes mata aqueles que participam da ‘Mesa do Senhor’ de uma maneira indigna (1 Coríntios 11.29-30). O uso do verbo ‘dormir’ indica que eles não perderam sua salvação; eu acredito que é reservado para a morte de crentes.

2) Agir de forma irresponsável (presunçosamente) com o intuito de obrigar Deus a fazer um milagre para lhe salvar. Satanás tentou levar Jesus a fazer isso, mas não obteve sucesso (Mateus 4.5-7). Pessoas que tentam isso normalmente morrem prematuramente.

Isso dito, no entanto, eu duvido que João estivesse escrevendo sobre morte física. Considere o que é dito em Hebreus 10.26-31:

“Porque, se deliberadamente continuamos pecando, depois de termos recebido o conhecimento real da Verdade, não resta mais um sacrifício por pecados, 27 apenas uma certa

¹ Todo falso ensino tem um destino certo; como o Soberano Jesus disse em Mateus 15.13: “qualquer planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada pela raiz.”

² O derramamento no tempo de Moisés foi limitado a uma pequena área, assim como o derramamento no tempo de Jesus. Hoje há cristãos ao redor de todo o mundo.

³ Eu suponho que um pedido acerca de um pecado que leva à morte simplesmente não será concedido. Nesse caso, não faz mal tentar, na esperança de que você ainda possa fazer diferença. Nós ignoramos esta área de verdade por nossa conta e risco.

antecipação terrível de julgamento e fogo ardente que está pronto para consumir os hostis. 28 Qualquer um que rejeitou a lei de Moisés morreu sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas. 29 De quão pior punição, supondes, será considerado merecedor aquele que pisoteou o Filho de Deus, que considerou como profano o sangue da aliança pelo qual foi santificado, e que insultou o Espírito da graça? 30 Pois conhecemos Aquele que disse, ‘Vingança é comigo’, diz o Senhor, ‘Eu retribuirei.’ E, novamente, ‘o SENHOR julgará o Seu povo.’ 31 Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!”

Note que o verso 28 refere-se a uma morte física prematura, então a “quão pior punição” no verso seguinte deve se referir à morte espiritual. Note ainda que a partir dos versos 19-25 (mesmo capítulo) fica claro que o autor está se dirigindo a crentes. Isso é confirmado pelo verso 26: “não resta mais um sacrifício por pecados” apenas pode ser aplicado a alguém que já foi beneficiado pelo sacrifício de Cristo. Note também o ‘depois de termos recebido o conhecimento real da Verdade’ e ‘pelo qual foi santificado’ (versos 26 e 29).

Discutirei agora alguns possíveis candidatos para o pecado que condena um cristão à morte espiritual, causando ruína espiritual irreversível.

1) Mateus 10.33 está entre as instruções que Jesus deu aos doze apóstolos antes de enviá-los de dois em dois: “Quem quer que me negue diante dos homens, Eu também o negarei diante do meu Pai que está no céu.” Uma referência possível é a um cristão que desaba sob perseguição. Apocalipse 21.8 entrega ‘o covarde’ ao Lago. Um cristão que se torna um maçom está claramente condenado. Durante o ritual de iniciação pergunta-se ao candidato, “De onde você está vindo?” e ele tem que responder, “Estou vindo das trevas”. Então lhe é perguntado, “Você está vindo à procura de quê?” e ele tem que responder, “Estou vindo à procura de luz”. Neste momento o candidato formalmente negou Jesus diante dos homens. Certamente, porque em João 8.12 Jesus afirmou: “Eu sou a luz do mundo. Aquele que me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida.” Além disso, tais pessoas normalmente fazem isso por ganho material, assim trocando Jesus por Mamom (Mateus 6.24).

2) Hebreus 10.29 refere-se a alguém que “pisoteou o Filho de Deus”, evidentemente fazendo menção a uma rejeição virulenta por alguém que já foi um cristão (santificado). Eu posso pensar em diversos exemplos dos dias modernos. Alguns anos atrás houve um evangelista canadense muito bem-sucedido chamado Charles Templeton. Suas campanhas evangelísticas enchiam estádios de futebol; muitos milhares de pessoas responderam aos seus apelos; pelo menos cem missionários transculturais canadenses receberam o seu chamado sob seu ministério. Mas então alguém lhe convenceu de que ele precisava de mais ‘cultura’, mais ‘sofisticação’, e ele foi a um seminário teológico liberal nos EUA para obtê-la. Quando retornou, estava blasfemando Deus e amaldiçoando Jesus Cristo; como âncora de televisão, seu esporte favorito era ridicularizar a fé cristã. Anos depois ele disse a alguém que “sentia falta de Jesus”, o que indica que ele sabia que não poderia retornar (Hebreus 6.6).

3) E que tal a blasfêmia contra o Espírito Santo? Marcos 3.30 a define como atribuir a Satanás algo feito pelo Espírito Santo. É impossível a um cristão fazer isso? Você nunca ouviu alguém condenando sem rodeios todas as coisas carismáticas como sendo de Satanás? Eu sugeriria que ser descuidado neste assunto não é recomendável – melhor prevenir do que remediar (mormente se não há remédio).

Pecados pelos quais devemos orar

E agora, tendo dito tudo isso, quais podem ser alguns pecados a respeito dos quais nós podemos, e devemos orar? Bem, que tal o acolhimento de qualquer uma das mentiras que eu discuti acima? Se conseguirmos que um irmão abandone tal mentira, estaremos lhe fazendo um tremendo favor. Eu posso não gostar de ouvir um médico me dizer que eu tenho uma condição com risco de vida, mas se eu permitir que ele me salve de uma morte prematura, terminarei lhe agradecendo. Semelhantemente, um irmão provavelmente não apreciará que lhe seja dito que ele acolheu uma mentira, mas se ele parar para pensar, e mudar, ele

terminará nos agradecendo. Se quisermos salvar um irmão de Apocalipse 22.15, este é um risco que devemos correr.

E então há Hebreus 3.12-13. “Tomai cuidado, irmãos, que não haja um coração maligno de incredulidade em nenhum de vós, de maneira a apartar-se¹ do Deus vivo; 13 ao invés, exortai a vós mesmos todo dia, enquanto é chamado ‘hoje’, a fim de que nenhum de vós seja endurecido por meio de engano do pecado.” Eu traduzi “exortai a vós mesmos” porque o pronome, aqui, é reflexivo, não recíproco, mas estando no plural provavelmente incluí ambas as ideias – cada um deve exortar a si mesmo, mas nós devemos também exortar uns aos outros. Se formos atentos e vigilantes, não haverá falta de coisas a respeito das quais devemos orar, coisas nas quais ainda podemos fazer uma diferença.

Tudo isso se relaciona ao propósito deste artigo da seguinte forma. Para promover a verdade é necessário expor e combater falsidades. O lugar óbvio para começar nossa promoção é com indivíduos crentes, e tanto mais se eles são líderes e mestres em suas comunidades. Embora eles possam rejeitar a nós e a nossa ‘impertinência’, Ezequiel 3.20-21 relaciona-se diretamente com esta questão:

“Semelhantemente, quando o justo se desviar da sua justiça, e cometer a iniquidade, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá: porque tu não o avisaste, no seu pecado morrerá; e suas justiças, que tiver praticado, não serão lembradas, mas o seu sangue, da tua mão o requererei. 21 Mas, avisando tu o justo, para que não peque, e ele não pecar, certamente viverá; porque foi avisado; e tu livraste a tua alma.”

Quando vemos um irmão indo na direção errada, incumbe a nós alertá-lo, ainda que ele nos rejeite. Note, novamente, “suas justiças, que tiver praticado, não serão lembradas” – que terrível! Permita-me insistir que esta questão diante de nós não é meramente teórica ou acadêmica; é terrivelmente prática, é da essência. Nas palavras de Deuteronômio 32.47, “Porque esta palavra não vos é vã, antes é a vossa vida”. Certamente é vida para cada um de nós individualmente, mas também é vida para as igrejas, e então será vida para o mundo.

Conclusão

Em conclusão, revisarei os ‘títulos’ que compõem este artigo.

1) Por que usei 1 Pedro 4.17? Houve um tempo em que eu pensava que não podia pedir a Deus para julgar o mundo por que Ele ainda não tinha julgado a Igreja. Mas eu estava enganado. Deus sempre julgou tanto Sua ‘casa’ quanto o mundo. Direto ao ponto, o mundo está na bagunça em que está por causa da falha da Igreja. Além disso, julgar é uma coisa, mas corrigir é outra, e a correção da cultura começa com a correção das igrejas (e dela depende). Corrigir um grupo de pessoas começa com fazê-las ver em que estão erradas, o que envolve denunciar erros e mostrar um caminho de saída.

2) Por que usei Mateus 23.8-12 e João 4.23-24? Eu tentei traçar uma causa básica da falha da Igreja – uma solução correta depende dum diagnóstico correto. A Igreja se tornou parte do problema, ao invés de ser parte da solução, e se tornou parte do problema rejeitando o amor à verdade. O conceito de ‘bispo’ (e em nossos dias mesmo o de modestos pastores) como alguém que tem autoridade de controlar a vida espiritual dos outros é uma rebelião aberta contra o Soberano Jesus, que proíbe qualquer atitude ou procedimento deste tipo. Mas rebelião contra Deus é ‘coisa’ de Satanás, e certamente provocará o julgamento de Deus.

3) Por que usei 2 Tessalonicenses 2.9-12? Este texto dá a essência do problema e a essência da solução. As consequências de rejeitar o amor à verdade são devastadoras, tanto à Igreja quanto ao mundo. É o próprio Deus que encaminha a “ilusão ativa”!² E sobre quem Ele a encaminha? Sobre aqueles que não receberam o amor à verdade – é um julgamento direto sobre a sua rejeição da verdade.³ E qual o propósito desta forte ilusão? – a condenação

¹ Notar a direção. O termo ‘maligno’ implica influência maligna.

² Eu compreendo ‘ativa’ no sentido de ‘agressiva’; não é uma ilusão passiva, que fica quieta no seu cérebro, permitindo que você siga feliz o seu caminho. Ela é agressiva, tenta controlar como você pensa e, assim, o que você é e o que você faz.

³ Por favor, note que não é suficiente meramente ‘aceitar’ a verdade; é exigido que nós amemos a verdade. Satanás nos atrai com fama e fortuna (nos seus próprios termos, é claro); então amar a verdade requer determinação; como o amor em questão é *ἀγαπή*, ele envolve um ato de vontade.

daqueles que não creem a verdade. A única solução que eu posso ver é promover o amor à verdade, o que necessariamente envolve denunciar o erro.

4) Por que usei Apocalipse 22.15? Este texto afirma claramente a terrível consequência de acolher uma mentira. Para promover o amor à verdade é necessário expor mentiras, e esta é uma parte necessária da correção das igrejas a fim de que elas possam ser sal e luz na cultura circundante. Uma solução correta depende dum diagnóstico correto. Embora eles possam rejeitar a nós e a nossa ‘impertinência’, Ezequiel 3.20-21 relaciona-se diretamente com esta questão. Quando vemos um irmão indo na direção errada, incumbe a nós alertá-lo, ainda que ele nos rejeite. Note, novamente, “suas justiças, que tiver praticado, não serão lembradas” – que terrível!

5) Por que usei 1 João 5.16-17? Este texto enfatiza o possível resultado final terrível de ser leviano a respeito do pecado e da Verdade. Qualquer um que é leviano a respeito do pecado não tem a mente de Cristo. Ignoramos por nossa conta e risco a instrução dada em Hebreus 3.12-13. E então há 1 Coríntios 9.27 – o termo grego *adokimos* é mais forte do que muitos comentários fariam você crer.

O futuro da Igreja e do mundo depende do amor à verdade.

58) O Natsoreano

Todas as versões da Bíblia que já vi enganam o leitor por obliterar um dos títulos do Senhor Jesus, um título que o próprio Jesus glorificado utilizou quando lidando com Saulo de Tarso no caminho perto de Damasco. Quando Saulo perguntou, “Quem és, Senhor?”, Ele respondeu, “Eu sou Jesus o Natsoreano, quem tu estás perseguindo” (Atos 22.8). A maioria das versões trazem ‘Jesus de Nazaré’, ao passo que alguns dizem ‘Jesus o Nazareno’. Para uma explicação de meu uso de ‘ts’ em vez de ‘z’, favor de ver o item 63) que segue, “Profetas em Mateus 2.23”.

O conhecido ‘Nazareno’ [Ναζαρηνος] ocorre quatro vezes: Marcos 1.24, 14.67, 16.6 e Lucas 4.34. ‘Jesus o Nazareno’ pareceria ser outra maneira de dizer ‘Jesus de Nazaré’, e algumas versões traduzem a frase assim. Infelizmente, as versões fazem a mesma coisa com ‘Natsoreano’ [Ναζωραιος], o que considero um erro sério. Basta olhar para as duas palavras gregas para ver que são obviamente diferentes. A raiz hebraica é *netser*, ‘renovo’, uma referência a Isaías 11.1 (‘Nazaré’ é uma transliteração do nome em hebraico). Voltando a Atos 22.8, para que iria Jesus perder tempo com o nome de uma vila? Ele estava lidando com um fariseu altamente instruído. Ele se apresentou como o Renovo de Davi, o Messias – uma referência que Saulo entenderia imediatamente.

‘Natsoreano’ ocorre quinze vezes: Mateus 2.23, 26.71; Marcos 10.47; Lucas 18.37, 24.19; João 18.5 e 7, 19.19; Atos 2.22, 3.6, 4.10, 6.14, 22.8, 24.5 e 26.9. Todas as vezes têm o artigo definido, menos a primeira – o Natsoreano; só que em Atos 24.5 Felix fala da ‘seita dos Natsoreanos’. Quanto a Felix, o seu uso do termo ‘seita’ é instrutivo. Além de Atos 22.8, que já analisei, considero que João 19.19 também merece análise. O título (‘crime’) sobre a cruz era: Este é Jesus o Natsoreano, o rei dos judeus. Parece claro que Pilatos havia pesquisado Jesus com atenção (alguém com muitos seguidores pode se tornar problema); creio que ele sabia exatamente o que estava fazendo quando colocou ‘Natsoreano’, assim como também sabia o que estava fazendo quando colocou ‘o rei dos judeus’. Lembrar que quando os judeus protestaram a Pilatos, ele disse, “O que escrevi, escrevi!”

Seja qual for a versão da Bíblia que você utiliza, eu recomendaria que você a corrija nas referências já mencionadas, para saber quando é um título que está sendo usado. ‘O Natsoreano’ deve ser acrescentado a qualquer lista dos títulos do Senhor.

59) O Propiciatório

A Arca do Testemunho era uma caixa feita de madeira de acácia, revestida de ouro puro, por dentro e por fora. Tinha um metro e 15 centímetros de comprimento, e 70

centímetros de largura e 70 centímetros de altura. A caixa tinha uma tampa, do mesmo comprimento e a mesma largura, feita de ouro puro. Essa tampa leva o nome de propiciatório; em cada extremidade dela tinha um *querub* olhando para dentro, também de ouro puro, de uma só peça com a tampa (Êxodo 25.10-11).

Aquela tampa era o lugar onde propiciação se efetuava, o lugar onde a santidade de Deus, bem como Sua justiça, Seu amor e Sua misericórdia se encontravam para tratar do pecado do homem. Mas bem no começo, Deus disse a Moisés, “Ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois *querubim*, que estão sobre a arca do testemunho” (Êxodo 25.22). Parece que esse foi um privilégio que somente Moisés tinha, porque após ele unicamente o sumo sacerdote poderia adentrar o Lugar Mais Santo, e mesmo assim, só uma vez por ano. O capítulo 16 de Levítico, por inteiro, detalha o procedimento exigido, cujo propósito era fazer expiação por todos os pecados do povo. O procedimento detalhado enfatizou a dificuldade que atendia satisfazer o caráter ultrajado de Deus, ultrajado pelo pecado do homem. O acesso ao propiciatório era protegido por várias barreiras; a última era o véu pesado que separava o Lugar Santo do Lugar mais Santo. Qualquer que procurasse entrar de maneira não autorizada morreria no ato.

Aquelas regras não foram alteradas até quando o Cordeiro de Deus levou a cabo a propiciação final – foi necessário um Ser infinito para pagar uma conta infinita. O próprio Deus rasgou aquele véu em dois, de cima para baixo, simbolizando de forma dramática que o acesso a Deus havia se tornado disponível a todos, pelo menos em potencial. Mas vamos rever o que era necessário acontecer para chegar a esse ponto. Hebreus 9.22 afirma, “sem derramamento de sangue, não há remissão”. Essa declaração nos leva de volta a Levítico 17.11: “Porque a vida da carne está no sangue, e eu o tenho dado a vocês, sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porque é o sangue que faz expiação pela alma.” Notar que para sangue estar sobre o altar, terá de ser derramado – alguém, ou algum animal, tem de morrer. Lembrar que “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23). No começo, o sangue usado era de animais, mas aquilo não passou de uma medida temporária, provisória, “porque é impossível que o sangue de touro e bodes tire pecados” (Hebreus 10.4). Pois então, como fica?

Para um Ser Eterno, o tempo é irrelevante, porque Ele conhece o fim desde o começo.¹ Se o próprio Deus bolou e decretou um procedimento provisório, foi porque Ele tinha uma solução permanente aguardando o momento certo. Aliás, isso é expressamente dito em 1 Pedro 1.18-21: “você foram redimidos . . . pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito; deveras pré-conhecido antes da criação do mundo² mas revelado nestes últimos tempos em favor de vocês.” O Cordeiro de Deus foi a solução permanente. Mas essa solução permanente não se prendia à Arca do Testemunho, com o seu propiciatório, que foi preparado por Moisés.³

Repetidas vezes Deus insistiu junto a Moisés de cuidar de fazer tudo “segundo o modelo” que ele tinha recebido no monte (Êxodo 25.40). E por que insistiu Deus tanto? Porque o tabernáculo, com o seu equipamento, era uma “cópia e sombra das coisas celestiais” (Hebreus 8.5).⁴ Isto parece significar que existe um ‘propiciatório’ no Céu! Bem,

¹ O Jesus glorificado disse em Apocalipse 22.13, “Eu sou o Alfa e o Ômega, princípio e fim, o Primeiro e o Último”. Como poderia Ele saber que era o ‘fim’ e o ‘último’, se não já estivesse lá? Desconfio que tempo e espaço talvez existam somente no nosso sistema solar, sendo de relevância especial para o nosso planeta, por ser o domicílio do ser humano. Sem tempo e espaço é impossível medir o universo.

² Isto me deixa estarrecido – o Texto declara que o Cordeiro, com sangue derramado, foi assim conhecido antes da criação da nossa raça e do nosso planeta; o que significa que o Criador sabia, antes de criar, o que iria acontecer e o terrível preço de redenção que Ele próprio teria de pagar, e mesmo assim ele o fez!!!

³ De passagem, lembrar que a ‘caixa’ continha três itens: 1) as tábuas de pedra, 2) o vaso de ouro contendo maná e 3) a vara de Aarão que floresceu – todos eram cobertos pela ‘tampa’, o propiciatório. Você já parou para pensar alguma vez sobre o que representavam aqueles três itens? Permitam-me sugerir uma possibilidade: 1) as tábuas de pedra representam a Revelação escrita de Deus dada à humanidade, com o propósito de orientar a nossa conduta; 2) o maná representa a provisão de Deus para as nossas necessidades físicas; 3) a vara de Aarão representa a autenticação que Deus deu a Seu plano de salvação, ou de redenção – a Sua provisão para a nossa necessidade espiritual. No fim, todos os três dependem da propiciação definitiva que o Cordeiro de Deus proporcionou.

⁴ Apocalipse 15.5 fala “do santuário do Tabernáculo do Testemunho no Céu”.

não é isso que Hebreus 9.11-12 nos leva a entender? “Cristo entrou, vez por todas, nos Santos Lugares verdadeiros, havendo obtido redenção eterna – Ele tinha vindo como Sumo Sacerdote das coisas boas que estão para vir, através do maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, e pelo Seu próprio sangue, não o de bodes e bezerras.” ‘Santos Lugares’ sendo plural, a frase certamente inclui o Lugar Mais Santo, que contém só uma peça de mobília, cujo componente principal é o propiciatório. Cristo entrou no Lugar Mais Santo celestial, na condição de Sumo Sacerdote eterno, levando Seu próprio sangue. E que fez Ele com esse sangue? Ele o aplicou ao propiciatório celestial, “havendo obtido redenção eterna”, e “para que os que são chamados possam receber a herança eterna prometida” (Hebreus 9.11).

Mas o assunto não está esgotado; tem mais. O sangue derramado do Cordeiro de Deus serviu também para outra coisa; serviu para purificar as coisas celestiais (Hebreus 9.23)! Mas como poderia qualquer coisa no Céu precisar de purificação? Bem, não é Satanás um contaminante, onde quer que vá? Jó 1.6 e 2.1 dizem claramente que Satanás se apresentou perante o SENHOR no Céu, junto com outros anjos de alta patente. Se entendo Apocalipse 12.7-12 corretamente, Satanás ainda tem acesso ao trono de Deus. Uma vez que Satanás é expulso do Céu, a purificação final será efetuada. Dentro do nosso cálculo de tempo, o Cordeiro já providenciou a propiciação, ao passo que a expulsão de Satanás ainda está no futuro. Mas para um Ser Eterno, o nosso cálculo de tempo é irrelevante. As coisas celestiais estão purificadas.

O propiciatório eterno, com a propiciação infinita, reside no Tabernáculo celestial. Foi ali que a santidade de Deus, bem como Sua justiça, Seu amor e Sua misericórdia se encontraram para formular a solução definitiva para o pecado do homem, bem como todas as demais consequências da rebelião de Lúcifer. A santidade de Deus sozinha não conseguia resolver o problema, nem Sua justiça sozinha, nem Seu amor sozinho, nem Sua misericórdia sozinha – foi necessário todos os quatro, trabalhando juntos. É aquele propiciatório que garante o Plano de Redenção, com todas as suas expressões. Louvado seja o nosso Deus!!

60) O ‘tamanho’ da fé?

Lucas 17.6, Mateus 17.20

Na versão ‘Fiel’, Lucas 17.6 versa assim: “E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.” Seja qual for o motivo, não me lembro de ter ouvido ou lido qualquer outra interpretação para isto a não ser o tamanho da fé (idem para Mateus 17.20). Aliás, a NVI traz explicitamente, “fé do tamanho de uma semente de mostarda”. Mas essa interpretação sempre me deixou um pouco ‘por conta’: poxa, certamente minha fé era maior que uma semente, mas nunca consegui fazer com que uma árvore ou um monte me obedecesse! Mas atentando para o Texto outra vez, poderia ser outro o sentido pretendido de “como um grão de mostarda”? Poderia o verbo ‘ter’ estar implícito? E então, que tipo de ‘fé’ poderia um grão de mostarda ter? Embora tão pequeno, ele reage sem questionamentos às circunstâncias climáticas, e cresce até alcançar proporções impressionantes. Se nós reagíssemos de forma semelhante, sem questionamentos, aos impulsos do Espírito Santo, as nossas ‘circunstâncias climáticas’ espirituais, deveria ser possível remover monte, literalmente.

Ou, para colocar de outra maneira, uma semente tem a fé para morrer, como o Senhor Jesus explicou em João 12.24: “se um grão de trigo, caindo na terra, não morrer, permanece só; mas se morrer, ele produz muito fruto”. Uma vez no solo húmido, se a semente não germinar, apodrece, e se perde; mas o processo de germinação destrói a semente, ela ‘morre’. Em 1 Coríntios 15.31, Paulo disse que ele morria diariamente. Mas como assim? Obviamente ele não morria fisicamente; ele morria para si próprio, para suas próprias ideias e ambições, para abraçar a vontade de Deus. Morrer para si é um pré-requisito para remover montes, porque então só iremos intentar o que vemos que o Pai está fazendo (João 5.19).

61) Ouviram eles a Voz ou não?

Atos 9.7 X Atos 22.9

Na ACF, Atos 9:7 diz assim: “E os homens que iam com ele pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém”. E Atos 22:9 diz assim: “E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo”. Comparando os dois relatos, parece que temos uma discrepância: ouviram a Voz ou não? Comparando os versículos do texto grego, descobrimos que o verbo “ouvir” e o substantivo “voz” são iguais em ambos. Olhando mais de perto, porém, notamos que em 9.7 o substantivo está no caso genitivo, enquanto em 22.9 está no acusativo. Temos aqui uma sutileza da gramática grega: no genitivo ‘voz’ refere-se ao som, enquanto no acusativo refere-se ao significado, às palavras. Os companheiros de Saulo ouviram a Voz, mas não foram permitidos a compreender as palavras – apenas Saulo entendeu as palavras. Algo semelhante aconteceu em João 12.28-29; as pessoas ouviram o som (suficientemente impressionante para que o chamassem de trovão), mas apenas Jesus entendeu as palavras.

62) Pobre Pilatos – lugar errado, momento errado

Segundo João 18.12, tinha um *chiliarchos* entre os que foram ao jardim de Getsêmani para prender Jesus. Ora, um *chiliarchos* comandava mil homens (ou talvez um coorte, uns 600). Não haveria mais que um deles atuando em Jerusalém, de sorte que ele teria sido o chefe militar na cidade. Pois então, o que estava o chefe militar fazendo em Getsêmani às 2:00 da madrugada? Se estava ali, foi porque o governador, Pilatos, o mandou ir. E por que faria Pilatos uma coisa dessas? Ele tinha suas razões.

Enquanto governador, Pilatos representava o império romano. Ele tinha a responsabilidade de manter a paz, segundo os interesses de César. Naquele tempo a cidade de Jerusalém não era muito grande, e se manter bem informado não teria sido difícil. Certamente Pilatos bem sabia de Jesus e teria acompanhado Sua trajetória com atenção. Alguém com grande número de seguidores poderia se tornar uma ameaça. Não só, sendo que foi o servo dos sacerdotes que liderou a expedição, e foram eles que ficaram com o prisioneiro, parece claro que eles tinham procurado Pilatos e o convencido de que Jesus representava uma ameaça tamanha que era preciso fazer alguma coisa. (Jesus tinha usado violência ao limpar o templo, além de desprezar totalmente a autoridade deles. Ele não poderia agir de forma semelhante contra Roma?) Mesmo assim, fica difícil entender o porquê de Pilatos ter destacado seu *chiliarchos*; talvez tenha sido para garantir que tudo se fizesse de forma profissional, ou então para formar uma opinião profissional quanto à natureza da ameaça. Certo é que Pilatos e os principais sacerdotes tinham concordado quanto ao plano de ação, como João deixa claro, um plano que incluía morte por crucificação.

Tanto Marcos 15.1 como João 18.28 nos informam que era bem cedo quando Jesus foi levado a Pilatos, mas João 19.14 diz que era em torno de 6:00 da manhã quando Pilatos declarou a sentença. Mesmo que ‘em torno’ permita uma variação de cinco a dez minutos, não poderia ter sido depois de 5:30 quando os sacerdotes bateram na porta de Pilatos. Ora vejam, todos sabemos que ninguém pode bater na porta do governador às 5:30 da manhã, e principalmente um povo subjugado. Mas não só, Pilatos estava vestido e aguardando. Aliás, é provável que ele tinha ficado à espera do relatório do *chiliarchos*. Mas com isso ele mudou o plano de ação. Ele saiu e perguntou, “Que acusação vocês estão trazendo contra este homem?” (João 18.29). A resposta deles foi queixosa, “Se ele não fosse um malfeitor, não o teríamos entregue a ti”. Eles achavam que tinha um acordo, mas alguma coisa fez com que Pilatos mudasse de ideia.

Para entender o que aconteceu, precisamos voltar a Getsêmani e o *chiliarchos*. O traidor tinha informado que haveria onze homens, além de Jesus, e que tinham duas espadas (Lucas 22.38). Mas eles eram rústicos, sem capacidade para lutar. Mesmo assim, é provável que o *chiliarchos* tivesse mais que o dobro de homens, e todos armados – certamente ele esperava algum tipo de resistência. Quando chegaram e disseram o que queriam, Jesus se identificou,

com calma, mas com Sua palavra todos caíram de costas no chão (João 18.6). Mais tarde, após o beijo do traidor, Pedro conseguiu decepar uma orelha, mas Jesus tanto mandou ele parar como sarou a orelha (Lucas 22.51)! Depois os discípulos abandonaram Jesus e Ele permitiu que fosse amarrado, sem resistência. Agora, que tipo de relatório daria o *chiliarchos* a Pilatos? Ficou mais do que óbvio que Jesus não era qualquer tipo de insurgente maluco. Ele tinha poder sobrenatural, mas mesmo assim se entregou passivamente. E Jesus era impressionante! Pilatos foi obrigado a entender que o quadro que os sacerdotes tinham pintado era errado, de sorte que o acordo não poderia ficar em pé.

Ora, um *chiliarchos* seria um guerreiro experiente e endurecido, que não seria fácil de impressionar. Imagino que ele tenha dito a Pilatos que, se dependesse dele, deixaria Jesus em paz! Mas Pilatos tinha de lidar com os sacerdotes, e ele bem sabia que não iria ser fácil. Em Atos 3.13 Pedro afirma que Pilatos havia tomado a decisão de soltar Jesus, mas os principais sacerdotes acabaram conseguindo o que queriam. Prestando atenção cuidadosa ao Registro, constatamos que a afirmação de Pedro é correta. Pilatos não queria matar Jesus, não mesmo! Ele tentou repetidas vezes contornar a situação. Senão, vejamos:

1) Perante a resposta queixosa dos sacerdotes, Pilatos disse, “Tomem ele vocês, e o julguem conforme a sua lei”. Ao que eles responderam, “Não nos é permitido executar ninguém”. Essa troca indica que execução fazia parte do acordo, mas Pilatos também esfregou sal na ferida deles, obrigando-os a reconhecer que eram um povo subjugado. Mesmo assim, ele disse que o julgamento cabia a eles, o que colocaria a responsabilidade em cima deles.

2) É provável que Lucas 23.2 nos dê a primeira acusação concreta: “Encontramos este sujeito pervertendo a nação e proibindo pagar imposto a César, declarando que Ele próprio era Cristo, um rei.” Quanto a imposto, foi mentira clara, mas quanto ao Cristo, era verdade. De qualquer forma, Pilatos não podia desprezar tais acusações, e com isso passou a interrogar Jesus.

3) Mateus 27.11, Marcos 15.2, Lucas 23.3 e João 18.33-38 todos tratam desta primeira interrogação. Ela girou em torno da questão se de fato Jesus era um rei, o que poderia ser um crime contra César. Jesus afirma que é mesmo um rei, mas que o Seu reino “não é deste mundo” (João 18.36). Um reino que não era deste mundo não representaria qualquer ameaça a Roma. Por isso Pilatos saiu e disse à multidão, “Não encontro nele crime algum”. Ora, não existindo crime, não deveria haver punição.

4) Aquilo produziu um monte de acusações a mais, às quais Jesus não respondeu sequer uma palavra, o que surpreendeu Pilatos (Mateus 27.12-14, Marcos 15.3-5 e Lucas 23.5). Mas entre as acusações eles mencionaram a Galileia, o que levou Pilatos a saber que Jesus era galileu, e portanto pertencendo à jurisdição de Herodes. Felizmente (pensaria Pilatos), Herodes estava na cidade e bem perto. (Parece que ele tinha sido informado quanto ao que estava em andamento, pois ele já estava em pé e vestido naquela hora.)

5) Aí Pilatos mandou Jesus a Herodes, talvez esperando que Herodes assumiria a responsabilidade. Lucas é o único a registrar esse desvio (Lucas 23.7-12). Mas Jesus recusou-se a falar; e que se pode fazer com alguém que não fala? Do ponto de vista do Senhor, Herodes era irrelevante; era Pilatos que tinha a autoridade para mandar crucificar. Assim, frustrado, Herodes O devolveu a Pilatos, só que vestindo um manto magnífico. O desvio inteiro não deve ter levado mais que quinze minutos.

6) Coitado de Pilatos; o que fazer? Aí ele lançou mão da jogada de ‘soltar um prisioneiro na Pascoa’, esperando poder soltar Jesus, mas a multidão exigiu Barrabás. (Tanto Mateus como Marcos registram que Pilatos sabia que os sacerdotes estavam agindo por inveja.) No meio do procedimento, Pilatos recebe uma mensagem de sua esposa, a respeito do sonho (Mateus 27.19) [é provável que ela tenha sido informada o motivo dele não ir para a cama naquela noite]. Quando Pilatos perguntou que deveria fazer com Jesus, eles exigiram que fosse crucificado. Quando Pilatos perguntou que mal Jesus havia praticado, eles meramente gritaram mais alto. Lucas nos fornece alguma informação a mais. Pilatos declarou que nem ele, nem Herodes, encontraram culpa em Jesus, mas diante da fúria da multidão ele ofereceu açoitar Jesus, esperando apaziguá-los com isso.

7) Mateus, Marcos e João fornecem alguns detalhes do trato que Jesus recebeu dos soldados. Teceram uma coroa de espinhos, provavelmente venenosos, e então mandaram os espinhos couro cabeludo adentro, batendo na coroa com uma vara. O veneno causaria o escampo a inchar, e sangue escorregaria das feridas. Eles cobriram Seu rosto com cuspe. Embora nenhum dos Evangelhos o mencione, é provável que Isaías 50.6 tenha sido cumprido também – um soldado arrancando um punhado de barba rasgaria também a pele segurando o cabelo, o que deixaria uma ferida tanto feia como dolorosa. O efeito total deve ter sido horrível, deixando Jesus irreconhecível – Isaías 52.14 se cumpriu literalmente. Então Pilatos mandou trazê-lo para fora e disse, “Vejam o homem!” (Ele tinha repetido que não achou culpa nele.) Pilatos alimentava a esperança de que, ao ver quanto Jesus já tinha sofrido, a multidão ficaria satisfeita. Que nada, só ficaram piores!

8) Ao “Crucifica-o! Crucifica-o!” deles, Pilatos respondeu, “Vocês levem ele e o crucifiquem, pois eu não acho crime nele”. Os judeus responderam, “Nós temos uma lei, e segundo a nossa lei ele deve morrer, porque ele se fez ‘Filho de Deus!’” Aquela declaração meteu ainda mais medo em Pilatos (João 19.6-8). Com isso ele levou Jesus para dentro para uma segunda entrevista. Embora Pilatos representasse o maior poder secular naquele tempo, Jesus calmamente afirmou existir um poder maior, e que ele, Jesus, representava esse poder maior. Parece-me que Pilatos quase acreditou nele, porque João 19.12 diz, “A partir daquele momento Pilatos se esforçou para soltá-lo”. Mas os judeus conseguiram contorná-lo.

9) Eles ficaram gritando: “Se você soltar esse sujeito, não é amigo de César! Quem se fizer rei se opõe a César!” Epa! Pilatos devia a sua posição à boa vontade de César, e não podia arriscar fazer alguma coisa que poderia ser interpretada com traição. Ele estava vencido e o sabia. Mas ainda conseguiu que declarassem que César era o único rei deles.

10) Tomando assento no tribunal, Pilatos pediu água, lavou as mãos na presença da multidão, e disse: “Sou inocente do sangue deste justo. O problema é de vocês!” Aí, todo o povo respondeu e disse, “Que o sangue dele fique sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27.24-25). Terrivelmente terrível! É bem possível que esta seja a pior maldição que quaisquer pais já colocaram sobre seus descendentes. Simplesmente terrível! Sendo que Pilatos declarou que Jesus era justo, e como os judeus assumiram plena responsabilidade, chego a imaginar que Deus não vá responsabilizar Pilatos. Afinal, ele estava cumprindo o Plano: Jesus tinha de morrer numa cruz.

Antes de encerrar este estudo, quero convidar atenção para alguns itens a mais que têm a ver com a atitude de Pilatos.

1) Pilatos mandou postar o ‘crime’ de Jesus em **três** idiomas; parece que ele queria atingir a maior plateia possível. Todos os quatro Evangelhos falam disso, e juntando as peças podemos entender que a Acusação inteira foi: Este é Jesus o Natsoreano, o Rei dos judeus. Que Pilatos tenha colocado “o Natsoreano” (não Natsareno [Nazareno]) significa que ele tinha pesquisado Jesus. A referência é a Isaías 11.1; Jesus era o Renovo de Davi, o Messias. Pilatos estava fazendo uma declaração. Quando os principais sacerdotes reclamaram, ele respondeu, “O que escrevi, escrevi!” (João 19.21-22).

2) Todos os quatro Evangelhos tratam do sepultamento, mas unicamente Marcos registra que quando José de Arimatéia pediu autorização a Pilatos para tirar o corpo de Jesus, Pilatos ficou surpreso que Jesus já estava morto. Aí ele chamou o centurião para confirmar o fato (15.44-45). Assim que Jesus morreu, é mais provável que o centurião tenha ido de volta ao quartel-general, deixando os quatro soldados vigiar os dois bandidos. Naturalmente Pilatos também tinha passado pelas três horas de escuridão, e ele sentiu o terremoto, mas não presenciou a crucificação. Ele sabia que uma pessoa numa cruz morre de asfixia. O peso do corpo força o diafragma contra os pulmões, e a pessoa não consegue respirar. Pregiar os pés era um procedimento sádico que prolongava o sofrimento – para não morrer, a vítima empurraria contra o prego, para pegar um fôlego. Finalmente, quando fraca demais para fazer isso, morreria por falta de ar. (Foi por isso que quebraram as pernas dos dois bandidos; daí eles morreram em poucos minutos.) Jesus tinha estado na cruz durante umas seis horas, mas vítimas costumavam aguentar muito mais do que isso. Em algum momento Pilatos certamente colheu um relatório detalhado do centurião. Jesus deu um grande brado, e então morreu. É óbvio que, se alguém está morrendo sem ar, ele não pode bradar! O centurião sabia

que não foi a cruz que matou Jesus. Mas que ser humano comum pode simplesmente mandar seu espírito embora? $2 + 2 = 4$. Jesus tinha de ser o Filho de Deus.

3) Somente Mateus menciona o selar e vigiar do túmulo (27.62-66). Os principais sacerdotes foram a Pilatos pedindo que o túmulo fosse segurado até o terceiro dia. A resposta de Pilatos foi, “Vocês têm uma guarda; podem ir e guardá-lo como melhor lhes parecer”. Pois não! A exata frase dele é curiosa, “como melhor lhes parecer”. Em outras palavras, ele estava insinuando que não iria fazer diferença. Chego a imaginar que Pilatos cria que Jesus faria exatamente o que tinha dito.

Aprendemos com Tertuliano que Pilatos escreveu uma carta ao imperador sugerindo que Jesus fosse acrescentado à lista de deuses romanos. Ora, fazer uma proposta dessas era correr certo risco. Mas parece que Pilatos estava tão convencido que ele correu o risco. Se um dia eu encontrar Pilatos no Céu, não ficarei surpreso. Se a sua experiência com Jesus resultou na sua salvação, Pilatos bem que poderia propor um título diferente para este estudo: Bendito Pilatos – lugar certo, momento certo!

63) Por que Deus mataria Moisés?

Em Êxodo 4.24-26 temos um relato drasticamente abreviado de um episódio que ocorreu quando Moisés estava para voltar ao Egito para resgatar os israelitas. É tão abreviado que os leitores ao longo dos séculos têm ficado intrigados com ele. É necessário analisar o contexto mais amplo, todas as considerações relevantes.

Devemos voltar a Gênesis 17.9-14, onde Deus impôs a circuncisão como o “sinal da aliança” entre Ele e Abraão, e seus descendentes. Especialmente direto ao ponto é o versículo 14; o homem incircunciso “será eliminado do seu povo; ele quebrou a Minha aliança.” Em português comum, ele seria executado; a pena era a morte.

Moisés certamente foi circuncidado por seus pais no oitavo dia, mas aos três meses foi adotado pela filha do Faraó e criado como egípcio. Bem, não exatamente; o bebê foi devolvido à mãe para ser amamentado, e não sabemos sua idade exata quando foi levado de volta à filha do Faraó. Portanto, não sabemos o quanto seus pais podem ter lhe ensinado. De qualquer forma, toda a sua escolaridade foi egípcia. No entanto, ele obviamente sabia de onde vinha e decidiu aprender sobre os israelitas. “Ao completar quarenta anos de idade, veio-lhe ao coração ir visitar os seus irmãos, os filhos de Israel” (Atos 7.23).

Moisés tinha quarenta anos quando fugiu para Midiã e se casou com uma das filhas de Jetro, Zípora, e teve dois filhos com ela. Depois de mais quarenta anos (Moisés tinha agora oitenta), Deus apareceu-lhe na sarça ardente e ordenou-lhe que regressasse ao Egito e libertasse os israelitas. Então Moisés partiu, levando “sua mulher e seus filhos” (Êxodo 4.20). Contudo, os filhos de Moisés não haviam sido circuncidados!

Bem, Moisés certamente sabia sobre a circuncisão, e pode até ter tentado circuncidar seus filhos, mas Zípora, que não era israelita, evidentemente bateu o pé e disse: “De jeito nenhum!” Pela reação dela (Êxodo 4.25), parece claro que pelo menos parte da culpa era dela, e ela sabia disso. E Moisés não tinha insistido. Mas agora Moisés havia sido comissionado para liderar o povo da aliança, mas ele próprio não tinha cumprido a aliança! De acordo com Gênesis 17.14, eram os filhos que deveriam ter sido mortos, mas Moisés, o pai, foi o culpado por não tê-los circuncidado quando tinham oito dias de idade. A essa altura, sem dúvida, eram homens adultos (quando o procedimento é muito mais doloroso).

Deus evidentemente determinou que a situação deveria ser corrigida, e o meio que Ele escolheu foi dramático! O Texto não nos diz que forma Deus usou para dar a conhecer a Sua presença, ou exatamente o que Ele fez a Moisés, mas o homem evidentemente ficou imobilizado, porque a mulher teve que realizar a operação. Obviamente houve uma conversa, e foi por isso que Zípora sabia o que tinha que fazer. Ela não ficou feliz, mas obedeceu. Os filhos adultos também tiveram que cooperar. O versículo 25 traz “filho” (singular), mas presumivelmente ambos tiveram que ser circuncidados. O versículo 26 começa dizendo que então Deus deixou Moisés ir, o que Ele presumivelmente não teria feito até que a condição fosse

cumprida. Observe que ela usou uma pedra (pederneira), e Josué 5.2 fala de ‘facas de pedra’. O ferro enferruja e pode transmitir tétano, e então uma faca de pederneira era definitivamente mais segura.

Como benefício adicional deste episódio, Moisés evidentemente enviou sua esposa e seus filhos de volta a Jetro. Então ele encontrou Aarão no Monte Horebe e os dois foram para o Egito. Digo ‘benefício’ porque os dias e as semanas seguintes seriam muito intensos e Moisés estava livre de preocupações domésticas. Êxodo 18.2 afirma claramente que Moisés havia enviado sua esposa de volta, e o versículo 5 diz que Jetro levou Zípora e os dois filhos a Moisés em Horebe. Então, naquele momento, a família finalmente estava junta novamente. (Esta é a última menção dos filhos, exceto em Crônicas – sua principal reivindicação à fama foi negativa.)

64) ‘Profetas’ em Mateus 2.23

“E chegando, estabeleceu-se numa cidade chamada Natsaré [Vila Renovo]; para que se cumprisse o que foi falado através dos profetas, que Ele seria chamado Natsoreano [homem-Renovo].”

A dificuldade é que as versões principais (se não todas elas), quer em português, quer em inglês, trazem o nome do lugar escrito com ‘z’, ‘Nazaré’ e ‘Nazareno’ (‘Nazareth’, ‘Nazarene’), e o equivalente de ‘z’ em hebraico é *zayin* – só que escrito dessa forma não há menção no A.T. E agora, Mateus ‘pisou na bola’ ao dizer que “foi falado através dos profetas”? Como ‘profetas’ é plural, devemos achar mais que um. Curiosamente, o problema foi criado pelas diferenças que existem entre os alfabetos – hebraico, grego, inglês, português. Senão, vejamos.

Sabemos por Lucas que José era de Natsaré – sua casa e empresa estariam a sua espera (embora o tempo de sua ausência foi de algum tamanho). O nome da cidade em hebraico é baseado nas consoantes ם ץ ן (*resh, tsadde, nun*), mas como o hebraico se lê da direita para a esquerda, para nós a seqüência se inverte = **n, ts, r**. Esta raiz consonantal significa ‘renovo’. O alfabeto grego tem o equivalente de ‘ps’ e ‘ks’, mas não de ‘ts’, de sorte que a transliteração utilizou um ‘dz’ (*zeta*), que é o equivalente sonoro de ‘ts’. Mas quando o grego foi transliterado para português (e inglês) foi utilizado ‘z’! Mas hebraico tem um ‘z’, ם (*zayin*); daí ao transliterar de volta ao hebraico, o pessoal presumiu as consoantes ם ץ ן, trocando o certo *tsadde* por *zayin*. Esta informação técnica fornece pano de fundo para o que segue.

Nem ‘Nazaré’ nem ‘Nazareno’, escrito com *zayin*, se encontra no A.T., mas há uma referência profética ao Messias como Renovo, *netser* – Isaias 11.1 – e várias à palavra sinônima *tsemach* – Isaias 4.2; Jeremias 23.5, 33.15; Zacarias 3.8, 6.12. Assim, Mateus tem razão – os profetas (plural, sendo pelo menos três) referiram-se ao Cristo como o Renovo. Já que Jesus era homem, Ele seria o ‘homem-Renovo’, da ‘Vila Renovo’.

Agora é a vez da palavra ‘Natsoreano’. O conhecido ‘Nazareno’ (Ναζαρηνοϛ) [Natsareno] ocorre em Marcos 1.24, 14.67, 16.6 e Lucas 4.34, mas aqui em Mateus 2.23 e em catorze lugares outros, inclusive Atos 22.8 onde o Jesus glorificado assim se autodenomina, a palavra é ‘Natsoreano’ (Ναζωραιοϛ), que é diferente. (Aliás, em Atos 22.8 o Jesus glorificado se apresentou a Saulo como ‘o Natsoreano’, que um fariseu rigoroso, que nem Saulo, entenderia como uma referência ao Messias, o Renovo de Davi.) Entendo que a Natsaré do tempo de Jesus tinha uns cem anos de idade, tendo sido fundada por uma família Renovo, que a chamou Vila Renovo; estavam bem cientes das profecias a respeito do Renovo e alimentavam a esperança de que o Messias nasceria entre eles – eles se diziam povo-Renovo (Natsoreanos). Já os outros achavam uma piada, chegando ao ponto de desprezá-los, inclusive. “Pode vir alguma coisa boa...?”

Neste caso, a dificuldade é resultado de fonologias diferentes; os sons de hebraico não são os mesmos que os de grego, nem os de português. Como nomes próprios muitas vezes são meramente transliterados, como neste caso, e um tradutor costuma seguir a fonologia do idioma alvo, o que aconteceu aqui foi ‘normal’, sem malícia. Nem teria resultado numa ‘dificuldade’ se Mateus não tivesse citado ‘os profetas’. É a transliteração falsa, indo de volta ao hebraico, quer do grego, quer do português, que cria a dificuldade aparente.

65) "Projeção"

Romanos 6.5

Convido a atenção para Romanos 6.5, que agora traduziria assim: “Ora, já que fomos unidos a Ele pela projeção de Sua morte, certamente o seremos pela projeção de Sua ressurreição também”. Em vez de “através da projeção”, a maioria das versões traz “na semelhança”, ou coisa parecida. O que exatamente significa “a semelhança de Sua morte” e como isso me “une” a Ele?

Para traduzir algo, você precisa decidir o que significa. ‘Semelhança’ não faz melhor sentido em inglês do que em português. O que fazer? Decidi analisar a área semântica coberta pelo termo – a área semântica de uma palavra é determinada pela soma dos contextos em que ela pode ser apropriadamente usada. Quando estou trabalhando com o Texto, sempre peço ao Espírito Santo que me ilumine quanto ao significado pretendido. Neste caso, creio que Ele me deu a palavra ‘projeção’ – cabe aos outros avaliar se fui iluminado ou não.

Analisemos o termo. O sol projeta calor e luz, sendo esta projeção resultado de algo que acontece dentro do sol, sua combustão interna. Quando somos impactados por esse calor e luz, compartilhamos o resultado do que aconteceu no sol. Uma arma de fogo projeta uma bala, tanto que pode ser chamada de projétil. A projeção da bala é o resultado de algo que acontece dentro da arma de fogo – se você for atingido pela bala, você participa do resultado. As imagens projetadas são causadas por algo que acontece dentro do projetor; e assim por diante.

Somente quando alguém é adequadamente impactado pela projeção dos resultados da vitória de Cristo na cruz é que ele se une a Ele. Pois bem, ser impactado por uma projeção é uma coisa; aproveitar os resultados que se projetam é outra coisa. Embora todos os que vivem neste planeta sejam afetados pelo calor e pela luz que o Sol projeta, obviamente nem todos fazem uso igual desse calor e dessa luz. É igualmente óbvio que os cristãos tiram proveito dos resultados da vitória de Cristo a níveis muito diferentes.

Considere 2 Pedro 1.2-4.

“Graça e paz vos sejam multiplicadas através de um real conhecimento de Deus e de Jesus o nosso Senhor, 3 sendo que o Seu divino poder nos tem concedido todas as coisas que dizem respeito a vida e piedade, através do real conhecimento dAquele¹ que nos chamou por glória e excelência, 4 pelas quais² Ele nos tem concedido promessas tão preciosas e extraordinárias, para que por elas³ vocês possam se tornar participantes de uma natureza divina,⁴ havendo escapado da depravação que existe no mundo por causa de desejo exagerado.”

Por favor, observe o versículo 3: “Seu divino poder nos tem concedido todas as coisas que dizem respeito a vida e piedade”. Estas são coisas que a vitória de Cristo projeta para nós; cabe a nós aproveitar essa provisão. Suponho que poucos de nós negaríamos que precisamos de ajuda nesse sentido. É aí que entra o Espírito Santo.

Permita-me explicar a sequência de eventos envolvidos no recebimento de uma nova vida em Cristo (segundo entendo):

1) Eu creio para dentro de Jesus. O Texto sempre traz ‘crer para dentro’ (εἰς) Jesus ou Seu nome, nunca ‘crer em’ (ἐν). Está envolvida uma mudança de localização, de estar fora de Cristo para estar Nele. Essa mudança envolve comprometimento.

2) Ele me batiza com o Espírito Santo. Mateus 3.11, Marcos 1.8 e Lucas 3.16 têm o Batizador dizendo que Jesus batizará as pessoas com o Espírito Santo. Em João 1.33 é o próprio

¹ Outra vez, só aproveitamos “todas as coisas que dizem respeito a vida e piedade” na medida que crescemos no nosso real conhecimento de Deus. Enquanto Criador, Ele criou todas as coisas das quais a vida depende, incluindo a própria vida, mas o nosso entendimento e a nossa apreciação quanto à provisão dEle se mede pelo nosso relacionamento com Ele.

² Sendo plural, o pronome deve representar “glória e excelência”.

³ Isto é, as promessas – mas naturalmente temos que apropriá-las.

⁴ Não há artigo definido com “natureza divina”; “se tornar” fala de processo – quanto mais parecido com Cristo nos tornamos, tanto mais divina será a nossa natureza.

Deus que afirma isso. Então, quando e como Jesus faz isso? Entendo que depois do Pentecostes Ele o faz a partir da Sua posição à direita do Pai (1 Pedro 3.21-22), e o faz assim que uma pessoa crê para dentro dEle. Cornelius oferece um exemplo concreto.¹ (Por favor, veja o item 15), “Batismos na Bíblia” acima.)

3) O Espírito Santo me regenera, dando-me uma nova natureza.

4) Provavelmente ao mesmo tempo, Ele me batiza para dentro do corpo de Cristo. 1 Coríntios 12.12-13 explica que é o Espírito Santo quem nos batiza em Cristo: “... assim também é o Cristo. Porque todos nós também fomos batizados para dentro de um só corpo por um só Espírito.” A referência principal aqui é provavelmente à Igreja como sendo o corpo de Cristo.²

5) Então o Espírito Santo passa a residir dentro de mim, e meu corpo se torna Seu templo (1 Coríntios 6.19). É o Espírito Santo dentro de mim quem me ajuda e me capacita a apropriar os benefícios que a vitória de Cristo na cruz projeta para mim.

“Ora, já que fomos unidos a Ele pela projeção de Sua morte, certamente o seremos pela projeção de Sua ressurreição também.” Desconfio que “unir-se a Ele” signifique mais do que as pessoas tendem a pensar. Só para começar, considere João 14.12: “Com toda certeza eu vos digo: Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço;³ aliás, fará maiores do que estas,⁴ porque estou indo para meu Pai”. E depois há Lucas 10.19, Efésios 1.19, Efésios 3.20 e assim por diante.

66) Puros de coração

Mateus 5.8

Uma substância pura, como mel, é sem mistura, é 100% mel. Uma pessoa pura é sem sujeira. Um coração puro reúne ambas essas qualidades. Em 2 Crônicas 16.9 Jeová procura pessoas “cujo coração é íntegro para com Ele”; é o coração puro, sem mistura de outros deuses.

Vejamos Salmo 24.3-4 – “Quem poderá subir o monte de Jeová, ou quem poderá parar no Seu santo lugar? Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro”. A limpeza das mãos aqui falada não se refere a sujeira de terra, e sim de sujeira moral. Quem tem mão limpa não

¹ “A Ele todos os profetas dão testemunho de que através do Seu nome todo aquele que crê para dentro dEle receberá perdão dos pecados.” Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem (Atos 10.43-44). Essa era a informação crucial que eles esperavam, o que precisavam fazer para serem salvos. No minuto em que Pedro disse: “creiam para dentro de Jesus”, eles creram! E o Espírito Santo desceu sobre eles!

² Uma referência secundária poderia ser ao corpo físico de Jesus. Se nos tornarmos parte do corpo de Jesus, então tudo o que aconteceu com esse corpo aconteceu conosco. Se esse corpo morreu, nós morremos. Se foi enterrado, nós também fomos. Se ele foi ressuscitado dentre os mortos, nós também o seremos. Correção – já temos uma nova vida em Cristo e devemos viver nessa base.

³ Esta é uma declaração tremenda, e não pouco inquietante. Observar que o Senhor disse, “Fará!”; não ‘talvez’, ‘quem sabe’, ‘se achar por bem’, e certamente não ‘se a doutrina de tua igreja permitir’! Se você crê, **fará!** O verbo ‘crer’ está no tempo presente, 2ª pessoa singular; se você (singular) está crendo, você fará; segue-se que se você não está fazendo, é porque não está crendo. $2 + 2 = 4$. Fazendo que? “As obras que eu faço”. Bem, Jesus pregou o Evangelho, Ele ensinou, Ele expulsou demônios, Ele curou todo tipo e tamanho de doença, Ele levantou algum morto, cá e lá, e Ele realizou uma variedade de milagres (água para vinho, andou sobre água, parou tempestade instantaneamente, transportou um barco vários quilômetros instantaneamente, multiplicou comida, secou árvore – e Ele deixou entender que os discípulos deveriam ter parado a tempestade e multiplicado comida, e Ele disse que eles podiam secar uma árvore). [Pedro chegou a dar vários passos em cima d’água.] E nós então? Pregar e ensinar nós fazemos; mas, e o resto? Certa feita ouvi o presidente de uma universidade evangélica dizer que este verso obviamente não pode significar o que diz, porque não está acontecendo! Bem, na experiência dele e de seus colegas, de fato não. Mas muitas pessoas hoje em dia expulsam demônios e curam. Milagres também acontecem. Pois então; e eu; e você?

⁴ Ora, se expulsamos demônios, curamos e realizamos milagres, isso não seria suficiente? Jesus quer mais, Ele quer “coisas maiores” do que aquelas. Notar que outra vez Ele disse “fará”, não ‘talvez’, ‘quem sabe’ ou ‘se tua igreja permitir’. Mas que poderia ser ‘maior’ do que milagres? Não pode dizer respeito à tecnologia moderna, porque nesse caso as ‘maiores’ não teriam sido possíveis para os crentes dos primeiros 1.900 anos. Observar que a chave está na última frase que o Senhor falou (no verso 12), “porque estou indo para meu Pai”. Unicamente se Ele ganhasse a vitória, poderia voltar para o Pai, de sorte que Ele aqui declara a Sua vitória antes do fato. É na base daquela vitória que as ‘coisas maiores’ podem ser realizadas. E quais seriam essas coisas maiores? Para minha resposta, favor de ver o meu esboço, “Guerra Espiritual Bíblica”, no meu site: www.prunch.com.br.

está praticando o pecado. “Parar no Seu santo lugar” significa estar na presença de Deus. Hebreus 12.14 declara que sem a santidade “ninguém verá o Senhor”. Tiago 4.8 coloca o assunto como ordem: “Pecadores, limpem as mãos! Indecisos, purifiquem o coração!” São as condições prévias para que Deus se aproxime de nós.

Agora, ver Deus de fato é uma experiência que abala, mas que conduz a patamar espiritual mais elevado. Considere o caso de Jó: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te veem. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.5-6). Ouvir a respeito é uma coisa, ver é outra! E também Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de lábios impuros; pois os meus olhos viram o Rei, Jeová dos Exércitos!” (Isaías 6.5). Ambos os homens, Jó e Isaías, melhoraram espiritualmente, como consequência.

Agora consideremos a exortação em 1 João 3.2-3 – “Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos assim como Ele é – todo aquele que detém esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como Ele é puro.” Entendo que o ‘purificar-se’ significa zelar pela santidade própria, para diminuir o choque quando encontramos o *Dono face a face*.

O zelo pela pureza é uma coisa que devemos desenvolver sozinhos? 2 Timóteo 2.22 leva a entender que não: “persiga a justiça moral, a fé, o amor e a paz, com aqueles que invocam o Senhor de coração puro”. Devemos procurar outros que têm o mesmo propósito espiritual, para dar e receber ajuda e encorajamento. Vem ao caso Hebreus 3.13 – “Exortem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, para que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado.”

67) Quando deixou Jesus a casa de Anás?

João 18.24

Depois que Jesus foi feito prisioneiro no Jardim, apenas João menciona que Ele foi levado primeiro a Anás; todos os outros apenas mencionam que Ele foi levado a Caifás, onde ocorreram os procedimentos registrados, embora dos três apenas Mateus realmente o nomeie (Mateus 2.57, Marcos 14.53, Lucas 22.54).

Até aqui tudo bem, mas a dificuldade começa com João 18.15, que fala das negações de Pedro sem mais delongas; mas as negações de Pedro ocorreram na casa de Caifás, não na de Anás. Depois, os versículos 19-23 mostram o sumo sacerdote questionando Jesus, ainda na casa de Caifás. Depois vem o versículo 24. A Contemporânea diz: “Então Anás mandou-o, ainda amarrado, ao sumo sacerdote Caifás,”; A NVI diz: “Então, Anás enviou Jesus, de mãos amarradas, a Caifás, o sumo sacerdote” (mas uma nota de rodapé oferece: “Ora, Anás havia enviado”); LH diz: “Depois Anás mandou Jesus, ainda amarrado, para Caifás, o Grande Sacerdote”; enquanto ARA lê: “Então Anás o enviou, manietado, à presença de Caifás, o sumo sacerdote”. Todas essas quatro versões têm João 18.15-23 ocorrendo na casa de Anás, e não na de Caifás – a nota de rodapé da NVI aponta para a tradução correta.

Parece que todas as quatro versões seguem o chamado texto 'crítico' (leia-se 'eclético'), que segue cerca de 9% dos manuscritos gregos ao adicionar uma conjunção, 'então' ou 'portanto' (ouv), após o verbo inicial, criando assim o 'problema'. Seguindo os 90%, incluindo a melhor linha de transmissão, eu traduzo: “(Anás tinha o enviado amarrado a Caifás, o sumo sacerdote.)”. O uso de comentários parentéticos, ou apartes históricos / culturais, é procedimento padrão para João; para uma lista parcial veja: 1.44, 2.6, 4.2,9,44, 6.4,64, 7.50, 9.14, 11.2,18-19,30-31, 12.1,6,16, 13.2,11,28-29 (há pelo menos mais uma dúzia). Entendo que o versículo 24 aqui seja apenas mais um exemplo; é como se neste ponto João percebesse que o leitor poderia pensar que o processo ainda estava acontecendo na casa de Anás. 8.25

continua com as negações de Pedro. Seguindo o Texto correto, e a compreensão correta do mesmo, o registro de João não está em desacordo com o dos outros três Evangelhos.

68) Quando é alguém um ‘apóstolo’?

O início

O significado básico do termo é ‘enviado’; em João 13.16 ele é usado dessa maneira. Porém, dentro da Igreja Cristã emergente, o termo passou a ter um significado especializado: um posto ou uma função caracterizada por uma autoridade espiritual especial. Teve seu início com os doze discípulos que foram pessoalmente escolhidos por Jesus; após Sua ressurreição receberam o título, ‘apóstolos’ (o Iscariotes, contudo, havia perdido seu posto, deixando onze). Com a exceção de quatro versículos (Lucas 11.49, João 13.16, Atos 14.4 e 14), eu diria que todas as ocorrências do termo nos quatro Evangelhos e em Atos, em torno de trinta e cinco, referem-se a esse grupo, assim como em Gálatas 1.17, 19; 2 Pedro 3.2; Judas 17 e Apocalipse 21.14. O objetivo deste estudo é examinar se o N.T. sinaliza quaisquer outros usos do termo.

Atos 1.13-26 registra a iniciativa de Pedro de substituir o Iscariotes. O Texto não diz que a ideia partiu de Deus; e quando eles pediram para que Deus escolhesse entre os dois candidatos, não deram a Ele a opção de rejeitar ambos. O Texto afirma que Matias foi incluído aos onze apóstolos, mas não há mais menção a seu respeito.

Paulo (outrora Saulo de Tarso) refere repetidamente a si mesmo como apóstolo: Romanos 1.1, 11.13, 1 Coríntios 1.1, 9.1,2, 15.9, 2 Coríntios 1.1, Gálatas 1.1, Efésios 1.1, Colossenses 1.1, 1 Tessalonicenses 2.6, 1 Timóteo 1.1, 2.7, 2 Timóteo 1.1, 11 e Tito 1.1. Lucas refere-se a Paulo como um apóstolo em Atos 14.4 e 14. Jesus escolheu Paulo pessoalmente, voltando do Céu para fazê-lo. Além dos onze, Paulo foi o único dos apóstolos designado pessoalmente por Jesus.

O próprio Jesus é chamado de “o Apóstolo” da nossa confissão em Hebreus 3.1. Pedro se auto declara um apóstolo em 1 Pedro 1.1 e 2 Pedro 1.1, mas é claro que ele é um dos Doze. Tiago, o meio-irmão de Jesus, tornou-se o ‘chefão’ em Jerusalém, e evidentemente foi visto como um apóstolo – 1 Coríntios 15.7 e Gálatas 1.19. Lucas refere-se a Barnabé como um apóstolo: Atos 11.4 e 14. Paulo parece referir-se a Silvano e Timóteo como apóstolos: 1 Tessalonicenses 2.6. É possível interpretar Romanos 16.7 da mesma maneira com referência a Andrônico e Júnias. Acredito que esses são os únicos mencionados nominalmente.

A discussão até este ponto foi necessária para providenciar um pano de fundo para as questões que são a razão para este estudo: tornou-se ‘apóstolo’ uma posição ou uma função estabelecida na vida contínua da Igreja, até a volta de Cristo, e caso que sim, como pode um apóstolo ser designado ou reconhecido? Minha intenção é analisar cada versículo onde o termo é usado, e começarei por aqueles que são puramente históricos, partindo daqueles já tratados aqui.

Em 2 Coríntios 11.5 e 12.11, Paulo se compara com ‘os mais eminentes apóstolos’, que devem ser limitados aos seus contemporâneos. 1 Coríntios 9.5 também deve ser limitado aos seus contemporâneos. 1 Coríntios 15.5 e 7 referem-se a aparições físicas do Jesus ressurreto antes de sua ascensão (claramente históricas). 1 Coríntios 4.9 é um pouco diferente: “Tenho para mim que Deus tem exibido a nós, os apóstolos, por último, como condenados à morte; pois temos sido feitos espetáculo para o mundo, tanto a anjos como a homens” (ler também versículos 10-13). No contexto, Paulo se queixa da maneira em que vem sendo tratado por alguns em Corinto, mas neste versículo ele parece realmente estar culpando a Deus pelo modo como foi tratado!

Suponho que o uso da palavra ‘último’ seria uma comparação com os servos de Deus em épocas anteriores. Paulo não está falando do futuro da Igreja nesta passagem, e se tivéssemos apenas este texto como base, teríamos de concluir que ser um apóstolo não era uma boa coisa.

Chegamos agora a Lucas 11.49-51, um texto muitíssimo interessante. “Por isso a sabedoria de Deus disse também: ‘Profetas e apóstolos lhes enviarei; e eles matarão e perseguirão alguns deles’; 50 para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que foi

derramado desde a fundação do mundo; 51 desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, vos digo, será requerido desta geração.” Jesus está falando, ridicularizando os doutores da lei. Sua citação da “sabedoria de Deus” parece não ter equivalente no A.T.; então o que Ele queria dizer? Em 1 Coríntios 1.24, Paulo refere-se a Cristo como ‘a sabedoria de Deus’. Em Mateus 23.34 Jesus disse, “Eis que vos envio profetas”, de sorte que Ele talvez esteja se referindo a si mesmo como ‘a sabedoria de Deus’. De qualquer maneira, se “será requerido desta geração” foi cumprido em 70 d.C., como suposto, então os ‘apóstolos’ aqui também são históricos.

Considerarei agora os outros textos onde a frase ‘profetas e apóstolos’ ocorre, desta vez com os termos em ordem inversa: Efésios 2.20 e 3.5 e Apocalipse 18.20.

Efésios 2.19-22 – “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus; 20 edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, o próprio Jesus Cristo sendo a principal pedra de esquina; 21 em quem todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, 22 em quem também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em espírito.” A verdade que Paulo está expondo é que, em Cristo, gentios unem-se aos judeus como “concidadãos” e “membros da família de Deus”, parte de “todo o edifício”. Em que sentido pode esse “edifício” ser construído sobre “o fundamento dos apóstolos e profetas”? Presumivelmente, “profetas” representa os escritos que compõem as Escrituras do A.T., ou Cânone. A Fé é baseada na Verdade revelada, não em indivíduos. De forma análoga, “apóstolos” presumivelmente representa os escritos que compõem as Escrituras do N.T., ou Cânone. Novamente, a Fé é baseada na Verdade revelada, não em indivíduos. Nosso “crescimento para templo santo” (versículo 21) depende do Espírito Santo e de Sua Espada (não de indivíduos usados por Deus). Notar que Paulo menciona ‘apóstolos’ primeiro. De qualquer maneira, o termo ‘apóstolos’ aqui é histórico.

Efésios 3.1-7 – “Por esta causa eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus a favor de vós gentios – 2 certamente tendes ouvido da dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; 3 como Ele me fez saber por revelação ‘o segredo’¹ (como já escrevi resumidamente, 4 a respeito de que, quando ledes, podeis entender a minha compreensão do segredo de Cristo), 5 o qual, em diferentes gerações, não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado por Espírito² aos seus santos apóstolos e profetas: 6 a saber que os gentios são co-herdeiros, do mesmo corpo, e co-participantes da Sua promessa no Cristo pelo Evangelho; 7 do qual fui feito ministro pelo dom da graça de Deus, o dom que me foi dado segundo a operação do Seu poder.”

O uso de “agora” no versículo 5 indica que Paulo está se referindo ao Cânone do N.T. Um apóstolo, ao receber uma revelação, funcionaria também como um profeta, ao passo que pessoas como Marcos e Lucas foram profetas sem terem sido apóstolos. Considero que os ‘apóstolos’ aqui são históricos.

Apocalipse 18.20 – “Alegra-te sobre ela, ó Céu, sim vós, santos e apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa contra ela!”³ Talvez este versículo deva ser vinculado ao 18.6-7, e nesse caso o julgamento foi pronunciado em fé. Mas quem são esses apóstolos? Entendo que “santos e apóstolos e profetas” está em oposição a “céu”, e nesse caso, quem

¹ Considero ‘segredo’ uma tradução melhor do que ‘mistério’. A verdade sobre a Igreja não é tão misteriosa assim; ela apenas não havia sido explicada antes.

² Não havendo um artigo definido antes de ‘espírito’, pode tanto significar ‘por Espírito’ (nome próprio) ou ‘em espírito’ (referindo-se à maneira). Ambos são verdadeiros e legítimos, mas optei pela primeira opção na tradução.

³ Ao invés de “santos e apóstolos”, uma minoria pequena dos manuscritos gregos apresenta “santos apóstolos”, como na Antiga Almeida.

quer que sejam, já estão no céu. Segue-se que este texto é irrelevante ao motivo para este estudo.

O vínculo

Como vínculo entre passado e presente, considerarei os dois textos que se referem a ‘falsos profetas’; são eles 2 Coríntios 11.13 e Apocalipse 2.2.

2 Coríntios 11.12-15 – “Ademais, o que eu faço seguirei fazendo, para cortar ocasião aos que buscam ocasião de serem considerados iguais a nós nas coisas em que se gloriam. 13 Tais homens são de fato falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se de ‘apóstolos de Cristo’.¹ 14 E não é maravilha, porque o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. 15 Não é muito, pois, que os seus servos também se disfarçam de ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.” É bom lembrar que nem Satanás e nem seus servos costumam aparecer com chifres e rabos. Só porque alguém ‘tem boa aparência’ não significa que é uma boa pessoa. Discernimento espiritual é necessário em todo tempo. Notar que Paulo afirma que tais pessoas são servos de Satanás, e que eles evidentemente se autodeclaravam ‘apóstolos’. Hoje em dia, aqui no Brasil, sofremos uma verdadeira praga de ‘apóstolos’ auto-proclamados. Quem você acha que eles servem?

Voltando ao título deste estudo, quando é alguém um apóstolo? Em Gálatas 1.1, Paulo afirma que seu apostolado não era “da parte dos homens, nem por homem algum”, mas da parte do Pai e do Filho, ambos. O apostolado de Paulo não dependia de ordenação ou reconhecimento de homens. O que, então, dizer sobre o apostolado hoje? Em Romanos 1.1, Paulo se diz ser “apóstolo chamado”. Entendo dali que apóstolos verdadeiros não são ordenados por homens; são designados por Deus, que tem uma razão específica para isso.² No caso de Paulo, era para “promover obediência de fé entre todas as nações étnicas” (versículo 5). Qualquer apóstolo genuíno terá uma tarefa específica a cumprir. Embora Deus não tome de volta Seus dons (Romanos 11.29), um dom pode ser ignorado (porque a doutrina da igreja não o permite), ou negligenciado (1 Timóteo 4.14), e conseqüentemente abortado.

Muito pior, até mesmo um apóstolo pessoalmente escolhido por Jesus pode ser ‘rejeitado’ (1 Coríntios 9.27). Se Paulo reconhecia tal rejeição ser possível para ele, imagine então quanto aos ‘apóstolos’ autoproclamados de hoje!

Em Apocalipse 2.2, o Cristo glorificado escreve à igreja em Éfeso: “Conheço as tuas obras, sim o teu trabalho, e a tua perseverança, e que não podes sofrer os maus. E puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos.” O próprio Cristo glorificado declara que há falsos apóstolos (e isso ao final do primeiro século), e que a igreja em Éfeso sabia como testá-los.³ Infelizmente, pelo menos do meu ponto de vista, não está escrito como o faziam, quais os critérios que usavam. Há um texto que fala dos ‘sinais de um apóstolo’, 2 Coríntios 12.12. “De fato os sinais apostólicos foram produzidos entre vós com toda a perseverança, por sinais e prodígios e milagres.”

Tanto Estevão quanto Felipe, ‘meros’ diáconos, realizaram milagres, mas evidentemente isso não os transformou em apóstolos. E também há as palavras do próprio Soberano Jesus em João 14.12. “Em verdade, em verdade,⁴ vos digo que aquele que crê para dentro de mim

¹ Sempre tem havido os que querem ‘pegar carona’, viajar de graça; os que mercadejam coisas espirituais visando vantagem pessoal e temporal. Como tais pessoas só causam dano, o intuito de Paulo de desmascará-los brota de sua preocupação com o bem estar dos Coríntios.

² Segue-se que não existe ‘sucessão apostólica’, já que um apóstolo não é ordenado por homens. Só existe sucessão ‘discipúlica’.

³ Será que não fica subentendido aqui que existiam também apóstolos genuínos? Se não existia tal coisa como apóstolo, não poderia haver candidatos, e portanto não haveria necessidade de critérios. Quando João escreveu isto ele era o último sobrevivente dos Doze (Paulo também havia morrido), e ele próprio estava perto da morte.

⁴ “Em verdade, em verdade” traduz “amém, amém”. Somente João registra a palavra repetida, nos outros Evangelhos encontramos apenas “amém”. Na literatura daquela época não encontramos mais ninguém usando este termo dessa maneira. Parece que Jesus criou seu próprio uso, e o objetivo parece ser de chamar atenção para um pronunciamento importante: “Pare e escute!” O termo frequentemente precede uma declaração formal de doutrina ou princípio, como no caso aqui.

também fará as obras que eu faço, e fará inclusive maiores do que estas,¹ porque eu vou para meu Pai.”

Essa é uma afirmação tremenda, e bastante desconcertante. Notar que o Senhor disse, “fará”; não ‘talvez’, ‘quem sabe’, ‘se você tiver vontade’; e certamente não ‘se a doutrina da sua igreja assim permitir’! Se você crê, fará! O verbo ‘crer’ está no tempo presente, na segunda pessoa singular; se você (singular) está crendo, você fará; portanto se você não está fazendo é porque não está crendo. $2 + 2 = 4$. Fazer o que? “As obras que eu faço”. Bem, Jesus pregava o Evangelho, ensinava, expulsava demônios, curava todos os tipos e tamanhos de enfermidades e doenças, ocasionalmente ressuscitava um morto, e operou uma variedade de milagres (transformou água em vinho, andou sobre as águas, parou uma tempestade instantaneamente, transportou um barco por vários quilômetros instantaneamente, multiplicou alimento, secou uma árvore – e deixou entender que os discípulos deveriam ter parado a tempestade e multiplicado o alimento, e afirmou que poderiam secar uma árvore [Pedro chegou a dar uns passos sobre a água]).

E nós então? Conseguimos lidar com o pregar e o ensinar, mas e o resto? Certa feita ouvi o presidente de uma faculdade evangélica afirmar que esse versículo obviamente não poderia ser verdade porque nada do que ele descrevia estava acontecendo! Bem, de acordo com sua própria experiência e a de seus associados (cessacionistas todos), nada estava acontecendo, de fato. Contudo, muitas pessoas hoje em dia expulsam demônios e curam. Milagres também estão acontecendo. E quanto a mim, então? E você? Mas voltando aos ‘sinais de um apóstolo’, se todos nós temos a incumbência de operar milagres, isso não faz de nós todos apóstolos, e portanto deve haver mais critérios (favor de notar que escrevo ‘mais’, não estou negando os ‘sinais’).

Sugiro que havemos de levar em consideração a questão de autoridade espiritual, e gostaria de começar com 2 Coríntios 10.8 e 13.10. Em 10.8, lemos: “Ainda que eu me glorie um pouco em demasia da nossa autoridade, a qual o Senhor nos deu para edificação, não para vossa destruição, ...” E em 13.10: “Portanto, escrevo estas coisas estando ausente, para que, estando presente, não tenha de usar de severidade, segundo a autoridade que o Senhor me deu, para edificação e não para destruição”. Em ambos versículos Paulo afirma que a autoridade é para a edificação, não para a destruição, embora sua menção do uso de severidade indique que isso pode fazer parte do processo, de acordo com as circunstâncias. (Aliás, em pelo menos duas ocasiões Paulo chegou ao ponto de entregar alguém a Satanás! – 1 Coríntios 5.5 e 1 Timóteo 1.20.)

Não é o que devemos entender a partir de 1 Timóteo 1.3? “Você se lembra, quando parti para a Macedônia, que insisti em que ficasses em Éfeso, para mandares a alguns parar de ensinar uma doutrina diferente...” Ora, a igreja estava bem estabelecida em Éfeso, mas ainda assim Timóteo tinha autoridade para comandar; entendo que Paulo tenha o designado como seu representante. E quanto a 1 Timóteo 5.19-20? “Não aceites acusação contra um presbítero, senão com duas ou três testemunhas. 20 Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor”. Evidentemente, Timóteo tinha autoridade sobre os presbíteros, tendo competência para corrigi-los em público.

Agora consideremos Jeremias 1.10 – “Veja, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e para derrubares, para destruíres e para arruinares, para edificares e para plantares.” É claro que isso deu-se antes do tempo da Igreja, mas há um princípio

¹ Bem, se expulsamos demônios, curamos e operamos milagres, isso não é o suficiente? Jesus quer mais, Ele quer “coisas maiores” do que aquelas já mencionadas. Notar mais uma vez que Ele disse “fará”, não talvez, quem sabe, ou se a igreja permitir. Mas o que poderia ser ‘maior’ que milagres? Ele não pode estar se referindo à tecnologia moderna, pois nesse caso tais ‘coisas maiores’ não teriam sido possíveis para os crentes durante os primeiros 1900 anos. Perceba que a chave está na afirmação final do Senhor (versículo 12), “porque eu vou para meu Pai”. Somente se vencesse poderia Jesus voltar para o Pai, portanto aqui Ele declara Sua vitória antes do fato. É com base nessa vitória que as “coisas maiores” podem ser feitas. Então, o que são essas coisas ‘maiores’? Minha resposta encontra-se no esboço, “Guerra Espiritual Bíblica”, disponível no meu site, www.prunch.com.br.

aqui que permanece válido. Se você faz planos de construir em um terreno repleto de ruínas e pedregulho, por onde você começa? É necessário remover os destroços. Se Deus te enviasse à igreja em Laodicéia (Apocalipse 3.14-19) para tentar endireitar as coisas, por onde você teria de começar? Talvez você teria que depor os líderes, além de denunciar seus erros. Presumivelmente também, você teria de ter como estabelecer sua autoridade sobre eles. No caso de Timóteo, foi provavelmente Paulo que cuidou disso.

Algo semelhante aconteceu com Tito; consideremos: “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restavam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como eu te mandei” (1.5). “Porque deveras há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão, aos quais convém tapar a boca” (1.10-11). “Fala destas coisas, quer exortando ou repreendendo, com toda a autoridade” (2.15). Se o papel de Tito era de ordenar presbíteros, evidentemente ele tinha autoridade sobre eles. E para fazer calar os rebeldes evidentemente requer autoridade. Agora, pode alguém imaginar que tais situações, que requereriam autoridade apostólica, deixaram de existir em 100 d.C.? Ora, a história registra um sem fim de tais situações, e coisas até piores, através dos séculos e milênios. Nos nossos dias, o nível de perversidade nas igrejas é tamanho que nem sei como Deus pode aguentar o mau cheiro! Precisamos, desesperadamente, de pessoas com autoridade apostólica prontas para entrar em ação.

Mas voltando ao Texto, consideremos Efésios 4.11-13.

Sim, Ele mesmo deu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres,¹ 12 visando o equipamento dos santos para a obra do ministério, a fim de edificar o corpo de Cristo; 13 até que todos cheguemos à unidade da

¹ Alguém poderia imaginar que essa lista segue a sequência cronológica dos diversos ministérios. Um apóstolo introduz o Evangelho a uma determinada área ou contexto; um profeta chama a atenção das pessoas e o evangelista insta para que creiam; mas uma vez que as pessoas são regeneradas, então pastores e mestres tomam a frente – é o papel deles equipar os santos. Contudo, na prática, especialmente em uma situação de pioneirismo missionário, raramente existem todas essas pessoas à mão. O missionário prega o Evangelho e depende dele ensinar os primeiros convertidos; ele se encontra sozinho. Um missionário pioneiro, o primeiro a introduzir o Evangelho a um grupo étnico ou a uma área, tem uma função apostólica (quer ele mesmo seja ou não um apóstolo). Mas também é obrigado a exercer a função de evangelista e de mestre (tendo ele ou não tais dons).

Contudo, a maioria de nós mora e trabalha onde há congregações estabelecidas e funcionais. Então, qual seria a função de um apóstolo dentro de uma congregação já estabelecida e funcionando? Se ele mora e congrega naquela comunidade, talvez nenhuma, nesse papel específico – ele poderia atuar como mestre ou profeta. Em um país, ou numa área, onde não há mais nenhum trabalho missionário pioneiro a ser realizado, o exercício da função apostólica seria itinerante, no papel de emissário especial de Deus, um interventor, com o propósito de disciplinar e corrigir.

Quanto ao evangelista, qual seria sua função em uma congregação estabelecida? Bem, você tem como evangelizar alguém já regenerado? Evidentemente, a função do evangelista se direciona ao não crente, aos que não fazem parte da congregação (embora em alguns casos façam). É claro que um evangelista também poderia funcionar como um pastor ou mestre. Um verdadeiro evangelista atuará além dos limites da congregação local.

Quanto à função profética, vou tratar da questão de revelação sobrenatural de informação não disponível através dos canais existentes. (1 Coríntios 14.3 fala de ‘edificação’, ‘exortação’ e ‘conforto’ como partindo de um profeta, porém não abordarei tais atividades aqui.) Entendemos que o Cânone das Escrituras está completo; Deus não dá mais nenhuma revelação escrita que seja de aplicação geral ou universal. Mas isso não significa que Deus não fale em situações específicas. Direção divina é um tipo de profecia onde Ele está fornecendo informação não disponível em outro lugar. Eu mesmo já recebi uma profecia de uma pessoa, fora do contexto da congregação local, que não fazia ideia de quem eu era. A função de um profeta verdadeiro não pode ser limitada a uma só congregação. Em verdade, Deus pode usar um profeta em nível de cidade, de estado, ou de país. O nosso mundo precisa de vozes proféticas desesperadamente.

Um mestre normalmente reside em uma comunidade específica, mas seu ministério pode se estender além dela. A função de um pastor é local, da mesma forma que sua ordenação é local. É comum encontrarmos alguém de coração pastoral que não é um bom mestre, ao mesmo tempo em que um bom mestre nem sempre tem um coração pastoral. As funções devem ser complementares, e o objetivo é envolver todo crente verdadeiro no ministério. A vida em Cristo não é de espectadores como nos eventos esportivos!

fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem completo, à medida da estatura completa de Cristo.

Se os versículos 12 e 13 ainda estão sendo trabalhados, então apóstolos, etc. ainda são necessários. O versículo 13 enfatiza a verdade no 12 – todo aquele que crê deve crescer à medida de estatura completa. O fato de não alcançarmos tal objetivo não faz dele inválido. Eu diria que uma das principais causas da situação espiritual lamentável da maioria das igrejas é a falta total da função apostólica no nosso meio – itinerante, agindo como emissário especial de Deus, um interventor, com o propósito de disciplinar e corrigir. A ideia/doutrina da ‘ética cristã’, pela qual não se deve criticar o vizinho, foi obviamente bolada com o propósito de calar qualquer voz profética. A sua função é proteger o erro.

Consideremos agora 1 Coríntios 12.27-31.

Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular. 28 E os que Deus colocou na Igreja são: em primeiro lugar apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres; depois milagres, e então presentes de curas, socorros, administrações, tipos de línguas. 29 Nem todos são apóstolos, são? Nem todos são profetas, são? Nem todos são mestres, são? Nem todos são operadores de milagres, são? 30 Nem todos têm presentes de curas, têm? Nem todos falam línguas, falam? Nem todos interpretam, interpretam? 31 Portanto, procurai com zelo os melhores dons.

É importante observarmos que a terminologia aqui é claramente hierárquica. ‘1º, 2º, 3º, depois, então, . . .’ (listas parecidas em outros lugares não possuem essa terminologia) [o Reino de Deus não é uma democracia]. Em seguida, se Deus ordenou tais funções, deve haver uma boa razão para isso, e ao deliberadamente excluí-las caminhamos ao contrário da vontade de Deus. Aqui no Brasil, com poucas exceções, não há lugar para um verdadeiro mestre nas igrejas; eles simplesmente não são tolerados. As consequências não são bonitas.

Presumivelmente, até mesmo o ‘cessacionista’ mais ardente admitirá que ainda pode-se encontrar “mestres”, “socorros” e “administradores”. Mas esta carta foi escrita por volta de 55 d.C., época em que a Igreja já existia fazia algum tempo. Por que Deus “ordenaria na Igreja” coisas que seriam extinguidas em poucas décadas. Se milagres “seguem” mestres, como afirmar que não existem mais milagres se ainda há mestres? Recebemos a ordem de “procurar com zelo os melhores dons”; então quais são eles? Presumo que seja aqueles no topo da lista hierárquica. Por que Deus ordenaria que buscássemos com zelo um dom como apostolado, se Ele tinha a intenção de acabar com ele no fim do primeiro século? Nesse caso, tal ordem não teria nenhum sentido durante os últimos 1900 anos!

O presente

Em algum momento ouvi o seguinte: o ‘*status quo*’ é latim para ‘a bagunça na qual nos encontramos’. Seja em latim ou português, imagino que a maioria de nós pode concordar que o mundo anda mal, e em parte isso é porque a Igreja anda mal. De forma geral, os ‘Cristãos’ deixaram de ser sal e luz na cultura em que se encontram (Mateus 5.13-16); eles se tornaram parte do problema ao invés de parte da solução. Como já opinei, a situação espiritual lamentável da maioria das igrejas é resultado direto da falta do papel apostólico no nosso meio. Creio que tal ‘falta’ teve início bem cedo.

Nos escritos dos ‘pais da igreja’ que chegaram até nós, parece não haver menção de ‘apóstolos’ após o primeiro século. Já no segundo século, entrou o conceito de ‘bispo’ como um presbítero com autoridade sobre outros presbíteros em determinada área – portanto um ‘bispo’ poderia exercer a função apostólica dentro de sua área (mas muitas das vezes o bispo se tornou parte do problema, uma vez que não eram designados por Deus). Não demorou muito para o ‘bispo de Roma’ começar a reivindicar autoridade sobre outros ‘bispos’, e depois surgiram ‘arcebispos’, e assim por diante. Se estou correto na minha definição da função apostólica como alguém que ‘age como um emissário especial de Deus, um interventor, com o propósito de disciplinar e corrigir’, e se houve uma falta geral dessa função durante 1900 anos, então não devemos nos surpreender com o ‘*status quo*’.

Nos dias de hoje temos denominações, caracterizadas por diferentes ‘pacotes’ doutrinários e de procedimento, e as divisões que partem dessas denominações parecem não ter fim. Aqui no Brasil temos pelo menos cinco denominações ‘Batistas’, quatro ‘Presbiterianas’ e um

sem número de ‘Assembleias de Deus’, além de um número grande de ‘independentes’. Temos, literalmente, milhares de ‘apóstolos’ autoproclamados; em todo lugar que vamos há um ‘ministério apostólico’. É um egoísmo generalizado; ninguém quer ser deixado para trás ou parecer inferior ao seu vizinho. Estão todos construindo seu próprio império, tosquiando as ovelhas no processo. Não conheço nenhum seminário teológico neste país que ensine o seminarista como estudar a Bíblia, e menos ainda como expô-la; sermões expositivos são praticamente inexistentes. Como consequência, a variedade de estupidezes abjetas promulgadas dos púlpitos parece não ter fim, prejudicando cada vez mais a vida dos ouvintes. Não conheço nenhuma denominação aqui onde o Texto bíblico tem autoridade objetiva.

Mas a coisa fica pior. Pasmem, temos ‘apóstolos’ autoproclamados que pontificam: “Sou um apóstolo no mesmo nível de Pedro ou Paulo, e então posso discordar deles; posso mudar o que a Bíblia diz”. E é o que fazem; rejeitam ensinamentos bíblicos claros e impõem suas próprias ideias sobre seu rebanho. Deve ficar claro a todo súdito verdadeiro do Soberano Jesus que tais ‘apóstolos’ estão a serviço de Satanás. Já vimos em Efésios 2.20, que o casa de Deus é “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, o próprio Jesus Cristo sendo a principal pedra de esquina.” 1 Coríntios 3.11 diz que “ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”. E Apocalipse 21.14 nos informa que a os fundamentos da nova Jerusalém são “os doze apóstolos do Cordeiro”. Nenhum mero ‘apóstolo’ autoproclamado dos dias de hoje é competente para alterar o Texto Sagrado – eles claramente não creem no que o Cristo glorificado disse em Apocalipse 22.18-19.

Para aqueles que buscam compromisso total com Cristo e Seu Reino, a pergunta seguinte é óbvia e necessária: O que pode ser feito para remediar, corrigir a realidade calamitosa que acabei de descrever? Devemos clamar a Deus para que Ele levante verdadeiros apóstolos; mais aí nos deparamos com outra questão: Com um apóstolo pode ser reconhecido, e como pode ele estabelecer sua autoridade para que possa trazer as mudanças necessárias em situações atuais? Vejo apenas uma maneira, o uso de poder espiritual; e esse poder deve ser usado para a remoção dos destroços antes de ser usado para construir. Vejo uma diferença entre profeta e apóstolo neste contexto: o profeta adverte, o apóstolo inflige. Em Atos 5 Pedro simplesmente executou Ananias e Safira, sem advertência ou chance de arrependimento. Em Atos 13 Paulo infligiu cegueira sobre o feiticeiro Elimas, novamente sem aviso.

É obvio que qualquer pessoa que passa a agir dessa maneira será, prontamente, declarada “inimigo público numero 1”. Todo e qualquer líder a serviço de Satanás fará tudo a seu alcance para eliminar um verdadeiro apóstolo, por causa da ameaça a sua pessoa e à estrutura perversa que criou e mantém. Vai ser pura guerra. Vem à mente 1 Coríntios 4.11-13 – “Até esta presente hora sofremos fome e sede; estamos maltrapilhos e estamos sendo tratados brutalmente, e não temos residência certa; 12 e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Ao sermos injuriados, bendizemos; ao sermos perseguidos, suportamos; 13 ao sermos caluniados, exortamos; até ao presente temos sido tratados como o lixo do mundo, como a escória de tudo”. E agora, quantos da praga de ‘apóstolos’ autodeclarados de nossos dias manteriam sua fachada se tivessem que passar pelas circunstâncias descritas acima? Certamente fugiriam e se esconderiam.

Precisamos entender o que Paulo diz aqui. Ser desprezado e criticado por crentes no meio dos quais temos trabalhado é uma coisa. Pessoas locais com ambições pessoais sabem como fazer isso. Que Deus nos faça “como o lixo do mundo” é algo totalmente diferente. Como deveríamos entender isso? Se insistirmos em proclamar um ‘evangelho’ que o mundo considera estúpido, loucura, certamente seremos ridicularizados. Mas se insistimos em valores bíblicos que o mundo já declarou serem ‘crimes de ódio’, certamente seremos odiados e perseguidos, tratados como lixo. A escolha de Hebreus 13.13 está diante de nós: “Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério”. Esse texto se aplica a qualquer súdito verdadeiro do Soberano Jesus, mas qualquer apóstolo verdadeiro se tornará também alvo da fúria total dos líderes religiosos. Resumindo, ser um apóstolo não é para os pusilânimes.

Por favor, considere agora 2 Tessalonicenses 2.8-12, principalmente os versículos 10 e 11. “E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; 9 a esse cuja vinda é segundo a atuação de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios de mentira, 10 e com todo o engano iníquo

entre os que se desperdiçam, porque não receberam o amor à verdade¹ para que pudessem ser salvos.² 11 Sim, por causa disso Deus lhes enviará um engano atuante, para que creiam a mentira,³ 12 e para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade”.⁴ Perceba a sequência: primeiro rejeitam o amor à verdade; é como consequência dessa escolha que Deus lhes envia o engano atuante. A ideia implícita é que existe um ponto sem mais retorno; Deus envia o engano para que sejam condenados. A única escolha inteligente é se agarrar à verdade!

Refleta comigo nas consequências dos fatos enunciados nos versículos 10-12 para uma nação inteira, como o Brasil. Temos muitos milhares de igrejas locais que se consideram cristãs. Contudo, sei de quase nenhuma delas que se caracteriza pelo ‘amor à verdade’. Nenhuma delas quer uma Bíblia de autoridade objetiva. Valores humanistas, relativistas e materialistas já tomaram conta das igrejas. Os valores bíblicos não são mais aceitos. Como consequência, Satanás tem o controle do governo, da educação, da saúde, do comércio, da indústria do entretenimento; em resumo, de toda a cultura. As igrejas que rejeitaram os valores bíblicos fazem parte do problema – uma vez que rejeitaram “o amor à verdade”, foram tomadas pelo “engano atuante”.

Notar que o próprio Deus envia esse engano com o objetivo declarado de condenar todos aqueles que creram na mentira. Se o próprio Deus envia “engano atuante” a um país inteiro, que saída pode existir? O único ‘remédio’ possível é o “amor à verdade”. Aqueles entre nós que se consideram verdadeiros súditos do Soberano Jesus precisam apelar a Ele para que nos mostre como promover o amor à verdade às igrejas e à sociedade em geral. Talvez seja tarde demais aqui no Brasil, mas se a graça de Deus ainda nos oferecer uma janela de oportunidade, devemos nos dedicar a promover o amor à verdade de todas as maneiras possíveis. Eu creio que a maneira mais eficiente seria através do exercício da função apostólica em níveis diversos, tais como: em congregações locais, em denominações inteiras, e nos vários níveis do governo civil.

Querido Deus, por favor, envia-nos apóstolos!

69) Quantas pessoas?

Atos 7,14 X Gênesis 46.26 X Gênesis 46.27

Novamente, precisamos apenas prestar muita atenção a cada contexto e à formulação precisa do texto. Os três versículos nos dão três números diferentes: 75, 66 e 70, respectivamente. Começarei com o menor número, que está em Gênesis 46.26: “Todas as pessoas que foram com Jacó para o Egito, que saíram do seu corpo, além das esposas dos filhos de Jacó, eram sessenta e seis pessoas ao todo”. O dado crucial é “do seu corpo”, então quem eram eles? Rúben + quatro filhos = 5, Simeão + seis filhos = 7, Levi + três filhos = 4, Judá + cinco filhos + 6, Issacar + quatro filhos = 5, Zebulom + três filhos = 4, isso soma 31, mas devemos incluir Diná para obter o total de 32 de Lia. Gade + sete filhos = 8, Aser + seis filhos + 7, mas devemos adicionar uma filha (mencionada no registro) para obter o total de 16 de Zilpa. José + dois filhos = 3, Benjamim + dez filhos = 11, que somam 14 de Raquel. Dan + um filho = 2,

¹ O uso do verbo ‘receber’ claramente implica em ato de volição da parte deles; o amor foi oferecido, ou se tornou disponível a eles, mas eles não o quiseram; escolheram poder mentir e acreditar em mentiras. Porém, as consequências de tal escolha são terríveis; eles deram suas costas à salvação.

² Uma vez que há somente dois reinos espirituais neste mundo, o do Soberano Jesus e o de Satanás, “aqueles que estão se desperdiçando”, nesse texto, ainda estão no reino de Satanás e, portanto, completamente abertos a seu “engano iníquo”. O Texto afirma claramente que eles estão se desperdiçando “porque não receberam o amor à verdade para que pudessem ser salvos”. Eles não são salvos.

³ Talvez “a mentira” é melhor ilustrada nos nossos dias pela teoria da evolução: ‘Não existe um Criador’ – então não haverá prestação de contas, então podemos fazer o que bem quisermos. Quão terrível será o seu despertar!

⁴ “Ter prazer na iniquidade” envolve rejeição da Verdade de um Criador moral que exigirá uma prestação de contas, ou até mesmo rebelião aberta contra esse Criador (assim como Lúcifer/Satanás).

Naftali + quatro filhos = 5, que somam 7 de Bila. O total geral “do seu corpo” é 69. Mas é claro que José e os seus dois filhos já estavam no Egito, o que deixa 66 que “foram com Jacó para o Egito”. Gênesis 46.27 diz: “Todas as pessoas da casa de Jacó que foram para o Egito eram setenta”. Isto inclui o próprio José e Jacó, portanto não há discrepância. Mas e quanto a Atos 7.14? “Então José mandou chamar seu pai Jacó e todos os seus parentes, setenta e cinco pessoas.” Os 75 presumivelmente referem-se a “todos os seus parentes”, o que exclui Jacó e, claro, José. Suponho que nove esposas vieram para o Egito (as esposas são mencionadas em Gênesis 46.26), tendo as outras duas morrido antes da migração. (Se incluirmos Jacó, haveria oito esposas.)

70) Quantas vezes disse Jesus que Pedro O negaria?

A pergunta pode ser entendida de duas maneiras, e quero responder ambas. Quantas vezes iria Pedro negar, e quantas vezes foi ele avisado? Vou começar com a segunda. Cada Evangelho registra um aviso – os textos pertinentes são: Mateus 26.30-35, Marcos 14.26-31, Lucas 22.31-34, 39 e João 13.36-38, 18.1. Por razões que logo devem aparecer, vou começar analisando de trás para frente.

Quantos avisos?

Primeiro, João 13.36-38:

Simão Pedro diz a Ele, “Senhor, para onde vás?” Jesus lhe respondeu, “Para onde vou, tu não podes me seguir agora, porém mais tarde me seguirás”.³⁷ Pedro diz a Ele: “Senhor, por que não posso te seguir agora? Deitarei a minha vida por tua causa!”³⁸ Jesus lhe respondeu: “Tu deitarás a tua vida por minha causa? Deveras, deveras te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu tenhas me negado três vezes!”¹

Observar o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. Notar também a natureza enfática de Sua declaração – por utilizar um negativo duplo (no texto grego), Ele não deixa dúvida de que haverá três negações antes do primeiro galo cantar, a partir daquele instante. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Estavam no cenáculo, onde tinham se reunido para celebrar a Páscoa. Transparece que esta conversa entre o Senhor e Pedro aconteceu perto do início dos acontecimentos, pois foi seguida pelo conteúdo dos capítulos 14, 15, 16 e 17, antes que saíssem do cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (18.1).

Segundo, Lucas 22.31-34:

Então o Senhor disse: “Simão, Simão! É fato que Satanás vos pediu para lhes peneirar como trigo.³² Mas eu tenho orado por ti para que a tua fé não acabe por completo; portanto tu, quando estiveres recuperado, fortalece teus irmãos.”³³ Mas ele disse a Ele, “Senhor, estou pronto para te acompanhar, tanto para prisão como para morte!”³⁴ Então Ele disse, “Eu digo a ti, Pedro, nenhum galo poderá cantar hoje, antes que tu negues três vezes que me conheces!”

Observar outra vez o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. É claramente diferente do contexto em João 13. Notar também que parece existir um aumento na ‘intensidade’ da troca. A palavra de Pedro tem um ‘que’ de reclamação; e o uso do nome de Pedro dá um tom severo à resposta do Senhor. O acréscimo de “hoje” (comparado com João 13) e a transferência de “três vezes” a uma posição mais enfática (no texto grego), contribuem para esse aumento. Outrossim, agora Pedro vai até negar que O conhece. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Eles ainda estavam no cenáculo, mas parece que esta conversa aconteceu perto do final dos acontecimentos, porque apenas o conteúdo dos versos

¹ A ênfase aqui é sobre a ausência obrigatória de qualquer canto de galo até que Pedro tenha negado [pelo menos] três vezes. Não há artigo definido com ‘galo’, de sorte que é “um galo”; o negativo é duplo, e portanto enfático, “absolutamente não”. Alguém que já morou onde tinha um bom número de galos sabe que um ou outro pode cantar a qualquer momento, e um ou outro costuma cantar cada hora durante a noite, ao passo que ao amanhecer fazem coro. Presumivelmente era por volta das 21:00 horas quando Jesus proferiu este aviso, e a primeira negação de Pedro deve ter acontecido pelo menos cinco horas mais tarde. Para que nenhum galo cantasse durante aquele intervalo, foi necessária participação sobrenatural – razão pela qual coloquei “nenhum galo poderá cantar” (se um anjo pode fechar boca de leão [Daniel 6.22], fechar bico de galo seria fácil demais).

35-38 faltava antes que deixassem o cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (22.39). É claro que mais coisas podem ter acontecido, além do conteúdo de 22.35-38, mas parece claro que o aviso registrado por Lucas não é o mesmo que o registrado por João, e que o aviso em João aconteceu primeiro.

Considero que uma comparação dos dois avisos, em grego, tanto impressiona como convence:

João 13.38: “*Την ψυχην σου ὑπερ εμου θησεις? Αμην, αμην λεγω σοι, ου μη αλεκτωρ φωνηση εως συ απαρνηση με τρις.*”

Lucas 22.34: “*Λεγω σοι, Πετρε, ου μη φωνηση σημερον αλεκτωρ πριν η τρις απαρνηση μη ειδεναι με.*”

Realmente, não há comparação; são totalmente diferentes (mesmo levando em consideração que estavam falando hebraico, e que portanto estamos vendo uma tradução para grego). Assim como em João, aqui em Lucas temos uma declaração clara de que haverá [pelo menos] três negações antes que o primeiro galo cante.

Terceiro, Mateus 26.30-35:

E depois de cantar hino, saíram para o Monte das Oliveiras. ³¹Então Jesus lhes diz: “Ainda esta noite todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas’. ³²Mas depois de eu ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia.” ³³Aí Pedro, respondendo, disse, “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar!” ³⁴Disse-lhe Jesus, “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes!” ³⁵Pedro diz a Ele, “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!” E todos os outros discípulos disseram o mesmo.

Observar que esta conversa aconteceu depois de terem abandonado o cenáculo, e que estavam a caminho do Jardim de Getsêmani. Outra vez o contexto se distingue daquele em Lucas e João – aqui o Senhor começa por avisar todos os discípulos. Pedro reage contradizendo Ele. O Senhor reitera o conteúdo dos avisos já dados a ele, Pedro, acrescentando “esta noite”. Pedro contradiz outra vez, utilizando um negativo duplo para enfatizar – ele já está ‘armado’ e beira o impertinente. Parece claro que Mateus registra um terceiro aviso, subsequente aos de Lucas e João.

Quarto, Marcos 14.26-31:

E depois de cantar hino, eles saíram para o Monte das Oliveiras. ²⁷Aí Jesus lhes disse: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas serão espalhadas’. ²⁸Mas depois de ter sido ressuscitado, eu irei adiante de vocês para a Galileia.” ²⁹Mas Pedro lhe disse, “Mesmo que todos sejam levados a tropeçar, eu não!” ³⁰Aí Jesus lhe diz, “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes”. ³¹Mas ele insistiu com veemência ainda maior, “Se me for necessário morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!” E todos os outros disseram o mesmo.

Os primeiros quatro versos são praticamente idênticos com a passagem paralela em Mateus, de sorte que ambos se deram no mesmo local e momento. Mas agora chegamos ao verso 30, o desespero daqueles que defendem a inerrância das Escrituras e a delícia de seus opositores. A declaração de nosso Senhor aqui é um tanto diferente da que está em Mateus 26.34, mas a dificuldade principal está na frase “duas vezes”. Que podemos dizer: Seriam Mateus 26.34 e Marcos 14.30 relatos contraditórios do mesmo aviso?

Antes de aceitar tal hipótese, a exata fraseologia em Marcos 14.30 convida a nossa atenção. Creio que será uma ajuda ver, palavra por palavra, o que Jesus disse: “Deveras eu digo a ti que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que duas vezes cante qualquer galo, três vezes me negarás”. A declaração do Senhor parece um tanto forte. Há ênfase incomum no primeiro “tu”, por repetir o “ti”. “Duas vezes” também recebe ênfase forte. Como devemos entender tamanha severidade? O dizer de Pedro no verso 29 não nos parece merecer tanta severidade – a reação registrada em Mateus 26.34 parece ser mais apropriada. E como devemos entender Marcos 14.31? As palavras de Pedro são quase idênticas às em Mateus 26.35, mas são

introduzidas com a qualificação, “mas ele insistiu com veemência ainda maior”. Para que a reiteração veemente?

Proponho que a solução é ler na sequência seguinte: Mateus 26.30-35^a e então Marcos 14.30-31. A saber:

Jesus: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite,...”

Pedro: “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar”.

Jesus: “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes”.

Pedro: “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!”

Jesus: “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes!”

Pedro, com mais veemência: “Se me for necessário morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!”

Em outras palavras, Marcos omitiu a troca registrada em Mateus 26.34-35^a, ao passo que Mateus omitiu a troca registrada em Marcos 14.30-31^a. (A observação editorial, “e todos os outros disseram o mesmo”, vem no final do episódio inteiro).

Em três momentos separados Jesus avisou Pedro que ele O negaria [pelo menos] três vezes, antes que qualquer galo cantasse durante aquela noite. As respostas de Pedro ficaram cada vez mais agressivas até que, após o terceiro aviso, ele chegou ao ponto de contradizer o Senhor de forma bastante enfática (Mateus 26.35). Aí, finalmente, o Senhor perdeu a paciência (para assim dizer) e disse, em outras palavras: “Escuta! Não somente irás me negar três vezes antes que qualquer galo cante uma vez, tu me negarás outras três vezes antes que qualquer galo cante segunda vez!” E Pedro dá a mesma resposta, só que com mais veemência.

Pronto, o leitor terá percebido que enquanto eu respondia a segunda pergunta, antecipei a resposta para a primeira. O senhor avisou Pedro quatro vezes, cada Evangelho registrando um caso distinto, e haveria [pelo menos] seis negações: três antes do primeiro cantar de galo (João, Lucas, Mateus), e outras três antes do segundo cantar (Marcos). Resta verificar se os diversos registros das negações de Pedro permitiriam semelhante proposta. Os textos relevantes são: Mateus 26.57-75, Marcos 14.53-72, Lucas 22.54-62 e João 18.15-27.

Quantas negações?

Mesmo uma leitura passageira sugere que as negações de Pedro foram provocadas por oito desafios diferentes: a porteira (João), uma criada no pátio (Mateus, Marcos, Lucas), a mesma criada uma segunda vez (Marcos), uma outra criada no pátio (Mateus), dois homens diferentes (Lucas e João), e a turma em dois momentos (João e Mateus, Marcos). Embora seja possível combinar um par ou outro, não há maneira razoável ou lógica de reduzir o número a três. Mas, e se foram pelo menos seis negações?

Para poder visualizar o quadro completo, devemos plotar a informação relevante num diagrama. Precisamos saber quem desafiou, aonde, quando, como foi feito, a reação de Pedro, e se galo cantou. Devido aos limites de espaço e tamanho de folha, farei um Evangelho de cada vez, começando por João.¹

João 18.15-27:

	1 ^a negação	2 ^a negação	3 ^a negação
Quem?	a porteira	os guardas	parente do ferido
Aonde?	portão	fogueira	fogueira (?)
Quando?	bem no início	algo depois	um pouco depois
Como?	ela <i>pergunta</i> a Pedro “Não és tu também dos discípulos...?”	eles <i>perguntam</i> a Pedro “Não és também tu um dos seus discípulos?”	ele <i>pergunta</i> a Pedro “Não te vi eu no jardim com ele?”

¹ Uma comparação do conteúdo dos quatro Evangelhos nos revela que, grosso modo, João fornece informação não disponível nos outros três. Ele escreveu por último, com o propósito de suplementar os registros deles. Aqui também, as três negações relatadas por ele representam informação nova, não disponível nos outros três.

Qual?	“Não sou”	“Não sou”	(negou)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Lucas 22.54-62:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	um homem	outro homem
Aonde?	fogueira	fogueira (?)	fogueira (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	quase uma hora depois
Como?	ela <i>fita e afirma</i> aos demais, “Este também estava com ele.”	ele <i>afirma</i> a Pedro, “Tu és também deles.”	ele <i>afirma</i> aos demais, “Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.”
Qual?	“Mulher, não o conheço”	“Homem, não sou”	“Homem, não sei o que dizes.”
E galo?	(nada)	(nada)	canta, ainda falando

Mateus 26.57-75:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	outra criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico	pórtico (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o galileu.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este também estava com Jesus, o Natsoreano.”	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente também tu és deles, pois tua fala te denuncia”
Qual?	“Não sei o que dizes”	“Não conheço tal homem” (com juramento)	“Não conheço este homem” (praguejando e jurando)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Marcos 14.53-72:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	a mesma criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico (?)	fogueira (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>olha e afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este é um dos tais.”	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente tu és um deles, pois és também galileu, e a tua fala é semelhante”
Qual?	“Não o conheço, nem sei o que dizes”	(negou outra vez)	“Não conheço esse homem de quem falais.” (praguejando e jurando)
E galo?	canta	(nada)	canta segunda vez

Se compararmos todos os parâmetros – quem, aonde, quando, como foi, que reação – simplesmente não há como ficar com apenas três negações; mesmo para ficar com seis requer alguma ginástica. Agora vou tentar colocar os acontecimentos em sequência cronológica, para ver como fica.

João 18.17 nos dá o que claramente é o primeiro desafio: quando a porteira, atendendo ao pedido de João, permitiu que Pedro entrasse, ela perguntou, “Não és tu também dos dis-

cíbulos deste homem?”¹ Embora João estivesse ao lado dele, Pedro negou, “Não sou”. [Que coisa!] Aí ele entrou no pátio e parou em pé perto do fogo. Os outros Evangelhos têm Pedro sentado, ao passo que João o tem em pé. Tudo indica que havia um bom número de pessoas ali, e não teria espaço ao redor do fogo para todos ficarem sentados. Presumivelmente eles iriam se revezar, ficando em pé perto do fogo para esquentar e depois se afastando para sentar. Dessa forma, tanto eles quanto Pedro estariam alternadamente sentados e em pé.

Todos os quatro Evangelhos têm Pedro no pátio, perto do fogo (Mateus 26.58 e 69, Marcos 14.54 e 66, Lucas 22.55, e João 18.18 e 25), e três deles (Mateus, Marcos, João) falam alguma coisa a respeito do Conselho lidando com Jesus, antes de prosseguir com as negações de Pedro.² Sabemos por Lucas 22.61 que Jesus estava numa janela que dava para o pátio, só que de costas para ele. João é o único que registra que o sumo sacerdote inquiriu Jesus sobre Seus discípulos (verso 19) – ele estava olhando para Jesus, e portanto para a janela aberta, e estaria falando alto o suficiente para que todas as pessoas na sala pudessem ouvir claramente; e com isso o pessoal no pátio também ouviram tudo – aí, no verso 25 lemos assim, “Portanto, eles disseram a ele, ‘Será que tu não és um de seus discípulos também?’ Proponho que o verso 25 nos dá o segundo desafio, com a sua negação. Os guardas ao redor do fogo, presumivelmente inspirados por ouvir o sumo sacerdote inquirindo Jesus sobre Seus discípulos, dirigem sua pergunta a Pedro. Ele responde a eles assim como à porteira, “Não sou”. Até aqui os desafios vieram em forma de pergunta, mas agora o ‘pique’ muda.

Entendo que a primeira negação registrada por Mateus (26.69-70), Marcos (14.66-68) e Lucas (22.56-57) perfazem um só episódio. Comparando os três podemos entender o seguinte. Uma certa criada do sumo sacerdote passou e viu Pedro sentado perto do fogo. Ela fitou ele e disse aos outros, “Este homem também estava com ele” (Lucas). Então ela se dirigiu a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno, da galileia” (Mateus, Marcos). Mas ele negou diante de todos, dizendo, “Moça, não o conheço; nem sei e nem entendo o que tu dizes!” Aí ele saiu para o pórtico, e um galo cantou (Marcos 14.68). Assim, aconteceram [pelo menos] três negações antes do primeiro cantar de galo.

Digo ‘pelo menos’ porque a terceira negação em João provavelmente caiba aqui também. Em 18.26 o verbo ‘dizer’ está no tempo presente, o que parece sugerir um intervalo curto, em vez de quase uma hora (Lucas 22.59). Não só, o desafio ainda veio em forma de pergunta, “Não te vi no jardim com ele?”, em vez de acusação direta, o que ficaria melhor perto do começo, e não do fim. Não vejo dificuldade com a proposta de que todas as três negações em João façam parte da primeira rodada, e com isso João registra o primeiro cantar de galo. Assim sendo, eu entenderia que de fato houve quatro negações antes do primeiro canto, as três em João e a primeira dos outros três. Como o galo cantou “imediatamente”, eu diria que a sequência foi a seguinte: as primeiras duas em João, nessa sequência, então a primeira dos outros, e então, quando Pedro estava se deslocando para o pórtico, o parente da vítima de Pedro chega perto e faz a sua pergunta; com isso, Pedro estava no pórtico quando o primeiro galo cantou (Marcos 14.68). Aliás, desconfio que de fato foram quatro negações antes do primeiro cantar de galo, que foi registrado por ambos Marcos e João (lembrar que Jesus nem disse, nem deixou implícito, que haveria somente três).³

Agora vamos à segunda rodada. Em Marcos (14.69) a mesma criada vê Pedro outra vez e começa a dizer aos outros, “Este é um deles”. Em Mateus (26.71) uma criada diferente vê ele e diz aos outros, “Este estava com Jesus o Natsoreano”. Em Lucas (22.58) um homem o viu e disse, “Tu também és um deles”. Para ficar com somente três negações na segunda rodada, duas destas teriam de ser juntadas, mas como já disse, não vejo nada no Texto que

¹ Todo mundo ali, incluindo a porteira, sabia que João era de Jesus, de sorte que a pergunta dela foi perfeitamente natural, sem malícia – sendo que João estava agindo a favor de Pedro, naquelas circunstâncias, ela deduziu que Pedro também seria de Jesus. Ora, João tinha ouvido todos os avisos que Jesus deu a Pedro, de sorte que, quando Pedro negou na presença dele, lá no portão, certamente João ficou de olho nele durante a madrugada toda. Daí, temos testemunho ocular. É claro que o próprio Pedro também seria testemunho ‘ocular’, mas como ele estava sofrendo interferência satânica na mente, poderia não ter uma memória perfeita.

² Era depois da meia noite, e estava frio no pátio, e por isso fizeram fogo; mas provavelmente tinha pelo menos 50 pessoas na sala onde o interrogatório estava se processando, e todas as janelas estariam abertas.

³ A interferência satânica na mente de Pedro era tão eficiente que nem mesmo o cantar do galo o fez ‘acordar’.

proíba mais que três. Parece-me que existe uma progressão no desespero de Pedro que culmina com ele jurando e praguejando. Para ficar com somente três, eu juntaria os casos em Marcos e Lucas num só episódio – a criada fala, Pedro nega, um homem apoia a criada, e Pedro responde, “Homem, não sou”. Então o caso em Mateus seria a sexta negação – Pedro acrescenta um juramento! Por causa do juramento, considero que esta negação aconteceu depois das outras duas. Contudo, em verdade, é minha tendência entender que foram de fato outra vez quatro negações antes do segundo cantar de galo; passo a analisar dessa forma.

A criada que causou a terceira negação não quis deixar por isso. Se ela o seguiu até o pór-tico, ou se ele voltou ao fogo, creio que Marcos 14.69 registra a quinta negação. Nesse caso, Lucas 22.58 registra a sexta negação, talvez perto do fogo. Pedro está decididamente desconfortável; ele está recebendo atenção demais, atenção que não quer. Ele se desloca para o pór-tico (talvez pensando em cair fora),¹ onde é abordado por outra criada (Mateus 26.71); Pedro nega com juramento (sétima negação). Lucas (22.59) coloca ‘por volta de uma hora’ entre as negações seis e oito, de sorte que talvez Pedro tenha ficado em paz por algum tempo. Contudo, o ‘julgamento’ já tinha terminado e os chefões estão esperando o amanhecer para que possam levar Jesus a Pilatos. Como os chefões não vão embora, os guardas e empregados também não podem – são obrigados a ficar lá fora no frio, totalmente entediados – agora Pedro é a única ‘peça’ no pedaço.

Para a oitava negação três Evangelhos oferecem candidato (Mateus 26.73-74, Marcos 14.70-72 e Lucas 22.59-60). Os relatos em Mateus e Marcos são muito parecidos e devem ser paralelos. Já que em Mateus o galo canta “imediatamente” e em Marcos “a segunda vez”, esta tem que ser a última negação – e como a esta altura Pedro está jurando e praguejando, é bom que seja. A essa altura quase todo mundo nas dependências estaria sabendo de Pedro e suas negações. Finalmente eles ‘fecham o cerco’, citando seu sotaque. O relato em Lucas registra apenas um homem falando, mas suas palavras vão na mesma direção; e a negação tem que ser a última porque o galo cantou enquanto Pedro ainda estava falando. Podemos deduzir que várias pessoas falaram ao mesmo tempo (mas não em concordância), e os escritores preservaram um pouco da variedade do que se falou. Digo que o pessoal ‘fechou o cerco’ porque Pedro, desesperado, chega ao ponto de jurar e praguejar. E com isso temos uma segunda rodada de quatro negações, antes do segundo cantar de galo. Mesmo assim, foi necessário que Jesus fitasse Pedro (Lucas 22.61) para quebrar o feitiço satânico e levar Pedro a entender o que tinha feito.

Porém, cabe a pergunta: como é que cada autor de Evangelho registra somente três negações (embora com seleções diferentes), se de fato eram seis ou oito?² Proponho que estamos diante de um lindo exemplo da graça e sensibilidade de Deus. A humilhação seria mais do que suficiente por ter negado Jesus três/quatro vezes, mas prosseguir com outras três/quatro

¹ E porque será que Pedro não fugiu para longe naquele momento? Eu diria que houve interferência sobrenatural – simplesmente não foi permitido que ele fugisse.

² Em torno de 50% dos manuscritos gregos que contêm os Evangelhos, incluindo a melhor linha de transmissão, trazem colofões; esses colofões dizem que Mateus foi ‘publicado’ oito anos depois da ascensão de Cristo, Marcos dez anos depois, Lucas quinze anos depois, e João 32 anos depois da ascensão de Cristo. (Resulta que a sequência dos quatro Evangelhos obedece a ordem cronológica de sua publicação, não somente em nossas Bíblias, mas também na vasta maioria dos manuscritos.) “Primeiro ao judeu...” (Romanos 1.16) – já que Mateus escreveu para um público judeu, as prioridades de Deus ditaram que o registro inspirado da vida de nosso Salvador nesta terra escrito por Mateus seria o primeiro a entrar em circulação. Então Marcos, com o Evangelho de Mateus aberto na sua frente, e com Pedro ao lado, escreveu para um público romano (como romano não daria a menor importância a Escrituras hebraicas, Marcos retirou quase todas as referências a profecia cumprida que estão em Mateus). Então Lucas, com ambos, Mateus e Marcos, na frente, escreveu para um público grego. Por fim João, com os primeiros três à mão, escreveu para preencher algumas lacunas, preservando informação importante não oferecida pelos outros – para o mundo inteiro.

Agora vamos avaliar as negações de Pedro a partir dessa sequência. Mateus escreve primeiro, com um cantar de galo. Mas Marcos diz que na realidade eram dois cantos de galo, e muda a segunda negação (a primeira e terceira são as mesmas em Mateus e Marcos). Lucas menciona só um canto de galo, muda a segunda negação outra vez, e oferece informação mais detalhada quanto à terceira. Portanto, até aqui já estamos com cinco negações. João menciona só um canto de galo, mas registra três novas negações, não mencionadas pelos outros três. Se estes registros são inspirados, então Deus o fez de propósito, e compete a nós procurar entender (ver o último parágrafo deste estudo).

negações, mesmo após ouvir um galo cantar, seria praticamente insuportável. Em vez de fazer vitrine da conta inteira da ignomínia de Pedro, o Espírito Santo levou cada escritor a dar um relato parcial, o suficiente para os propósitos do registro, mas sem torturar Pedro além do necessário. Acho interessante notar que é Marcos que fornece a dica necessária de que haveria uma segunda rodada de negações. Muitos manuscritos gregos afirmam que Pedro participou na composição deste Evangelho, e se for verdade, talvez tenha sido ele mesmo que insistiu em que a dica fosse incluída, enquanto os outros delicadamente evitaram fazê-lo.

O problema crítico-textual

Embora as edições impressas do texto grego do NT tragam talvez cem variantes na totalidade das passagens abordadas, só têm quatro que fazem diferença quanto ao propósito deste estudo. Portanto, vou comentar somente esses quatro.

Existem quatro lugares no registro de Marcos que tratam dos dois cantos de galo: “duas vezes” em 14.30, “e um galo cantou” em 14.68, “a segunda vez” e “duas vezes” em 14.72. Os casos 1, 3 e 4 funcionam juntos e parecem contradizer os registros em Mateus, Lucas e João. O caso 2 seria ainda pior, porque, segundo o relato de Marcos, Pedro só tinha negado uma vez quando o galo ‘avançou o sinal’ e cantou antes que deveria (pois Jesus havia dito que certamente haveria três negações, como registrado nos outros três Evangelhos). Por isso, já desde o segundo século, tem havido quem quisesse ‘ajudar’ Marcos, procurando resolver as dificuldades. O recurso que encontraram foi mexer com o texto.

Segundo o estado atual do nosso conhecimento, parece que cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.30, nove manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “e um galo cantou” em 14.68 (embora um tenha sido corrigido e outro contestado), três manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “a segunda vez” em 14.72^a, e cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.72^b (e um outro omite a cláusula inteira). A lista de manuscritos muda em cada caso, assim como o testemunho das versões antigas. Apenas três testemunhas são coerentes ao ponto de omitir todos os quatro: o códice \aleph , o cursivo 579 (mas contestado em um caso), e o manuscrito “c” da latina antiga (it^c). O quadro total é curioso. Se o motivo das omissões foi fazer Marcos concordar com os outros Evangelhos, somente \aleph , 579 e it^c foram bem sucedidos. Dos doze manuscritos envolvidos, sete omitem apenas um dos quatro, um omite dois, e dois omitem três (com alguma dúvida). A não ser que alguém esteja preparado para mostrar por que \aleph e 579 devam ser preferidos acima de todos os demais manuscritos gregos (talvez 1.700 para Marcos), e it^c acima de todo o resto do testemunho das versões antigas, não há porque levar as omissões a sério. Contudo, calamitosamente, a ‘escola’ eclética faz questão de fazê-lo, mesmo sem a demonstração necessária.

As versões em inglês fazem barbaridades com os quatro casos, mas aqui vou me contentar em comentar o comportamento da Nova Versão Internacional, caso por caso, sendo que ela oferece nota de rodapé para todos os quatro. Em 14.30 ela imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota de rodapé: “alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.68 ela omite “e um galo cantou” e tem a seguinte nota de rodapé: “Muitos manuscritos acrescentam *e o galo cantou*” – por ‘muitos’ ela quer dizer ‘1.700’ contra nove (de má qualidade). Em 14.72^a ela imprime “a segunda vez”, mas tem a seguinte nota: “Alguns manuscritos não trazem *pela segunda vez*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘três’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.72^b ela imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota: “Alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores).

Agora, que possível motivo poderiam os redatores da NVI ter tido para incluir tais notas de rodapé? O efeito imediato é levantar uma dúvida quanto à confiabilidade do Texto naqueles lugares. Sendo que aqueles redatores eram evangélicos com elevado respeito pelas Escrituras, segundo dizem, por que quereriam eles fazer isso? Talvez tenha sido uma preocupação com a inerrância do Texto que os motivou. Parece que eles não enxergaram qualquer outra solução para a discrepância aparente entre Marcos e os outros Evangelhos a não ser lançar a possibilidade de que \aleph , 579 e it^c estivessem certos. Quanta barbaridade!

Os redatores da NVI estavam totalmente equivocados. A pior coisa possível aqui seria seguir **℣** e omitir todas as quatro frases. Como já demonstramos, os quatro Evangelhos registram oito desafios diferentes que produziram negações, mas não tem dois deles com a mesma lista. Assim sendo, seguir **℣** nos obrigaria a abrigar oito negações antes do primeiro canto de galo, o que me parece ridiculamente impossível. A melhor solução para a situação é seguir o Texto verdadeiro, que Deus fez com que, neste caso, fosse preservado em mais de 99% da evidência. Pedro negou três/quatro vezes antes do primeiro canto de galo, e outra rodada de três/quatro vezes antes do segundo. O Senhor tinha prevenido Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22.31). Pedro deveria ter prestado atenção.

Implicações

Uma pergunta que surge é esta: como fica a integridade interna de cada relato? Por exemplo, no registro de João: mesmo que alguém sustente que duas das negações ocorreram antes do primeiro canto de galo, ao passo que a terceira negação veio após o primeiro, mas antes do segundo, isso iria atingir a integridade do Evangelho de João? Como poderia? Vamos rever o registro. Em João 13.38 Jesus disse a Pedro, “Deveras, deveras eu te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu me tens negado três vezes!” O Senhor não disse ‘somente’ três vezes – a ênfase é sobre a ausência obrigatória de qualquer cantar de galo até que Pedro negue três vezes, pelo menos três vezes (não há nada na exata frase que o Senhor usou que negue a possibilidade de que poderia haver mais que três). No Texto grego não há artigo definido com ‘galo’, e há uma negação dupla enfática com o verbo ‘cantar’ – “um (qualquer) galo não poderá cantar!” (Estas colocações se aplicam a Lucas 22.34 também; aliás, em todos os quatro Evangelhos, tanto nos avisos como nas concretizações, sempre é ‘um’ (qualquer) galo.

Atentando para as próprias negações, no registro de João, a primeira, no portão (18.17), não oferece dificuldade. A segunda negação (18.25) também não oferece dificuldade – essas duas aconteceram antes de qualquer cantar de galo. Mas, e se a terceira negação (segundo João, 18.26-27) aconteceu depois do primeiro cantar?¹ Não vejo problema de princípio. O Senhor afirmou um fato, que João registrou corretamente – teria de haver três negações antes do primeiro cantar de galo. Isto se cumpriu cabalmente, os ‘sinóticos’ fornecendo a terceira negação. Não há nada no registro de João que impede a possibilidade de que haveria cantares subsequentes. (Quem já morou perto de galos sabe que um ou outro canta cá e lá depois da meia noite, e ao amanhecer dão um concerto – parece-me óbvio que os primeiros dois cantos foram controlados por Deus para combinar com os avisos que Jesus deu.) Em 18.27, após a terceira negação no registro de João, lemos “e imediatamente um galo cantou”. João não diz que foi o primeiro canto. Alguém sem acesso aos outros Evangelhos iria imaginar, naturalmente, que João registrou o primeiro cantar de galo, e que as três negações representem um relato completo dos acontecimentos – mas nada no registro de João exige essa interpretação; decorre de informação incompleta, nada mais. Os outros três Evangelhos acrescentam negações que são claramente diferentes. Cada Evangelho oferece uma lista diferente de negações, algo como as peças de um ‘quebra-cabeça’. Os quatro registros se complementam, não se contradizem.

Tudo bem, mas como fica a integridade interna do registro de Marcos? Ele é o único que menciona o segundo cantar de galo, como tal; aliás, o seu relato se prende a ele. Jesus disse, “Antes que um (qualquer) galo cante duas vezes, tu em negarás três vezes”, e Marcos registra três negações antes do segundo canto de galo. Outra vez, Jesus não disse ‘apenas’ três vezes; a ênfase está sobre “tu” e “duas vezes”. Precisamos dos outros Evangelhos para ter o quadro completo, mas o registro de Marcos é coerente em si.

Tudo bem, mas como fica Lucas? No aviso a ênfase fica sobre a ausência obrigatória de qualquer cantar de galo até que Pedro negasse três vezes – pelo menos três vezes (Jesus não disse ‘apenas’ três vezes). Após descrever três negações Lucas escreve, “e imediatamente,

¹ Como o leitor já sabe, creio que a terceira negação em João aconteceu antes do primeiro canto de galo, mas estou analisando esta possibilidade a favor de quem talvez prefira colocá-la na segunda rodada.

enquanto ele ainda falava, um galo cantou”. “Um” galo – ele não diz que foi o primeiro. Depois, Lucas descreve Pedro lembrando que Jesus disse, “antes que um (qualquer) galo cante, tu me negarás três vezes”. Presumivelmente Pedro se lembrou de cada detalhe de todos os avisos, mas Lucas (assim como os outros) dá apenas uma descrição em parte – aliás, o aviso que Lucas diz que Pedro lembrou é o aviso registrado por Mateus, não o aviso que o próprio Lucas relatou. Um leitor dispondo unicamente do relato de Lucas poderia imaginar que estava lendo um relato completo dos acontecimentos, mas seria uma conclusão imprecisa. O registro de Lucas é coerente em si, mas a exata fraseologia é tal que não contradiz a minha proposta.

Tudo bem, mas como fica Mateus? Praticamente tudo que escrevi a respeito de Lucas pode ser repetido aqui. Mateus diz que Pedro lembrou o aviso que ele mesmo registrou. De novo, é “um” galo. O registro de Mateus é coerente em si, mas a fraseologia permite a minha proposta sem complicação. Toda essa explicação nos traz de volta à pergunta: Mas como é que cada Evangelho menciona apenas três negações, e não seis, ou oito, ou como queira? Não sei; o Texto não explica. A melhor ideia que consigo fazer é de que Deus entendeu por bem não expor claramente o tamanho verdadeiro da ignomínia de Pedro (e talvez para testar a nossa propensão quando confrontados por uma coisa sem explicação). Mas dito tudo, o fato permanece que cada Evangelho oferece um sortimento diferente de avisos e negações, perfazendo um total de pelo menos oito negações.

Outro questionamento que já ouvi é este: para que se preocupar com uma questão como essa; por que gastar tempo com ela? Eu creio que por vezes Deus propositadamente introduz dificuldades/desafios nas nossas vidas – Jó na cinza, Abraão no monte Moriá, Moisés pastoreando ovelhas, José na prisão, Daniel com os leões, etc. etc. – e coloca enigmas no mundo, para testar a nossa fibra e determinação, e para nos levar a crescer. “A glória de Deus é ocultar uma coisa; tentar descobri-la é a glória dos reis” (Provérbios 25.2) [Mesmo que você não seja um rei, dá para entender.] A experiência de João o Batizador é do tipo que podemos entender. Ele estava frustrado, talvez até desiludido; ele cumpriu seu ofício, mas as suas expectativas não estavam sendo realizadas. Então ele enviou dois discípulos para cobrar de Jesus uma explicação. Em outras palavras, Jesus disse, “Preste atenção às evidências; faça seu dever de casa”, e termina dizendo, “E, abençoado seja aquele que não se ofenda por minha causa” (Mateus 11.6). Quando confrontado com uma situação difícil ou sem explicação, todo cuidado para não rebelar-se. É muito melhor obedecer a ordem registrada em 1 Pedro 3.15: “Santifiquem o Senhor Deus em vossos corações; e estejam sempre preparados para dar uma explicação a qualquer pessoa que vos pedir a razão da esperança que há em vocês...” Já que inimigos de um Texto com autoridade objetiva costumam utilizar os relatos das negações de Pedro como argumento contra qualquer ideia de inerrância, considero que uma defesa dessa inerrância é tranquilamente procedente.

71) Quantos animais?

Mateus 21.1-7 X Marcos 11.1-10, Lucas 19.29-36, João 12.12-15

Marcos, Lucas e João concordam em mencionar só um animal, um jumentinho. Foi solto, foi levado a Jesus, foi coberto de roupas, e então Jesus o montou. Mas Mateus faz questão de registrar que de fato eram dois animais, o jumentinho e sua mãe. Lamentavelmente, a versão ‘Fiel’ traduz Mateus 21.5 assim: “manso, e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho” – fazendo Jesus montar dois animais! (A LH também faz Jesus montar dois.) Infelizmente a Fiel faz a mesma coisa com a profecia citada, Zacarias 9.9. Geralmente, outras versões fazem Jesus montar só um animal, o que é correto. Contudo, o fato incontornável é que Mateus registra dois animais, com roupas colocadas em ambos.

Por que será que o Espírito Santo levou Mateus a fornecer essa informação a mais? Claro que eu não estava lá, mas ofereço a minha avaliação do ocorrido. Marcos e Lucas registram que nunca ninguém havia montado o jumentinho, e dizem que ele estava amarrado; já Mateus diz que de fato era a mãe que estava amarrada. Parece que o jumentinho era novo o suficiente que ficava bem perto da mãe, de sorte que se ela estava amarrada, ele também estava, para efeito prático (estavam fora na rua, o que talvez tenha sido uma experiência

nova para o jumentinho). Jesus iria expor o jumentinho a uma situação estranha e até de meter medo. Saindo de seu povoado pequeno e quieto, de repente ele estaria cercado de uma multidão gritando. Objetos estranhos seriam colocados no seu lombo, e então alguém, provavelmente maior e mais pesado do que ele, iria assentar-se sobre ele! Creio que Jesus fez com que a mãe viesse junto para dar apoio moral a seu filho. Ela também recebeu os objetos estranhos, e vendo a mãe suportar tudo com calma iria encorajar o jumentinho. De passagem, é até provável que Jesus teve que levantar os pés, para não arrastar no chão; deve ter sido uma cena cômica. Eu me sinto bem ao observar que o Senhor Jesus se preocupou com o bem-estar do jumentinho.

72) Quantos mil?

1 Coríntios 10.8 X Números 25.9

"E não fornicamos, como alguns deles fizeram – e num só dia morreram vinte e três mil!" Números 25.9 diz: "E os que morreram daquela praga foram vinte e quatro mil". Então eram 23 ou 24? Como sempre, devemos prestar muita atenção ao contexto. A chave está na frase "em um dia". Após o primeiro dia, outros mil morreram, perfazendo um total de 24 mil mortos.

73) Quanto tempo esteve o corpo de Jesus na sepultura?

Muitos livros e artigos já foram escritos sobre esta questão. A dificuldade principal deriva do próprio Jesus ter utilizado frases diferentes para descrever esse prazo. Referindo-se ao intervalo entre Sua morte e Sua ressurreição, Ele mesmo disse: "o terceiro dia", "após três dias" e "três dias e três noites". Atentar para todas as passagens relevantes torna claro que as três frases não são candidatas iguais. Senão, vejamos.

A frase 'três dias e três noites' ocorre uma só vez, em Mateus 12.40. Jesus cita a experiência de Jonas (Jonas 1.17) e diz que Ele também terá experiência semelhante. Que estamos na presença de uma expressão idiomática hebraica ficará claro a partir do que segue.

A frase 'após três dias' ocorre só duas vezes, em Marcos 8.31 e Mateus 27.63. Em Marcos Jesus é citado numa citação indireta, quando Jesus diz aos discípulos o que vai acontecer com Ele. Em Mateus Jesus é citado pelos líderes judaicos quando pedem a Pilatos que o túmulo seja segurado; mas devemos observar que no verso seguinte (64) eles mesmos dizem "até o terceiro dia", o que nos leva a entender que as duas frases são sinônimas.

Quanto à frase 'o terceiro dia', há onze casos diretos, mais dois relacionados. O procedimento hermenêutico correto requer que interpretemos os poucos casos nos termos dos muitos, e não o contrário. Em Mateus 16.21, 17.23, 20.19; Marcos 9.31, 10.34;¹ Lucas 9.22, 18.33, Jesus está declarando aos discípulos o que vai acontecer com Ele. Em Lucas 24.7 o anjo cita Jesus para as mulheres no sepulcro vazio. Em Lucas 24.46 o Jesus ressurreto está falando aos discípulos. Em Atos 10.40 Pedro está pregando a Cornélio. Em 1 Coríntios 15.4 Paulo faz uma declaração. São esses os onze casos diretos. Em Lucas 24.21 Cléopas diz a Jesus, "hoje é o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram" – "estas coisas" diz respeito à crucificação, e "hoje" inclui a ressurreição, já que ele cita as mulheres. Em João 2.19 Jesus diz, "destruam este templo, e em três dias eu o levantarei". São esses os dois casos relacionados, perfazendo treze (o caso em Lucas 13.32 é mais difícil).

Suponho que todas as culturas humanas têm a tendência de pensar que a sua maneira de encarar as coisas é a correta, e que todas as outras são erradas. Mas que devemos fazer quando surge conflito? Quando queremos entender dado acontecimento, é a cultura dentro da qual aconteceu que deve ser respeitada. Judeus e brasileiros tratam o tempo de maneira diferente das culturas 'ocidentais' em geral. Aqui no Brasil, após o culto, é comum dizer, "Te

¹ Em Marcos 10.34 o texto grego eclético ora em voga traz 'após três dias', seguindo meros 0.7% dos manuscritos gregos conhecidos, sendo eles de qualidade objetivamente inferior, comprovadamente (seguidos por NVI, LH e ARA.).

vejo de hoje a oito”, ou “Te vejo a oito”, o que significa no próximo domingo. O dia presente é incluído no número. E temos base bíblica; considere João 20.26: “Oito dias depois estavam outra vez os Seus discípulos dentro, e com eles Tomé.” Oito dias depois de que? “Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos a portas trancadas, por medo dos judeus, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse” (João 20.19). O primeiro dia da semana é domingo; o uso de “aquele” significa que era o domingo da ressurreição.

Com poucas exceções, a Igreja universal sempre entendeu que Jesus ressuscitou num domingo, assim como o Texto claramente indica. Em João 20.26 “oito dias depois” significa o domingo seguinte. Para a mente ‘ocidental’, o uso de ‘depois’ é enganador; ‘depois de oito dias’ nos levaria ao nono dia. Mas estamos na presença de uma expressão idiomática hebraica, onde ‘depois de oito dias’ = ‘o oitavo dia’. Isto transparece claramente a partir de Mateus 27.63-64, onde ‘após três dias’ = ‘até o terceiro dia’. Mas, como já observamos, o dia presente é incluído no número; portanto, ‘após oito dias’ = ‘o oitavo dia’ = sete dias solares consecutivos (com a ressalva que o primeiro dia solar, e o último, podem ser menos que 24 horas).

Agora vejamos Lucas 23.53 a 24.1: “Então desceu-o, envolveu-o num lençol de linho e o colocou num sepulcro cavado na rocha, no qual ninguém ainda tinha sido colocado. ⁵⁴Era um dia de Preparação; o Sábado estava para começar. ⁵⁵As mulheres que tinham acompanhado Jesus desde a Galileia seguiram também e viram o sepulcro, e que o corpo dEle foi ali colocado. ⁵⁶Então elas voltaram e prepararam especiarias e perfumes. E descansaram no Sábado, conforme o mandamento. ¹Aí, no primeiro dia da semana, de manhã bem cedo, elas foram ao sepulcro levando as especiarias que tinham preparado, junto com algumas outras.” Depois de terem observado o sepultamento, elas descansaram durante um dia – ‘sábado’ é singular. Elas levaram suas especiarias ao sepulcro no domingo. Segue-se que Jesus foi sepultado na sexta-feira. O corpo de Jesus esteve no sepulcro durante uma parte da sexta-feira, o sábado inteiro, e uma parte do domingo – Ele ressuscitou ‘no terceiro dia’.

Marcos 14.1 também vem ao caso. “Faltavam dois dias para a Páscoa e os Pães ázimos.” A partir de uma análise cuidadosa da sequência de acontecimentos durante a última semana, transparece que naquele momento a tarde da terça-feira estava avançada, provavelmente perto das 18:00 horas – acrescentando dois dias nos leva às 18:00 horas na quinta-feira, mas os acontecimentos no cenáculo começaram após as 18:00 naquela quinta, o que para os judeus já era sexta-feira. Destarte, Jesus morreu numa sexta-feira. Entendemos que ‘três dias e três noites’ era uma expressão idiomática que poderia dizer respeito a três dias solares representados por alguma parte dos três, mas em sequência – neste caso: sexta-feira, sábado e domingo.

74) Quatrocentos anos

Atos 7.6

Quase todo o capítulo 7 é ocupado com o julgamento e a defesa de Estêvão, embora termine com a sua morte. O sumo sacerdote sabe que tudo é uma farsa, mas finge espanto. Estêvão sabia que estava num tribunal embusteiro, e por isso não perdeu tempo com a acusação ridícula; ele entregou uma mensagem profética e condenatória. Sua lição de história começa com a obediência incompleta de Abraão, mas o que nos interessa aqui é o versículo 6.

Então o sumo sacerdote disse, “Será que essas coisas podem ser assim?” ² Aí ele disse: “Varões, irmãos e pais, ouçam: O Deus da glória apareceu ao nosso pai, Abraão, estando ele na Mesopotâmia, antes de morar em Harã, ³ e disse-lhe, “Deixa a tua terra e a tua parentela e vem para uma terra que eu vou te mostrar”. ⁴ Então, saindo da terra dos caldeus, ele residiu em Harã.¹ Dali, depois da morte de seu pai,² Deus o transferiu para esta terra, na qual vocês agora vivem; ⁵ mas não lhe deu nela herança, nem mesmo o

¹ Sim, mas levou também seu pai, e seu sobrinho, e Harã não era a terra prometida. ‘O nosso pai, Abraão’ – os judeus começaram a sua história com Abraão, que começou com obediência incompleta.

² Lá se foram quinze anos de sua vida. E levou consigo o sobrinho Ló, o que seria uma **grande** dor de cabeça (ele foi o pai dos moabitas e dos amonitas – má notícia – debaixo de circunstâncias que não teriam acontecido se ele tivesse ficado em Harã).

espaço de um pé. Ele prometeu, sim, que lhe daria a posse dela, isto é, a seus descendentes depois dele, embora não tivesse filho.¹ 6 Depois, Deus falou assim: que seus descendentes seriam peregrinos numa terra estrangeira – e que seriam escravizados e maltratados – por quatrocentos anos.

Para começar, será notado que minha tradução do versículo 6 difere de todas as versões que me lembro de ter visto. Por exemplo, a FIEL diz: “E falou Deus assim: Que a sua descendência seria peregrina em terra alheia, e a sujeitariam à escravidão, e os maltratariam por quatrocentos anos”. A NVI diz: “Deus lhe falou desta forma: ‘Seus descendentes serão peregrinos numa terra estrangeira, e serão escravizados e maltratados por quatrocentos anos’”. E assim por diante – a impressão que todas essas versões dão é que os descendentes passariam 400 anos num único país, a saber, o Egito. Mas tal impressão coloca-nos num dilema: 400 anos no Egito não se enquadram nas declarações cronológicas claras encontradas em outras partes do texto bíblico.

Estêvão citou Gênesis 15.13, que deve ser entendido como um quiasmo, uma estrutura comum na Bíblia:

- A. seus descendentes seriam peregrinos numa terra estrangeira
- B. e eles seriam escravizados
- B. e maltratados
- A. por quatrocentos anos.

Uma comparação cuidadosa das passagens relevantes mostra que os 400 anos incluem desde o desmamar de Isaque até o êxodo (1891 a 1491 a.C.). Sendo que Jacó mudou para o Egito em 1706, os descendentes de Abraão foram estrangeiros em Canaã durante 185 anos, para depois serem estrangeiros no Egito (onde chegaram a ser escravizados), durante 215 anos. O êxodo ocorreu 144 anos após a morte de José, de sorte que o período de trabalho escravo deve ter sido algo menos, talvez em torno de 100 anos.

Para uma discussão detalhada e defesa das datas e prazos indicados acima, o leitor interessado deve consultar um livro que considero único: *Cronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, de Floyd Nolan Jones, ThD, PhD. A primeira edição apareceu em 1993; Tenho em mãos a 14ª edição, publicada em 1999 pela KingsWord Press, The Woodlands, Texas. A discussão relevante está nas páginas 58-61, mas atrevo-me a sugerir que qualquer pessoa que leia o livro inteiro considerará que foi um tempo bem gasto.

75) Quem comprou o que de quem?

Atos 7.15-16 X Gênesis 23.17

Atos 7.15-16 – “Jacó desceu ao Egito, e morreu, ele e nossos pais; e foram transferidos para Siquém, e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, de Siquém.”

Quando comparamos este texto com os textos relevantes em Gênesis parece estarmos diante de algumas discrepâncias. Quem comprou o que, de quem, e aonde? Gênesis 33.19 nos informa que Jacó comprou uma área de Hamor, em Siquém. Por outro lado, Gênesis 23.16-20 explica que Abraão comprou uma área de Efrom, em Hebrom. A cova de Macpela foi a sepultura de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Lia, pois Jacó fez questão de ser sepultado ali, e foi (Gênesis 49.29-30; 50.13). Voltando a Atos 7, foi “nossos pais” que foram levados a Siquém, não Jacó.

Mas quando foi que Abraão comprou qualquer coisa em Siquém? A resposta deve estar em Gênesis 12.6-7. Abraão parou em Siquém e levantou um altar. Construir num terreno que pertencia a outro, e esse outro vendo tudo, não iria dar certo. Podemos deduzir, sem muito medo de errar, que Abraão comprou um terreno “aos filhos de Hamor, de Siquém”. O Hamor no tempo de Jacó seria descendente do Hamor no tempo de

¹ Abraão tinha 100 anos quando gerou Isaque, que tinha 60 quando gerou Jacó e Esaú. Abraão morreu com 175, de sorte que viu seus dois netos. Mas antes de Isaque houve Ismael . . .

Abraão, tranqüilamente. Gênesis 14.14 diz que Abraão "armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito". Ora, Abraão tinha **muita** gente com ele, e alguém deve ter morrido enquanto ele estava parado em Siquém. Daí ele teve de comprar uma área para cemitério. Certamente esta informação estava disponível a Estêvão em documento extra bíblico.

Voltando a Gênesis 33.19, é possível que Jacó tenha comprado uma área maior em torno da área comprada por Abraão. Mas porque os filhos de Jacó foram todos sepultados em Siquém? A resposta está em Gênesis 34.27-29. É que os filhos de Jacó mataram todos os homens de Siquém, saquearam tudo, mas ficaram com as crianças e as mulheres. E fizeram o que com as mulheres? Certamente casaram com elas; foi ali que encontraram mulher para tantos homens. Siquém sendo a fonte de sua riqueza e suas mulheres, seria natural que fossem sepultados ali. Inclusive, Josué 24.32 diz explicitamente que os ossos de José foram sepultados em Siquém.

Conclusão: não há discrepância. Tanto Abraão como Jacó compraram terreno em Siquém. Foram os filhos de Jacó que foram ali sepultados, não Jacó.

76) Quem disse o que?

Mateus 27.48-49 X Marcos 15.36 X João 19.29-30 (Lucas 23.36)

Entendo que a ação descrita em João 19.29, bem como em Lucas 23.36, foi feita por soldados, e não deve ser confundido com o caso registrado por Mateus e Marcos, embora todos os quatro falem de oferecer vinho azedo a Jesus (sendo que Jesus ficou na cruz durante umas seis horas, houve tempo para beber várias vezes). A discrepância aparente que quero analisar está em Mateus e Marcos. Em Mateus 27.48-49 lemos assim: "Em seguida um deles correu e pegou uma esponja, embebeu-a em vinho azedo, colocou-a numa cana, e começou a dar-lhe de beber. Mas os outros disseram: 'Pare! Vejamos se Elias vem salvá-lo.'" Um só homem oferece a bebida, mas os outros dizem, "Pare!..." E em Marcos 15.36 lemos: "Então alguém correu e embebeu uma esponja em vinho azedo, colocou-a numa cana, e a ofereceu a Ele para beber, dizendo, 'Parem vocês!...' Um só homem oferece a bebida, e ele diz, 'Parem vocês!...' Não viria me surpreender se o homem aqui foi o próprio João Marcos. Mas quem quer que fosse, se ele conhecia hebraico ele sabia perfeitamente bem que Jesus não chamou Elias; foi por isso que ele disse "Parem vocês!" e repetiu o resto do dizer dos outros de forma sarcástica, com desgosto. Então, Mateus e Marcos registram partes diferentes da totalidade do incidente. Nego qualquer discrepância.

77) Quirino – Lucas 2.2

Tem sido alegado que a referência de Lucas a Quirino em Lucas 2.2 é um erro. Se fosse esse o caso, seria o único erro nas dezenas de referências históricas que Lucas fez. É claro que Lucas entrevistou Maria, mãe de Jesus, porque várias vezes ele escreveu que ela guardava coisas no coração. Tal entrevista teria sido algo óbvio para ele fazer. Maria foi pessoalmente incomodada, e em grande medida, pelo decreto de César, e ela teria uma memória vívida de todos os fatores relevantes da época. Se ela disse a Lucas que Quirino estava oficiando, esse era o fato, e é claro que Lucas teve acesso a outras testemunhas e todo o episódio era história recente em sua época.

José empreendeu uma viagem muito inconveniente e cara de Natsaré a Belém. Ele só o teria feito se considerasse que não tinha alternativa viável. Segue-se que o decreto de César era um fato e estava em vigor naquela época. Como poderia Lucas ter-se enganado no assunto de Quirino?

Quirino, 51 a.C. – 21 d.C., foi um competente comandante militar romano. Durante sua vida foi senador, côsul, duúviro e legado. Ele é famoso por sua campanha contra os Homônidas, um povo nômade da Cilícia. A Cilícia fazia fronteira com a Síria ao norte. A campanha ocupou cerca de 12-2 a.C., e Quirino teria usado a Síria como base de operações. Ele tinha a confiança do imperador e pode muito bem ter recebido vários ofícios durante

aquela década. Em Lucas 2.2 Lucas não usou o substantivo “governador”; ele usou o verbo ‘governar/administrar/oficiar’. Naquela época, um censo demorava muito e podia ser uma tarefa complicada. Quem o imperador deveria escolher para comandar a cena na Síria? Das pessoas disponíveis, quem era mais qualificado que Quirino?

Conclusão: Lucas nos informa que Quirino estava administrando o censo na Síria na época do nascimento de Jesus. Não vejo razão para duvidar de sua afirmação. Não vejo razão alguma para alegar que Lucas escreveu um erro histórico.

78) Salva-se dando à luz?

1 Timóteo 2.15

Na ACF, 1 Timóteo 2.14-15 diz assim: “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.” Começamos com “salvar-se-á”; ‘se’ é um pronome, que representa um substantivo, e no contexto a referência é claramente a Eva. Pois então, como Eva será salva? (Traduzir “preservada” é basicamente sem sentido.) Nem Eva nem qualquer outra mulher se salva por dar à luz um filho. No Texto Grego encontramos ‘parto’, um substantivo, não um verbo. Além disso, há um artigo definido com o substantivo, portanto é “o parto”. Existe apenas um parto que poderia resultar na salvação de Eva, e de todos nós, o nascimento do Messias. É claro que Eva deu à luz Sete, iniciando assim a linhagem que culminou no Messias (Gênesis 3.15). No meio do versículo 15 e da frase aqui, Paulo quebra as regras gramaticais e muda de “salvar” para “permanecerem” (de singular para plural, no grego) – o que é verdade para Eva é aplicado a todas as mulheres. Bem, estritamente falando, uma vez que “-em” não tem antecedentes, suponho que poderia incluir também os homens, todos (a menos que alguém queira argumentar que as mulheres são salvas numa base diferente da dos homens [o que acho que entraria em conflito com outras passagens]). Ainda assim, o parágrafo é sobre mulheres. Qualquer irmã em Cristo que tenha sido perturbada por este versículo, pensando que deve ter um filho, pode sossegar quanto a isso.

79) Ser ‘pobre em espírito’ = ter espírito humilde

Mateus 5.3

A questão diante de nós é entender o que Jesus queria dizer. Devemos interpretar do ponto de vista de Jesus, não do nosso, ou de quem quer que seja. Ser ‘pobre em espírito’ significa ter espírito humilde. Não diz respeito a dinheiro, e sim a atitude.¹ Senão, vejamos. A ‘Bíblia’ de Jesus era o Antigo Testamento, e é lá que devemos procurar a definição da frase.

Isaías 66.1-2 – Assim diz Jeová: “O céu é meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Onde está a casa que vocês poderiam edificar para mim? E aonde está o lugar que me sirva para descansar? Porque minha mão fez todas essas coisas, e por isso todas elas vieram a existir”, diz Jeová. “Mas para este eu olharei: para o pobre e contrito de espírito, e que treme diante de minha palavra.”

Jeová se identifica como o Criador de tudo, e depois diz que tipo de pessoa Ele quer. O vocábulo ‘pobre’ é aliado a ‘contrito’, mas o quesito fundamental é tremer diante da Palavra de Deus. Uma pessoa que ‘treme’ assim está reconhecendo que essa Palavra exerce autoridade objetiva sobre ela.

Salmo 34.18 vai na mesma direção: “Jeová está perto dos que têm o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito”. Salmo 51.17 também: “Os sacrifícios para Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito não desprezará, ó Deus”. E Isaías 57.15 também: “Assim diz o Alto e Sublime, que habita a eternidade, cujo nome é Santo: Habito no lugar alto e santo, mesmo com aquele que tem um espírito contrito e humilde, para

¹ Alguém pode não gostar do termo ‘pobre’, mas está assim no Texto. É bom lembrar que o Soberano Criador não se encarnou no Brasil, falando português, e sim em Israel, falando hebraico – humildade, pois.

reavivar o espírito dos humildes e para reavivar o coração dos contritos”. E isso combina com 2 Crônicas 16.9: “Os olhos de Jeová percorrem a terra inteira para mostrar-se forte a favor daquele cujo coração é íntegro para com Ele”. Deus está procurando quem Ele possa abençoar. É o que está também em Tiago 4.6, 1 Pedro 5.5 e Provérbios 3.34: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.

Agora, Jesus disse que o Reino de Deus pertence a tais. Se o Reino é deles, eles fazem parte desse reino. Ninguém entra no Reino sem ter espírito humilde, mas nem todos que tem espírito humilde entram no Reino; não necessariamente. Havemos de lembrar que nenhum benefício do sangue derramado do Cordeiro de Deus é automático – tudo é em potencial. As promessas de Deus têm que ser aproveitadas, mas a caminho as condições prévias têm que ser preenchidas. A parte de Deus é garantida, mas não a nossa; há níveis de aproveitamento. Lembrar a parábola do semeador, ou dos solos; as sementes que caíram na boa terra produziram em níveis diferentes – 100%, 60%, 30%.

Vejamos Mateus 18.3 – “Deveras vos digo, a não ser que vocês mudem e se tornem como criancinhas, jamais entrarão no Reino dos céus”. Mas por que teria Jesus utilizado criancinha como modelo? Bem, elas são literalistas, creem piamente, são dependentes e ensináveis – nós também temos que entender que dependemos de Deus, estando abertos a Seus ensinamentos; devemos crer piamente na Palavra dEle, levando essa palavra no sentido literal (respeitadas a normas da linguagem), sabendo que essa palavra é para ser obedecida. E procedendo dessa forma iremos descobrir que estamos sendo abençoados.

Mas como funcionaria isso tudo para um índio perdido na selva, que nunca ouviu falar de Jesus, de um Deus que nos ama, mas que estabelece normas de conduta – nunca, nada. Vejamos Atos 10.34-35; é o caso do centurião Cornélio. Após ouvir a explicação do mesmo, Pedro declarou: “Compreendo verdadeiramente que Deus não faz acepção de pessoas, mas em cada nação étnica, quem quer que O tema e pratique a justiça moral é aceitável a Ele”. Cornélio fez jus à luz que ele tinha, e Deus fez milagre para dar mais luz a ele. A mesma coisa se deu para o tesoureiro etíope (Atos 8.26-39) – ele fez jus à luz que tinha, e Deus fez milagre para dar mais luz a ele.

É verdade que tanto Cornélio como o etíope tinham algum aceso à Bíblia, que o índio não teria. Mas todos nascem com uma consciência, e todos têm a luz da criação, Romanos 1.20. Existem casos nos anais das missões modernas onde Deus fez milagre para fazer chegar mais luz a alguém que fazia jus à pouca luz que tinha. Nosso Deus é justo. Os olhos de Jeová percorrem a terra inteira, vendo cada etnia e as pessoas que a compõem, e Ele vai ao encontro de qualquer um que estiver fazendo jus.

80) Uma harmonização dos relatos das aparições pós-ressurreição

Tentarei tratar as aparições na sequência cronológica, embora as evidências nem sempre permitam uma decisão clara. As cinco primeiras aconteceram no Dia da Ressurreição.

1) A primeira aparição é relatada em Marcos 16.9 e João 20.14-17. Marcos meramente registra o fato, dizendo claramente que a primeira foi a Maria Madalena. João fornece mais detalhe a respeito do encontro.

2) A segunda aparição é registrada apenas por Mateus, 28.9-10. Esta aparição foi a Maria, mãe de Tiago, Salomé, Joana e ‘as outras’; o Texto não diz que foi a segunda, mas o único outro candidato possível seria Pedro (Lucas 24.34), e simplesmente não há tempo suficiente para inseri-lo aqui. Segundo o verso 7 (Mateus), os discípulos deveriam ir à Galileia para ver Jesus, o verso 10 dando a mesma instrução a Seus ‘irmãos’. Em Mateus 26.32 o próprio Jesus havia dito a eles, “Depois de eu ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia”.

3) Arbitrariamente, dou a terceira aparição a Pedro, mas poderia ter sido aos discípulos a caminho de Emaús – fosse qual fosse a sequência, receberam a terceira e a quarta. O fato da aparição a Pedro é mencionado em Lucas 24.34 e 1 Coríntios 15.5; só o fato, e mais nada.

4) O episódio no caminho para Emaús é mencionado em Marcos 16.12, mas relatado em Lucas 24.13-32 (aliás, o relato de Lucas é muito interessante).

5) A quinta, e última, aparição registrada no Dia da Ressurreição foi aos Onze (embora apenas dez estivessem presentes), assim como relatada em Marcos 16.14-18, Lucas 24.36-49 e João 20.19-23 (1 Coríntios 15.5). Presumo que o registro de Marcos se refira a aquele primeiro domingo, embora o “mais tarde” que dá início ao verso 14 poderia dizer respeito ao segundo domingo também (os Onze à mesa presumivelmente teria de ser um dos dois domingos). O conteúdo do registro de Marcos parece-me caber melhor no primeiro domingo. Lucas deixa claro (verso 33) que tinha outras pessoas além dos Onze naquele cenáculo. O verso 36 deixa claro que este era o primeiro domingo.

A rigor, os versos 44-49 (Lucas) poderiam ter sido proferidos numa data posterior, mas caso contrário o verso 49 requer atenção especial. “Vocês devem ficar na cidade de Jerusalém até que sejam revestidos com poder do Alto.” Já que Jesus havia lhes instruído no sentido de encontrá-lo na Galileia, e de fato Ele os encontrou lá, então isto representa uma ordem no sentido de retornarem a Jerusalém após os encontros na Galileia. O registro de João claramente diz respeito ao primeiro domingo, e fornece informação nova, como de costume (é ele que nos informa da ausência de Tomé). A menção dos ‘Doze’ em 1 Coríntios 15.5 provavelmente diga respeito ao primeiro domingo, mas poderia ser o segundo, ou mesmo na Galileia. (Entendo que tanto ‘os Doze’ como ‘os Onze’ eram termos técnicos dizendo respeito ao colégio apostólico.)

6) O próximo encontro que recebe registro se encontra em João 20.26-29, acontecendo no domingo seguinte, no mesmo cenáculo, a todos os ‘Onze’.

7) O café na praia (João 21.1-23) tem que ser a sétima aparição, porque o verso 14 declara: “Esta já foi a terceira vez que Jesus apareceu a Seus discípulos após ter sido ressurreto dentre os mortos.” Esta seria a primeira aparição na Galileia, seguindo as duas no cenáculo.

8) 1 Coríntios 15.6 diz que “Ele foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma vez”, e depois por Tiago, e finalmente por todos os apóstolos (verso 7). O ‘finalmente por todos os apóstolos’ deve dizer respeito à Ascensão. Os quinhentos talvez tenha sido em Mateus 28.16-20, mas o Texto só fala dos Onze, além de dizer que Jesus havia indicado o lugar (e provavelmente o tempo, também). A menção dos duvidosos presumivelmente quer dizer que tinha outras pessoas presentes, já que os Onze não teriam mais por que duvidar. Os meios-irmãos de Jesus bem que poderiam estar lá, além de outros (Lucas 24.33 menciona outros além dos apóstolos). Vou fazer de conta que os ‘500’ aconteceu mais tarde.

9) “Mais de quinhentos irmãos de uma vez”.

10) Tiago.

11) A Ascensão é registrada em Marcos 16.19, Lucas 24.50-51 e Atos 1.6-11. Marcos só registra o fato. Lucas dá poucos detalhes, mas fornece mais informação em Atos, que ele escreveu também.

12) Atos 1.3 diz, “aparecendo a eles durante quarenta dias”, e Atos 13.31 diz, “Ele foi visto durante muitos dias”, mas sem detalhes. Contudo, é razoável entender que aqueles quarenta dias não ficaram vazios, tendo havido outras aparições que não foram registradas – quer dizer, antes da Ascensão, já que realmente temos algumas depois.

13) Estevão – Atos 7.55-56.

14) Saulo de Tarso – Atos 26.13-18, 1 Coríntios 15.8.

15) Ananias – Atos 9.10-15.

16) Paulo, várias vezes – Atos 22.17-21, 23.11, etc.

17) João – Apocalipse 1.9-13, etc.

E o Soberano Jesus seguiu aparecendo a pessoas através dos tempos até esta nossa hora. Bem como Ele disse em Mateus 28.20, “Atenção, eu permaneço com vocês todos os dias, até o fim da era!” Sendo que esse ‘fim’ não chegou ainda, a promessa dEle continua em pé.

81) Uma harmonização dos relatos da crucificação

As passagens relevantes são: Mateus 27.31-56, Marcos 15.20-41, Lucas 23.26-49 e João 19.16-37.

1) Os soldados levaram Jesus para crucificá-lo, vestindo a própria roupa (Mateus 27.27-31, Marcos 15.20, João 19.16).

2) A caminho, eles obrigam Simão, homem cireneu, a carregar a cruz de Jesus, seguindo-o (Mateus 27.32, Marcos 15.21,¹ Lucas 23.26). Os soldados já tinham maltratado Jesus tanto que ele provavelmente estava enfraquecido, e mal conseguindo carregar a cruz, que era pesada.

3) Somente Lucas menciona a mensagem que Jesus deu às ‘filhas de Jerusalém’ (23.27-31), que passo a transcrever:

²⁷Uma grande multidão do povo O seguia, incluindo mulheres que choravam e O pranteavam. ²⁸Aí Jesus voltou-se para elas e disse: “Filhas de Jerusalém, não chorem por mim; chorem por vós mesmas e por vossos filhos. ²⁹Porque certamente virão dias em que se dirá, ‘Benditas as estéreis, sim, os ventres que não gestaram e os seios que não amamentaram!’² ³⁰Nesses dias começarão ‘a dizer às montanhas, “Caiam sobre nós!” e às colinas, “Cubram-nos!”³ ³¹Pois, se fazem estas coisas durante a ‘árvore verde’, que acontecerá durante a ‘seca?’”

Se Jesus ainda estivesse carregando a cruz, Ele não poderia ‘voltar-se’ (verso 28), razão pela qual coloquei a transferência da cruz primeiro.

4) Eles chegaram a *Gólgota*, vocábulo hebraico que significa ‘lugar de uma caveira’ (Mateus 27.33, Marcos 15.22, Lucas 23.33, João 19.17).

5) Os soldados ofereceram a Ele vinho azedo, misturado com mirra, para beber, mas após prová-lo, recusou-se a beber (Mateus 27.34, Marcos 15.23).⁴ Aquilo era um pequeno gesto humanitário – a mirra é um analgésico rude, e abafaria a dor. Mas Jesus a rejeitou, e com isso permaneceu plenamente alerta na cruz e sentiu tudo; a mirra teria diminuído o sofrimento.

6) Os soldados pregaram Jesus à cruz e a colocaram em pé. Depois de cuidar de Jesus, crucificaram também os dois criminosos, um de cada lado (Mateus 27.35, Marcos 15.24-25, Lucas 23.32-33, João 19.18). Marcos especifica que “foi a terceira hora quando O crucificaram”; ele usava tempo judeu, o que seria 09:00 horas. Quanto aos dois criminosos, Marcos acrescenta: Assim a Escritura se cumpriu que diz, “E Ele foi enumerado com transgressores”.⁵

7) João 19.19 afirma que a tábua trazendo o ‘crime’ de Jesus foi colocada na cruz, acima de Sua cabeça, e os soldados teriam feito isso enquanto a cruz ainda estava no chão. Quando a cruz foi colocada em pé, a tábua já estava afixada. Todos os quatro Evangelhos mencionam a ‘acusação’, mas cada um o faz de maneira um pouco diferente (Mateus 27.37, Marcos 15.26, Lucas 23.38, João 19.19-22). Juntando as peças, a declaração completa foi: ESTE É JESUS O

¹ Depois de carregar a cruz, Simão certamente permaneceu no local para ver o desfecho. Como consequência, é quase certo que ele se converteu, bem como os dois filhos dele.

² Para que judeus chegassem ao ponto de dizer uma coisa dessas, as coisas teriam de ficar muito difíceis.

³ Ver Oséias 10.8.

⁴ Em Mateus 27.34 lemos assim: “deram-lhe para beber vinho azedo misturado com fel”. Que Marcos utiliza um termo genérico, ‘vinho’, no lugar do mais preciso ‘vinho azedo’ (ou ‘vinagre de vinho’), não precisa nos deter. Mas qual foi a mistura? Marcos diz que foi mirra. Ora, fel é uma coisa, uma substância animal, e mirra é outra, uma substância vegetal; foi uma das duas, mas qual? Poderia Mateus ter sido influenciado por Salmo 69.21? “Também me deram fel dentro de minha comida, e para minha sede me deram vinagre para beber.” (Mateus escreveu para um público judeu, e parece ter citado profecia cumprida, sempre que podia.) Mais ‘ao caso’, talvez, é Atos 8.23, onde Pedro diz a Simão (o ex-feiticeiro), “pois eu vejo que você está dentro de um fel de amargura” (assim no Texto grego). Parece que ‘fel’ era utilizado como um termo genérico para qualquer substância amarga. Deduzo que Mateus, talvez influenciado por Salmo 69.21, utilizou o termo genérico. Com isso entendo que a exata substância utilizada foi mirra, como Marcos escreveu.

⁵ Ver Isaías 53.12. Em torno de 11% dos manuscritos gregos omitem o verso 28 por inteiro, razão pela qual algumas versões o colocam entre colchetes.

NATSOREANO,¹ O REI DOS JUDEUS, e estava em três idiomas: hebraico, grego e latim.² João acrescenta uma informação importante:

²⁰Ora, muitos judeus leram este letreiro, porque o local onde Jesus foi crucificado ficava perto da cidade; aliás, estava escrito em hebraico, grego e latim! ²¹Aí os principais sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos, “Não escreva, ‘O rei dos judeus’, mas que aquele disse, ‘Sou rei dos judeus’.” ²²Pilatos respondeu, “O que escrevi, escrevi!”

Os principais sacerdotes já tinham conseguido tudo quanto iriam conseguir, quanto a Pilatos, que não estava nada satisfeito. Ele estava fazendo uma declaração, mas também estava dando um pouco de ‘troco’. (Não sabemos quando os judeus viram a placa, nem quando essa conversa aconteceu. A tábua teria sido preparada antes de partirem para *Gólgota*. É até provável que os judeus tinham observadores acompanhando tudo.)

8) Os soldados tinham de permanecer no lugar para impedir qualquer tentativa de salvar as vítimas, e naturalmente não iriam ficar em pé – estariam ali durante muitas horas. Uma das coisas que fizeram foi dividir as roupas de Jesus (Mateus 27.35-36, Marcos 15.24, Lucas 23.34, João 19.23-24). João oferece detalhe interessante, o que passo a transcrever:

²³Ora, quando os soldados tinham crucificado Jesus, tomaram as roupas dEle e as dividiram em quatro partes, uma parte para cada soldado.³ Tomaram também a túnica, mas ela era sem costura, tecida numa única peça, de alto a baixo. ²⁴Aí disseram uns aos outros, “Não a rasguemos, mas lancemos sortes por ela, para ver de quem será”, para que se cumprisse a Escritura que diz: “Dividiram as minhas roupas entre si, e por minha veste lançaram sorte”. Foi por isso que os soldados fizeram essas coisas.

A referência é a Salmo 22.18. Parece que João está afirmando causa e efeito entre a Escritura e o que aconteceu. O centurião poderia ter reivindicado a túnica, ou como queira, mas o lançar sorte havia sido profetizado. Lucas 23.34 merece menção especial: “Então Jesus disse, ‘Pai, perdoa-os, porque não sabem o que estão fazendo’;⁴ enquanto eles estavam dividindo Suas roupas, lançando sorte.” Somente Lucas registra este dizer importante do Senhor Jesus; entendo que a gramática grega neste lugar indica que Jesus falou isso enquanto os soldados estavam dividindo Suas roupas. Entendo que Jesus estava se referindo precisamente àqueles soldados; eles estavam simplesmente obedecendo ordens, e não tinham responsabilidade pessoal pelo que estava acontecendo.

9) Apenas três dos Evangelhos mencionam a zombaria dos espectadores (Mateus 27.38-44, Marcos 15.29-32, Lucas 23.35-37). Os relatos separam os espectadores dos líderes religiosos, que fizeram a maior parte, mas os soldados e os dois criminosos também recebem menção. Os líderes religiosos eram os mais perversos: “Ele salvou a outros; a si mesmo não pode salvar!”⁵ “Se ele é ‘Rei de Israel’, que desça da cruz agora e creemos nele!”⁶ “Ele confiou em Deus; que Ele o resgate agora, se Ele o quer; pois ele disse, ‘Sou filho de Deus!’” Contudo, eles provavelmente estavam demonizados.

¹ O fato de Pilatos colocar “**o** Natsoreano” (*não* Natsareno [Nazareno]) significa que ele tinha pesquisado Jesus. A referência é a Isaías 11.1; Jesus era o Renovo de Davi, o Messias. Pilatos estava fazendo uma declaração. Para uma explicação sobre ‘Natsoreano’, favor de ver o item “O Natsoreano”, 57) acima.

² Para colocar tudo isso em três idiomas requereria uma tábua de algum tamanho. Mas por que será que Pilatos utilizou três idiomas? Uma teria sido suficiente (era costume colocar o crime acima do condenado). Entendo que Pilatos **não** estava satisfeito, tendo sido contornado pelos judeus; e quero acreditar que ele pessoalmente estava convencido de que Jesus era um rei. Ao colocar ‘este é o rei dos judeus’, ele estava fazendo uma afirmação, uma que praticamente qualquer pessoa alfabetizada poderia ler, dado os três idiomas.

³ Isso provavelmente significa que Jesus ficou sem nada; mais uma humilhação.

⁴ O texto eclético ora em voga (segundo menos que 1% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior), coloca entre colchetes duplos a primeira metade do verso 34: então Jesus disse, “Pai, perdoa-os, porque não sabem os que estão fazendo”. Dessa forma os editores estão negando que Lucas tenha escrito isso, certamente um procedimento perverso.

⁵ Aquilo era a pura verdade, mas não no sentido que eles pretendiam. Para salvar a nós, ele não podia salvar-se a si mesmo.

⁶ Aquilo foi uma mentira; eles bem sabiam que Jesus era o Messias, mas tinham O rejeitado, deliberadamente. Contudo, se Jesus tivesse descido da cruz (o que tinha o poder para fazer, presumivelmente), nós estaríamos sem esperança. Aquela gente estava sendo satanicamente perversa, mas Jesus tinha compromisso total com a vontade do Pai, e com isso o programa da redenção não sofreu solução.

10) Os criminosos exigem atenção especial. Mateus escreve: “Até mesmo os bandidos que foram crucificados com Ele O insultaram da mesma forma”, e Marcos diz coisa parecida. Mas Lucas acrescenta um item importante:

³⁹Um dos criminosos ali pendurados começou a insultá-lo dizendo, “Se tu és o Cristo, salve-se a si mesmo e a nós!” ⁴⁰Mas o outro reagiu e o repreendeu dizendo: “Não temes nem a Deus, já que estás sob a mesma condenação? ⁴¹E nós de fato com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem; mas este homem não praticou mal nenhum.” ⁴²Então ele disse a Jesus, “Senhor,¹ lembra-te de mim quando vieres no teu reino”.² ⁴³Aí Jesus disse a ele, “Deveras te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.³

Parece que ambos começaram por insultá-lo, mas depois um deles se arrependeu – eles estavam na cruz umas três horas antes da escuridão sobrenatural, de sorte que houve tempo para observar Jesus, o que levou um deles a mudar de ideia.

11) Somente João registra Jesus cuidando da mãe:

²⁵Ora, perto da cruz de Jesus estavam Sua mãe e a irmã dela, Maria de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Então Jesus, vendo Sua mãe, e o discípulo a quem Ele amava em pé ao lado, Ele disse a Sua mãe, “Mulher, eis o teu filho!” ²⁷A seguir Ele disse ao discípulo, “Eis a tua mãe!” e a partir daquela hora o discípulo a recebeu em seu lar.

Notar que Jesus ainda estava perfeitamente lúcido. Enquanto o primeiro filho de Maria, Ele era responsável pelo bem-estar dela (entendemos que José já havia morrido), e portanto Ele transferiu essa responsabilidade ao apóstolo João (o autor deste Evangelho); e ele a aceitou.

12) Apenas três dos Evangelhos mencionam as três horas de escuridão sobrenatural (Mateus 27.45, Marcos 15.33, Lucas 23.44-45). O dizer de Mateus nos serve: “Ora, veio uma escuridão sobre toda a terra desde a sexta hora [12:00] até a nona [15:00].” Mateus utiliza tempo judeu, que significa que ficou escuro entre meio dia e três da tarde. A escuridão não poderia ter sido um eclipse solar, como alguns ignorantes já sustentaram. A Páscoa sempre ocorre na lua cheia, e um eclipse solar só pode acontecer com lua nova. Ademais, até mesmo um eclipse total dura apenas alguns minutos, não três horas. Para que a escuridão? Creio que o Pai estava protegendo o Filho, para que ninguém pudesse observar a angústia dEle enquanto Ele “foi feito pecado por nós” (2 Coríntios 5.21).⁴

13) Às 15:00 horas, quando a escuridão foi removida, Jesus deu um brado de angústia muito forte: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”⁵ Entendo que o Pai virou as costas para o Filho durante aquelas três horas – ficar separado do Pai representa morte espiritual. Para que Jesus pagasse por meus pecados, e os teus, ele tinha de tomar nosso salário: “O salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23) – tanto física como espiritual. O texto hebraico de Isaías 53.9 fala de Suas mortes, utilizando um plural intensivo.

14) Aquele brado ocasionou uma situação curiosa (Mateus 27.47-49, Marcos 15.35-46). Comparando os dois relatos, parece existir uma discrepância. Em Mateus 27.48-49 lemos assim: “Em seguida um deles correu e pegou uma esponja, embebeu-a em vinho azedo, colocou-a numa cana, e começou a dar-lhe de beber. Mas os outros disseram: ‘Pare! Vejamos se Elias vem salva-lo.’ Um só homem oferece a bebida, mas os outros dizem, ‘Pare!...’ E em Marcos 15.36 lemos: “Então alguém correu e embebeu uma esponja em vinho azedo, colocou-a numa cana, e a ofereceu a Ele para beber, dizendo, ‘Parem vocês!...’ Um só homem oferece a bebida, e ele diz, ‘Parem vocês!...’ Não viria me surpreender se o homem aqui foi o próprio

¹ Em vez de “a Jesus, ‘Senhor, lembra-te de mim’”, talvez 3% dos manuscritos gregos trazem ‘Jesus, lembra-te de mim’ (como em NVI, LH, ARA, Cont, etc.), o que enfraquece o dizer do homem, bastante.

² Esse dizer me impressiona: o homem estava declarando que Jesus era o Messias, e que certamente iria inaugurar o Seu Reino. Transparece que o homem conhecia sua Bíblia, e seu pedido foi atendido!

³ Para que Jesus dissesse ‘hoje’, Ele sabia que o homem morreria antes do pôr do sol, o que significa que Ele também sabia que o homem teria as pernas quebradas – caso contrário, o homem teria aguentado noite adentro, o que teria sido ‘amanhã’. “Paraíso” aqui diz respeito à metade de *Hades* (*Sheol* no A.T.) reservada para os justos. *Hades* é a ‘sala de espera’ onde os espíritos dos finados aguardam o juízo final. Em Lucas 16.22 leva o nome de “seio de Abraão”.

⁴ Foi também uma misericórdia para com a mãe e os amigos íntimos que ali estavam – como suportar o mero contemplar de tamanho sofrimento?

⁵ Ver salmo 22.1.

João Marcos. Mas quem quer que fosse, se ele conhecia hebraico ele sabia perfeitamente bem que Jesus não chamou Elias; foi por isso que ele disse “Parem vocês!” e repetiu o resto do dizer dos outros de forma sarcástica, com desgosto. Então, Mateus e Marcos registram partes diferentes da totalidade do incidente. Nego qualquer discrepância. Contudo, parece que o homem desistiu, antes que Jesus bebesse, pois daí a pouco Jesus disse, “Tenho sede” (João 19.28).

15) O brado da vitória é registrado em todos os quatro Evangelhos (Mateus 27.50-52, Marcos 15.37-38, Lucas 23.46, João 19.28-30), mas apresentam uma variedade de detalhes. Começo com João:

²⁸Depois disso, sabendo Jesus que tudo já se havia realizado para que se cumprisse a Escritura, Ele disse, “Tenho sede!” ²⁹Ora, havia ali uma vasilha cheia de vinagre; então eles encheram uma esponja com vinagre, a colocaram num hissopo e a levaram até a Sua boca. ³⁰Então, após ter recebido¹ o vinagre, Jesus disse, “Quitado!” E inclinando a cabeça, Ele despediu o Seu espírito.²

Mateus, Marcos e Lucas todos afirmam que Jesus deu um tremendo brado, mas sem dar o conteúdo. Entendo que João fornece essa informação, embora não diga que foi um brado. “Τεταλεισται!” – é o que se escrevia em faturas, contas e notas promissórias quando quitadas; hoje em dia usa-se um carimbo, ‘Pago’. Quando algum dizer é gritado, os sons individuais podem sair um pouco alterados, mas João estava bem ali e poderia ler os lábios, se preciso. Foi um brado de vitória: “Conseguimos!”, “Terminado!”, “Quitado!”³

Contudo, após aquele brado, Jesus fez mais uma coisa, conforme registrado por Lucas: “Então, após dar um tremendo brado, Jesus disse, ‘Pai, é nas Tuas mãos que vou entregar meu espírito’. E tendo dito isto, Ele exalou Seu espírito.” Jesus tinha autoridade para despedir o Seu espírito, mas esse dizer significa que Ele estava em contato com o Pai outra vez; representa também uma declaração de confiança no Pai, apesar do terrível sofrimento que acabava de passar. Mateus, Marcos e Lucas registram que naquele momento “o véu do templo foi rasgado em dois, de alto a baixo!” O próprio Pai rasgou o véu (ou mandou fazer); foi a Sua declaração de que o **Preço** havia sido mesmo quitado! Acesso à presença de Deus não mais se limitava a um homem uma vez por ano. Ver Hebreus 10.19-22.

Somente Mateus registra que: “E a terra foi sacudida, e as rochas foram partidas, e os sepulcros foram abertos. (E muitos corpos, dos santos que haviam dormido, foram ressuscitados; e saindo dos sepulcros depois da Sua ressurreição, eles entraram na cidade santa e apareceram a muitos.⁴)” O terremoto foi uma confirmação a mais de que algo sobrenatural estava acontecendo; até mesmo o centurião (homem endurecido) foi convencido.

16) Uma variedade de reações recebeu registro: “E todos da multidão que tinham se congregado pelo espetáculo, ao verem o que realmente aconteceu, foram embora batendo no peito” – bater no peito era uma expressão cultural de tristeza e angústia. Um certo número de Seus seguidores estavam observando de longe. Mas o centurião requer atenção especial. Mateus escreve: “Ora, quando o centurião e os que com ele vigiavam Jesus viram o terremoto e tudo o que tinha acontecido, ficaram aterrorizados e disseram, ‘Deveras este era o Filho de

¹ O uso do verbo ‘receber’ parece significar que Ele de fato engoliu um pouco. Como vinho azedo não era usado durante a Páscoa, isso não discorda da palavra do Senhor no cenáculo (Mateus 26.29) que não beberia “deste produto da videira”. Os quatro evangelhos mencionam o vinho azedo. Teria um pote cheio disso, pois os soldados teriam de ficar ali durante muitas horas, e era isso que eles bebiam. O gesto mencionado em Lucas 23.36 aconteceu antes da escuridão; os outros três registros aconteceram depois dela. O gesto registrado em Mateus 27.48 e Marcos 15.36 seguiu ao brado, “Deus meu, Deus meu,...” O registrado em João 19.29-30 seguiu o dizer, “Tenho sede”. Parece-me possível que houve um intervalo entre o brado e o dizer – após o brado, ele pode ter ficado em silêncio enquanto procurava reaver o contato com o Pai. Pode ser que o vinho azedo ‘molhou a garganta’ para que pudesse soltar o brado da vitória.

² É isso mesmo – não foi a cruz que matou Jesus, Ele meramente despediu Seu espírito. Em João 10.17-18 Ele foi claro e enfático: ninguém podia tirar a vida dEle, mas Ele podia deitá-la.

³ Ó glória a Deus!

⁴ Que tal? Você gostaria de ter um santo finado bater na sua porta? Seria uma forte evidência confirmatória para a ressurreição de Cristo. O Texto não diz o que aconteceu com aqueles santos ressurretos, mas terem sido mandados de volta para a cova seria triste demais. Parece-me mais provável que tenham acompanhado o Cristo ressurreto para o Céu.

Deus!”¹ E Marcos escreve: “Quando o centurião, que estava defronte dEle, viu que Ele exalou o espírito após dar tamanho brado,² ele disse, “Deveras este homem era Filho de Deus!”

Qualquer centurião seria um soldado endurecido, que teria presenciado muitas crucificações. Ele sabia que uma cruz mata por asfixia. Ficar pendurado pelas mãos, com os braços esticados, empurra o diafragma contra os pulmões, e a pessoa não consegue respirar. O pregar dos pés era um procedimento sádico para prolongar a agonia – mesmo doendo, a vítima iria se levantar, empurrando contra o prego, para poder ofegar, até não ter mais força para fazê-lo. Quebrar as pernas acabaria com essa possibilidade, e a vítima morreria dentro de poucos minutos, asfixiado. (Foi por isso que quebraram as pernas dos dois bandidos; com isso morreram dentro de poucos minutos.) Alguém que está morrendo asfixiado não pode dar brado. Sendo que Jesus deu um grande brado, mas morreu em seguida, o centurião sabia, sem sombra de dúvida, que não foi a cruz que matou Jesus. (Mais tarde, quando José pediu o corpo, Pilatos ficou surpreso que Jesus já estaria morto.) Mas quem pode, a seu bel prazer, mandar o espírito embora? Somando dois a dois, o centurião chegou à conclusão de que Jesus era um ser sobrenatural. Certo e justo!

17) Somente João oferece a informação que segue:

³¹Depois, por ser o Dia da Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz no dia de sábado (pois era grande aquele dia de sábado), os judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas das vítimas e que os corpos fossem retirados. ³²Então vieram soldados e quebraram as pernas dos que tinham sido crucificados com Jesus, primeiro de um, depois do outro. ³³Mas quando chegaram a Jesus, não quebraram as Suas pernas, vendo que Ele já tinha morrido. ³⁴Mas um dos soldados perfurou o Seu lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. ³⁵Aquele que o viu já testemunhou, e seu testemunho é verdadeiro (sim, ele sabe que está dizendo a verdade), para que vocês possam crer. ³⁶Pois tais coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: “Nenhum dos seus ossos será quebrado”.³ ³⁷E também outra Escritura que diz: “Olharão para aquele que traspassaram”.⁴

João, o autor deste Evangelho, estava bem ali, de sorte que ele podia ver com clareza o que saiu do lado de Jesus – que o sangue já tinha separado era sinal claro de morte física.⁵

82) Uma harmonização dos relatos da Ressurreição

Uma seqüência por alto dentro dos relatos paralelos

Mateus 27.62 - 28.1;
Marcos 16.1-3 // Lucas 24.1;
Mateus 28.2-4;
João 20.1-10;
Mateus 28.5-8 // Marcos 16.4-8 // Lucas 24.2-8;
Marcos 16.9 // João 20.11-18;
Mateus 28.9-15;
Lucas 24.13-35;
Lucas 24.36-43 // João 20.19-31.

A seqüência presumida dos acontecimentos

Os oponentes de uma Bíblia com autoridade objetiva há muito afirmam que existem discrepâncias insuperáveis entre os quatro relatos evangélicos. Meu objetivo aqui é demonstrar que não há discrepâncias.

¹ “Tudo o que tinha acontecido” é explicado melhor em Marcos 15.39 – o forte brado, seguido imediatamente por morte, convenceu o centurião.

² Um punhado miserável (0.4%) dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, omitem “após dar tamanho brado” (seguidos por LH e ARA).

³ Ver Êxodo 12.46, Números 9.12 e Salmo 34.20.

⁴ Ver Zacarias 12.10.

⁵ De fato, não precisamos saber exatamente como a separação do sangue aconteceu, quer por processo natural, quer por intervenção sobrenatural; mas em qualquer caso, João é enfático quanto ao que ele viu.

0. [Sábado – os guardas selam a pedra e se põem a vigiar (Mateus 27.62-66).] Isso fornece um pano de fundo necessário.

1. Jesus ressuscita dentre os mortos. Nenhum dos Evangelistas menciona o momento da ressurreição; provavelmente porque essa informação nunca foi revelada. O fato é tido como dado (“o primogênito dentre os mortos” – Colossenses 1.18, Apocalipse 1.5; as “primícias” – 1 Coríntios 15.20,23).

2. Cedo de manhã, domingo, as mulheres se dirigem ao túmulo – a Madalena (João 20.1); Madalena e Maria (Mateus 28.1); Madalena, Maria e Salomé (Marcos 16.1-2); Madalena, Maria, Joana e outras (Lucas 23.55 – 24.1,10). Os relatos dizem que foi muito cedo, começando a amanhecer, ainda escuro, mas até chegarem ao túmulo o sol já tinha aparecido. Não há discrepância: aquele jardim fica no lado oeste de uma montanha, e por tanto o túmulo estaria em sombra, além da sombra das árvores. Elas saíram de casa quando ainda era meio escuro, mas ao chegarem já era dia no vale – a área do túmulo ainda estaria um pouco escuro.

3. A caminho falam da pedra, “Quem removerá para nós a pedra da porta do sepulcro?”, porque era muito grande (Marcos 16.3).

4. Antes que elas cheguem, um anjo remove a pedra, acompanhado de terremoto, etc. (Mateus 28.2-4). A remoção da pedra não foi para deixar Jesus sair; foi para deixar testemunhas entrar! Se dispuséssemos apenas do relato de Mateus, poderíamos pensar que as mulheres viram o anjo com brilho fora do sepulcro, mas uma comparação com os outros relatos nos leva a outra conclusão. Mas então, como sabemos desses detalhes? Mateus 28.11 diz que ‘alguns’ da guarda foram aos sacerdotes, e aceitaram dinheiro (bastante) para espalhar relato falso, mas e os outros guardas? Não duvido que alguns deles se converteram, genuinamente, e eles deram testemunha ocular à comunidade cristã.

5. Elas chegam e veem que a pedra foi removida, mas o anjo não está mais do lado de fora, visível (Marcos 16.4, Lucas 24.2, João 20.1). Se o anjo ainda tivesse sido visível, Madalena não teria saído correndo, pois não teria pensado que o corpo havia sido roubado. A hipótese de que ela teria vindo uma vez sozinha, antes das outras, é muito pouco provável (ver o item que segue).

6. Madalena se manda para informar Pedro – Pedro e João correm ao túmulo para ver (João 20.2-3). O fato dela ter utilizado o verbo no plural ‘sabemos’, verso 2, mostra que ela não foi sozinha ao túmulo.

7. Antes de Pedro e João chegarem, as outras mulheres entram no túmulo, e veem e ouvem os anjos (Lucas 24.3-8, Marcos 16.5-7, Mateus 28.5-7). Entendo que Mateus e Marcos são paralelos, aqui, descrevendo o mesmo acontecimento: o anjo que removeu a pedra agora está dentro do sepulcro, sentado ao lado direito; havia desligado seu brilho e parece ser um jovem, vestido em branco; cada relato fornece alguns detalhes diferentes da fala do anjo – Marcos inclui ‘e Pedro’ [estaria Pedro ao lado enquanto escrevia?]. As mulheres não estavam satisfeitas, e o ‘jovem’ bem que poderia ter falado mais do que Mateus e Marcos registram. Entendo que Lucas fornece uma segunda rodada: está sendo difícil às mulheres assimilar a falta do corpo (vieram carregando especiarias para cuidar desse corpo – foi em vão seu esforço?); aí o anjo chama um colega e ambos ligam o brilho, produzindo efeito de choque; então citam as palavras do próprio Jesus, que elas lembraram, e com isso se dão por satisfeitas e vão embora.

8. Elas saem do túmulo com medo, e não dizem nada aos guardas ou a quem mais encontrarem (Marcos 16.8, Mateus 28.8^a).

9. Provavelmente logo após a saída das mulheres, e antes da chegada de Pedro e João, os guardas se mandam (Mateus 28.11-15).

10. Pedro e João chegam e voltam [a suas casas] (João 20.4-10; ver Lucas 24.12, que é um aparte histórico). Verso 8 diz que João (o autor) “viu e creu”. Que foi que João ‘viu’ que levou ele a ‘crer’? Viu as tiras de linho ‘deitadas’, isto é, na forma do corpo, só que não havia corpo! Se alguém tivesse roubado o corpo, como Madalena supunha, teriam levado o embrulho inteiro (mais fácil de carregar) e aí não teria tiras de linho no chão. Se alguém tivesse desembrulhado o corpo, por qualquer motivo, haveria um montão de tiras de linho misturadas com as especiarias (quanto pano seria necessário para segurar 45 quilos de especiarias?). Não,

Jesus meramente passou pelo pano, como mais tarde passaria pela parede do cenáculo, deixando o embrulho como se fosse uma múmia, ou um casulo vazio. Quando João viu aquilo, entendeu que a única explicação possível era ressurreição.

11. Madalena volta ao sepulcro, mas chega lá após a saída de todos (é por isso que imaginou que Jesus fosse o jardineiro); Jesus aparece a ela primeiro (Marcos 16.9, João 20.11-17). Quando os discípulos saíram correndo, naturalmente Madalena os seguiu de volta ao túmulo. Mas estava sem fôlego, não podendo acompanhar o pique (pensando bem, naquela cultura mulher teria poucas ocasiões para correr, e portanto estaria bem cansada, mas nem por isso iria ficar de lado). Talvez tenha chegado (de volta) quando eles estavam saindo, se não havia encontrado já no caminho. No verso 12 João diz que ela viu dois ‘anjos’. Mas como poderia João saber que eram anjos? Ele acabava de sair, e bem sabia que não havia ser humano (presumo que os guardas já estavam longe quando os dois chegaram). Os anjos estavam em branco, mas provavelmente sem brilho, ou isso teria sacudido ela, quebrando o desespero. Ela estava tão controlada pelo desespero que nem o ‘casulo’ vazio a fez parar e refletir.

12. Então Jesus aparece às outras mulheres, e elas seguem para informar os discípulos (Mateus 28.9-10, Lucas 24.9-11). Seria razoável perguntar: Como disporia Madalena de tempo suficiente para ir e voltar e Jesus aparecer a ela primeiro e ainda ter tempo para aparecer às outras mulheres antes que chegassem aos discípulos; ainda mais porque Mateus 28.8 diz que elas saíram ‘depressa’ e ‘correndo’? Ofereço as considerações que seguem para aliviar a dificuldade percebida: 1) A Jerusalém daquele tempo era pequena e as distâncias curtas (‘ficava perto’, João 19.42) – provavelmente não passava de um quilometro entre o túmulo e a casa de Pedro, bem como as casas onde os outros estavam; 2) as mulheres provavelmente demoraram para entrar no sepulcro – os guardas parecendo mortos, escuro, assustadido (é cemitério), tudo estranho, Madalena a impulsiva não está; estariam desconfiadas – Madalena bem que poderia estar quase chegando na casa de Pedro quando finalmente criaram a coragem de entrar no sepulcro; 3) tanto Madalena, como Pedro e João, estavam excitados e com bastante adrenalina – não demorou tanto; 4) as mulheres saíram correndo do sepulcro e do jardim, mas não necessariamente o percurso inteiro – uma vez fora do jardim e em terreno ‘seguro’ provavelmente diminuíram a marcha, ou até pararam, para se recompor e discutir o ocorrido (Maria, mãe de Tiago, não era mais mulher nova, e ninguém tinha costume de correr, para nem comentar o tipo de roupa que usavam). Somando tudo, não vejo motivo para duvidar do Texto: tudo ocorreu exatamente como diz.

13. Madalena vai e informa os discípulos (Marcos 16.10-11, João 20.18).

14. Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aparece a Pedro (ver Lucas 24.34). Não vejo como estabelecer a seqüência correta dos itens 14 e 15; poderia ter sido o contrário. Depois, durante o domingo da Ressurreição (não sabemos a hora) muitos santos ressurretos “entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (Mateus 27.53), o que seria uma confirmação dramática para os que receberam essa visita.

15. O episódio Emaús (Lucas 24.13-35, Marcos 16.12-13). Uns e outros têm alegado existir uma discrepância entre os dois relatos – o equívoco é ligar ambos aos ‘onze’, o que não foi o caso. Outras pessoas também estavam no cenáculo, além dos onze. Os onze estavam reclinados à mesa; já os ‘outros’ estariam mais perto da porta. Os dois de Emaús entram com ímpeto, animados e talvez se sentindo importantes, falando de seu encontro com Jesus; são os ‘outros’, talvez querendo ‘tirar um pouco de vento de sua vela’, que dizem, “Pois não, pois não, já sabemos; Ele apareceu a Simão”. (A natureza humana não mudou, e eles ainda não tinham o Espírito Santo.) Enquanto os dois de Emaús estão falando com os ‘outros’, não com os onze, o próprio Jesus aparece e interage com os onze (e eles ainda acham que é ‘fantasma’!). Marcos, escrevendo para romanos, está enfatizando que os discípulos não eram crédulos, não ‘creram’ só porque queriam – no verso 11 eles não acreditam na Madalena, no verso 13 nem nos dois, e no verso 14 Jesus reprova sua incredulidade. Não há nada aqui que impugne a genuinidade destes versos – certamente Marcos os escreveu ao mesmo tempo em que escreveu o resto. Segundo Mateus 28.17, muitos dias mais tarde alguns ainda estavam duvidando. Em qualquer grupo de pessoas sempre a níveis diferentes de fé e incredulidade. As cabeças funcionam de formas diferentes, e em ritmos diferentes.

16. Jesus aparece aos ‘onze’, Tomé ausente (Lucas 24.36-48, Marcos 16.14-18, João 20.19-23).

17. Após a saída de Jesus, Tomé chega (João 20.24-25).

Conclusão

Resumindo, não vejo motivo para duvidar: tudo aconteceu exatamente como o Texto descreve. Não existem discrepâncias, apesar da variedade de detalhes fornecida por várias testemunhas oculares (incluindo guardas convertidos) e registrada por quatro Evangelistas diferentes. É o que deveríamos esperar de um Texto inspirado – inspirado e preservado, até hoje.

83) Uma harmonização dos relatos do sepultamento

As passagens relevantes são: Mateus 27.57-61, Marcos 15.42-47, Lucas 23.50-56 e João 19.38-42.

1) José de Arimatéia era um homem importante na cidade. Ele era ‘rico’ (Mateus 27.57) e um membro destacado do Sinédrio (Marcos 15.43). Qualquer governador que se prezasse faria por aonde ter conhecimento de todas as pessoas importantes dentro da área de sua jurisdição, de sorte que Pilatos certamente sabia quem era José, mesmo que não o conhecesse pessoalmente – parece que José conseguiu audiência com ele sem dificuldade. José era um homem ‘bom e justo’ (Lucas 23.50) que ‘também tinha se tornado discípulo de Jesus’ (Mateus 27.57), mas que não tinha se declarado abertamente, ‘por medo dos judeus’ (João 19.38).

Ele tinha aguardado a vez. Assim como o dono do jumentinho e o dono do cenáculo, que certamente receberam aviso prévio quanto ao papel que lhes cabia, José também tinha sido preparado. Não foi ‘por acaso’ que ele tinha um sepulcro ‘sobrando’, completo com uma grande pedra, boa para ser selada. Sendo que ele tinha condições financeiras, ele tinha comprado o lote que Deus lhe indicou e tinha mandado cavar um sepulcro na rocha sedimentária (Mateus 27.59, Marcos 15.46, Lucas 23.53). Segundo Isaías 53.9, o Servo de Jeová havia de ter um túmulo de rico, e não o que um criminoso qualquer receberia (o Pai não permitiu que o corpo do Filho sofresse tal humilhação, mas as provas da ressurreição também estavam em jogo).

2) Nicodemos era um fariseu e ‘um príncipe dos judeus’ (João 3.1), aquele que ‘veio a Jesus de noite’ (João 19.39). Já que ele deu início a sua entrevista afirmando que Jesus era ‘um mestre vindo de Deus’ (João 3.2), ele certamente se tornou um discípulo. Sendo que ele defendeu Jesus abertamente (João 7.50-51), a sua tendência era bem conhecida, presumivelmente. Ele também tinha sido preparado para auxiliar José com o sepultamento. Ele comprou ‘um composto de mirra e aloés, quase cem libras’ (João 19.39), o que representava um investimento de algum tamanho, e o colocou dentro do túmulo a tempo de ajudar José com o corpo. Embora o Texto não o diga, é bem provável que tenha sido ele que providenciou também as tiras de linho para embrulhar o corpo. Obviamente todos os preparativos tinham de estar prontos antes do momento do sepultamento.

3) No momento certo, José ‘foi corajosamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus’ (Marcos 15.43). Como já dissemos, aparentemente ele conseguiu audiência sem dificuldade. “Pilatos ficou surpreso ao ouvir que Ele já tinha morrido; e chamando o centurião perguntou-lhe quando Ele tinha morrido” (Marcos 15.44). Assim que Jesus morreu, o centurião provavelmente deixou o lugar, voltando ao quartel-geral (deve ter recebido instrução específica sobre Jesus). Deve ter se sentido na obrigação de colocar Pilatos a par dos acontecimentos inusitados, mas parece que José chegou primeiro, mas por pouco (se o centurião tivesse chegado primeiro, ele já estaria com Pilatos dando relatório, quando José chegou). Ora, José estava ‘armado’, observando de longe, e assim que Jesus despediu o espírito, José se dirigiu a Pilatos. “Tendo se certificado pelo centurião, deu o corpo a José” (Marcos 15.45).

4) Então José e Nicodemos se encontraram na cruz e removeram o corpo. José tinha comprado um lençol de linho, o que os dois utilizaram para transportar o corpo até o túmulo (Mateus 27.59-60, Marcos 15.46, Lucas 23.53, João 19.39). É óbvio que o túmulo havia sido preparado de antemão, como já dissemos. Mateus e João dizem que era ‘novo’, enquanto

Lucas e João acrescentam que nunca havia sido usado (Mateus 27.60, Lucas 23.53, João 19.41). João acrescenta que ficava num jardim perto de Gólgota.

5) Uma vez dentro do sepulcro, eles prepararam o corpo para sepultamento. “Então tomaram o corpo de Jesus e o envolveram em tiras de linho com as especiarias, segundo o costume dos judeus” (João 19.40). Ora, quantas tiras de linho seriam necessárias para segurar 45 quilos de especiarias? O resultado pareceria com um casulo (ou uma múmia), exceto que não incluiu a cabeça, que foi coberta com um lenço (João 20.7).

6) Quando terminaram a tarefa, eles “rolaram uma grande pedra sobre a entrada do sepulcro e se retiraram” (Mateus 27.60, Marcos 15.46). Se a rolaram, era na forma de roda; teria um sulco com ligeira inclinação, para que José e Nicodemos pudessem rolar para baixo sem dificuldade, mas chegando no lugar, parou. Mas levaria vários homens para fazer rolar inclinação acima, pois a pedra ‘era muito grande’ (Marcos 16.4).

7) Maria Madalena e Maria, mãe de José, seguiram, viram onde o corpo foi levado, e ficaram sentadas em frente ao túmulo (Mateus 27.61, Marcos 15.47, Lucas 23.55). Quer dizer, viram o lugar onde o corpo foi levado, mas obviamente não olharam para dentro do túmulo – lá dentro tinha 45 quilos de especiarias, com tiras de linho em número suficiente para embrulhar as especiarias. Lucas 23.56 deixa isto claro, “voltando elas, prepararam especiarias e perfumes; e no sábado descansaram, conforme o mandamento”. Parece claro que elas não sabiam que os homens já tinham feito tudo.

8) Embora subsequente ao sepultamento em si, o vigiar do túmulo é importante; é relatado em Mateus 27.62-66.

No dia seguinte, o dia depois da Preparação, os principais sacerdotes e os fariseus foram juntos a Pilatos ⁶³dizendo: “Senhor, lembramos que aquele enganador, enquanto ainda vivia, disse, ‘Depois de três dias ressuscitarei’. ⁶⁴Ordene, pois, que o sepulcro seja guardado até o terceiro dia, para que seus discípulos não venham de noite e o furem, e digam ao povo que ele foi ressuscitado dentre os mortos; e o último engano será pior do que o primeiro.” ⁶⁵Mas Pilatos lhes disse, “Vocês têm uma guarda; podem ir e guardá-lo como melhor lhes parecer”. ⁶⁶Aí eles foram e seguraram o túmulo com a guarda, após terem selado a pedra.

Pilatos estava feliz? Certamente que não! E talvez, quem sabe, ele não era tão estúpido como alguém poderia querer imaginar. A partir de Marcos 15.44-45 sabemos que ele pediu relatório explicativo ao centurião, que tinha que explicar por que Jesus morreu tão cedo! “Podem ir e guardá-lo como melhor lhes parecer.” Pois não! Ironicamente, aqueles grandes campeões do Sábado foram obrigados a violar o sábado para segurarem o sepulcro. Eles achavam que estavam sendo expertos, mas meramente colaboraram com Deus. A iniciativa deles tão somente tornou as evidências a favor da ressurreição ainda mais fortes. Pense um pouco: quem removeu a pedra? (A pedra foi selada com o selo do império.) Os guardas não iriam tocar numa pedra levando o selo de Roma; mesmo porque não teriam motivo para fazê-lo. As mulheres não teriam a força física necessária para fazê-lo. Pois então, quem removeu a pedra?

84) Uma harmonização dos relatos da ‘tentação’

A ‘tentação’ de Jesus recebe menção em três dos Evangelhos, sendo que a de Marcos é bem curta (1.12-13); ele diz que o Espírito ‘impeliu’ Jesus para o ermo, ao passo que os outros dois colocam ‘conduziu’; outrossim, só ele menciona os animais. Mateus e Lucas fornecem relatos mais detalhados, com algumas discrepâncias, o que nos conduz a esta análise.

Mateus diz, “ermo adentro para ser testado pelo diabo”, ao passo que Lucas diz, “ermo adentro, sendo testado durante quarenta dias pelo diabo”. Não temos registro do que Satanás fez durante os quarenta dias. O que é registrado, sim, é o que aconteceu no fim. Ambos Mateus e Lucas concordam que Jesus nada comeu durante os 40 dias, que no término Ele estava com fome, e que foi aí que Satanás se apresentou. Ambos registram as mesmas três provas, mas com seqüência diferente, e é essa diferença que pede atenção especial. As descrições das provas não são idênticas, mas podem ser harmonizadas sem dificuldade. Terminando, Mateus diz, “Então o diabo O deixa, e aí chegaram anjos e começaram a servi-lo”. (Marcos

também menciona os anjos.) Já Lucas diz, “Havendo terminado cada prova, o diabo se afastou dEle até um momento oportuno”. As duas declarações se complementam.

Agora vejamos as três provas. Ambos começam com ‘pão’, mas Mateus diz ‘estas pedras’, ao passo que Lucas diz ‘esta pedra’. Entendo que ambos estão corretos. Satanás começou com ‘estas pedras’ e então escolheu uma que parecia um pão e disse ‘esta pedra’. Ambos têm Jesus respondendo com Deuteronômio 8.3. (Lamentavelmente, em Lucas 4.4, menos que 0,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, omitem “mas de toda a palavra de Deus”, seguidos por NVI, LH, ARA, etc.)

Para a segunda prova, Mateus tem o templo, ao passo que Lucas tem o monte alto, e a terceira é o oposto. Pois então, quem tem a sequência correta? Lucas introduz ambas dessas provas com a conjunção ‘e’, como se fossem peças distintas numa fileira. Mateus introduz sua segunda prova com um advérbio temporal de sequência, ‘então’; ele introduz a terceira com outro advérbio, ‘de novo’, e um de seus sentidos é sequência. Já que Mateus afirma a sequência de forma ostensiva, chego à conclusão de que a sequência dele é a correta – Lucas não se preocupou com a sequência; ele acrescentou o ‘templo’ quase como uma reflexão posterior (a conjunção pode ser traduzida ‘também’). A sequência dada por Mateus também é a lógica; há uma progressão na severidade ou importância das provas.

Quanto à prova do templo, a descrição dada por ambos é praticamente idêntica. Mateus diz ‘cidade santa’ enquanto Lucas diz ‘Jerusalém’. Satanás cita Salmo 91.11-12 e Jesus re-truca com Deuteronômio 6.16. Quanto à prova do monte alto, a descrição de Lucas é mais ‘cheia’, mas ambas estão em harmonia. Em Mateus 4.10, talvez 12% dos manuscritos gregos omitem ‘para trás de mim’, seguidos por muitas versões; em Lucas 4.8 ‘para trás de mim, Satanás’ é omitido por talvez 3,5% dos manuscritos gregos, outra vez seguidos por muitas versões.

Para concluir, cada um dos três relatos fornece informação não encontrada nos outros, mas se harmonizam, sendo complementares. A única discrepância evidente, a sequência das provas duas e três, tem uma solução razoável.

85) Uma harmonização dos relatos da traição e prisão

1) A turma chega – Mateus 26.47, Marcos 14.43, Lucas 22.47^a, João 18.3. Os quatro relatos afirmam o fato, mas Lucas enfatiza que Judas está servindo de cicerone.

2) Jesus derruba a turma – João 18.4-9. Entendo ser um ‘cisto’ de intervenção sobrenatural, para deixar claro que o Pai não perdeu controle dos acontecimentos. Digo ‘cisto’ porque depois a turma deu prosseguimento como se nada tivesse acontecido. Uma pessoa liberta de controle demoníaco frequentemente não se lembra das coisas que fez enquanto controlada; o caso aqui pode ter sido parecido, só que do outro lado.

3) O beijo – Mateus 26.48-50^a, Marcos 14.44-45, Lucas 22.47^b-48. Somente três dos quatro registros relatam este triste acontecimento. Ofereço a harmonização que segue:

Ora, o Seu traidor tinha dado um sinal a eles, dizendo, “Aquele que eu beijar, é ele; agarrem ele e o levem com segurança”.¹ Então, quando chegaram Judas se dirigiu diretamente a Ele. Aí Jesus lhe disse, “Amigo, que te traz aqui?”² Judas disse, “Salve, Rabi!” e O beijou. Aí Jesus lhe disse, “Judas, estás tu traíndo o Filho do homem com um beijo?”

4) Eles agarram Jesus – Mateus 26.50^b, Marcos 14.46. Judas serviu de cicerone, mas parece-me que era Malco que comandava a operação. Talvez ele tenha sido o primeiro a pegar em Jesus, razão pela qual Pedro o feriu. Foi o ato de agarrar que provocou a reação que seguiu.

¹ Para que “com segurança”? O Judas já tinha visto tantas manifestações do poder de Jesus que ele demonstrou falta de juízo aqui; contudo, ele já estava debaixo do controle de Satanás. Mesmo assim, tudo indica que a turma realmente esperava encontrar alguma resistência.

² Jesus sabia perfeitamente bem o porquê de Judas estar ali; por que, então, será que Ele o chamou de “amigo”? Talvez para mostrar que Ele não alimentava nenhuma animosidade contra ele. O Plano estava sendo processado.

5) A espada de Pedro – Mateus 26.51-54, Marcos 14.47, Lucas 22.49-51, João 18.10-11. Todos os quatro mencionam este episódio. Ofereço a harmonização que segue:

Quando os que estavam ao Seu redor viram o que estava para acontecer, eles disseram a Ele, “Senhor, devemos ferir com a espada?” Aí Simão Pedro, estando com espada, a sacou, e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. (O nome do servo era Malco.)¹ Então Jesus reagiu dizendo, “Permita ao menos isto!” e tocou a orelha do homem e o curou.² Aí Jesus disse a Pedro: “Coloca tua espada de volta a seu lugar, pois todos que tomam espada morrerão por espada. Será que tu realmente imaginas que Eu não poderia apelar para meu Pai, agora mesmo, e Ele colocaria ao meu lado mais que doze legiões de anjos?³ Mas como então se cumpririam as Escrituras no sentido de que tem que acontecer desta forma? O cálice que o Pai me tem dado, não terei de bebê-lo?”

6) Jesus se dirige à turma – Mateus, 26.55-56^a, Marcos 14.48-49, Lucas 22.52-53. Somente três dos quatro registros relatam este acontecimento. Ofereço a harmonização que segue:

Então Jesus disse aos principais sacerdotes, oficiais do templo, e anciãos que tinham vindo contra Ele: “Saístes com espadas e clavas como se contra um bandido, para me prender? Eu ficava sentado com vocês diariamente no templo, ensinando, e vocês não me agarraram. Mas tudo isto aconteceu para que as Escrituras dos profetas se cumprissem. Esta é a vossa hora; isto é, a autoridade da escuridão!”⁴

7) Os discípulos fogem – Mateus 26.56^b, Marcos 14.50. Os dois afirmam o fato.

8) Jesus é levado embora – Mateus 26.57, Marcos 14.53^a, Lucas 22.54^a, João 18.12-13^a. Os quatro afirmam o fato. Os primeiros três estão essencialmente de acordo, mas João oferece alguma informação nova. Primeiro, tinha um destacamento romano, com seu comandante, ali no jardim. O vocábulo aqui (*chiliarchos*) diz respeito a um comandante de mil homens (ou de um coorte = aproximadamente 600 homens); este teria de ser um oficial romano de alta patente, e só teria um deles em Jerusalém. Como teria sido possível fazer com que ele participasse da operação? Obviamente Pilatos tinha sido informado e estava participando. Segundo, eles O levaram a Anás primeiro, porque ele era o sogro de Caifás,⁵ que era o sumo sacerdote naquele ano. Comparando os registros paralelos, fica claro que todas as negações de Pedro, bem como a farsa do julgamento, aconteceram no palácio de Caifás, de sorte que Jesus foi levado a Caifás após ter sido apresentado a Anás. Aquele intervalo bem que poderia ter sido utilizado para convocar o Conselho (que não queriam abandonar suas camas sem necessidade) – era entre 3:00 e 4:00 da madrugada, provavelmente.

86) Uma ‘migalha’ para um ‘cachorrinho’

Os textos relevantes são, Mateus 15.21-28 e Marcos 7.24-31^a:

Mateus 15: – ²¹E partindo Jesus dali, retirou-se para a região de Tiro e Sidom. ²²De repente, uma mulher cananéia, saindo daquelas cercanias, gritou para Ele dizendo: “Tem misericórdia de mim, Senhor, Filho de Davi! Minha filha está severamente demonizada.” ²³Mas Ele não lhe respondeu palavra. Então Seus discípulos vieram e instaram com Ele dizendo, “Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós”. ²⁴Mas respondendo

¹ O Texto diz “o servo”, o que provavelmente signifique que o sumo sacerdote tinha designado ele para comandar a expedição. É provável que João o conhecia pessoalmente. É óbvio que Pedro não tinha costume de manusear espada.

² O ataque de Pedro fez com que largassem Jesus, o que deixou as Suas mãos livres para fazer o que fez. Se o Senhor não tivesse curado aquela orelha, a situação de Pedro provavelmente teria ficado um tanto pior no ‘pátio’, se não já no jardim.

³ Aquilo seria pelo menos 36.000 anjos – tranquilamente suficiente para controlar a situação, será que não?

⁴ Aquela hora era de Satanás, fazendo parte do Plano do Pai; ‘a escuridão’ diz respeito ao reino de Satanás; ‘a vossa hora’ significa que eles faziam parte daquele reino.

⁵ O motivo maior era que Anás era o sumo sacerdote de fato, segundo a Lei (o ofício de sumo sacerdote era vitalício). Ele era a autoridade principal, para os judeus. Caifás era o sumo sacerdote político, naquele ano, para fins de lidar com Roma.

Ele disse, “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”.¹ ²⁵Aí ela veio e O adorou de joelhos dizendo, “Senhor, ajuda-me!” ²⁶Mas respondendo Ele disse, “Não é bom pegar no pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. ²⁷E ela disse, “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos”. ²⁸Então Jesus respondeu e disse-lhe: “Ó mulher, grande é a tua fé! Que seja para contigo como desejas.” E a filha dela foi curada a partir daquela hora.

Marcos 7: – ²⁴Então Ele se aprontou e partiu dali para a região de Tiro e Sidom. Ele entrou numa casa e não quis que ninguém soubesse, mas não conseguiu evitar que fosse notado. ²⁵Aliás, no momento que ouviu a respeito dEle, uma mulher, cuja filhinha tinha um espírito imundo, veio e caiu aos Seus pés. ²⁶Ora, a mulher era uma grega, siro-fenícia de nascimento, e ela seguiu pedindo que Ele expulsasse o demônio da filha dela. ²⁷Mas Jesus lhe disse, “Os filhos devem ser atendidos primeiro; não é bom pegar no pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. ²⁸Aí ela respondeu e disse a Ele, “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos debaixo da mesa comem das migalhas dos filhos”. ²⁹Então Ele disse a ela, “Por causa desse dizer podés ir; o demônio já saiu de tua filha”. ³⁰Ela foi embora para casa e constatou que o demônio tinha saído, e a filha havia sido colocada na cama. ³¹De novo, partindo da região de Tiro e Sidom, Jesus chegou ao mar da Galileia via a região de Decápolis.

Aqui temos um relato comovente de fé, determinação e humildade; talvez tenha algumas lições práticas para nós. Minha análise tentará seguir a sequência dos acontecimentos.

1) Para começar, observamos que Jesus deixou a Galileia judaica e foi aos gentílicos Tiro e Sidom. Agora, por que será que Ele fez isso, já que daí a pouco Ele iria dizer, “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15.24). Nesse caso, o quê estava Ele fazendo em Tiro? Bem, talvez apenas queria escapar e descansar um pouco; ao chegar “Ele entrou numa casa e não quis que ninguém soubesse, mas não conseguiu evitar que fosse notado” (Marcos 7.24). Um grupo de treze estrangeiros tenderia a atrair alguma atenção, mesmo que tentassem manter um perfil baixo. Contudo, o Texto diz claramente que Jesus tentou evitar ser notado. Como então poderia ‘o cachorrinho’ saber que Jesus estava vindo antes mesmo dEle chegar?!

2) A partir do relato de Marcos, alguém poderia deduzir que a mulher apareceu depois que Jesus estava na casa, mas o relato de Mateus nos diz algo diferente. Notar o verso 23: Seus discípulos vieram e instaram com Ele dizendo, “Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós” (mas é verdade que Marcos diz que ela seguiu pedindo, verso 26). É que eles ainda estavam no caminho, e a mulher estava os seguindo. Não só, ela se dirigiu a Ele como sendo o Messias judaico: uma mulher cananeia, saindo daquelas cercanias, gritou para Ele dizendo, “Tem misericórdia de mim, Senhor, Filho de Davi! Minha filha está severamente demonizada” (Mateus 15.22). “Filho de Davi” – enquanto cananeia, ela fez apelo para o Messias judaico, em quem ela não tinha direito. Mas como foi que ela sabia disso? Desconfio que haja mais nesta história do que aparece à primeira vista. A única explicação que vejo é que a mulher recebeu orientação divina; foi-lhe dito aonde ir e o que dizer. Nesse caso, ajudar aquela mulher pode ter sido o propósito da viagem.

3) A mulher começou com, “Senhor, Filho de Davi”, mas Jesus não deu resposta, já que ela não tinha direito de apelar naqueles termos. Contudo, como ela não parava, e nem baixou o volume, ela estava alardeando a presença dEle. Com isso, os discípulos apelaram a Jesus por alívio, mas Ele respondeu, “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15.24). O Senhor falou alto o suficiente para que ela ouvisse, já que a resposta dEle foi tanto, ou mesmo mais, para ela do que para os discípulos. Com isso, ela veio e o adorou de joelhos dizendo, “Senhor, ajuda-me!” (Mateus 15.25). Ela entendeu o recado, porque largou o apelo ao Messias. Marcos 7.25 nos informa que ela “caiu aos Seus pés”, de sorte que Jesus tinha parado, ou então ela correu na frente para poder fazê-lo parar.

¹ Embora a missão global de Jesus incluisse o mundo inteiro (ver a Grande Comissão em Mateus 28.19-20), o ministério terreno dEle foi dirigido à “casa de Israel”.

4) Agora chegamos a uma conversa um tanto incomum. A exata escolha de termos que nosso Senhor fez, provavelmente pareceria um tanto dura à maioria dos leitores. “Não é bom pegar no pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Mateus 15.26, Marcos 7.27). Ai, ai, Jesus a chamou de ‘cachorra’! Não deixa de ser verdade que naquele tempo judeus comumente tachavam gentios de ‘cachorros’, mas por que seguiria Jesus esse exemplo? Posso supor que ele estava testando a humildade dela, sendo que ela já havia recebido, assim creio, um presente especial de graça. (A gente pensa em Cornélio.) E ela passou na prova. Então ela disse, “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos” (Mateus 15.27). Cachorros grandes não estariam na casa, e portanto estes seriam pequenos animais de estimação, ou talvez recém-nascidos. Aí Jesus disse a ela: “Ó mulher, grande é a tua fé! Que seja para contigo como desejas. Por causa desse dizer podes ir; o demônio já saiu de tua filha” (Mateus 15.28, Marcos 7.29).

5) “Ela foi embora até sua casa e constatou que o demônio tinha saído e a filha havia sido colocada na cama” (Marcos 7.30). O verbo ‘colocar’ está no perfeito passivo; parece que a criança era pequena demais, ou fraca demais, para subir sozinha.

6) “Partindo da região de Tiro e Sidom, Jesus chegou ao mar da Galileia (Marcos 7.31). Não nos é dito se Jesus fez qualquer outra coisa naquela região. Caso que não, ele teria ido lá somente para socorrer aquela mulher. Mas, para que faria Ele uma coisa dessas? – representou tempo gasto e incômodo. Bem, considere 2 Crônicas 16.9: “Porque os olhos do SENHOR percorrem toda a terra, para mostrar-se forte a favor daqueles cujo coração é íntegro para com Ele.” A procura de Deus abrange a terra inteira, de sorte que não se limita a nação ou lugar, e nem a tempo ou ocasião. Cornélio é um exemplo bíblico, bem como o tesoureiro etíope, mas sem dúvida tem havido muitos outros durante toda a história humana. Então, se você está precisando de alguma ajuda ‘forte’, eis a chave – a linguagem do Texto indica que Deus está só esperando para dar tal ajuda. Que tal outra doxologia!

Este episódio sempre me comove. Com efeito, Jesus chamou aquela mulher de ‘cachorra’ (foi assim que judeus tachavam gentios), e ela aceitou a classificação. Ela estava determinada a conseguir sua ‘migalha’, e conseguiu! E ela nos deixou um grande exemplo de humildade, determinação e fé!

87) Uma mulher desesperada

Mateus 9.20-22, Marcos 5.24-34, Lucas 8.42^b-48

Primeiro, transcrevo os textos:

Mateus 9: – ²⁰Mas aí, uma mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia, chegou por detrás e tocou a borda de Seu manto. ²¹Porque ficava dizendo consigo, “Se eu tão-somente conseguir tocar o manto dele, ficarei curada”. ²²Aí Jesus, voltando-se e vendo ela, disse, “Coragem, filha; a tua fé te curou”. E a mulher ficou curada a partir daquela hora.

Marcos 5: – ²⁴Uma grande multidão também estava O seguindo, e estavam comprimindo ao Seu redor. ²⁵Ora, uma certa mulher – que há doze anos vinha sofrendo de hemorragia, ²⁶e que tinha sofrido muitas coisas com muitos médicos, e que tinha gasto tudo o que tinha, mas que em vez de melhorar, piorou – ²⁷quando ouviu falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou Seu manto. ²⁸(Ela vinha dizendo, “Se eu tão-somente tocar na sua roupa, ficarei curada”). ²⁹Imediatamente secou o fluxo de seu sangue, e ela sentiu em seu corpo que estava curada da aflição. ³⁰No mesmo instante, Jesus percebeu dentro de si que algum poder havia saído dEle, e virando-se na multidão Ele disse, “Quem tocou em minha roupa?” ³¹Aí os Seus discípulos lhe disseram: “Vês a multidão comprimindo ao seu redor, e ainda dizes, ‘Quem tocou em mim?’?” ³²Mas ele ficou olhando em redor para ver quem havia feito aquilo. ³³Então a mulher, temendo e tremendo, sabendo o que tinha acontecido, veio e prostrou-se diante dEle e contou-lhe toda a verdade. ³⁴E Ele lhe disse: “Filha, a tua fé te salvou. Vai para dentro de paz, e fica curada de tua aflição.”

Lucas 8: – Ora, enquanto Ele ia, a multidão O comprimia. ⁴³E uma mulher – que a doze anos vinha sofrendo de um fluxo de sangue, que tinha gasto com médicos todos seus haveres, mas ninguém podia curá-la – ⁴⁴aproximando-se por detrás, tocou na borda de Seu manto; e imediatamente a sua hemorragia parou! ⁴⁵Aí Jesus disse, “Quem tocou em mim?” Como todos negassem, Pedro e os com ele disseram: “Mestre, a multidão se aglomera e te comprime, e dizes, ‘Quem tocou em mim?’”¹ ⁴⁶Mas Jesus disse, “Alguém tocou em mim, sim, porque senti poder saindo de mim”. ⁴⁷Quando a mulher viu que não podia ocultar-se, veio tremendo, e prostrando-se diante dEle declarou-lhe diante de todo o povo porque O havia tocado, e como foi curada imediatamente. ⁴⁸Então Ele disse: “Coragem, filha, a tua fé te salvou. Vai para dentro de paz.”

Eis aqui um relato comovente de fé, determinação e perseverança; talvez tenha algumas lições práticas para nós. Minha análise tentará seguir a seqüência dos acontecimentos.

1) A rua não deve ter sido muito larga, e tanto Marcos como Lucas nos informam que estava cheia de uma multidão que aglomerava e comprimia, atingindo o próprio Jesus. Aliás, Marcos 5.31 e Lucas 8.45 são até enfáticos. Obviamente aquilo representava um problema para a mulher; como poderia chegar até Jesus, passando pela multidão, ainda mais se era composta de homens, na maioria ou na totalidade? Para uma mulher forçar passagem por uma multidão de homens não seria aceitável em qualquer momento, mas ela tinha um problema a mais.

2) A partir de Mateus 9.1 e o contexto podemos deduzir que este episódio aconteceu em Capernaum, a qual não era uma vila tão grande assim. Quer dizer, a mulher seria pessoa conhecida. O espaço estava cheio de pessoas, de sorte que ela teria de forçar passagem. Contudo, aquilo representava uma dificuldade além de ser mal-educada. Segundo Levítico 15.19-27, qualquer vazamento de sangue tornava uma mulher ‘imunda’, e o verso 25 trata de hemorragia prolongada – qualquer pessoa que tocava nela, ou mesmo na roupa dela, se tornava ‘imunda’ também. Daí, cada pessoa que ela tocou na passagem ficou com isso ‘imunda’! Acontece que tanto ela como o problema físico dela eram bem conhecidos, e certamente as pessoas em quem ela tocou NÃO estavam alegres! Ela certamente recebeu vários sinais de desgosto e aborrecimento. Teria sido fácil ela desistir, mas para manter a coragem ela seguia repetindo consigo a sua esperança, e ela estava desesperada!

3) E por que tanto desespero? “Há doze anos ela vinha sofrendo de hemorragia, e tinha sofrido muitas coisas com muitos médicos, e tinha gasto tudo o que tinha, mas que em vez de melhorar, piorou” (Marcos 5.25-26). Em outras palavras, seus recursos financeiros acabaram, e com isso qualquer esperança médica também. Marcos quase acusa os médicos de má fé. Lucas, também médico, é mais cauteloso: “mas ninguém podia curá-la” (Lucas 8.43). Não é de admirar que a mulher estava desesperada, mas aí, ela ‘ouviu falar de Jesus’ (Marcos 5.27), e de repente ela tinha esperança!

4) Bem, ela conseguiu. Ela atravessou a multidão e ‘tocou na borda de Seu manto’ (Mateus 9.20). “Imediatamente secou o fluxo de seu sangue, e ela sentiu em seu corpo que estava curada da aflição” (Marcos 5.29). Observar que ela só precisou tocar; esse tipo de coisa, pessoas sendo curadas por meramente tocar na roupa dEle, aconteceu repetidas vezes durante o ministério terreno do Senhor. Jesus poderia ter ignorado o ocorrido, mas escolheu não fazê-lo. Ele parou e virou-se.

5) “No mesmo instante, Jesus percebeu dentro de si que algum poder havia saído dEle, e virando-se na multidão ele disse, ‘Quem tocou na minha roupa?’” (Marcos 5.30). Quando Lucas escreve que todos negaram (8.45), podemos entender que foi por seu silêncio; ninguém se manifestou. Mas Jesus insistiu, “Ele ficou olhando em redor para ver quem havia feito aquilo” (Marcos 5.32). Quando os discípulos protestaram que Ele estava sendo ‘tocado’ o tempo todo pela multidão, Jesus disse, “Alguém tocou em mim, sim, porque senti poder saindo de mim” (Lucas 8.46). Ele dizia respeito a um toque proposital. Parece que a mulher havia se retraído para dentro da multidão, mas Jesus não permitiu que ficasse por isso.

¹ Talvez 1,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, omitem ‘e dizes, “Quem tocou em mim?”’ (como em NVI, LH, [ARA]).

6) “Quando a mulher viu que não podia ocultar-se, veio tremendo, e prostrando-se diante dEle declarou-lhe diante de todo o povo a razão porque O havia tocado, e como foi curada imediatamente” (Lucas 8.47). Aquilo não foi fácil, na frente da multidão, mas Jesus não lhe deu alternativa. Estava ele sendo ‘cruel’ com ela? Não, antes estava concedendo um grande favor. O povo bem sabia quem ela era, e a respeito do problema físico; Jesus estava declarando a cura dela, e com isso também a sua purificação, à multidão presente; e por extensão as pessoas que tinham sido ‘contaminadas’ por ela poderiam sossegar quanto a isso.

7) Então Jesus disse a ela: “Coragem, filha, a tua fé te salvou. Vai para dentro de paz e fica curada de tua aflição” (Marcos 5.34, Lucas 8.48). É isso que o Texto diz, ‘para dentro de paz’, não ‘em paz’. Ir ‘em paz’ significa que está tudo bem. Mas que poderia ser o sentido de ir para dentro de paz? Eu diria que você leva a paz consigo; você passa a viver dentro de uma atmosfera de paz. Agora, isso é uma benção e tanto! O Soberano Jesus nunca disse ‘vai em paz’; Ele sempre dizia “vai para dentro de paz” – Ele estava dando uma nova vida à pessoa.

Que tal uma doxologia!

88) ‘Vale’, ou ‘ravina’?

Lucas 3.5

Na versão Fiel, Lucas 3.4-5 vai assim: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas. Todo o vale se encherá, e se abaixará todo o monte e outeiro; o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão...” Havemos de entender com isso que a superfície da terra toda será nivelada? A minha tradução vai assim: “Uma voz clamando: ‘Preparem no ermo o caminho do Senhor, façam retas as Suas veredas. Toda ravina será aterrada, e toda montanha e colina será nivelada; as partes tortuosas das estradas serão endireitadas, e as partes acidentadas serão aplanadas...” A referência é a Isaías 40.3. Poesia hebraica, prosa também, faz uso freqüente de colocações paralelas, ou sinônimas. A partir do contexto em Isaías, fica claro que ‘no ermo’ trabalha com o verbo ‘preparar’, e não com o verbo ‘clamar’.

Mas para que uma estrada reta no ermo? Qualquer estrada facilita a movimentação de pessoas e mercadorias, mas uma estrada reta atravessando terreno acidentado é uma coisa de grande valia, e Jerusalém é cercada por terreno acidentado. ‘Ravina’ é o sentido normal do vocábulo grego aqui, bem como um dos sentidos normais da palavra hebraica correspondente em Isaías. Aliás, Isaías 40.3-4 descreve a construção de uma super-estrada moderna. O verso 5 (Lucas 3) descreve o que acontece no preparo do leito da estrada, não na terra toda.